

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

SINONÍMIA E TEXTURA

CLÉA SILVIA BIASI KRÁS

**PROF^a DR. VERA WANNMACHER PEREIRA
ORIENTADORA**

**Porto Alegre
2006**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

SINONÍMIA E TEXTURA

CLÉA SILVIA BIASI KRÁS

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Letras, na área de concentração em Linguística Aplicada.

Professora Dr. Vera Wannmacher Pereira

Orientadora

Data da Defesa: 11/01/2007

Instituição depositária:
Biblioteca Central Irmão José Otão
Pontifícia Universitária Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, janeiro de 2007.

CLÉA SILVIA BIASI KRÁS

SINONÍMIA E TEXTURA

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 11 de janeiro de 2007

BANCA EXAMINADORA:



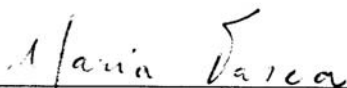
Prof^a. Dr. Vera Wannmacher Pereira - PUCRS



Prof^a. Dr. Véra Maria Xavier dos Santos - UNIFRA



Prof^a. Dr. Rosa Maria Hessel - ULBRA



Prof^a. Dr. Maria Tasca - PUCRS



Prof^a. Dr. Susana Quinteros de Creus – PUCRS

AGRADECIMENTOS

À professora Vera Wannmacher Pereira, minha orientadora, pela crítica cuidadosa, pela dedicação e pelo estímulo nos momentos mais difíceis.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, pelo profissionalismo com que desempenham suas atividades.

À Direção, coordenadores, professores e funcionários da ULBRA de Torres, pelo apoio e estímulo.

Aos alunos, professores e escritores-colaboradores de jornal que gentilmente cederam seus textos para os experimentos.

Aos colegas e amigos que me estenderam a mão nas horas mais críticas.

À minha família, que soube compreender os momentos de ausência.

E, especialmente, ao Edson, Ramon e Pedro, meu marido e filhos, pelo carinho, pela ajuda, pelo apoio e amor.

Sem vocês nada seria possível.

RESUMO

Esta tese tem como objeto de investigação a sinonímia e a textura, detendo-se, por um lado, no estudo e na análise da sinonímia como categoria por elo, que se constitui em um mecanismo da coesão lexical, e, por outro, no seu emprego na textura do texto, examinando a contribuição da sinonímia para a textura em textos escritos argumentativos. Para isso, inicialmente, revisa os fundamentos teóricos fornecidos por estudiosos, especialmente Halliday e Hasan (1976) e Hasan (1984,1989), bem como apresenta a posição adotada neste trabalho, no que se refere à coesão textual, coesão lexical, textura e sinonímia. A seguir, examina as categorias coesivas por elos, propostas para fins de descrição taxonômica com o intuito de avaliar a textura; descreve os procedimentos para determinar o grau de textura; e analisa a sinonímia, com base na concepção e classificação propostas, fornecendo o grau de sinonímia evidenciado por grupos de textos do *corpus*: de acadêmicos, de profissionais e de escritores-colaboradores de jornal. Os dados são apresentados em valores absolutos e relativos, médias, desvios-padrão e coeficientes de variação. O relacionamento entre variáveis é avaliado pelo coeficiente de correlação de Pearson e pelo coeficiente de determinação, para se verificar a contribuição do grau de sinonímia na textura no universo textual analisado. Os índices quantitativos resultam na análise qualitativa que aponta para a importância da sinonímia na coesão textual, não só assegurando a continuidade e a progressão semântica e organizacional do texto, como também contribuindo para a sua textura. Assim, os resultados da pesquisa indicam a relevância da sinonímia como expressão referencial e a sua produtividade na elaboração de textos opinativos, ressaltando-a como componente coesivo para o sentido do texto. Além disso, este estudo contribui pelo modelo teórico-metodológico proposto para o tratamento da sinonímia como uma categoria por elo por excelência e o seu papel para a textura.

Palavras-chave: coesão textual; coesão lexical; textura; sinonímia.

ABSTRACT

The present paper aims at the investigation of synonymy and texture, looking, on the one side, into the study and the analysis of synonymy as a tie-based category, which is a mechanism of lexical cohesion and, on the other, into its use in the texture of texts, examining the contribution of synonymy to texture in written argumentative texts. In this respect, initially, it revises the theoretical fundamentals provided by authors, especially Halliday and Hasan (1976) and Hasan (1984,1989) as well as it presents the stand taken, in this work, regarding textual cohesion, lexical cohesion, texture and synonymy. Next, it examines the cohesive categories by ties, proposed with taxonomic description purposes with the intent to evaluate texture; it describes the procedures to determine the degree of texture; and it analyzes synonymy, based on the proposed conception and classification, catering for the synonymy degree found by groups of texts that make up the *corpus*: by academicians, by professionals and by newspaper collaborating writers. The data are presented in absolute and relative values, averages, standard deviations and variation coefficients. The relationship between variables is assessed by the Pearson correlation coefficient and by the determination coefficient in order to check for the contribution made by the degree of synonymy to texture within the analyzed text universe. The quantitative indexes result in a qualitative analysis that points out the importance of synonymy in textual cohesion, not only ensuring the continuity and the semantic and organizational progression of the text but also contributing with its texture. Therefore, the findings of the research point out the relevance of synonymy as a referential expression and its productivity in the elaboration of the opinions texts, standing out as a cohesive component for the meaning of the text. Besides that, this study may serve by proposed theoretical-methodological framework to the treatment of synonymy as a category by tie per excellence and its role to texture.

Key words: textual cohesion; lexical cohesion; texture; synonymy.

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 – Demonstração de elos que formam cadeias (Hasan, 1984, p. 188)..... | 46 |
| Quadro 2 – Grau de Textura, conforme Eggins (1996, p. 95) | 64 |
| Quadro 3 – Quadro-resumo do cálculo para o TIL, segundo Hasan | 72 |
| Quadro 4 – Quadro-resumo do cálculo de HC, segundo Hasan | 73 |
| Quadro 5 – Caracterização Classificatória das Categorias por Elos | 102 |
| Quadro 6 – Conceituação, Classificação e Caracterização da Sinonímia..... | 134 |
| Quadro 7 – Cadeias Coesivas no Texto 1 (Hasan, 1989, p. 90) | 157 |
| Quadro 8 – Cadeias Coesivas no Texto 2 (Hasan, 1989, p. 90) | 158 |
| Quadro 9 – Mecanismos Coesivos Gramaticais (TA, N° 01), conforme MH | 183 |
| Quadro 10 – Leitura Lexical (TA, N° 01), conforme MH | 183 |
| Quadro 11 – Cadeias Coesivas (TA, N° 01), conforme MH | 184 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 – Interação entre as Cadeias - Texto 1 (HASAN, 1989, p. 92)..... | 160 |
| Figura 2 – Interação entre as Cadeias - Texto 2 (HASAN, 1989, p. 93)..... | 161 |
| Figura 3 – Interação entre Cadeias do Texto 1, conforme modelo proposto..... | 167 |
| Figura 4 – Interação entre Cadeias, conforme modelo proposto – Texto 2..... | 171 |
| Figura 5 – Interação entre Cadeias – (TA, N° 01), conforme modelo de Hasan | 185 |
| Figura 6 – Interação entre Cadeias – Texto Acadêmico N° 01..... | 189 |
| Figura 7 – Grau de Sinonímia <i>versus</i> Grau de Textura nos Textos dos Acadêmicos | 209 |
| Figura 8 – Grau de Sinonímia <i>versus</i> Grau de Textura nos Textos dos Profissionais | 218 |
| Figura 9 – Grau de Sinonímia <i>versus</i> Grau de Textura nos Textos dos Profissionais | 219 |
| Figura 10 – Grau de Sinonímia <i>versus</i> Grau de Textura nos Textos Jornalísticos..... | 227 |
| Figura 11 – Resultados Gerais das Categorias Coesivas por Grupo de Textos | 230 |
| Figura 12 – Categoria Sinonímica (azul) <i>versus</i> Total de Categorias | 234 |
| Figura 13 – Sinonímia por Grupo de Textos..... | 237 |
| Figura 14 – Grau de Textura (cilindro) <i>versus</i> Grau de Sinonímia (retângulo)..... | 244 |
| Figura 15 – Grau de Sinonímia <i>versus</i> Grau de Textura em Todos os Textos..... | 245 |
| Figura 16 – Contribuição da Sinonímia na Textura dos Textos..... | 247 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 - Harmonia Coesiva – Texto 1..... | 162 |
| Tabela 2 - Harmonia Coesiva – Texto 2..... | 162 |
| Tabela 3 - Resultados Gerais das Categorias Coesivas nos Textos 1 e 2 (MP)..... | 172 |
| Tabela 4 - Resultados Gerais da Avaliação da Textura nos Textos 1 e 2 (MP) | 173 |
| Tabela 5 - Resultados Gerais da Categoria Sinonímica e sua Relação com a Textura nos Textos 1 e 2 (MP) | 175 |
| Tabela 6 - Resultados Gerais da Avaliação da Textura no Texto 1 (MH e MP) | 177 |
| Tabela 7 - Resultados Gerais da Avaliação da Textura no Texto 2 (MH e MP) | 179 |
| Tabela 8 - Resultados da Harmonia Coesiva (TA, Nº 01), segundo MH..... | 186 |
| Tabela 9 - Resultados Gerais das Categorias Coesivas (TA, Nº 01) | 190 |
| Tabela 10 - Resultados Gerais da Avaliação da Textura (TA, Nº 01)..... | 191 |
| Tabela 11 - Resultados Gerais da Categoria Sinonímica e sua Relação com a Textura (TA, Nº 01) | 192 |
| Tabela 12 - Resultados Gerais da Avaliação da Textura (TA, Nº 01)..... | 194 |
| Tabela 13 – Categorias Coesivas nos Textos de Acadêmicos..... | 201 |
| Tabela 14 – Textura nos Textos de Acadêmicos | 203 |
| Tabela 15 – Sinonímia e sua Relação com a Textura nos TA..... | 206 |
| Tabela 16 – Contribuição da Sinonímia para a Textura nos TA..... | 210 |

| | |
|---|-----|
| Tabela 17 – Categorias Coesivas nos Textos de Profissionais..... | 211 |
| Tabela 18 – Textura nos Textos de Profissionais..... | 213 |
| Tabela 19 – Sinonímia e sua Relação com a Textura nos TP..... | 215 |
| Tabela 20 – Contribuição da Sinonímia para a Textura nos TP | 219 |
| Tabela 21 – Categorias Coesivas nos Textos Jornalísticos | 220 |
| Tabela 22 – Textura nos Textos Jornalísticos | 223 |
| Tabela 23 – Sinonímia e sua Relação com a Textura nos TJ | 225 |
| Tabela 24 – Contribuição da Sinonímia para a Textura nos TJ..... | 228 |
| Tabela 25 – Resultados Gerais das Categorias Coesivas | 229 |
| Tabela 26 – Sinonímia em Relação ao Total das Categorias..... | 233 |
| Tabela 27 – Sinonímia por Grupo de Textos (valores absolutos)..... | 236 |
| Tabela 28 – Sinonímia por Grupo de Textos (valores relativos)..... | 236 |
| Tabela 29 – Textura nos Três Grupos de Textos | 238 |
| Tabela 30 – Sinonímia e sua Relação com a Textura nos Três Grupos de Textos.... | 241 |
| Tabela 31 – Contribuição da Sinonímia na Textura dos Textos | 246 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-------|--|
| AC | Anáfora Conceitual |
| AE | Anáfora sobre a Enunciação |
| Ae | Anáfora sobre o Enunciado |
| AI | Anáfora Indireta |
| CC | Cadeias Coesivas |
| CF | Cadeias Focais |
| CST | Contribuição da Sinonímia na Textura |
| EC | Elos Coesivos |
| GCST | Grau de Contribuição da Sinonímia na Textura |
| GT | Grau de Textura |
| GST | Grau de Sinonímia na Textura |
| HC | Harmonia Coesiva |
| IC | Itens Centrais |
| IICNS | Itens que Interagem em Cadeias e Não São Sinonímicos |
| INC | Itens Não-Centrais |
| IP | Itens Periféricos |
| IR | Itens Relevantes |
| IRCI | Itens Relevantes em Cadeias de Identidade |
| IRCS | Itens Relevantes em Cadeias de Similaridade |
| IRe | Itens Referentes |
| ISIC | Itens Sinonímicos que Interagem em Cadeias |
| ISNIC | Itens Sinonímicos que Não Interagem em Cadeias |
| M | Média atribuída (Concurso de Texto Jornalístico) |
| MH | Modelo de Hasan |
| MP | Modelo Proposto |
| N | Nome |
| SCI | Sinonímia em Cadeias de Identidade |

| | |
|------|--------------------------------------|
| SCS | Sinonímia em Cadeias de Similaridade |
| SI | Sinonímia Instancial |
| SL | Sinonímia Lexical |
| SP | Sinonímia por Perífrase |
| SUL | Sinonímia por Unidade Lexical |
| TA | Texto de Acadêmico |
| TA1 | Texto de Acadêmico Nº 1 |
| TA2 | Texto de Acadêmico Nº 2 |
| TA3 | Texto de Acadêmico Nº 3 |
| TA4 | Texto de Acadêmico Nº 4 |
| TA5 | Texto de Acadêmico Nº 5 |
| TES | Total de Elos Sinonímicos |
| TIC | Total de Itens Centrais |
| TIL | Total de Itens Lexicais |
| TIP | Total de Itens Periféricos |
| TIR | Total de Itens Relevantes |
| TIS | Total de Itens Sinonímicos |
| TJ | Texto Jornalístico |
| TJ1 | Texto Jornalístico Nº 1 |
| TJ2 | Texto Jornalístico Nº 2 |
| TJ3 | Texto Jornalístico Nº 3 |
| TJ4 | Texto Jornalístico Nº 4 |
| TJ5 | Texto Jornalístico Nº 5 |
| TP | Texto de Profissional |
| TP1 | Texto de Profissional Nº 1 |
| TP2 | Texto de Profissional Nº 2 |
| TP 3 | Texto de Profissional Nº 3 |
| TP4 | Texto de Profissional Nº 4 |
| TP5 | Texto de Profissional Nº 5 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| CAPÍTULO 1 COESÃO TEXTUAL E COESÃO LEXICAL | 21 |
| 1.1 COESÃO TEXTUAL..... | 22 |
| 1.1.1 Conceito de Coesão..... | 22 |
| 1.1.2 Função Textual..... | 27 |
| 1.1.3 Noção de Referência..... | 29 |
| 1.1.4 Noção de Correferência | 31 |
| 1.2 COESÃO LEXICAL | 34 |
| 1.2.1 Léxico e Coesão..... | 34 |
| 1.2.2 Mecanismos de Coesão Lexical sob Diferentes Perspectivas | 39 |
| 1.2.3 Considerações Sobre as Abordagens Descritas | 57 |
| CAPÍTULO 2 TEXTURA | 61 |
| 2.1 NOÇÃO DE TEXTURA | 61 |
| 2.2 MODELO DE HASAN PARA AVALIAÇÃO DA TEXTURA..... | 64 |
| 2.2.1 Elos Coesivos..... | 65 |
| 2.2.2 Formação de Cadeias Coesivas | 69 |
| 2.2.3 Interação entre Cadeias Coesivas | 71 |
| 2.2.4 Harmonia Coesiva..... | 72 |
| 2.3 MODIFICAÇÕES INTRODUZIDAS AO MODELO DE HASAN..... | 74 |
| 2.3.1 Formação de Cadeias Coesivas | 76 |
| 2.3.2 Interação entre Cadeias Coesivas | 81 |
| 2.4 PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO POR ELOS COESIVOS | 84 |
| 2.4.1 Mecanismos Coesivos Gramaticais | 86 |
| 2.4.1.1 <i>Pronominalização: pronomes, numerais e advérbios</i> | 86 |
| 2.4.1.2 <i>Elipse</i> | 88 |
| 2.4.2 Mecanismos Coesivos Lexicais..... | 89 |
| 2.4.2.1 <i>Repetição</i> | 89 |
| 2.4.2.2 <i>Sinonímia</i> | 92 |
| 2.4.2.3 <i>Hiponímia</i> | 93 |
| 2.4.2.4 <i>Antonímia</i> | 95 |
| 2.4.3 Mecanismo Coesivo por Anáfora Conceitual..... | 96 |
| 2.4.4 Mecanismo Coesivo por Anáfora Indireta..... | 99 |

| | |
|--|-----|
| CAPÍTULO 3 SINONÍMIA | 104 |
| 3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONCEPÇÃO DE SINONÍMIA | 106 |
| 3.1.1 Relações de Sinonímia..... | 106 |
| 3.1.1.1 <i>Sinonímia por Equivalência de Sentido</i> | 107 |
| 3.1.1.2 <i>Sinonímia por Retomada Referencial</i> | 112 |
| 3.1.2 Sinonímia: caso de anáfora direta..... | 116 |
| 3.1.3 Sinonímia como Substituição Lexical | 118 |
| 3.1.4 Formação das Relações Sinonímicas | 120 |
| 3.2 SINONÍMIA: PROPOSTA CLASSIFICATÓRIA..... | 124 |
| 3.2.1 Sinonímia Quanto à Estrutura | 125 |
| 3.2.1.1 <i>Substituição Lexical Sinonímica por Unidade</i> | 125 |
| 3.2.1.2 <i>Substituição Lexical Sinonímica por Perífrase</i> | 126 |
| 3.2.2 Sinonímia Quanto à Formação..... | 128 |
| 3.2.2.1 <i>Sinonímia Lexical</i> | 128 |
| 3.2.2.2 <i>Sinonímia Instancial</i> | 129 |
| | |
| CAPÍTULO 4 SINONÍMIA E TEXTURA: METODOLOGIA PARA ANÁLISE | 136 |
| 4.1 TIPO DE PESQUISA | 136 |
| 4.2 DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> | 137 |
| 4.2.1 Texto Escrito Argumentativo | 137 |
| 4.2.2 Seleção dos Textos para o <i>Corpus</i> | 139 |
| 4.2.2.1 <i>Textos dos Acadêmicos</i> | 139 |
| 4.2.2.2 <i>Textos dos Profissionais</i> | 141 |
| 4.2.2.3 <i>Textos Jornalísticos</i> | 142 |
| 4.3 PROPOSTA DE ANÁLISE | 142 |
| 4.3.1 Condições para o Processo de Categorização | 143 |
| 4.3.2 Dificuldades de Categorização..... | 147 |
| 4.3.3 Simbologia Adotada nas Fichas de Levantamento de Dados | 149 |
| 4.4 PROCEDIMENTOS PARA LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS..... | 149 |
| 4.5 MODELOS DE ANÁLISE | 153 |
| 4.5.1 Aplicação do Modelo por Hasan..... | 154 |
| 4.5.2 Aplicação do Modelo Proposto nos Textos da Pesquisa de Hasan | 163 |
| 4.5.3 Comparação entre os Dois Modelos (MH e MP) | 176 |
| 4.5.4 Aplicação do Modelo de Hasan em Texto de Acadêmico | 182 |
| 4.5.5 Aplicação do Modelo Proposto em Texto de Acadêmico | 186 |
| 4.5.6 Comparação entre os Dois Modelos no Texto de Acadêmico..... | 193 |
| | |
| CAPÍTULO 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS | 198 |
| 5.1 ANÁLISE DOS DADOS | 200 |
| 5.1.1 Análise dos Dados dos Textos de Acadêmicos..... | 201 |
| 5.1.2 Análise dos Dados dos Textos dos Profissionais..... | 211 |
| 5.1.3 Análise dos Dados dos Textos Jornalísticos | 220 |
| 5.1.4 Comparação entre os Dados dos Três Grupos de Textos | 229 |
| 5.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 248 |

| | |
|--|------------|
| CONCLUSÃO | 260 |
| REFERÊNCIAS..... | 270 |
| ANEXO A – GRUPO DE TEXTOS DE ACADÊMICOS | 275 |
| ANEXO B – GRUPO DE TEXTOS DE PROFISSIONAIS..... | 304 |
| ANEXO C – GRUPO DE TEXTOS JORNALÍSTICOS..... | 333 |
| ANEXO D – QUADRO-COMPARATIVO | 359 |
| ANEXO E – TABELAS GERAIS..... | 363 |
| ANEXO F – VISÃO GERAL..... | 365 |
| CURRICULUM VITAE..... | 367 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa está centrado em noções de coesão, de categorias coesivas, de textura e de sinonímia. As concepções de coesão e das categorias coesivas foram definidas, em especial, a partir da obra “Cohesion in English” de Halliday e Hasan (1976), a qual oferece os pressupostos fundamentais, até os dias de hoje, a todos aqueles interessados em estudar a coesão textual. Não se pretende com isso afirmar que se trate de uma teorização sem falhas, como os próprios autores reconheceram diante das complexidades encontradas nos freqüentes casos em que relatam a dificuldade em separar as categorias propostas em sua teoria. No que se refere à textura, este trabalho alinha-se com o modelo de Ruqaiya Hasan (1984 e 1989), que se propõe a avaliar a textura de textos, com base em elos coesivos, cadeias coesivas e na interação entre cadeias. Quanto à sinonímia, a noção tradicional de “identidade” de sentido e a vinculação com a correferencialidade cede lugar à equivalência de sentido e à evidência, também, da distinção referencial entre sinônimos.

O interesse em investigar a sinonímia iniciou no Curso de Mestrado, o qual resultou no trabalho de conclusão sobre “A Substituição Lexical como Mecanismo de

Coesão na Produção do Texto”¹. Nessa dissertação, entre os mecanismos coesivos categorizados para a análise de textos de acadêmicos de diferentes cursos, observou-se a complexidade analítica da substituição lexical por sinonímia, uma vez que tal mecanismo coesivo demandava uma verificação mais aprofundada. Além disso, o presente estudo atende à sugestão da banca examinadora daquela Dissertação de Mestrado de que se abordasse, para uma verificação mais apurada, o estudo das categorias coesivas a partir da noção dos elos e das cadeias, conforme o modelo proposto por Hasan.

A fim de ampliar e aprofundar os conhecimentos teóricos acerca desses temas, o Projeto de Tese foi, então, montado, buscando uma concepção de sinonímia, refinando sua classificação e resultando no Modelo Proposto como instrumento de verificação da textura e da sinonímia que contemplasse o material de análise.

Para explicar os fenômenos que escapavam aos modelos consultados, foram utilizados elementos que pudessem complementar o estudo, propondo novas categorizações de elos para avaliar a textura, um conceito ampliado de sinonímia, uma classificação de sinonímia e um método para avaliar o grau de sinonímia na textura e o grau de contribuição da sinonímia na textura em textos argumentativos.

A escolha de textos produzidos por acadêmicos de Letras ocorreu pela identificação de problemas de produção textual enfrentados pelos alunos do Curso de Letras da ULBRA de Torres, especificamente no caso de textos escritos de natureza argumentativa, merecendo, portanto, a atenção por parte da academia. Para a comparação com os textos dos acadêmicos, foram selecionados textos de profissionais e de escritores-colaboradores de jornal conceituados com formação em Letras.

¹ Dissertação de Mestrado defendida em setembro de 2002 no Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.

Assim, na busca de entendimento dos aspectos mencionados, bem como pelo desafio nessa linha de investigação, esta pesquisa empenha-se na tarefa de estudar e discutir dois fatores importantes na construção do sentido do texto: a sinonímia e a textura. A suposição é a de que as expressões referenciais sinonímicas, pela sua função coesiva, contribuem para a textura do texto. É nesse recorte que se insere a presente tese.

A partir dessa orientação, constituem norte deste trabalho as seguintes questões:

1 – Como se caracteriza o emprego da sinonímia, na condição de mecanismo de coesão lexical, em textos escritos?

2 – Que relações podem ser estabelecidas entre o emprego da sinonímia e a textura do texto?

3 – Que semelhanças e diferenças podem ser constatadas entre os textos escritos pelos grupos de acadêmicos de Letras, profissionais com formação nessa área e escritores-colaboradores de jornal com formação em Letras, no que se refere ao uso da sinonímia na textura?

Considerando essas questões de pesquisa, o presente trabalho tem os seguintes objetivos: investigar o emprego da sinonímia como mecanismo de coesão lexical em textos argumentativos escritos por acadêmicos, profissionais e escritores-colaboradores de jornal, todos da área de Letras; analisar, no *corpus* da pesquisa, as relações entre o emprego da sinonímia, conforme a noção descrita, e a textura nele evidenciada; comparar os textos dos diferentes produtores no que se refere ao uso da sinonímia, à textura e à contribuição da sinonímia para a textura do texto.

Com esses objetivos, buscando apoio nos autores que vêem o texto como objeto precípua de estudo, é realizada uma revisão da literatura. Com o propósito de avaliar a textura e a sinonímia nela evidenciada, pressupondo que haja estreitos vínculos entre a sinonímia e a textura, pretende-se, com base nos modelos dos lingüistas, propor um método para avaliar o grau e a contribuição da sinonímia, com vistas ao estabelecimento de relações com a textura, apresentando critérios que delimitam um grau mínimo aceitável de sinonimidade na textura.

Cabe ressaltar que, embora os textos analisados por Hasan sejam de natureza narrativa, isso não impede o estudo da textura em texto argumentativo, uma vez que ambas as estruturas, narrativa e argumentativa, valem-se de mecanismos coesivos para a manutenção de sua textura. Da mesma forma, é oportuno frisar que essa textura é aqui analisada somente do ponto de vista dessas relações coesivas.

Considerando-se, desse modo, a existência da relação entre a sinonímia e o grau de textura em textos argumentativos, esta tese está dividida em cinco capítulos, além da introdução e da conclusão, a saber:

Capítulo 1 – Definição das noções de coesão textual e coesão lexical, apresentando pontos específicos que caracterizam a coesão: função textual, noção de referência, noção de correferência, léxico e coesão, mecanismos de coesão lexical sob diferentes perspectivas e considerações sobre as abordagens descritas.

Capítulo 2 – Definição de textura e apresentação do modelo de Hasan (1984, 1989), enfocando seu método de avaliação do grau de textura de texto. Além disso, apresenta as modificações introduzidas ao modelo da autora e a proposta de categorização dos mecanismos coesivos para a análise dos textos desta investigação.

Capítulo 3 – Exame da sinonímia como mecanismo de coesão lexical à luz dos poucos trabalhos encontrados sobre o tema, bem como a apresentação da proposta conceitual e classificatória com vistas a este estudo, procurando validar a concepção de que a sinonímia é um mecanismo referencial de um item lexical a outro item lexical que, embora formalmente distintos, expressam equivalência de sentido e não se limitam à correferencialidade. Neste capítulo, também, verifica-se que nem sempre os termos sinônimos são intercambiáveis, podendo o termo substituto introduzir novas informações. Situam-se, assim, a textura e a sinonímia, terminando, então, a fundamentação teórica.

Capítulo 4 – Descrição da metodologia usada para a análise da sinonímia e da textura: tipo de pesquisa, descrição do *corpus*, proposta de análise, procedimentos para o levantamento e a análise dos dados e modelos de análise, com aplicações, comparações e comentários baseados em resultados iniciais.

Capítulo 5 – Apresentação da análise do *corpus*: detalhamento das ocorrências dos mecanismos de coesão por meio das categorias por elos coesivos, das cadeias e da interação entre as cadeias para avaliar a textura, e a descrição das diferentes manifestações da categoria sinonímica, apresentando, inicialmente, por grupos de textos: dos acadêmicos, dos profissionais e dos escritores-colaboradores de jornal e, a seguir, comparando os valores obtidos dos três grupos de textos. Paralelamente a isso, neste capítulo, são levantados dados que permitem correlações, observando-se as variáveis centrais sinonímia e textura e a variável interveniente grupo de textos, utilizando a Correlação de Pearson e o coeficiente de determinação. Com o levantamento e a descrição estatística dos dados, são apresentadas as discussões dos resultados sobre a sinonímia e a textura em uma análise qualitativa.

Na conclusão, são avaliados os resultados em relação às questões norteadoras e aos objetivos da pesquisa, retomando-se os pontos principais resultantes da análise dos dados e da discussão dos resultados, fornecendo, em última análise, evidências para confirmar a contribuição da sinonímia para a textura do texto.

CAPÍTULO 1

COESÃO TEXTUAL E COESÃO LEXICAL

O objetivo, neste primeiro capítulo, é apresentar os conceitos de coesão textual e coesão lexical em que se fundamenta esta pesquisa, enfocando alguns pontos básicos mais específicos que caracterizam a coesão. Essa fundamentação se faz necessária na medida em que a sinonímia é um mecanismo de coesão lexical, e a textura é a propriedade que permite distinguir um texto de um não-texto, derivando-se do fato de que o texto funciona como uma unidade relativa ao seu meio – o próprio texto –, ou seja, há características presentes em um texto que podem ser identificadas como contribuintes para a sua unidade total. Essas características são fornecidas pela coesão textual.

Nessa linha de considerações, o conceito de coesão textual, que se constitui em um dos critérios básicos deste trabalho, encontra apoio em Halliday e Hasan (1976) e (1989). O conceito de coesão lexical, que é uma categoria da coesão textual, fundamenta-se em Halliday e Hasan (1976), Halliday (1985), Hasan (1984, 1989), Hoey (1991), Antunes (1996) e Krás (2002).

A escolha desses autores tem suas justificativas. Os dois primeiros, pelas obras “Cohesion in English”, que constitui um marco na tentativa de definir e sistematizar o conceito e os recursos de coesão, e “Language, Context and Text”, que faz uma abordagem da coesão com vistas ao plano de organização do texto. Os demais autores fornecem modelos que definem mais sistematicamente a coesão lexical a partir da relação entre os itens lexicais no co-texto (dentro do texto).

1.1 COESÃO TEXTUAL

1.1.1 Conceito de Coesão

Para se compreender melhor a coesão, importa entender previamente o que caracteriza o texto escrito, uma vez que as pessoas, para se fazer compreender, constroem textos, não palavras ou frases isoladas. Texto, neste trabalho, não representa puramente um somatório de frases, mas sim um todo semanticamente organizado. Assim, “um texto é uma unidade semântica: não apenas de forma, mas unidade de sentido”, segundo Halliday e Hasan (1976, p. 2), pois uma ocorrência lingüística, para ser texto, precisa ser percebida como um todo significativo.

A coesão, por sua vez, faz parte do componente textual, posto que funciona como recurso na formação do texto ao estabelecer as relações de significado que definem um texto como tal, determinando, assim, o seu padrão de textura, cujo aspecto crucial é a interpretação de um elemento em relação a outro. Além disso, de acordo com Halliday e Hasan (1976), as relações semânticas coesivas são “a única fonte de textura” (1976, p. 9), o que torna relevante a tarefa de descrever produções textuais e diferenciá-las.

A coesão é definida por Halliday e Hasan (1976, p. 10) como “o conjunto de recursos semânticos para ligação de uma sentença que a antecede ou precede”. Desse modo, entende-se que há uma variedade de possibilidades de relacionar unidades, segmentos ou orações a elementos que os precedem ou sucedem no texto de forma a poder interpretar-lhe o significado. Assim, “a coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento do texto depende de outro para a recuperação do significado. Um pressupõe o outro no sentido de que um não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recorrência a esse outro”, de conformidade com Halliday e Hasan (1976, p. 4). Portanto, pode-se afirmar que a coesão constitui uma relação que envolve um item lingüístico que aponta para outro item, esteja ele à sua frente (catáfora), ou atrás (anáfora). São exemplos:

- (1) O Presidente governava o país com soberania e independência. **O dirigente** não se deixava abater pelas críticas que recebia.
- (2) Só desejo **isto**: que nunca te esqueças de mim.

No exemplo (1), o item lexical “o dirigente”, na segunda frase, refere-se a “o Presidente” na primeira frase. Essa função anafórica de “o dirigente” é responsável pela coesão entre as duas frases, podendo interpretá-las como um todo; as duas juntas constituem um texto, ou parte de um texto.

No exemplo (2), o pronome “isto” na primeira oração é um elemento catafórico, uma vez que é interpretado pela oração “que nunca te esqueças de mim”, da segunda oração.

Como se pode observar, a coesão se realiza por meio do sistema léxico-gramatical da língua, isto é, “expressa-se parte por meio da gramática e parte por meio do vocabulário”, conforme Halliday e Hasan (1976, p. 5). Isso equivale a dizer que nas

relações semânticas ocorrem elementos gramaticais e elementos lexicais, os quais, em conjunto, possibilitam a organização do texto. Essa visão reitera Hasan (1989, p. 82- 83), quando afirma que, para ser eficaz, a coesão gramatical exige o apoio da coesão lexical, assim como a coesão lexical requer o apoio da coesão gramatical: a reciprocidade desses dois tipos de coesão é essencial ao sentido do texto.

Partindo dessas considerações, e para os fins desta pesquisa, um primeiro princípio é firmado: a coesão constitui um conceito semântico que se refere às relações de sentido existentes dentro de um texto. A coesão se manifesta quando, num texto, existe um termo que pressupõe (o antecedente) um outro que é capaz de resolver essa pressuposição (o termo substituto). É na recuperação do sentido estabelecida sobre a relação entre esses termos que se forma a coesão. Essa relação se atualiza por meio do sistema léxico-gramatical da língua.

Segundo Beaugrande e Dressler (1997, p. 35), a coesão de um texto corresponde à organização da seqüência superficial do texto; e o que diz respeito a essas relações e conceitos subjacentes à seqüência textual caracteriza a coerência. Ainda, a coesão, manifestada no nível microtextual (o texto ao nível das frases e demais subunidades que o compõem), refere-se aos modos como esses componentes do universo textual estão ligados entre si dentro de uma seqüência. A coerência, por sua vez, manifestada em grande parte macrotextualmente (o texto ao nível do sentido do próprio texto), refere-se aos modos pelos quais os componentes do universo textual se unem em uma configuração reciprocamente acessível e relevante.

Marcuschi (1983) confirma a teoria de Beaugrande e Dressler (1997), ao afirmar que a coesão resulta de fatores que organizam a conexão seqüencial, os quais são parte dos princípios constitutivos da textualidade. Para o autor, “esses fatores dão conta da estruturação da seqüência superficial do texto; não são simplesmente princípios sintáticos, mas uma espécie de semântica da sintaxe textual, em que se analisa como as pessoas usam os padrões formais para transmitir conhecimentos e sentidos” (p. 25). Além disso, Marcuschi (1983, p.28) aponta para o papel da coerência em nível da conexão conceitual e estrutural do sentido, o qual se manifesta, em grande parte, na macroestrutura do texto, depreendendo-lhe o processamento cognitivo e fornecendo-lhe categorias que permitam uma análise em nível mais profundo, com base em fatores que estabelecem relações causais, pressuposições e implicações de alcance suprafrasal, ou seja, acima do nível da frase.

Como Beaugrande e Dressler (1997) e Marcuschi (1983), há outros autores que diferenciam coesão e coerência, ou, ao contrário, como Charolles (1997, p. 39-90), que opta por não fazê-lo, já que não considera possível definir com precisão os fatores semânticos e pragmáticos envolvidos na produção e recepção dos textos. Em outras palavras, os aspectos extralingüísticos que envolvem quem lê, quem escreve e outros fatores que estão fora do texto tornam complexa essa distinção devido às especificidades que a mesma acarreta. É mais útil, ao rigor científico, estudar as generalidades que o texto apresenta enquanto construto temático compromissado apenas com seus mecanismos coesivos de sentido. Isso, por si só, já se constitui em tarefa bastante complexa.

Portanto, para fins de tratamento, cabe ressaltar, neste momento do trabalho, que a presente pesquisa se detém, em especial, no modelo de Halliday e Hasan, quanto à coesão textual, considerando o propósito de identificar o emprego da sinoní-

mia como fator de coesão referencial para a textura em textos escritos argumentativos. Além disso, considera-se que o texto é um importante construto temático como um todo, a partir das relações coesivas, sendo, então, evidenciadas nos textos do *corpus* desta investigação. Assim os conceitos de coerência, de acordo com Beaugrande e Dressler e Marcuschi, não são tratados na presente pesquisa.

Desse modo, a coesão é a união entre as partes de um todo, e a textura, pela presença das relações coesivas entre as partes enunciadas, distingue um texto de um não-texto. A noção de textura será aprofundada no Capítulo 2 deste trabalho.

Entretanto, essas considerações não são suficientes para a compreensão da coesão. É necessário apontar, também, como segundo princípio para este estudo, que a coesão propicia a continuidade, a progressão e a unidade do texto. Se a coesão se estabelece pelos mecanismos coesivos organizados em uma seqüência na qual um item retoma outro item, torna-se essencial para a caracterização do sentido que tal organização forneça a continuidade necessária para que a seqüência possa ser reconhecida como relevante e apropriada. Na continuidade da seqüência do texto, pelas retomadas, vão se acrescentando outras informações, que se caracterizam pela progressão textual. O conjunto desses elementos aponta para um aspecto fundamental: tal continuidade e progressão se ordenam de modo a assegurar a unidade do texto.

Nessa perspectiva, o trabalho de Charolles (1997, p. 39-90) apresenta “quatro metarregras” de coerência, das quais duas podem ser aqui referidas pela relação que têm com estes aspectos particulares de continuidade e progressão da organização textual. A primeira, que o autor denomina “metarregra de repetição”, consiste em determinar que: “para que um texto seja (micro e macrotextualmente) coerente, é preciso que contenha, no seu desenvolvimento linear, elementos de recorrência estrita” (p.

49). A segunda, a “metarregra de progressão”, completa a primeira, pois prevê que a coerência de um texto advém, também, da condição de que o seu desenvolvimento contenha um aspecto semântico constantemente renovado (p. 58).

O presente trabalho se restringe, portanto, à coesão textual, tendo como base que é um recurso na formação do texto ao estabelecer relações semânticas e advém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos no co-texto. Essas relações são manifestadas, sobretudo, por certas categorias de palavras, ressaltando, neste estudo, as unidades lexicais que têm por função a equivalência de sentido. O uso adequado desses elementos confere continuidade, progressão e unidade ao texto.

1.1.2 Função Textual

A palavra “função” é entendida por Halliday (1989, p. 15) como sinônimo de “uso”, especificamente o modo como as pessoas usam a linguagem. A natureza da linguagem relaciona-se diretamente às demandas que lhe fazemos, às funções a que ela se destina. Por essa razão, a linguagem é considerada de acordo com o seu uso, e o estudo da língua implica a identificação, na própria língua, dos aspectos que marcam a interação entre seus usuários.

Partindo dessas considerações, a linguagem se define, especialmente, como instrumento de interação social, empregada por interlocutores, com o objetivo de transmitir informações entre os usuários de uma língua. De acordo com essa concepção, a língua tem propósitos comunicativos e as expressões lingüísticas devem ser consideradas em circunstâncias efetivas de interação verbal.

A consideração a esse aspecto social da língua pode parecer paradoxal, tendo em vista as definições teóricas apresentadas anteriormente, porém justifica-se no fato de que a recuperação do significado (suas relações coesivas e sua organização tópica) depende de julgamentos intuitivos de quem os interpreta (dos usuários da língua), fato esse que é contemplado pela utilização de textos em situações de uso, os quais fazem parte do *corpus* da presente investigação.

A escolha de textos em situação de uso fundamenta-se, portanto, na concepção de que o texto é entendido não só como unidade formal e semântica, mas também como unidade funcional. Como afirmam Halliday e Hasan (1976, p. 1), um texto é, antes de tudo, “uma unidade de linguagem em uso”, isto é, uma unidade de comunicação que, por sua vez, implica a importância do falante e do ouvinte para a construção do sentido.

É importante repetir, portanto, a consideração de linguagem como ferramenta de interação social, com propósitos comunicativos, sendo as expressões lingüísticas analisadas em circunstâncias efetivas de interação verbal. A definição de texto como unidade funcional é percebida, neste estudo, na seleção do *corpus* de análise pela escolha de textos em situações discursivas.

A função textual, da qual a coesão faz parte, compreende os recursos que a língua tem entre as orações ou frases, relacionando-as umas com as outras em textos contínuos e nas situações em que são usadas, possibilitando ao falante e ao escritor construir “textos”, ou passagens encadeadas de discurso, seguindo Halliday (1989, p. 22-23). Outrossim, ela possibilita ao ouvinte ou ao leitor distinguir um texto de um conjunto aleatório de frases.

Seguindo a linha de pesquisa, este estudo está ligado à função textual da linguagem, uma vez que a coesão está estritamente relacionada ao componente textual, no sentido de encadear elementos que mantêm um relacionamento de dependência, isto é, para que um item lingüístico possa ser efetivamente interpretado, deve haver uma retomada a outro item no texto.

Parte-se do pressuposto de que a função textual nos capacita a criar um texto. Nessa perspectiva, a unidade básica da linguagem manifestada não é uma palavra ou uma oração, mas um texto, e o componente textual na linguagem é o conjunto de opções por meio das quais um falante ou escritor se habilita a criar passagens encadeadas de discursos que sejam situacionalmente apropriadas.

Em decorrência das considerações apresentadas até o momento, a concepção assumida para este trabalho é a de que o texto é uma unidade formal, semântica e funcional. Em outras palavras, o texto é uma unidade organizada no nível dos constituintes lingüísticos por um lado e, por outro, nos níveis de sentido e de atividades realizadas pelos interlocutores em situação de uso, cuja capacidade de construção é estabelecida pela função textual.

1.1.3 Noção de Referência

Considerando que a noção de texto se estabelece sobre relações de coesão, baseadas na interpretação de algum elemento em pressuposição de outro, por referência no texto, e sendo a sinonímia um elemento de coesão lexical, uma vez que os termos sinônimos são formados em relações coesivas referenciais, faz-se necessário examinar o que se entende por referência, diante das várias maneiras de defini-la.

A noção de referência, nesta investigação, orienta-se a partir de Halliday e Hasan (1976, p. 31-32), quando postulam que ela é a propriedade que alguns itens lingüísticos têm de serem interpretados semanticamente não por si mesmos, mas em referência a outro(s) item (ns) no universo textual. No entanto, a posição neste estudo é contrária, quando os autores afirmam que a referência é um dos fatores de coesão textual, distinguindo-se da substituição, da elipse, da conjunção e da coesão lexical.

Assim, a visão defendida, neste estudo, é a de que a referência é a operação executada por referentes lingüísticos cujo sentido é recuperado por outros itens, gramaticais ou lexicais, no momento específico do texto. O que caracteriza a referência é a natureza específica da informação a ser recuperada: o sentido referencial, a similaridade semântica do elemento específico ou classe de elementos no texto.

Nessa perspectiva, a referência é “a relação existente entre uma expressão e aquilo que essa expressão designa ou representa em ocasiões particulares de sua enunciação” de acordo com Lyons (1980, p. 145). Em tal dimensão, a referência ganha a propriedade de ser uma relação dependente do enunciado, não aplicada a palavras isoladas, mas às palavras ou expressões no co-texto.

Decorrente dessa vinculação ao texto, conforme Antunes (1996, p. 67), a referência é vista como uma ação praticada no interior de um evento comunicativo, e não o é fora das determinações lingüísticas, constituindo-se, assim, numa atividade de retomadas na seqüência textual. Os referentes lingüísticos designados pela referência das expressões nominais são referentes situacionais no domínio interno do texto.

Portanto, a noção de referência que vai ao encontro da proposta desta investigação, percebida no percurso deste trabalho, reporta-se aos referentes lingüísticos no universo textual, na ação de retomada na seqüência textual. A ação que se execu-

ta no texto é estabelecida mediante o emprego de retomadas entre itens gramaticais e lexicais ou entre grupos nominais. Nesse domínio, a referência está ligada à função textual de identificação dos referentes lingüísticos, uma vez que eles tratam de mecanismos textuais e não de entidades independentes do texto.

1.1.4 Noção de Correferência

A partir da noção de referência, em sua ação remissiva, podem existir relações de natureza correferencial, isto é, quando “duas expressões designam no discurso o mesmo referente”, segundo Apothéloz (2003, p. 61). Em outras palavras, há relações de correferência entre duas expressões nominais quando, pelo processo de retomada, ambas as expressões designam o mesmo referente situacional (HASAN, 1989, p. 73). Isso significa que o referente da expressão que retoma é o mesmo referente da expressão retomada no momento particular do texto. Essa relação de identidade situacional confere continuidade ao texto.

A correferência funciona, portanto, como um processo de grande força coesiva, uma vez que realiza e assinala a identidade referencial de um segmento anteriormente verbalizado. Como tal, ela é um processo interno ao texto, no sentido de que, construída uma referência, há um eventual referente lingüístico, constituindo-se no termo antecedente de um termo substituto correferencial.

Numa cadeia de identidade, como argumenta Hasan (1989), apesar de aparentemente paradoxal, “a identidade extralingüística é imaterial para a textura [do texto]” (p. 84). A autora sugere que, quando pensamos em correferência, “a mesma coisa”, deve ser entendida como “mesmo referente situacional dentro do contexto do tex-

to específico” (p. 85) que se está lendo, visto que dois termos quaisquer, membros de um elo coesivo, são mecanismos textuais e não entidades independentes do texto.

No entanto, a força coesiva observável entre duas ocorrências de um item lexical não ocorre somente na relação de correferência, pois há relações coesivas lexicais que não dependem da identidade de referentes; são ocorrências nas quais unidades lexicais por elas próprias atribuem uma dimensão puramente lexical de coesão interna ao texto, posição defendida por Halliday e Hasan (1976, p. 282). Os autores salientam que, para que duas ocorrências lexicais sejam coesivas, não é necessário que tenham o mesmo referente. Nessa perspectiva, Hasan (1984, 1989) afirma que os mecanismos de coesão com identidade de referentes pertencem às cadeias de identidade, e os mecanismos de coesão com similaridade semântica, de mesmo campo geral de significado, pertencem às cadeias de similaridade.

A explicação de Hasan (1989, p. 80), na definição das cadeias de similaridade, não é precisa, uma vez que a própria autora observa que “o mesmo campo geral de significado é uma expressão vaga”. Hasan, então, apresenta, para determinar essa expressão com maior precisão, cinco tipos de mecanismos coesivos lexicais: sinonímia, antonímia, hiponímia, meronímia e repetição.

Para as finalidades deste estudo, havendo a necessidade de aprofundar a concepção de similaridade referencial, as seguintes explicações de Milner sobre distinção referencial são adotadas, a fim de complementar as afirmações acima de Hasan.

Milner (2003, p. 88-89) entende que a relação de correferência (identidade referencial) tem, evidentemente, um oposto: a “distinção referencial” que se estabelece

entre dois termos que não têm os mesmos referentes. Para ser preciso, o autor distingue:

- a “disjunção referencial”, nos casos em que são distintos os referentes e não há entre eles nenhum traço em comum; e

- a “distinção referencial”, os casos em que, sendo distintos os referentes, eles têm, no entanto, alguns traços em comum, isto é, têm “interseção referencial” ou “similaridade referencial”.

Para o autor, a disjunção referencial não faz parte da consideração dos mecanismos criadores da coesão textual. A distinção referencial, que comporta relações entre os referentes, é aquela que pode, juntamente com a correferencialidade, favorecer a organização coesiva do texto.

Considera-se, por conseguinte, na presente investigação, que há correferencialidade entre duas expressões sempre que elas designam no texto o mesmo referente situacional; assim, os elos coesivos com a mesma identidade referencial pertencem às cadeias de identidade. E há distinção referencial entre duas expressões, quando os referentes situacionais de ambas as expressões não são correferenciais, mas há algum traço em comum entre os referentes, que, vale repetir, para Hasan (1989, p. 85) é a “similaridade referencial”; desse modo, os elos coesivos pertencem às cadeias de similaridade. Essa concepção é importante neste estudo, porque a análise dos mecanismos coesivos é dividida nessas duas cadeias sob essa orientação.

Vale a pena ter em conta, na abordagem desses aspectos, que é na produção textual que se pode observar a forma adequada (um nome próprio, um pronome ou um grupo nominal) de designar um antecedente ou substituto, e que o processo de retomada, para a coesão textual, ocorre na condição de correferencialidade ou na dis-

tição referencial, mas nunca na condição de disjunção referencial (isto é, os referentes são diferentes, não havendo nenhum traço em comum).

1.2 COESÃO LEXICAL

A coesão, como já definida anteriormente, advém da maneira como as relações são expressas no co-texto. Responsável pela unidade formal e semântica, a coesão constrói-se pelos mecanismos gramaticais e lexicais. Entre os mecanismos gramaticais, estão a pronominalização e a elipse, por exemplo. Entre os mecanismos lexicais, estão a sinonímia, a repetição de um item léxico, a antonímia e a hiponímia.

Como a proposta fundamental é o estudo da sinonímia, e ela se insere na coesão lexical, é mister examinar o que se entende por coesão lexical.

1.2.1 Léxico e Coesão

Ao descrever o papel do léxico no texto, Marcuschi (2004, p. 270) assim se pronuncia: “ao lado da sintaxe e da fonologia, o léxico é o terceiro grande pilar da língua. Sem léxico não há língua. Mas o léxico é o nível da realização lingüística tido como o mais instável, irregular e até certo ponto incontrolável”. Essa volatilidade se dá porque o léxico é aberto e, por isso, novos termos podem ser acrescentados, da mesma forma que outros podem desaparecer. No entanto, conforme o autor, não se trata de definir o papel dele na produção do sentido, mas qual a nossa forma de operar com ele para produzir sentido, pois o “léxico é apenas um sistema indiciário, e o cálculo desses indícios para determinação referencial é feito no discurso” (p. 272). Isso quer dizer que se trata de observar como o léxico funciona no texto e se ele é escolhido,

tendo em vista aspectos específicos de acordo com o gênero textual e a modalidade de uso da língua.

Neste trabalho, o termo lingüístico léxico² é utilizado para designar as unidades significantes não essencialmente gramaticais – substantivo, adjetivo, verbo e advérbio - que formam as categorias componentes do léxico, numa concepção baseada na lingüística.

Além disso, nesta investigação, firma-se a decisão de tratar a palavra não separadamente, mas dentro de um bloco de sentido. Considerando esse aspecto, é fundamental esclarecer que, neste trabalho, a denominação “item lexical” é adotada para toda palavra ou conjunto de palavras que têm unidade de sentido, levando-se em conta características significativas encontradas no texto. Além disso, quando os termos ou itens lexicais são usados em situações discursivas, podem produzir efeitos diversos, e as palavras não operam em “estado de dicionário”; aspectos observados nos textos que compõem o *corpus* de análise apresentados no Capítulo 5.

Os itens lexicais, segundo Hoey (1991, p. 266), incluem todas as unidades lexicais que pertencem a uma classe aberta, podendo ser representados ortograficamente por unidades ou grupos de palavras. A definição de item lexical de Halliday e Hasan (1976) se enquadra dentro dessa mesma concepção: “item lexical (membro de um conjunto aberto) e item gramatical (membro de um sistema fechado)” (1976, p. 274).

Neste trabalho, seguindo os autores mencionados, os itens lexicais podem se constituir de segmentos textuais mais amplos do que a unidade lexical. Nesse caso, os segmentos que constituem item lexical somente terão sentido se acompanhados de

² O termo “léxico” pode diferenciar-se, conforme a Lexicografia, a Gramática Gerativa, a Lingüística e a Análise do Discurso, de acordo com Dubois et al. (c1973, p.363-366).

artigos, adjetivos, pronomes, advérbios, formando um todo significativo, ou um bloco de sentido. São exemplos de itens lexicais em segmentos citados pelos produtores nos textos analisados: “educação básica” (TJ, N° 01), “o curso primário” (TJ, N° 01), “vocábulos da moda” (TJ, N° 01), “o idioma nacional” (TJ, N° 01), “as bibliotecas escolares brasileiras” (TJ, N° 03) e “as propostas de redação” (TJ, N° 05).

Cumprir repetir que a coesão implica, lingüisticamente, o nível léxico-gramatical do texto. Nas relações semânticas ocorrem elementos gramaticais e elementos lexicais, os quais, em conjunto, possibilitam a organização do texto.

Luna, no artigo “La coherència i la cohesió del text” (1990, p. 60-70), considera coesão gramatical a ocorrência de elementos lingüísticos que não são léxicos, mas palavras gramaticais, que formam listas fechadas de um número reduzido de elementos, sem capacidade de expansão. A coesão lexical, tendo como suporte elementos léxicos, pode recorrer a um grande número e a uma variedade de palavras: uma lista não-fechada que varia segundo o tema ou o assunto do texto.

O autor acrescenta que, no limite entre a coesão gramatical e a coesão lexical, existe a classe dos nomes genéricos que constituem um grupo relativamente reduzido de palavras, como: “pessoa”, “homem”, “mulher”, “gente”, “coisa”, “objeto”, “questão”, “idéia”, “lugar”, “fato”. Podem ser usados com a finalidade coesiva quando referidos a algum elemento do texto que já apareceu antes, acompanhado do artigo definido ou de um demonstrativo, dando-se assim uma relação anafórica.

Pode-se perceber que Luna segue Halliday e Hasan (1976, p.288), pois, segundo estes autores, um dos pontos de apoio para a distinção entre coesão gramatical e coesão lexical está no fato de que, na coesão gramatical, operam elementos que pertencem a “inventários fechados” do sistema e que são, por si mesmos, indicação

de alguma ocorrência coesiva. Na coesão lexical, ao contrário, entram elementos que, paradigmaticamente³, compõem uma “série aberta” e não constituem, à partida, indício de coesão. Os autores acrescentam que somente na construção sintagmática⁴ é que os itens lexicais se revelam em condição de interligação coesiva.

Toma-se, no decorrer do presente trabalho, essa perspectiva de diferenciação, uma vez que a proposta de estudo conduz à substituição lexical na qual operam elementos que compõem uma “série aberta”, estabelecendo referência por meio da construção sintático-semântica. Sendo assim, na relação paradigmática, os itens lexicais (portadores de sentido) entram em relação com outros elementos lexicais e incidem, dessa forma, no eixo sintagmático da língua; e, na relação sintagmática, sujeita a regras, os itens lexicais adquirem o seu valor em oposição ao que precede ou segue, ou a ambos, realizando-se, nesta última relação, a força coesiva.

Além disso, parte-se do pressuposto de que o sentido do texto como um todo pode ser estabelecido por meio de relações de natureza semântica a serem criadas a partir de elementos que co-ocorram no próprio texto. Dessa forma, a rede lexical de um texto forma o seu universo semântico, e relações de significado entre itens podem ser identificadas como tal a partir desse universo.

Portanto, há razões internas à língua, outras internas ao texto e, ainda, há razões externas ao texto para a determinação dos nexos coesivos lexicais, posição defendida por Antunes (1996, p.82). Sem perder de vista esse conjunto, a presente pes-

³ O paradigma, conforme Dubois (c1973, p. 452 e 453), em lingüística moderna, é constituído pelo conjunto de unidades que mantêm entre si uma relação virtual de substituíbilidade. Assim, relações paradigmáticas são as relações virtuais existentes entre as diversas unidades da língua que pertencem a uma mesma classe morfossintática e/ou semântica.

⁴ A relação sintagmática é realizada com certas unidades presentes no enunciado, de acordo com Dubois (c1973, p.556). Em outras palavras, é a relação diretamente observável no enunciado – que não são casuais, mas sujeitas a regras.

quisa se detém nas duas primeiras, considerando, assim, o sentido lexical da unidade ou segmento e as construções textuais que intervêm no sentido do texto.

A coesão lexical “ressalta como expediente de criação e indicação das relações que ligam as unidades lexicais entre si e recobra relevância na dimensão da continuidade e da unidade textual”, segundo Antunes (1976, p. 60). Acrescenta a autora que a delimitação tópica do texto, uma das condições da sua unidade global, funciona como um critério de seleção das unidades lexicais que o constituem. Isso quer dizer, então, que os elementos que conferem coesão lexical remetem para o caráter de continuidade, progressão e unidade semântica do texto. Esses aspectos, já mencionados anteriormente, estão de acordo com a posição defendida no que concerne à definição de coesão, também sendo adotados na coesão lexical neste estudo.

Levando em consideração as afirmações dos autores mencionados, a posição aqui desenvolvida é a de que o léxico, constituindo-se em uma “série aberta”, estabelece ligações entre itens lexicais pela construção sintático-semântica. Além disso, denomina-se “item lexical” a unidade, segmento, oração ou frase que se constituem em blocos de sentido. Enfim, a noção de coesão lexical, base para a definição da sinonímia, é vista, no percurso deste trabalho, como a reiteração⁵ e a retomada de itens lexicais que ocorrem no texto, e o efeito coesivo das relações lexicais é obtido da seleção vocabular.

Dentro dessa perspectiva, portanto, se insere esta pesquisa, ressaltando, também, que a coesão lexical distingue-se como um dos princípios de construção do sentido pela particularidade de envolver relações entre duas ou mais unidades lexicais no texto e que, por participar do componente textual no propósito de relacionar ele-

⁵ Reiteração (do latim *reiterare* significa “repetir”) é a repetição de expressões no texto.

mentos lexicais que mantêm uma condição de dependência, estabelece relações semânticas, conferindo continuidade e progressão ao texto e assegurando-lhe, assim, o caráter de unidade de significação.

1.2.2 Mecanismos de Coesão Lexical sob Diferentes Perspectivas

Há algumas propostas de classificação das relações coesivas lexicais que podem estabelecer-se formalmente num texto, com base na literatura consultada. São apresentados brevemente, nesta subseção, alguns modelos que caracterizam os mecanismos da coesão lexical, aos quais se subordinam os sinônimos, objeto central desta investigação, que serão estudados mais detalhadamente no Capítulo 3 deste trabalho.

Para a descrição dos mecanismos coesivos, Halliday e Hasan (1976) afirmam que as relações coesivas são estabelecidas pela organização do sistema lingüístico em três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico-ortográfico (expressões). Segundo os autores, a coesão é obtida parcialmente pela gramática e parcialmente pelo léxico, cujos mecanismos de coesão, ou categorias de procedimentos, em síntese, são: 1 referência: pessoal, demonstrativa e comparativa; 2. substituição: nominal, verbal e oracional; 3. elipse: omissão de um item lexical recuperável pelo contexto, ou seja, a substituição por zero, que também pode ser nominal, verbal e oracional; 4. conjunção: conjunção coesiva (aditiva, adversativa, temporal, causal) e itens continuativos; e 5. coesão lexical: reiteração (repetição, sinonímia, superordenados, nomes genéricos) e colocação.

Convém lembrar que, para Halliday e Hasan (1976, p. 31-32), a referência é a propriedade que alguns itens da língua têm de serem interpretados semanticamente

de forma não-autônoma, mas em referência a outro (s) item (ns). Sempre que ocorre referência há uma pressuposição que precisa ser satisfeita, ou seja, para compreender-se determinado item lingüístico ou passagem do texto, é necessário extrair a informação de outro lugar do texto.

A coesão lexical, para os autores, é obtida mediante o mecanismo da “reiteração” e o da “colocação”. A reiteração refere-se a todo processo textual de remissão de um segmento a outro, prévia ou subseqüentemente introduzido, mediante o emprego de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos. A colocação é realizada mediante o uso de termos pertencentes a um mesmo campo semântico.

Halliday e Hasan (1976, p. 279) classificam os seguintes tipos de reiteração, que fazem parte da coesão lexical: 1. a repetição de um item lexical; 2. um sinônimo ou quase-sinônimo; 3. um superordenado; e 4. um nome geral.

Os autores exemplificam com as seguintes passagens (p. 279-280):

- (3) Há um menino subindo naquela árvore.
- a) **O menino** vai cair, se ele não tomar cuidado.
 - b) **O garoto** vai cair, se ele não tomar cuidado.
 - c) **A criança** vai cair, se ela não tomar cuidado.
 - d) **O tolo** vai cair, se ele não tomar cuidado.

Em (a), há repetição do item lexical; em (b), a reiteração toma a forma de um sinônimo ou quase-sinônimo; em (c), de um superordenado, pelo termo “criança; e, no exemplo (d), a reiteração é por meio do item geral “tolo” (ingênuo) que carrega uma conotação depreciativa por parte do emissor.

Em trabalho posterior, Halliday (1985, p.310-312) categoriza o mecanismo de coesão lexical e estabelece a seguinte distinção:

I - repetição do item lexical: ocorre sempre que o mesmo item lexical reaparece no texto. O autor observa que a repetição não se dá apenas entre formas lexicais idênticas. Assevera, por exemplo, que entre “pedra, pedreiro, pedraria” há repetição. Halliday (1985) cita o seguinte exemplo envolvendo a coesão lexical em que a segunda ocorrência do item “urso” retoma a primeira:

(4) Algy encontrou um urso. **O urso** era gordo. (p.310)

O autor afirma que o item de referência “o”, na frase acima, indica que o ouvinte conhece o urso de que se está falando. Assim, os itens coesivos relacionados pelo léxico e pelo artigo definido comportam dois elos quando estão relacionados a outros itens. Para ele, essa ligação não é necessária para a coesão lexical e justifica a sua afirmação com o seguinte exemplo:

(5) Algy encontrou um urso. **Ursos** são gordos (p.310).

Na segunda frase (5), “ursos” significa “todos os ursos”. Segundo o autor, ainda existe coesão, mesmo que não ocorra referência definida “o”, pois há a coesão lexical de “ursos” com “urso”. Nesse caso, existe somente um elo, enquanto, no exemplo anterior (4), há dois elos, um referencial (“o”) e um lexical (“urso”).

II – sinonímia: ocorre quando um item lexical tem algum sentido sinônimo com outro. Halliday (1985) ilustra com o seguinte exemplo:

(6) Ele estava mesmo se perguntando que estrada tomar quando levou um susto: um barulho fez-se ouvir às suas costas. Era o barulho de cavalos andando a trote... Ele desmontou e conduziu seu cavalo o mais rápido possível que pôde pela estrada da direita. **Os sons** da cavalaria rapidamente chegavam cada vez mais perto... (p. 310).

No exemplo (6), a coesão lexical resulta da escolha do item lexical “os sons” que é quase-sinônimo de “o barulho” que o precede.

Halliday (1985) distingue dois tipos de sinonímia:

a) com identidade de referência: a cadeia de itens coesivos inclui sinônimos de mesmo ou algum nível alto de generalidade – sinônimos de estreita relação de sentido e superordenados. O superordenado inclui o sentido (ou os sentidos) de um ou de diversos outros termos chamados hipônimos. O autor cita como exemplos:

(7) Vinte e quatro melros assados numa torta.

Quando a torta foi aberta, os **passarinhos** começaram a cantar (p. 310).

Em (7), há um exemplo de sinonímia entre “melros” e “passarinhos”. “Passarinhos”, entretanto, é um termo mais geral do que “melros”; ele é um termo superordenado.

(8) Desta vez não havia erro quanto àquilo: **aquilo** não era mais nem menos que um porco, e ela sentiu que seria um absurdo carregá-lo mais um passo que fosse. Então, ela largou **a criaturinha** no chão, e... (p. 311).

Esses exemplos estão acompanhados da referência dos itens “um” e “a” (em inglês o autor cita “the”). Essa interação entre coesão lexical e referência, no exemplo (8), (“um porco”... “a criaturinha”... “aquilo”) é o principal significado das “pistas” de referência ao longo do discurso.

(9) Todos o aclamaram efusivamente. O líder agradeceu os **aplausos**. (p. 311).

(10) Eu queria não ter chorado tanto! Vão me castigar por isso, eu suponho, por me afogar em minhas próprias **lágrimas!** (p. 311).

Em (9) e (10), os exemplos também apresentam identidade de referência, apesar de não oferecerem “pistas” de referência e de os sinônimos não pertencerem à mesma classe de palavras (“aclamaram efusivamente” e “aplausos”; “chorado” e “lágrimas”).

Os exemplos acima levam a concluir que a sinonímia com identidade de referência, para Halliday (1985), ocorre entre sinônimos de estreita relação e com substituto mais abrangente. Além disso, a retomada do referente pode apresentar mudanças na classe gramatical, no gênero ou no número do item lexical substituto; essa posição é também defendida neste trabalho.

b) sem necessária identidade de referência: pode não haver relação particular de referência, mas há coesão. Nesse tipo de coesão ocorrem outras relações semânticas, variantes particulares da sinonímia: a hiponímia e a meronímia. Na hiponímia parte-se do específico para o geral. Na meronímia procede-se da parte para o todo. Quando o primeiro elemento mantém com o segundo uma relação específico-geral, tem-se o hipônimo; quando o primeiro elemento mantém com o segundo uma relação parte-todo, tem-se o merônimo. Pode também um grupo lexical consistir de vários hipônimos, como **x**, **y** e **z** são “espécies de” **a** (co-hipônimos); ou merônimos, como **p**, **q** e **r** são todos “partes de” **b** (co-merônimos). O autor cita os seguintes exemplos:

(11) Elfrida tinha um lindo vidrinho de perfume. Ela tinha usado todo o perfume havia muito tempo; mas ela, muitas vezes, costumava tirar a pequena **tampa**... (p.311).

(12) Ela ajoelhou-se e observou a passagem para o jardim mais lindo que já se viu. Como ela ansiava sair daquele “hall” escuro e vaguear por entre aqueles canteiros de **flores** luminosas e aquelas **fontes** frescas,... (p.312).

No exemplo (11), “tampa” é um merônimo de “vidro” (parte-todo); e, no (12), “flores” e “fontes” são co-merônimos de “jardim” (parte-parte-todo).

(13) Então eles começaram a encontrar vegetação: **plantas** espinhosas como cactos e ásperos **capins**... (p. 312).

Nesse exemplo (13), “plantas” e “capins” são co-hipônimos de “vegetação”.

Halliday (1985) observa, ainda, que não é muito clara a diferença entre merônimo e hipônimo, especialmente com termos abstratos; também, em um grupo de itens, podem ser co-hipônimos de um termo, mas, ao mesmo tempo, co-merônimos de um outro. O autor cita como exemplos: “cadeira”, “mesa” e “cama” são espécies (hipônimos) de “móveis”, mas partes (merônimos) de “móvel”; assim como “atacante”, “centro-médio” e “zagueiro” são tipos de “jogadores”, mas partes de “uma equipe de futebol”.

Finalmente, o autor cita um caso especial de sinonímia por ser a sua oposição, a antonímia. Os itens lexicais com oposição de sentido, os antônimos, também funcionam com força coesiva em um texto. Ele exemplifica com “adormeceu” e “acordou”, na seguinte passagem:

(14) Ele adormeceu. O que o **acordou** foi um estrondo (p. 312).

Pelos exemplos mencionados pelo autor, pode-se inferir que a sinonímia sem a necessária identidade de referência é constituída pela hiponímia, meronímia e antonímia. Nesse grupo nominal pode ocorrer uma mudança no referente, por conseguinte sem identidade de referência.

Como se pode perceber, para Halliday, são casos de sinonímia: os sinônimos (itens lexicais com o mesmo sentido), a relação de um termo mais específico com um

superordenado (nível alto de generalidade), a hiponímia (específico-geral), a meronímia (parte-todo) e a antonímia (itens lexicais que tecem oposição ao sentido).

Na presente investigação, segue-se a Halliday (1985) quanto à posição de que a sinonímia não só apresenta casos de correferencialidade (mesma identidade referencial), como também há casos de sinonimidade em que não há a vinculação correferencial. No entanto, não se aceita, neste estudo, o fato de que os hipônimos, merônimos e antônimos são variantes da sinonímia, pois eles se configuram como categorias distintas.

O modelo apresentado por Hasan, nas duas pesquisas, de 1984 e 1989, será explicitado no Capítulo 2. Neste momento, este trabalho limita-se ao entendimento geral dessas pesquisas e aos mecanismos de coesão lexical, uma vez que a autora define vários termos técnicos e apresenta esses dispositivos para uma possível avaliação comparativa de textos quanto a sua textura e coerência.

Em 1984, Hasan realizou um estudo cujo objetivo era examinar a existência de correlação entre certos fatores sociais e o grau de textura de textos produzidos por crianças de 6 a 7 anos de diferentes níveis sociais. Para isso, construiu um modelo que avaliasse o grau de textura, em que a noção de coerência referia-se à propriedade de “unidade”, explicando que “por essa definição, qualquer objeto é coerente na medida em que suas partes sejam coerentes” (p. 181).

A autora utiliza os mecanismos que atribuem coesão ao texto descritos no livro “Cohesion in English” (1976), apresentados, neste capítulo do trabalho, no modelo de Halliday e Hasan (1976), e ilustra a noção de elos e cadeias com os seguintes exemplos:

(15) John estava muito cansado (a); então, ele foi para a cama cedo (b).
Havia um homem velho (c), e ele tinha duas filhas (d).

(16) John estava muito cansado (a); então, ele foi para a cama cedo (b).
No entanto, não sentindo sono (c), ele decidiu ler (d).

O exemplo (15) é obviamente menos coerente do que o (16). No entanto, a autora demonstra isso pelos elos que formam cadeias no quadro a seguir:

| Exemplo (15) | Exemplo (16) |
|---------------------------------------|--|
| • Elo 1: John (a) ← ele (b) | Elo 1: John (a) ← ele (b) |
| • Elo 2: mensagem (a) ← então → (b) | Elo 2: mensagem (a) ← então → (b) |
| • Elo 3: um homem velho (c) ← ele (d) | Elo 3: mensagem (b) ← no entanto → (c,d) |
| • Elo 4: mensagem (c) ← e → (d) | Elo 4: ele (b) ← ele (d) |
| ▪ Cadeia: nenhuma | Cadeia 1: John (a) ← ele (b) ← ele (d) Cadeia 2: (a) ← então→(b) ←no entanto→(c, d) |

Quadro 1 – Demonstração de elos que formam cadeias (Hasan, 1984, p. 188)

Ao examinar alguns textos, Hasan (1984, p. 187-188) verificou que suas duas hipóteses iniciais eram inválidas, quais sejam:

a) quanto maior o número de elos coesivos presentes num texto, tanto maior a coerência;

b) quanto maior a continuidade de elos relacionando um ao outro, tanto maior a coerência.

Além disso, de acordo com o modelo de formação de cadeias, a autora concluiu que a separação das cadeias coesivas lexicais e gramaticais violou claramente certos aspectos da organização semântica do texto. Isso implicou a busca de novas

alternativas que relacionassem cadeias gramaticais e lexicais, a revisão das categorias de coesão lexical e a avaliação da noção de coerência de um texto.

Assim, revisando os princípios de formação de cadeias, Hasan (1984, p. 201) propõe que as categorias de coesão podem ser descritas sob três títulos: a introdução de novas categorias, a reelaboração das categorias existentes e a exclusão da categoria de procedimento coesivo “colocação”.

Em 1989, Hasan faz nova investigação sobre a textura e propõe modificações em relação ao modelo anterior. A autora (p.80) apresenta cinco tipos de mecanismos coesivos lexicais que servem para determinar com maior precisão a noção de “campo geral de significado”, a saber:

1 - Sinonímia: a relação em que o significado experiencial (de uso) dos dois itens lexicais é idêntico, sem que haja uma total sobreposição de significados, simplesmente que da forma como um tipo de significado funciona, eles “significam o mesmo”. A autora cita como exemplos: “mulher” e “senhora”; “comprar” e “adquirir”, “sorrir largamente” e “gargalhar”.

2 - Antonímia: é a relação de oposição do significado experiencial. É exemplificada pela autora: “prateado” e “dourado”.

3 - Hiponímia: é a relação de hierarquia entre uma classe geral e suas subclasses. O termo que se refere à classe geral chama-se superordenado, e os termos que se referem às subclasses chamam-se hipônimos (co-hipônimos entre si). Como exemplo: “animal” é um superordenado dos seus hipônimos: “gato”, “cachorro”, “urso”, etc. que são co-hipônimos do superordenado “animal”.

4 - Meronímia: é a relação entre o todo (o termo superordenado) e suas partes (co-merônimos entre si). São exemplos da autora: “árvore”, “galho” e “raiz”, em que “galho” e “raiz” são co-merônimos (isto é, partes) do superordenado “árvore”.

5 - Repetição: é a ocorrência repetida de um item ou unidade lexical. Com relação a essa categoria, Hasan afirma que ela é um tipo de padronização lexical que contribui para a textura, apesar de não ser reconhecida como um tipo de relação de sentido. Cita como exemplo:

(17) Havia crianças por toda a parte. Havia **crianças** nos balanços, **crianças** nos escorregadores, e **crianças** no carrossel (p. 81).

Na passagem acima, há repetição total, mas é possível também haver repetição em que as formas são morfologicamente distintas. São exemplos: “sugeriu” e “sugestão”, tratados, igualmente neste estudo, como um caso de repetição parcial do item lexical.

Como a proposta, neste momento do trabalho, é evidenciar os mecanismos da coesão lexical conforme a concepção de Hasan, pode-se observar que a sinonímia, para a autora, encontra-se dentro do mesmo campo geral de significado, com similaridade referencial. No presente trabalho, a sinonímia, como já mencionado, pertence ao recurso da coesão lexical; no entanto, a concepção de sinonímia adotada pode apresentar correferencialidade, o que não é verificado no estudo da autora.

A contribuição relevante do modelo de Hasan é a definição de elos, cadeias, interação entre cadeias, harmonia coesiva e textura; além disso, a metodologia que a pesquisadora apresenta para a análise dos textos selecionados por ela é de grande relevância. Esses aspectos serão aprofundados no Capítulo 2, no qual se explicita o processo para a avaliação da textura, uma vez que a proposta substancial deste estu-

do é investigar o uso da sinonímia, como mecanismo de coesão lexical, e sua relação com a textura do texto.

Cabe mencionar o modelo de Hoey (1991), que descreve o sistema de análise com base no estudo da coesão, particularmente da coesão léxica. O que distingue o seu trabalho é a observação de que a atenção não está centrada nos traços coesivos, mas na observação de como eles se combinam para organizar o texto e, em especial, como o léxico organiza o texto. Nessa perspectiva, Hoey (1991, p.51-75) classifica os vários tipos de repetição como segue:

1 - Repetição lexical simples: um item lexical que já ocorreu no texto é repetido sem grande alteração, permitindo pequenas variações, como de gênero, número e pessoa. Por exemplo: “urso” e “ursos”.

2 - Repetição lexical complexa: dois itens lexicais têm um mesmo morfema lexical, mas não têm formas idênticas, ou quando os itens lexicais têm formas idênticas, mas com diferentes funções gramaticais. Por exemplo: “droga” - substantivo e “estar drogado” - verbo.

3 - Repetição lexical ocasional: são repetições “por acaso” do mesmo vocábulo e não ocorrem no mínimo três vezes, por isso são repetições eliminadas da análise, porque não formam cadeias.

4 - Repetição lexical formadora de texto: há uma referência comum aos itens repetidos, com contexto comum ou relacionados aos itens repetidos, formando um triângulo de vínculos. O autor observa os itens que aparecem pela terceira vez no texto e têm conexão contextual com uma das ocorrências anteriores, formando um vínculo de repetição com todas as ocorrências anteriores.

5 - Paráfrase simples: um item lexical pode ser substituído por outro sem perda ou ganho de especificidade e sem mudança observável de significado - corresponde ao que Hasan (1989) chama de sinonímia -. Por exemplo: “estar sedado” por “estar sob efeito de tranqüilizante”.

6 - Paráfrase complexa: dois itens lexicais são definíveis de modo que um implica o outro, embora não tenham o mesmo morfema lexical (“doença” e “médico”), aplicado também à antonímia, quando não é repetição complexa (“feliz” e “infeliz”), mas quando os antônimos não têm o mesmo morfema (“quente” e “frio”).

7 - Repetições por superordenação e hiponímia: esses itens não se enquadram no triângulo de vínculos: repetição complexa, paráfrase simples e paráfrase complexa. Exemplos: “animais” e “ursos”; “biólogos” e “cientistas”; “Augusto” e “o Imperador”.

8 - Repetição não-lexical: quando ocorre a repetição por mecanismos gramaticais: por pronomes pessoais, pronomes demonstrativos e modificadores e apresenta vínculos com direcionalidade anafórica, catafórica e exofórica. Na repetição não-lexical, os itens textuais dependem inteiramente dos outros itens para sua interpretação, pois a função dos itens não-lexicais é substituir os itens lexicais. Para o autor, nesse tipo de repetição ocorrem vínculos de substituição.

Portanto, para obter a medida válida de expressão de coesão de um texto, Hoey estudou as relações coesivas lexicais e não-lexicais, criando um método analítico aos itens de repetição, pois parte do pressuposto de que as relações coesivas são vínculos. E, como um dos critérios, estabeleceu que, para se fazer a análise de um item lexical, é necessário que esse esteja repetido no mínimo três vezes, pois a análise de Hoey prevê o estudo apenas das repetições que formam cadeias.

É importante salientar, neste momento do trabalho, que a partir da noção de coesão lexical conceituada por Halliday e Hasan (1976), Hasan (1984 e 1989) e Hoey (1991), como se pôde observar nos respectivos modelos apresentados anteriormente, desenvolveram-se outras investigações sobre a coesão lexical.

Outro estudo, já mencionado, que apresenta também um modelo de coesão lexical e discute os seus mecanismos é proposto por Antunes (1996). A autora parte dos conceitos globais de Halliday e Hasan (1976), mas considera, em separado, como recursos diferentes da reiteração: 1. a repetição lexical, manifestada pela repetição do mesmo item lexical; e 2. a substituição lexical, que constituem as outras instâncias da reiteração: substituição sinonímica, hiperonímica e por caracterização situacional.

A pesquisadora enfatiza que chamou de “substituição”, inspirando-se mais na proposta da “substituição sintagmática” de Harweg (1978), como processo fundamental da constituição de textos, do que, propriamente, na operação formal implicada no emprego do recurso que Halliday e Hasan chamam de substituição.

Assim, para Antunes, a substituição lexical é uma subclasse da reiteração e divide as manifestações desse recurso nos seguintes tipos:

1 - Substituição Sinonímica

A autora classifica a substituição por equivalência sinonímica em unidades lexicais sinônimas e perífrases sinonímicas. As unidades lexicais sinônimas são palavras com o mesmo sentido ou sentido aproximado, e perífrases sinonímicas são expressões que substituem um termo anteriormente mencionado. A autora fornece os seguintes exemplos para a perífrase sinonímica: a unidade “o governo” é substituída por “atuação governamental”; “matar”, por “feriu mortalmente”.

2 - Substituição Hiperonímica

Antunes distingue esse tipo de substituição em: a) hiperonímia estritamente lexical, quando determinadas classes de seres podem ser referidas através de uma determinada designação genérica (é o caso de “vertebrados”), e b) hiperonímia léxico-contextual, quando outras designações funcionam igualmente como expressões genéricas, com a particularidade, no entanto, de que podem ser aplicadas a um número menos específico de indivíduos. Nessa categorização, a adequação de seu uso é regulada, sobretudo, em função dos elementos contextuais presentes na entidade que se pretende classificar; em outras palavras, de implicação contingente, porque seu emprego supõe, simultaneamente, inclusão lexical e remissão verbal em que se inserem as unidades envolvidas na substituição.

Antunes exemplifica a substituição por hiperonímia léxico-contextual com as seguintes passagens:

(18) refúgios destinados à venda de refrigerantes, bombons : e **outras bugigangas** (p. 256).

(19) num lugar onde deveria haver um jardim vai levantar uma caranquejola qualquer.

Como vai ser agora, que se permitiu **o monstrengo?** (p. 256).

(20) Enquanto isso a minoria audaciosa dos comunistas incita à Revolução e se lança na comoção intestina, como se tal **coisa** fosse permitida (p. 260).

3 - Substituição por Caracterização Situacional

Esse recurso ocorre pela caracterização de uma entidade, relevante desde o contexto, mais próximo ou mais remoto, em que a referência é praticada. As formas-padrão dessas caracterizações são as descrições definidas (ou seja, expressões no-

minais precedidas de determinantes), com a especificidade de, nesse caso, não se constituírem perífrases sinonímicas.

A substituição por caracterização situacional é dividida por Antunes em: a) por caracterização imediata: por nomes de qualidades; por nomes de função; por antonomásias; e por nomes de categorias sociais, profissionais, etárias e outras eventuais; b) por caracterização mediata: por nomes metafóricos e por nomes metonímicos.

No trabalho de Antunes (1996), o problema abordado concerne à forma como se organiza a seqüência do texto e de como o emprego do léxico pode intervir na organização coesiva do texto. A autora analisa a coesão em dez textos argumentativos, editoriais jornalísticos, com relativa igualdade de extensão e propósitos comunicativos comuns.

E, por último, o trabalho de Krás (2002) tem como objeto de estudo o emprego da substituição lexical, mais especificamente a análise das manifestações tipológicas e dos problemas de emprego desse mecanismo que podem intervir na organização coesiva do texto. A pesquisadora parte dos modelos de Halliday e Hasan (1976), Halliday (1985), Hasan (1989), Hoey (1991) e Antunes (1996), no que se refere às tipologias da substituição lexical, e em Charolles (1997), Rocco (1981) e Pécora (1999), no que concerne aos problemas de emprego dos itens lexicais da substituição, assumindo uma proposta para a investigação e considerando a substituição como um recurso da reiteração.

A coesão lexical, nos termos considerados no trabalho da investigadora, é uma categoria da coesão textual, a reiteração é um recurso daquela categoria e a substituição é um mecanismo coesivo da reiteração. A substituição é um mecanismo de reiteração lexical, pelo fato de, no texto, um item lexical poder voltar ou retomar um

outro item lexical, funcionando como um procedimento preferencialmente de orientação anafórica e constituindo-se num dispositivo de marcar a inter-relação lexical de um texto, mediante as variações das unidades lexicais, isto é, a substituição lexical não se efetua pela recorrência de uma mesma palavra, mas pela variação lexical de um referente.

Nessa perspectiva, a noção que pauta a pesquisa de Krás é a de que a substituição lexical – pela escolha léxica efetuada – transmite a visão do produtor do texto, e, por meio das relações entre lexemas, é um importante mecanismo articulatório que confere continuidade ao texto, salientando-se como um dispositivo de relevância para o sentido textual.

No modelo de Krás (2002, p.65): “a substituição lexical é considerada como a retomada de itens lexicais (representados por unidades lexicais, expressões nominais, períodos ou parágrafos) à procura da não-repetição lexical que estabelece relações coesivas e dá continuidade ao texto”. Nesse processo de retomada, pela via da substituição lexical, são observadas as seguintes manifestações tipológicas:

1 - Substituição por sinonímia: são as ocorrências que envolvem unidades, expressões ou segmentos nominais sinônimos ou quase-sinônimos. Desse modo, os itens lexicais são considerados equivalentes, se há identidade de sentido entre o referente e o substituto. A substituição por equivalência de sentido inclui as ocorrências que se constituem por: unidades sinônimas, perífrases sinonímicas e metáforas. São exemplos de sinônimos retirados dos textos analisados na pesquisa de Krás (2002):

- a) professores : **mestres** (Administração – T10)
- b) a humanidade : **a população** (Letras – T8)
- c) preço-médio : **não é o mais caro nem o mais barato** (Direito – T5)
- d) mercado de trabalho : **campo de Batalha** (Direito – T4)

O caso (a) é exemplo de substituição por unidade sinônima; (b) é de termo geral com equivalência de sentido; (c) exemplifica a substituição por perífrase sinônima; e (d) substituição sinonímica por metáfora.

2 - Substituição por hiponímia: quando o termo referente representa o todo ou a classe, e o termo substituto representa uma parte ou um elemento. As formas de expressão, nesse caso, distinguem-se entre hiponímia: lexical, léxico-contextual e por metonímia.

- a) no Brasil : **região Norte do Litoral do RS** (Administração – T2)
- b) outra situação : **a atualização e a busca por conhecimentos que cada aluno quer para si** (Psicologia – T7)
- c) busque : **lançar mão** (Pedagogia – T1)

Nos exemplos acima, os termos antecedentes são mais gerais do que os substitutos e estes fazem parte daqueles. Esse tipo de substituição, partindo do mais geral para o particular, envolve a ordem em que aparecem no texto e restringe-se: (a) ao léxico, numa relação de inclusão relacionada ao significado dos itens lexicais; (b) ao contexto particular de uso e à percepção do enunciador, a sua concepção valorativa da entidade caracterizada; e (c) à metáfora, que substitui o referente, manifestando-se em sentido figurado.

3 - Substituição por hiperonímia: quando o termo referente representa uma parte ou um elemento, e o termo substituto representa o todo ou a classe. Nessa categorização, distingue-se entre hiperonímia: lexical, léxico-contextual e por metonímia.

- a) a sociedade brasileira : **as demais da América Latina** (Hist.– T5)
- b) ter domínio em línguas, computação, uma fluente comunicação, bom raciocínio e dinamismo : **todas essas exigências** (Pedagogia – T6)
- c) ler, pesquisar em grupo, estudar e avaliar suas ações cotidianas: **Este é um compromisso individual** (Pedagogia – T6)
- d) o seu diploma na mão : **esta conquista** (Pedagogia – T7)

Nos exemplos acima, os substitutos são termos lexicais mais gerais que condensam os termos referentes. No caso (a), com a presença do determinante (“as demais”), indica a realização, além da retomada de inclusão, exemplificando a hiperonímia lexical; no (c), o termo resumitivo lexical sublinhado vem acompanhado por elementos determinante (“este”), introduzindo a substituição hiperonímica léxico-contextual; e (d) é substituição por hiperonímia metonímica.

4 - Substituição por antonímia: quando o item lexical substituto mantém uma relação de oposição com o termo referente. Nessa categorização, a substituição distingue-se pelas ocorrências: lexical e léxico-contextual.

- a) desemprego : **emprego** (Letras – T9)
- b) a reflexão crítica : **a alienação** (Psicologia – T8)

O exemplo (a) é caso de substituição antonímica lexical; e (b) o substituto é de implicação lexical e eventual, isto é, léxico-contextual, com oposição de sentido, escolhido pelo produtor do texto.

5 - Substituição por pró-forma léxico-contextual: quando, nos termos referenciais, ocorrer um item lexical que globaliza, ou seja, que designa genericamente e funciona como substituto de um grande número de segmentos textuais, realizando, ao mesmo tempo, uma inclusão lexical e uma implicação eventual.

- a) antes era feito...pela máquina : **tal fato** (Psicologia –T1)
- b) problemas gravíssimos : **como a criação de cursos mal planejados** (Letras – T10)

A substituição por pró-forma léxico-contextual anafórica encontra-se no exemplo (a) e a substituição por pró-forma léxico-contextual catafórica, no caso (b), retirados dos textos analisados.

O estudo de Krás (2002) examina as ocorrências dessas diferentes categorizações, utilizando como *corpus* de análise 60 textos escritos argumentativos de acadêmicos, subdivididos em 6 grupos de 10 textos dos Cursos de Administração, Direito, História, Letras, Pedagogia e Psicologia, e constata que a substituição lexical forma parte substantiva das redes textuais. Além disso, os resultados da análise evidenciam que o número de elementos lexicais coesivos substitutivos contribui na construção do texto escrito, e a adequação do emprego desses itens lexicais implica maior competência textual. Por tais razões, a substituição lexical torna-se essencial como mecanismo de coesão para a caracterização do sentido, como mecanismo articulatório que confere continuidade ao texto.

Esses modelos se mostram particularmente importantes na descrição dos vários mecanismos da coesão lexical, justificando-se, portanto, uma comparação e reflexão sobre as abordagens descritas, antes que se passe à definição e proposta de classificação da sinonímia para este estudo, as quais serão detalhadas no Capítulo 3.

1.2.3 Considerações Sobre as Abordagens Descritas

Após a apresentação dos pontos fundamentais que caracterizam os modelos de Halliday e Hasan (1976), Halliday (1985), Hasan (1984, 1989), Hoey (1991), Antunes (1996) e Krás (2002) sobre a coesão lexical, verifica-se que há algumas diferenças entre as propostas e análises. É necessário, portanto, retomar alguns aspectos e compará-los, esclarecendo a posição tomada na presente investigação.

O trabalho de Halliday e Hasan (1976) está centrado em fornecer uma descrição detalhada do conjunto de recursos de que dispõe uma língua para gerar coesão. “Cohesion in English” é um estudo básico para todos os interessados em estudar a

coesão; no entanto, de sua proposta resultam críticas de alguns pesquisadores, como Brown e Yule (1983), os quais afirmam que, do ponto de vista semântico, os mecanismos coesivos (referência, substituição, elipse e coesão lexical) mantêm com algum outro elemento lingüístico do texto relação de correferência.

Hoey (1991, p.269) denomina substituição a retomada de um ou mais itens lexicais por um item não-lexical. O autor enfatiza que o termo “substituição”, como ele o emprega, engloba o que Halliday e Hasan (1976) chamam de “substituição” e “referência”.

Outro aspecto controverso refere-se à coesão lexical. Koch (1994, p. 23-24) e Fávero (1991, p. 15-16) consideram que a coesão lexical também tem a função de estabelecer referência ou recorrência: o uso de sinônimos, hiperônimos e nomes genéricos constitui uma das formas de remissão a elementos do mundo textual, tendo, pois, a mesma função coesiva dos pronomes.

Para Halliday e Hasan (1976), a substituição e a coesão lexical são categorias distintas. A diferença na caracterização da substituição lexical em Antunes (1996) e Krás (2002), contrariando essa noção, está na visão de que a substituição lexical constitui-se em um mecanismo da coesão lexical.

Vale ressaltar que essas observações não devem diminuir a riqueza das análises que Halliday e Hasan propõem, assim como o enorme interesse que, ainda hoje, a descrição dos recursos lingüísticos da coesão textual apresenta, como já mencionado na Introdução.

No trabalho de Antunes (1996), o problema abordado concerne à forma como se organiza a seqüência do texto e de como o emprego do léxico pode intervir na organização coesiva do texto. A autora analisa a coesão em editoriais jornalísticos, de-

tendo-se no estudo e na análise dos recursos da repetição e da substituição. Na investigação de Krás (2002), o estudo limita-se à substituição lexical como elemento coesivo na produção textual de universitários, examinando e correlacionando as manifestações tipológicas da substituição lexical e dos problemas de emprego dos dispositivos coesivos que podem intervir na organização coesiva do texto de acadêmicos de diferentes cursos.

Verifica-se um aspecto em comum nos diferentes modelos, quanto ao tratamento da sinonímia: o de exercer o papel de coesão lexical. Para Halliday e Hasan (1976), um sinônimo ou quase-sinônimo está inserido na categoria da reiteração e exerce a função de um subtipo da coesão lexical, em que esta última é um mecanismo de coesão, noção essa seguida por todos os autores mencionados e, também, nesta pesquisa.

No entanto, o que diferencia, no que se refere à sinonímia, é que Halliday (1985) distingue a sinonímia com identidade de referência e sem identidade de referência, afirmando que a hiponímia, a meronímia e a antonímia também são casos de sinonímia. Hasan (1984 e 1989) apresenta a sinonímia como um subtipo da coesão lexical com similaridade referencial. Para Hoey (1991), a sinonímia é um tipo de repetição, que ele chama de paráfrase simples. Antunes (1996) e Krás (2002) classificam a sinonímia como uma das manifestações do recurso de substituição lexical, que se constitui em uma subclasse da reiteração, pertencente ao tipo coesão lexical.

Como se pode perceber, a classificação da substituição por equivalência sinonímica é evidenciada em Antunes (1996) – que categoriza por unidades lexicais sinônimas e por perífrases sinonímicas – e em Krás (2002) – que tipifica por unidades sinônimas, por perífrases sinonímicas e por metáforas.

Pode-se dizer, dessa forma, que todos compreendem o papel da sinonímia como mecanismo de coesão lexical, porém Antunes (1996) e Krás (2002) tratam esse mecanismo de coesão lexical em textos genuínos criados em situações de uso, levando em consideração a construção do sentido do texto. Essa posição é também adotada neste estudo implicando utilizar métodos de análise que privilegiam a apreensão do sentido a partir da linguagem em uso, isto é, pela escolha e análise de textos em situação de uso.

Na linha que se propõe seguir este trabalho, a substituição lexical é uma forma de referência, isto é, por meio do mecanismo da substituição, um termo lexical pode retomar outro termo lexical no texto. O efeito coesivo das relações lexicais é obtido por meio dessa retomada e da seleção vocabular. Desse modo, um termo sinônimo é uma forma de remissão a outro elemento constitutivo do texto com equivalência de sentido, podendo acrescentar novos significados e valores que ajudam a explicitar o ponto de vista do produtor do texto. Esses aspectos serão retomados no Capítulo 3, que se limita à categoria sinonímica.

Além disso, a posição adotada para esse estudo é a de que os termos substituídos, no caso dos grupos nominais sinonímicos, podem ser preenchidos por itens lexicais, representados por uma unidade lexical, expressão nominal ou oração. É importante destacar que nem todos os itens lingüísticos são tratados neste estudo, ficando fora da análise do *corpus* as conjunções, preposições e o procedimento coesivo “colocação” (mesmo campo semântico).

O próximo capítulo dedica-se a definir a textura e a descrever o modelo teórico de Hasan para avaliar o grau de textura, propondo modificações ao modelo da autora e outra categorização por elos coesivos para a avaliação da textura no *corpus* desta investigação.

CAPÍTULO 2

TEXTURA

Este capítulo tem por propósito definir a noção de textura, bem como apresentar os pressupostos teóricos em que se apóia o estudo para a avaliação da textura nos textos desta investigação, uma vez que a proposta fundamental é examinar as relações entre o emprego da sinonímia e a textura do texto. Apresenta, inicialmente, a concepção adotada sobre textura, com base em Halliday e Hasan (1976) e Hasan (1984, 1989); a seguir, descreve o modelo de Hasan, no qual a autora propõe uma metodologia para avaliar a textura de textos, fundamentando-se em dados quantitativos; após isso, examina as modificações introduzidas ao modelo da autora; e, por fim, apresenta a proposta de categorização dos mecanismos coesivos para a avaliação da textura na análise dos textos do *corpus* desta investigação.

2.1 NOÇÃO DE TEXTURA

A noção de *textura* (ou *tessitura*)⁶ é evidenciada em Halliday e Hasan (1976, p. 02) e, depois, em Hasan (1984, 1989). Consoante a visão dos autores, um texto é uma

⁶ Houaiss (2001, p. 795), no “Dicionário Inglês-Português”, entende que “texture” significa textura, tessitura, trama; tecido.

unidade, e essa unidade caracteriza-se pelo amalgamento de dois elementos: estrutura e textura. Assim, um texto deve ter, além da continuidade estrutural – que é básica para a definição do gênero em que se insere o texto – outro tipo de continuidade, a textura. Esta última constitui as relações de significação entre as partes de um texto, manifestando-se por certos tipos de relações semânticas entre as mensagens individuais. Em outras palavras, a textura é tecida e tramada pelas relações de significado entre segmentos do texto.

Apoiando-se nessas considerações, a visão defendida neste trabalho é a de que a textura é a propriedade que distingue um texto de um não-texto: um texto “tem textura”. A textura é o que dá unidade às frases ou orações. E, nesse sentido, existem certos mecanismos dos quais os usuários da língua podem lançar mão, a fim de atribuir-lhe essa textura. Tais mecanismos estão associados a traços formais e semânticos que contribuem para a unidade global do texto.

Nessa mesma perspectiva, a noção de textura se fundamenta no capítulo “A Textura de um Texto”, de Hasan (1989, p. 70-72), em que a autora faz as seguintes afirmações: 1. A textura de um texto é manifestada por certos tipos de relações semânticas (de significação) entre suas partes ou mensagens individuais. 2. A estrutura do texto e a textura devem ser vistas como fenômenos separados, ou seja, dizer que uma passagem possui textura não significa afirmar que essa passagem tenha um *status* estrutural específico. A relação funciona numa única direção: qualquer que seja um texto, ou parte de um texto, deve possuir textura. 3. A propriedade da textura está relacionada com a percepção de coerência do leitor, ou seja, a textura é percebida pelo leitor como coerência.

Vale frisar, no entanto, que ao que Hasan chama de coerência é denominado textura na presente investigação. Tal posição se justifica, já que a textura é criada pelas relações coesivas, isto é, pelas relações de interdependência entre as frases que formam a unidade textual, e a coerência é o resultado de processos cognitivos operantes entre os usuários e não os traços próprios dos textos. Dessa forma, a coerência não é analisada neste estudo. Além disso, entende-se que a textura não é uma questão de “tudo ou nada”, pois há textos que diferem em sua textura, podendo variar em grau.

Hasan argumenta que os dispositivos coesivos criam a textura, porque estabelecem relações de significação, e que os elos endofóricos (no contexto textual) são cruciais à textura de um texto. Prossegue a autora dizendo que a exófora (no contexto situacional) reduz a possibilidade de interpretação, mas não necessariamente impede a formação de elos coesivos e, por isso, não dispõe contra a textura.

Nesta investigação, é fundamental a concepção: o que distingue um texto de um não-texto é a textura, a qual deriva do fato de que há relações semânticas via padrões léxico-gramaticais presentes num texto, que podem ser identificadas como contribuintes para a sua unidade total. Essas relações são fornecidas por mecanismos coesivos entre as partes do texto, criando a textura.

Além disso, entre os dois extremos, texto e não-texto, pode-se encontrar o que Eggins (1996, p. 95) designa por um *continuum* de textura, ao longo do qual se pode posicionar uma ocorrência comunicativa textual. A autora dispõe esse *continuum* da seguinte forma:

seção, os elos coesivos, as cadeias coesivas, a interação entre as cadeias e a harmonia coesiva, para o entendimento do modelo de avaliação da textura de textos proposto pela autora.

2.2.1 Elos Coesivos

Ao falar de textura, Hasan (1989, p. 73) afirma que o conceito mais importante é o de “elo” (“tie”). O termo “elo coesivo” (“cohesive tie”) implica uma relação, e essa relação se realiza entre dois elementos do texto, de modo que um deles tem de ser interpretado por referência ao outro. Se assumirmos que um texto é um espaço contínuo em que as mensagens individuais se seguem umas às outras, então os itens funcionam como as duas pontas do elo (“A” e “B”), que estão espacialmente separadas uma da outra; “A” pode ser parte de uma mensagem, e “B” parte de uma outra, mas há um elo entre as duas. A autora afirma que “a natureza desse elo é semântica: os dois elementos de qualquer elo se unem a partir de alguma relação de significado. Tais relações semânticas formam a base para a coesão entre as mensagens de um texto” (p. 73).

Na obra “Cohesion in English”, Halliday e Hasan (1976) tratam das formas de coesão, a saber: a referência, a substituição, a elipse, a conjunção e a coesão lexical, já mencionadas no Capítulo 1. Esses são mecanismos no sistema de que dispõe um usuário para indicar os elos semânticos entre as partes do enunciado, sendo cada uma dessas categorias um dispositivo coesivo potencial, pois representa um recurso para a criação de coesão. Segundo Hasan (1984, p. 185), a coesão é efetivamente criada quando é empregado um elemento de uma dessas categorias, e um elo semântico se estabelece entre esse elemento e algum outro membro presente no ambiente

textual. Os dois elementos ligados formam o elo coesivo. Portanto, a idéia de “ser dois” é central à noção de coesão, e o emprego de elos coesivos é o que cria a coesão de um texto.

Importante é ressaltar que na análise dos textos, em 1989, Hasan (p.81) ignora as conjunções, justificando que elas são relações orgânicas, estabelecendo relações entre orações, isto é, não são mecanismos de coesão entre termos de um elo que formam parte de alguma mensagem.

Partindo da idéia de elos, Hasan (1984 e 1989) estabelece três tipos de relações semânticas entre os dois elementos de um elo: de correferencialidade, de co-classificação e de co-extensão. A correferencialidade ocorre quando a relação semântica entre as duas extremidades do elo coesivo for de identidade de referentes, ou seja, quando os referentes situacionais de ambas as extremidades são os mesmos. Essa relação de identidade referencial atribui continuidade textual, concretizada pelos mecanismos coesivos gramaticais: as formas pronominais (“ele”, “lhe”, “isso” “este”...), os artigos definidos (“o”, “a”) e as formas gramaticais que denotam comparação (“igual”, “mais...que”...). A autora apresenta o seguinte texto (1989, p. 73):

(21) Eu tinha uma nogueirinha
Ela não tinha nada
Mas uma frutinha prateada
E uma pêra dourada.

Nesse exemplo, verifica-se que, entre a palavra “nogueirinha”, como elemento (A) de um elo, e “ela”, como elemento (B) deste elo, a relação semântica entre os dois elementos é a identidade de referentes (correferência), pois os referentes situacionais de ambos são os mesmos.

Na relação semântica de co-classificação, os referentes aos quais os dois elementos do elo se referem pertencem à mesma classe, mas cada ponta do elo coesivo refere-se a um elemento distinto dessa classe, isto é, seus referentes situacionais são distintos. Os mecanismos coesivos gramaticais de elos de co-classificação se concretizam pela substituição ou elipse (nominal, verbal, da oração). Hasan (1989, p. 73) cita a seguinte passagem:

(22) Eu toco violoncelo. Meu marido **também**.

Nesse caso, “tocar violoncelo” é elemento do elo A, e “também” (um caso de substituição, para a autora) é elemento do elo coesivo B. Mas, nesse exemplo, a relação não é de identidade referencial, pois o “tocar violoncelo” executado pelo falante é um evento situacional diferente do “tocar violoncelo” que o marido dela executa. Em outras palavras, as circunstâncias pertencem à mesma classe, mas os dois referentes são diferentes entre si. A relação, nesse caso, não é de correferencialidade, mas de co-classificação. Desse modo, há uma diferença significativa entre a correferencialidade e a co-classificação.

Os mecanismos coesivos gramaticais de correferencialidade e de co-classificação também são chamados, pela autora, de mecanismos de “codificação implícita”, uma vez que a interpretação de cada um deles somente se realiza com referência a algum outro item do texto, “e é essa natureza essencialmente relacional dos mecanismos de codificação implícita que lhes permite funcionar como mecanismos coesivos” (1989, p. 73).

Na relação semântica de co-extensão, a relação é a de que ambos os elementos do elo coesivo são explícitos e referem-se a algo dentro do mesmo campo geral de significado. Hasan exemplifica com as palavras: “prateado” e “dourado” (um caso de

antonímia), presentes nas últimas linhas do exemplo (21), pois tanto “prateado” como “dourado” referem-se a metais e, na categoria metal, a metal precioso. Contudo, a pesquisadora observa que essa definição é vaga; então, apresenta cinco tipos de mecanismos coesivos lexicais que servem para determinar, com maior precisão, o termo “campo geral de significado”, como fazendo parte das relações de co-extensão: sinonímia, antonímia, hiponímia, meronímia e repetição (relação já explicitada na seção 1.2.2 do Capítulo 1, dedicada aos mecanismos coesivos lexicais).

Vale ressaltar que a autora, na análise dos textos, além de ignorar as conjunções, exclui também a colocação (uso de termos que fazem parte de um mesmo campo semântico, pertencem ao mesmo *frame*⁸ ou *script*⁹)¹⁰ das suas análises, como já mencionado.

Além disso, entende a autora que “itens lexicais explícitos” são palavras de conteúdo que aparecem nos textos que analisou¹¹ (por exemplo: “pequena menina” e “ursinho de brinquedo”); enquanto, por contraste, “itens lexicais interpretados por coesão” são aqueles a que se chega quando os dispositivos coesivos gramaticais são interpretados pela referência a alguma outra fonte, pois são “lidos” semanticamente à medida que seus referentes lingüísticos aparecem no texto (por exemplo: “ela”, “o levou”, “seus olhos”, “o penteou” e “lavá-lo”), ou de acordo com seus referentes situacionais que aparecem no contexto do texto. Dessa forma, a autora se pronuncia: “os dois

⁸ *Frame*: conjunto de conhecimentos de mundo armazenados na memória sob um determinado rótulo, sem ordenação seqüencial. Sobre *frame*, ver MINSKY, Marvin (1981), em especial, o Capítulo 3.

⁹ *Script*: conjunto de conhecimentos estereotipados em dada cultura. Sobre *script*, ver Schank (1979, p. 455-491).

¹⁰ Para Brown e Yule (1983, p. 243), “enquanto um *frame* é geralmente considerado um conjunto de elementos sobre uma situação estereotipada, o *script* é mais programático, pois incorpora uma seqüência estereotipada de ações que descrevem uma situação”.

¹¹ Os textos da pesquisa de Hasan encontram-se na seção 4.6 “Modelos de Análise”, no Capítulo 4 deste estudo.

termos de um elo co-extensional são tipicamente unidades lingüísticas a que nos referimos como ‘palavras-conteúdo’ ou ‘itens lexicais’” (HASAN, 1989, p. 80).

Dado o exposto, elo coesivo, então, para Hasan, é uma relação entre dois membros que se encontram dentro do mesmo espaço linear e contínuo de um texto e “costuram” relações semânticas. As relações semânticas de correferencialidade (mesmo referente situacional), co-classificação (referentes situacionais distintos) e co-extensão (mesmo campo geral de significado) concretizam-se via padrões léxico-gramaticais, chamados por Hasan de mecanismos de coesão. A textura e a coesão, portanto, manifestam-se por meio dessas relações efetuadas pelo produtor do texto.

2.2.2 Formação de Cadeias Coesivas

Da combinação de diversos elos coesivos resultam as cadeias semânticas. Por cadeias (“chains”), Hasan entende os mecanismos coesivos que vão tecendo a tessitura do texto, fazendo com que a interpretação de um elemento lingüístico seja dependente de outro. Em outras palavras, cada “fio” de continuidade textual entra na formação de uma cadeia coesiva.

Levando em conta o tipo de relação semântica de correferencialidade, co-classificação e co-extensão, a autora categoriza as cadeias em dois grupos: cadeias de identidade e cadeias de similaridade, aspecto fundamental para este trabalho. A relação entre os elementos de uma cadeia de identidade é a de correferência: cada elemento da cadeia se refere “à mesma coisa, evento, ou processo no texto”. Essa cadeia de identidade se esgota no próprio texto, isto é, começa no início e vai até o fim do texto. Quanto à cadeia de similaridade, os membros estão relacionados um com o outro por co-classificação ou co-extensão. Cada uma dessas cadeias é constituída de

itens que se referem a elementos não-idênticos, mas com similaridade de referentes, de tal forma que os referentes se encontram no interior do mesmo espaço geral de significado, pertencentes à mesma classe de coisas, eventos, etc. no âmbito textual.

Assim, para Hasan (1984, 1989), nas cadeias de identidade, a relação de significado semântico correferencial pode ser realizada pela coesão pronominal, demonstrativa, artigo definido e formas gramaticais que denotam comparação. Nas cadeias de similaridade, a relação de similaridade pode ocorrer pela elipse, substituição, sob certas condições, por repetição lexical e por meio das seguintes categorias que pertencem à coesão lexical: a sinonímia, a antonímia, a hiponímia e a meronímia.

Segundo Hasan (1989, p. 85), há uma diferença bastante significativa entre as cadeias de similaridade e de identidade. Os itens numa cadeia de similaridade pertencem ao mesmo campo geral de significado, referindo-se a semelhantes ações, eventos e objetos e seus atributos. Os itens lexicais num campo geral de significado formam um agrupamento de significação que representa o potencial para a formação de cadeias de similaridade. Esse agrupamento semântico é gênero-específico, conseqüentemente essas cadeias são logicamente relacionadas a configurações contextuais específicas. Por contraste, as cadeias de identidade são essencialmente acidentais do ponto de vista da configuração contextual, mas isso não implica que as cadeias de identidade não sejam importantes em um texto.

De acordo com Hasan, é necessário incluir a noção de interação entre cadeias, a seguir explicitada.

2.2.3 Interação entre Cadeias Coesivas

A interação entre cadeias ocorre toda vez que dois ou mais membros de uma mesma cadeia mantêm idêntica relação funcional com dois ou mais membros de outra cadeia específica. Hasan (1989, p. 91) afirma que somente o inter-relacionamento entre os elementos das cadeias tem valor para a construção do sentido do texto.

A autora faz, então, à seguinte classificação de todos os itens de um texto:

1. Itens Relevantes (IR): itens (lexicais ou gramaticais) que entram em cadeias de identidade ou de similaridade.

Dividem-se em:

- a) Itens Centrais (IC) - itens relevantes que entram em interação entre cadeias, e
 - b) Itens Não-Centrais (INC) - itens relevantes que não entram em interação entre cadeias.
2. Itens Periféricos (IP): itens que não entram em nenhum tipo de cadeia coesiva, ou seja, itens que provocam interrupção na representação da interação, pois só aparecem uma vez e não são retomados no texto.

Vale ressaltar que Hasan chama de Cadeias Focais (CF) as cadeias coesivas que apresentam o maior número de interações com outras cadeias menores, visualizadas nas figuras em forma de diagramas, apresentadas na seção 4.5 “Modelos de Análise” e nos Anexos A, B e C.

As cadeias coesivas e a interação entre as cadeias são importantes dentro do estudo que se quer empreender, pois cada fio de continuidade textual entra na formação de uma cadeia coesiva, e as cadeias em interação são relações que se formam

entre membros de duas ou mais cadeias. Além disso, a soma de todas as ocorrências corresponde ao número total de itens lexicais (TIL) de um texto, e a obtenção de TIL (total de itens lexicais) é calculada da seguinte forma:

| |
|--|
| <p>IR + IP = TIL</p> <p>Legenda: IR = Itens Relevantes IP = Itens Periféricos TIL = Total de Itens Lexicais</p> |
|--|

Quadro 3 – Quadro-resumo do cálculo para o TIL, segundo Hasan

Nesse contexto, a finalidade precípua deste estudo é observar o desempenho dos mecanismos coesivos e, em especial, o emprego da sinonímia na noção de elos, formação de cadeias e interação entre as cadeias que formam a textura nos textos do *corpus* desta investigação.

2.2.4 Harmonia Coesiva

A noção de “harmonia coesiva” (HC) é proposta por Hasan (1984). A partir da noção de elos coesivos, da formação de cadeias e da interação entre as cadeias coesivas, Hasan (1984, 1989) propõe a harmonia coesiva como uma forma de medir a coerência de um texto, sendo a textura percebida pelo leitor como coerência.

Em outras palavras, a textura de um texto manifesta-se por certos tipos de relações semânticas via padrões léxico-gramaticais entre suas mensagens individuais, a coerência resulta do levantamento das categorias de coesão textual presentes no texto e a harmonia coesiva é o cálculo que permite avaliar a coerência de um texto e, conseqüentemente, a textura.

Para obter essa medida válida de expressão do grau de coerência de um texto, Hasan estuda, primeiramente, as relações que se podem estabelecer entre os diferentes tipos de itens lexicais – relevantes e periféricos – que, somados, resultam no número total de itens lexicais. A seguir, chega ao conceito de harmonia coesiva, que é a expressão decorrente da relação entre os itens lexicais centrais (itens relevantes que interagem em cadeias) e o número total de itens lexicais do texto. O grau de harmonia coesiva é, portanto, o quociente entre os itens centrais e o total de itens lexicais do texto.

Pelas considerações feitas até o momento, pode-se resumir os cálculos efetuados por Hasan pela seguinte forma:

| |
|---|
| $\frac{\text{IC}}{\text{TIL}} = \text{HC (em \%)}$ |
| <p>Legenda: IC = Itens Centrais TIL = Total de Itens Lexicais HC = Harmonia Coesiva</p> |

Quadro 4 – Quadro-resumo do cálculo de HC, segundo Hasan

Tendo estabelecido essa fórmula de cálculo e comprovado sua validade em análises de textos, Hasan (1989, p. 93-94) faz as seguintes afirmações, baseando-se nos correlatos lingüísticos da variação em coerência, a saber:

- a) quanto mais baixa a proporção de itens periféricos, em relação aos itens relevantes, mais coerente é o texto;
- b) quanto mais alta a proporção de itens centrais, em relação aos itens não-centrais, mais coerente é o texto;

c) quanto menor o número de interrupções na representação da interação entre cadeias coesivas, mais coerente é o texto.

Essas três correlações se somam para conferir ao texto sua coerência, cujo argumento é apresentado pela autora (1989, p. 94): “a variação em coerência é a função da variação em harmonia coesiva de um texto”. Além disso, Hasan (1984, p.218) estipula que “qualquer texto será considerado coerente, se os seus itens centrais (IC) representarem, no mínimo, 50% do total de itens lexicais (TIL). Essa porcentagem pode ser tratada como uma medida de sua harmonia coesiva”.

Hasan sugere que o conceito de harmonia coesiva pode ser refinado ainda mais a partir do arcabouço teórico que ela apresenta. Se isso for possível, diz a autora, ficará demonstrado que, sendo o texto objeto principal, outras abordagens podem produzir interessantes considerações. Essa sugestão motivou a presente investigação.

Com base nessas considerações de Hasan, mas privilegiando o conceito de textura, ela é percebida, no presente trabalho, a partir dos mecanismos coesivos semânticos e léxico-gramaticais propostos, submetidos a considerações quanto aos elos coesivos, à formação das cadeias (cadeias de identidade e de similaridade) e à interação entre as cadeias. Assim sendo, o resultado do cálculo da harmonia coesiva é demonstrado, na presente investigação, como o grau de textura de um texto.

2.3 MODIFICAÇÕES INTRODUZIDAS AO MODELO DE HASAN

A postura de Hasan como pesquisadora merece destaque. A autora faz constantes avaliações de sua investigação: aponta aspectos falhos, reexamina questões, testa sua abordagem, refaz seu estudo e sugere novas investigações. Como já foi a-

firmado, o modelo de Hasan (1984 e 1989) orientou a presente pesquisa no que se refere à textura, embora alguns dos aspectos por ela apresentados tenham sofrido alterações, tendo em vista os objetivos e o material de análise utilizados neste trabalho.

O objetivo principal de Hasan (1984 e 1989) é o de apontar critérios para a avaliação da textura e da coerência de textos, fazendo aplicações práticas do seu construto teórico e metodológico por meio da comparação de textos e dados quantitativos. Conforme a seção anterior, os parâmetros sugeridos pela pesquisadora são os elos de coesão, a formação das cadeias coesivas, a interação entre as cadeias e a harmonia coesiva. Este trabalho, no entanto, estende seu objetivo ao exame das relações entre o uso da sinonímia e a textura evidenciados no *corpus* deste trabalho, seguindo alguns parâmetros sugeridos pela autora, e outros com alterações, os quais são apresentados no desenvolvimento desta seção.

Nas duas investigações, de 1984 e de 1989, a autora restringe o estudo da textura a textos orais, narrativos e curtos produzidos por crianças, deixando uma lacuna para o estudo desse fenômeno em outros tipos de textos e produtores. Neste trabalho, a análise e as discussões decorrem de textos escritos, argumentativos, produzidos por acadêmicos de Letras, profissionais conceituados e escritores-colaboradores de artigos jornalísticos com formação nessa mesma área. Foram escolhidos textos de opinião, e a proposta de estudo é verificar diferenças entre os índices de sinonímia e de textura nos três grupos de textos.

Desse modo, considerando os diferentes objetivos, estruturas textuais, grupos de textos e produtores, são realizadas algumas modificações ao modelo proposto por Hasan, necessárias diante das dificuldades encontradas na avaliação do grau de textura e do grau da sinonímia no *corpus* deste trabalho, as quais são explicitadas e justificadas a seguir.

Cumprе ressaltar que, neste momento do trabalho, são apresentadas explicações e comparações, tanto do Modelo de Hasan (MH) como algumas considerações que integram o Modelo Proposto (MP), as quais são demonstradas na seção 4.5 “Modelo de Análise”.

2.3.1 Formação de Cadeias Coesivas

Hasan chama item lexical a palavras, desmembrando os constituintes dos blocos de sentido; por exemplo, “novas palavras” e “uma pequena menina”. Nesses termos, para a autora, há quatro constituintes: “novas” e “palavras”; “pequena” e “menina”. Entende-se que, para a autora, “item lexical¹²” e “palavra¹³” não possuem diferenças significativas. A modificação introduzida é a de que item lexical não é definido como “palavra”, pois são levadas em conta características significativas encontradas nos textos. Assim, “novas palavras” constituem um item lexical, assim como “uma pequena menina”.

Considerando esses aspectos, é estabelecido que item lexical, neste trabalho, é toda palavra ou conjunto de palavras que tiver unidade de sentido, já mencionado no

¹² Dubois et al. (c1973, p. 344) definem item como “todo elemento de um conjunto (gramatical, léxico, etc.) considerado enquanto termo particular: dir-se-á que os substantivos *pai, irmão, irmã, mesa, cadeira* são itens léxicos que têm propriedades semânticas particulares, e que *presente, passado* são itens gramaticais”.

¹³ Segundo Dubois et al. (c1973, p. 450), palavra é “a unidade de texto inscrita entre dois brancos gráficos. Cada nova ocorrência é uma nova palavra”.

Capítulo 1. Às vezes, os nomes que constituem o item lexical só terão sentido se acompanhados de determinantes, adjetivos, pronomes, advérbios, formando um todo significativo ou um bloco de sentido. As expressões, retiradas dos textos desta investigação, como “tais alterações idiomáticas” (TJ, N° 01), “volume de desempregados” (TP, N° 03) e “os avaliadores de provas de concursos” (TJ, N° 01) são expressões que, entre outras, ao sofrerem desmembramentos perderiam o sentido do texto. Assim, no presente trabalho, esse tipo de expressões referenciais encontradas nos textos constitui um bloco, e este é classificado como uma unidade lexical ou semântica, sendo que seus constituintes não são entendidos separadamente.

Com relação à ambigüidade, Hasan (1989, p. 89) afirma que um dispositivo gramatical ambíguo é aquele que pode ser interpretado de mais de uma maneira, conforme o *frame* particular do texto. A autora afirma, ainda, que a falta de coerência pode existir independentemente da ambigüidade, e que, se o texto é coerente, um certo grau de ambigüidade pode ser tolerado. No entanto, na análise do Texto 2, apresentada no Capítulo 4 deste estudo, a autora aponta uma ambigüidade do pronome substituto “eles”, fornece algumas possibilidades de antecedentes e considera a probabilidade de os pronomes fazerem correferência com o grupo nominal mais próximo, no caso, com “o menino e a menina”. Mesmo assim, a autora resolve ignorar esses itens lexicais na contagem dos elos e cadeias coesivas. Neste trabalho, nas ocorrências ambíguas, o critério adotado na escolha do antecedente é apresentado e este faz parte da cadeia coesiva à qual pertence, registrado na seção 4.3.2 “Dificuldades de Categorização”, no Capítulo 4.

Na apresentação do modelo, Hasan emprega a terminologia “componente de mensagem”, e a análise que realiza é “por oração”. Para a autora, então, “componente de mensagem” equivale a “oração” e apresenta os textos deste modo: cada oração

recebe um número que segue em ordem. Neste trabalho, os itens gramaticais e lexicais são apresentados em fichas e identificados com o número da linha em que constam no texto, seguindo-se em cadeias. Isso se justifica, tendo em vista os textos da análise serem mais longos e os antecedentes e os substitutos dos segmentos textuais poderem ser visualizados nas fichas de levantamentos de dados, apresentados nos anexos A, B e C neste estudo.

Hasan identifica a tipologia das relações de sentido, em especial da coesão lexical (repetição, sinonímia, antonímia, hiponímia e meronímia) na apresentação teórica do modelo; no entanto, quando demonstra as análises nas tabelas nos dois textos infantis, não identifica ou diferencia esses dispositivos de coesão. No presente estudo, todas as classificações das categorias dos itens que compõem os elos coesivos gramaticais e lexicais, conforme a proposta de categorização explicitada na seção seguinte, aparecem nas fichas criadas para este estudo e na discussão das análises dos textos que compõem o *corpus* desta investigação. É proposta metodológica desta investigação proceder à análise qualitativa, a partir dos dados quantitativos levantados, o que não é realizado no estudo de Hasan que se ateve à apresentação de dados quantitativos para avaliar a textura de texto.

Na explicação do modelo, Hasan observa que os mecanismos endofóricos são os mais importantes na formação da textura de um texto, dividindo-se em anafóricos e catafóricos. Entretanto, ela não analisa a catáfora. A não-existência de catáforas nas tabelas de análise de Hasan justifica-se, segundo Viégas-Faria (2002, p. 135): “porque os textos por ela comparados foram criados oralmente por crianças, e o recurso catafórico na linguagem sempre é uma sofisticação e, provavelmente, não faz parte do repertório lingüístico infantil como recurso que se usa deliberadamente”. Nesta investigação, são computadas as ocorrências tanto de anáforas quanto de catáforas, uma

vez que ocorre o uso desses fenômenos nos textos que fazem parte do *corpus* deste estudo, especialmente observa-se a catáfora nos textos dos profissionais e dos escritores, embora bem menos freqüente do que os mecanismos referenciais anafóricos.

Outro aspecto observado diz respeito ao tratamento dado às partículas de negação. Hasan não considera a negação como item lexical, como se pode observar no Texto 2, analisado pela autora, uma vez que se encontra na linha 4 do texto: “they don’t know” (1989, p.72) (eles não sabem), mas não aparece no quadro “leitura lexical”. Para Viégas-Faria (2002, p.136), essa desconsideração não deveria ser feita, pois, já que o estudo de Hasan tem como proposta a relação semântica entre itens lexicais, não deve desconsiderar um item que justamente traz para dentro da frase o sentido oposto do verbo que está devidamente computado nas tabelas. Considerando esse aspecto, neste trabalho, a negação é apresentada fazendo parte do item lexical, formando uma unidade de sentido, não podendo, então, ser entendida separadamente. Ratifica-se, portanto, a decisão de não tratar a palavra separadamente, mas em bloco de sentido.

Quanto ao tratamento dado ao verbo, Hasan não usa um critério único para a sua apresentação, ou seja, a análise do primeiro texto leva em conta a pessoa do verbo e a do segundo não. Ainda, nos dados das tabelas, Hasan algumas vezes mantém o emprego do tempo verbal, em outras não, usando o infinitivo; como também não reconhece a voz passiva. Nesse sentido, o presente estudo apresenta os verbos na forma original do texto nas fichas: flexionados, nos tempos compostos ou na voz passiva, tendo em vista a linha de pesquisa proposta: a constituição de uma unidade semântica e a visualização desse bloco conforme o original do texto para a classificação dos elos e cadeias coesivos.

Conforme o modelo proposto por Hasan (1984, 1989), para a formação de cadeias, os seguintes aspectos não são previstos pela autora: a anáfora conceitual e a anáfora indireta, os quais são contemplados na análise do material, fazendo parte da categorização para o cálculo do grau de textura neste estudo, e que são aprofundados na seção 2.5 “Proposta de Categorização por Elos Coesivos”.

Como já visto anteriormente, as cadeias semânticas resultam da combinação de diversos elos coesivos, e “uma cadeia é formada por um conjunto de itens em que cada um está relacionado aos outros pela relação semântica de correferência, co-classificação e/ou co-extensão”, de acordo com Hasan (1989, p. 84). A autora categoriza essas cadeias em dois grupos: cadeias de identidade e cadeias de similaridade. Nas cadeias de identidade, há a identidade referencial (correferência), enquanto, nas cadeias de similaridade, os membros pertencem a eventos relacionados (co-classificação) ou realizam porções particulares de campos semânticos (co-extensão).

Os elos coesivos propostos neste trabalho que pertencem às cadeias de identidade são correferenciais. A correferência se define como toda retomada de um elemento anterior em um texto, mantendo a identidade referencial, como em Hasan. No entanto, a correferência é aqui estabelecida pelos seguintes mecanismos coesivos: a pronominalização e a elipse (uma vez que são interpretados pela retomada no texto), a repetição total, a anáfora conceitual, a repetição parcial e a sinonímia. Essa mudança dos elos nas cadeias de identidade justifica-se, uma vez que se entende que as categorias aqui citadas apresentam identidade referencial para a sua realização, pelas observações nos textos analisados.

Nas cadeias de similaridade, reconhece-se que os elementos coesivos se encontram no mesmo espaço geral de significado, porém ocorre um processo de recate-

gorização do referente, que pode levar, inclusive, a uma reinterpretação desse referente pela interseção ou similaridade referencial. Por essa razão, os elos coesivos que se constituem nas cadeias de similaridade, neste estudo, são: a hiponímia, a antonímia, a anáfora indireta, a repetição parcial e a sinonímia. Cumpre salientar que as duas últimas categorias podem pertencer a ambas as cadeias, dependendo da ocorrência específica no texto, o que será explicado na seção 2.5 “Proposta de Categorização por Elos Coesivos”. Também essa mudança se justifica, já que Hasan deixa vaga a noção do que ela considera “campo geral de significado”. , com base em Milner (2003), considera-se, nesta pesquisa, a noção de distinção referencial: “dois referentes podem ser distintos e, apesar disso, ter alguns traços em comum” (p.89); denominado, por Hasan, “similaridade referencial”.

É importante repetir que a definição dos elos coesivos, antes mencionados, será explicitada na seção 2.5 “Proposta de Categorização por Elos Coesivos” apresentada posteriormente.

2.3.2 Interação entre Cadeias Coesivas

Na interação entre as cadeias, Hasan recorre ao sistema de transitividade, proposto por Halliday (1985, p. 101-102), para agrupar cadeias, apresentando resultado satisfatório nos textos narrativos analisados. O modelo básico do processo compõe-se de três elementos: a) o processo em si, expresso pelo grupo verbal; b) os participantes do processo, apresentados pelo grupo nominal; e c) as circunstâncias associadas ao processo, expressas por grupo adverbial e por sintagma preposicionado. Na presente investigação, esse modelo de interação entre as cadeias, com base no sis-

tema de transitividade, também é adotado, mas com as alterações realizadas e explicadas a seguir.

Para determinar como as cadeias interagem, procede-se, inicialmente, à categorização por meio da articulação estabelecida pelas relações semânticas entre os elementos coesivos dos textos, levando-se em conta a relação entre os itens gramaticais e lexicais de cada texto em questão (Fichas 1 e 2 – Anexos A, B e C). A seguir, é realizada a interação entre as cadeias pela orientação da sintaxe, observando-se que, pelo menos, dois elementos de uma cadeia estejam na mesma relação com dois elementos de outra(s) cadeia(s), base da interação. A interação é demonstrada pelas Figuras em forma de diagrama, nos anexos A, B e C.

As categorias pronominalização e elipse necessitam do termo antecedente para sua interpretação, enquanto os elos de coesão lexical (por exemplo: a repetição, a sinonímia, a hiponímia e a antonímia) são interpretados por eles próprios. Desse modo, o item lexical antecedente aos pronomes e à elipse é colocado no lugar deles na interação entre as cadeias, visto que, nos textos analisados, verificam-se muitos pronomes e elipses que necessitam da identificação do item lexical antecedente no momento da visualização no diagrama da interação entre as cadeias, seguindo Hasan (1989, p. 92).

Em muitas situações na interação entre as cadeias dos textos em análise, como alguns textos são mais complexos, tendo em vista tratar-se de textos escritos argumentativos (que será explicitado na “Metodologia para Análise”, no Capítulo 4), é realizada paráfrase das frases dos textos para a diagramação. A paráfrase “é um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém relação de equivalência semântica”, conforme Fávero et al. (2003, p. 59). Por isso, pode ocorrer inversão, mu-

dança da voz ativa para a voz passiva, flexão de verbos, nominalização, substituição da forma verbal finita por uma forma verbal infinita, etc. nos diagramas, sem mudar o sentido dos textos que constituem o *corpus* de análise.

No diagrama da interação, segue-se o tratamento de “item lexical”. Essa diferença também é percebida na interação entre as cadeias, quando no diagrama aparecem nomes acompanhados de adjetivos, pronomes ou advérbios, formando um todo significativo.

Além disso, os itens lexicais presentes em uma cadeia de interação podem ser itens de diferentes cadeias nas fichas de levantamento dos dados. Isso acontece porque, na interação, a seqüência é sintática, podendo haver elementos necessários ao encadeamento de outra cadeia. É assumida essa posição, uma vez que todos os itens lexicais presentes na interação são itens relevantes e, também, porque os textos da análise apresentam algumas estruturas sintáticas complexas, como a ordem inversa da oração.

Além dos aspectos mencionados, cabe destacar a opção pela ausência de verbos de ligação nas cadeias de levantamento dos dados, porém, em raras ocorrências, eles são necessários nas cadeias de interação, como também a presença de alguns itens lexicais repetidos nas cadeias de interação. Justificam-se essas situações, tendo em vista a compreensão das frases e o encadeamento entre as partes dos segmentos.

Em suma, o critério adotado na interação entre as cadeias é o de que no mínimo dois membros de uma cadeia interajam com dois ou mais membros de qualquer outra cadeia, mantendo relações sintáticas, independente da sua classificação, mas

das relações semânticas das cadeias, podendo ocorrer repetições, paráfrases e verbos de ligação.

Tais alterações descritas e assumidas para as cadeias de interação são fundamentalmente importantes neste estudo, pois sem elas não haveria a possibilidade de utilizar o sistema de transitividade de Halliday para proceder à interação entre as cadeias no material da análise. A própria Hasan (1989, p.92) afirma que “quando o texto não é tão longo, a interação entre cadeias que nele ocorre pode ser visivelmente apresentada”. Desse modo, para garantir o encadeamento entre as cadeias, as alternativas citadas foram buscadas, seguindo, portanto, o sistema sintático, pois os elementos previstos por Halliday (1985, p. 102) são demasiado genéricos para a análise de diferentes orações, conforme reconhece o próprio autor.

2.4 PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO POR ELOS COESIVOS

É o momento de se propor um quadro classificatório dos processos referendiais e suas formas coesivas, que apresenta as categorias por elos coesivos para a observação do grau de textura. Essa categorização faz parte do Modelo Proposto.

Cumpramos ressaltar que, enquanto era montado o modelo para a análise, elaborado o enquadramento teórico dos elementos coesivos e definidos os termos específicos para eles, eram realizadas, paralelamente, tentativas de análise nos textos do *corpus*. Esse confronto foi revelando a necessidade de ajustes no modelo e, por conseguinte, o modelo proposto de categorização para o cálculo do grau de textura é o resultado da reflexão teórica e da observação dos fenômenos fornecidos pelos próprios textos.

A visão defendida neste trabalho, seguindo Hasan, é a de que a relação semântica entre dois elementos no texto faz com que constitua um elo coesivo. Esse elo é criado por um constituinte que retoma, reitera ou remete, de alguma forma, para algo designado por outra expressão dentro do mesmo texto, ou seja, no co-texto. Esse tipo de ligação é imprescindível para a criação da textura, pois implica que um texto seja algo mais do que um simples suceder de frases, ainda que gramaticalmente corretas.

Existem variadas formas de expressão referencial, manifestadas sob diferentes nomes, pronomes ou sintagmas nominais. As expressões referenciais podem remeter, apontar para lugares distintos onde os referentes devem ser “localizados” pelo leitor: os referentes podem estar representados por uma expressão referencial ou não existir um antecedente explícito no co-texto.

Para a notificação dessas manifestações, são estabelecidos os seguintes sinais nos exemplos retirados do *corpus* deste estudo:

- escrita sublinhada para o item antecedente;
- escrita em negrito para o item substituto;
- dois pontos separam o item ou segmento antecedente do item ou segmento substituto;
- TA = Texto de Acadêmico, TP = Texto de Profissional e TJ = Texto Jornalístico, identificando o grupo de texto, seguidos do número de ordem do respectivo grupo.

É criada, então, a seguinte proposta classificatória dos mecanismos coesivos para o processo de estabelecimento de elos e cadeias coesivas, detalhada a seguir.

2.4.1 Mecanismos Coesivos Gramaticais

Os mecanismos coesivos gramaticais consistem na criação de elos coesivos nos quais o segmento substituto é um item gramatical (membro de um sistema fechado, segundo Halliday e Hasan, 1976, p. 274) e são sempre correferenciais. Esses mecanismos são categorizados por: pronominalização e elipse.

2.4.1.1 Pronominalização: pronomes, numerais e advérbios

Os mecanismos coesivos por pronominalização são casos de anáfora simples. Tradicionalmente, diz-se que o emprego de um pronome permite evitar a repetição de um grupo nominal ou de um nome. Sabe-se, hoje, que o papel dos pronomes não se deve a uma simples questão estilística, mas que eles contribuem para a estruturação do texto. Segundo Milner (2003, p.121), em uma relação de pronominalização, o termo substituto é não-autônomo e dependente do termo referente por estar desprovido de referência virtual própria. Com a mesma visão, Cavalcante (2003-a, p.111) afirma que os pronomes pessoais formalizam a anáfora não-co-significativa e não-recategorizadora. Isso se dá porque essas formas pronominais não têm significação própria nem acrescentam informações ao item antecedente, posição adotada neste estudo.

É importante ressaltar que os pronomes pessoais são considerados na categoria por pronominalização quando substituem um item lexical anteriormente expresso, mas os pronomes, geralmente os demonstrativos e os indefinidos, quando introduzem um nome, são considerados determinantes daquele nome, fazendo parte do item lexical. É o caso da anáfora conceitual, que pode se formar por pronome acrescido de

palavra englobante (como em: “essas pessoas”, “desse problema”, “essa tarefa”), como também a repetição parcial, que pode constituir-se em determinante acrescido de grupo nominal com a mesma morfossemântica (por exemplo: “erro : esse erro” ; “redações” : “muitas redações”). No entanto, os pronomes demonstrativos “isso” e “isto”, quando resumem algo dito anteriormente ou posteriormente, são considerados itens substitutos por anáfora conceitual.

Os numerais e os advérbios fazem parte deste grupo de relação pronominal, pois também o termo substituto é dependente do antecedente, como em Teixeira (2004, p. 5-6).

Em síntese, a posição adotada é a de que, quando os pronomes, numerais e advérbios formam sozinhos um item referencial (com exceção de “isso” e “isto”), o elo coesivo é considerado por pronominalização.

São exemplos de retomadas do antecedente por pronomes e numeral:

- (23) [...] o que não espanta significativamente os jovens. : **Eles** continuam a apostar no curso superior [...] (TP, N° 01).
- (24) [...] as bibliotecas escolares passam anos inteiros sem adquirir livros. : **Muitas** ficam sempre no aguardo [...] (TJ, N° 03).
- (25) Provavelmente os romances de maior repercussão de Clarice Lispector sejam “Perto do Coração Selvagem” e “A Paixão Segundo GH”. : **Os dois** receberam muitas críticas (TEIXEIRA, 2004, p.5).

Os advérbios são considerados nessa categoria, quando o antecedente se encontra no co-texto, não se tratando, então, de dêiticos, isto é, de certas expressões cuja interpretação é inteiramente dependente do lugar ou do momento de sua enunciação, ou ainda da pessoa que as enuncia; estes mecanismos não são considerados neste trabalho, já que são relativos a situações de enunciação.

São exemplos de advérbios:

(26) Paula não irá à Europa em janeiro. : **Lá** faz muito frio (FÁVERO, 1991, p. 19).

(27) [...] que resultam em truncamento do sentido. : **Aí** estamos num domínio sério, [...] (TJ, N° 01).

2.4.1.2 *Elipse*

Halliday e Hasan (1976), inicialmente, apresentam a elipse e a substituição como duas categorias coesivas. No entanto, abordagens posteriores, inclusive a de Halliday (1985), agrupam-nas na mesma categoria, considerando que a elipse é um tipo particular de substituição: a substituição por zero. Essas duas categorias são denominadas, neste trabalho, mecanismo coesivo por elipse, porque a interpretação do item substituído se efetua exclusivamente com referência a algum outro item do texto. A parte substituída (ou elidida) pode ser do tipo nominal, verbal ou oracional.

A elipse da oração é muito utilizada no discurso oral. São exemplos:

(28) “Sabes nadar?” “Sim”. [**eu sei nadar**] – situação de pergunta e resposta.

(29) “Vem comigo”. “Aonde?” [**é que eu vou contigo**] - em pedidos de informação adicional.

Nos textos analisados, a maior freqüência ocorre na elipse nominal. Seguem exemplos retirados dos textos:

(30) Vejo os jovens muito angustiados porque \emptyset **não vislumbram** boas perspectivas profissionais (TP, N° 01) - [**os jovens**].

(31) [...] mesmo que o terceiro grau forme – e cremos que **sim** – [...] (TA, N° 05) - [**que o terceiro grau forme**].

2.4.2 Mecanismos Coesivos Lexicais

A coesão lexical é um mecanismo da coesão textual e consiste na criação de elos dentro de um texto por meio da seleção vocabular. Qualquer lexema pode integrar um elo coesivo com outro lexema, desde que entre eles se estabeleça uma relação léxico-semântica evidente na superfície do texto. Esse tipo de coesão resulta normalmente na construção de cadeias coesivas, em que os elos se sucedem uns aos outros, categorizados, neste estudo, por: repetição, sinonímia, hiponímia e antonímia.

2.4.2.1 Repetição

O tipo mais simples de coesão lexical consiste na repetição de um vocábulo, ou seja, a repetição de unidades lexicais com formas idênticas. A retomada do referente por meio do mesmo nome pode ocorrer com uma troca de determinante (essa troca acontece pela substituição de um determinante indefinido por um determinante definido), ou o termo substituto ser precedido de determinante possessivo, demonstrativo ou indefinido. O antecedente do grupo nominal é identificado pelo segmento anterior onde ele já foi mencionado.

É importante notar que se distinguem as repetições não-coesivas das repetições coesivas. A repetição não-coesiva, ou repetição acidental, não é atuante textualmente, ou seja, não é remissiva para a preservação da continuidade semântica do texto. Assume, assim, um caráter de mera coincidência formal. Enquanto a repetição coesiva, textualmente funcional, ultrapassa a dimensão puramente perceptível da realização lingüística da unidade lexical. Constitui, por isso, um ato discursivo, no sentido de que, por ele, alguma interligação, alguma retomada, alguma remissão seja estabe-

lecida. É justamente esse movimento de retomada, de volta àquilo que foi previamente mencionado, que confere ao texto um dos fundamentos da sua unidade. A coesão não existe, senão, para indicar e assegurar essa continuidade, conforme Antunes (1996, p. 159-174).

A repetição de unidades lexicais revelou-se um fato presente nos textos analisados. Ressalta, portanto, uma regularidade discursiva. Ademais, pode-se observar que uma unidade ou expressão lexical (e até mesmo um nome próprio) pode repetir-se total ou parcialmente, conforme voltem a ocorrer com identidade ou com variação formal. Desse modo, é concebida a posição de que há dois tipos de repetição: repetição total e repetição parcial.

Neste trabalho, a repetição total se efetua quando há correspondência morfossemântica entre os itens lexicais substitutos e os antecedentes, com identidade referencial. São exemplos retirados dos textos:

(32) O mundo tem mudado tão rapidamente [...] : **o mundo** que se apresenta ao jovem (TP, N° 01).

(33) [...] um lugar ao sol no mercado de trabalho [...] : da incapacidade **do mercado de trabalho** (TP, N° 03).

A repetição parcial é a recorrência da base morfológica ou lexemática da palavra que ocorre como antecedente, com alguma alteração, mencionado por Hasan (1989, p. 80). Isso posto, os itens lexicais substitutos podem apresentar variações de classe gramatical, gênero, número ou pessoa com relação aos antecedentes. Nesta investigação, a repetição parcial pode efetuar-se correferencialmente ou com distinção referencial com o item antecedente.

A repetição parcial correferencial acontece quando o substituto retoma a base morfológica ou lexemática da palavra antecedente com alguma alteração, mas o referente situacional é o mesmo. Pertence às cadeias de identidade. São exemplos:

(34) Não é diferente em relação à profissionalização dos jovens, para que melhor enfrentem a concorrência no mercado de trabalho [...] : Por outro lado, sabe-se que **o mercado** não consegue [...] (TP, Nº 01).

(35) [...] o povo cuja maioria está preocupada em comer no dia seguinte, : **esse povo** não pode pensar na colocação de um pronome (TJ, Nº 01).

A repetição parcial com distinção referencial ocorre quando o substituto, ao mesmo tempo em que repete a base morfológica ou lexemática do antecedente, com alguma alteração, veicula informação nova ou modificada, havendo distinção entre os referentes. Pertence às cadeias de similaridade. São exemplos:

(36) Não é pouco freqüente que o aluno [...] : por que **este ou aquele aluno** não veio mais [...] (TP, Nº 01).

(37) [...] requerendo qualificação densa e completa dos candidatos [...] : para **os candidatos qualificados** (TP, Nº 04).

Neste trabalho, as nominalizações são consideradas como repetição parcial, comentadas em Koch (2002, p.90) e em Guimarães (1992, p. 32). Tem-se a nominalização quando uma mesma noção é expressa por uma unidade verbal e retomada mais adiante no discurso por um substantivo, ou vice-versa. São exemplos citados por Guimarães (1992, p. 32):

(38) Tudo indica que o industrial se dispôs a **financiar** a compra do imóvel.

(39) Tudo indica que o industrial se dispôs ao **financiamento** da compra do imóvel.

O exemplo ilustra o que se chama nominalização estrita, diferente da nominalização denominada anáfora conceitual. Esta tem como função principal sintetizar o antecedente; aquela, repetir o antecedente, com mudança na classe gramatical.

Assim como os outros tipos de mecanismos coesivos, as palavras repetidas são consideradas em blocos. Também as siglas, por exemplo, “CPI” (Comissão Parlamentar de Inquérito), são assinaladas como uma única forma, um único sentido. E, ainda, os nomes próprios de pessoas e de lugares são considerados itens lexicais, pois, na prática, esses nomes realizam os mesmos padrões de repetição que os nomes comuns. Como exemplos: “Brasil” : “Brasil” (repetição total); “Rio de Janeiro” : “Rio” (repetição parcial, por meio de uma redução).

2.4.2.2 *Sinonímia*

Um dos processos de estabelecimento de cadeias em um texto consiste na utilização de itens sinônimos, os quais se constituem em tema central desta investigação. Ainda que a sinonímia esteja descrita com mais detalhes no Capítulo 3, antecipa-se seu conceito nesta seção, para fins de descrição taxonômica.

O conceito de sinonímia segue os seguintes critérios: a) equivalência de sentido ou reciprocidade de propriedades semânticas entre o item substituto e o termo antecedente, dependendo do contexto situacional em que os termos são empregados; b) nem sempre os termos sinônimos são intercambiáveis; c) a sinonímia nem sempre é

correferencial; d) a vinculação dos sinônimos com a noção de retomada lexical a um termo explícito no co-texto; e) o entendimento de que a sinonímia é essencialmente uma expressão referencial substitutiva; e f) a concepção de que o termo sinônimo pode introduzir novas informações, dependendo da seleção do item lexical utilizado pelo produtor do texto.

A categoria sinonímica, erigida do pressuposto teórico estudado, encontra-se detalhada no Capítulo 3 deste trabalho, e o quadro classificatório dessa categoria é antes evidenciado no final desta seção. Neste momento, quatro exemplos são apresentados para fins de ilustração.

- (40) que não habilita os brasileiros a expressarem-se no idioma nacional [...] : **o povo**... (TJ, N° 01).
- (41) milhares de seres humanos [...] : **uma quantidade muito grande** de profissionais... (TA, 01).
- (42) É necessário trabalhar para sobreviver [...] : **é preciso** cidadãos letrados (TA, N° 02).
- (43) [...] sobretudo no caso de Daiane [...] : o que significa para **essa garotinha negra**, nascida de família humilde[...] (TJ, N° 02)

Os exemplos acima são de substituição por sinonímia, uma vez que há equivalência de sentido ou reciprocidade de propriedades semânticas entre o item lexical substituto e o item lexical antecedente.

2.4.2.3 Hiponímia

A concepção de hiponímia está ligada à relação paradigmática de sentido que se pode estabelecer entre um lexema “mais específico, ou subordinado, e um lexema mais geral ou superordenado”, conforme Lyons (1980, p. 235). O autor também identi-

fica que a hiponímia estrita é uma relação transitiva. Se x é um hipônimo de y e y é um hipônimo de z, então x é um hipônimo de z. Por exemplo, “vaca” é um hipônimo de “mamífero” e “mamífero” é um hipônimo de “animal”; portanto, “vaca” é hipônimo de “animal”. Halliday (1985, p. 312) também exemplifica essa relação com os seguintes casos: “carvalho”, “pinheiro” e “olmo” (tipo de árvore própria da Europa) são co-hipônimos de “árvore”.

Por essas considerações, é assumido que há significados que, pelo seu domínio semântico, englobam outros significados menos abrangentes. Assim, uma hierarquia entre termos englobantes e termos englobados é articulada, e a definição de hiponímia depende dessa relação de englobamento.

São exemplos retirados dos textos analisados:

(44) É necessário que existam profissionais bem preparados [...] : [...] **os advogados, professores, médicos ...** (TA, N° 05).

(45) [...] deve buscar aperfeiçoamento [...] : [...] **em cursos, leituras, palestras, idiomas novos, enfim, também no convívio interpessoal** (TA, N° 05).

Voltando a ponderar sobre o conceito adotado, os mecanismos por hiponímia se manifestam quando um item lexical é mais abrangente, e outro item lexical é mais específico, mantendo uma relação ligada à lógica das classes e à flexibilidade contextual, designando uma relação de inclusão aplicada ao significado dos itens lexicais, seguindo Halliday (1985, p. 311-312). Nesse caso, há distinção referencial, pertencendo às cadeias de similaridade.

2.4.2.4 Antonímia

O mecanismo de coesão por antonímia ocorre quando o item substituto mantém relação antagônica com o termo antecedente. Nesse caso, há oposição semântica entre conjuntos de lexemas, ou seja, nessa relação os itens lexicais tecem oposição ao significado. Vale frisar, no entanto, que, assim como não existe semelhança total de sentido entre sinônimos, não há oposição absoluta entre antônimos.

Para Pietroforte e Lopes (2004, p. 127-128), palavras diferentes podem ter o mesmo antônimo, desde que tenham ao menos um sentido em comum: “fresco” e “jovem” têm o antônimo “velho”, porque “fresco” significa, quando se refere a alimentos, “que acabou de ser preparado, novo”. Por isso, usam-se as expressões “pão fresco” e “pão velho”. Uma só e mesma palavra pode ter tantos antônimos quantos forem seus significados: “preto” opõe-se a “colorido” em *TV em branco e preto*, a “mais claro em seu gênero” em *pão preto*, a “limpo” em *tinha as unhas pretas*, etc.; “negro” opõe-se a “destinado ao bem” em *magia negra*, a “legal” em *mercado negro*, etc.

Acrescentam os autores que há antônimos que expressam oposições polares: “dar” : “receber”; “morto” : “vivo”; “comprar” : “vender”. Outros definem os limites de um contínuo que, por sua vez, pode ser recortado por gradações: “rico” : “pobre” (pode-se ter mais ou menos rico, mais ou menos pobre). A aplicação desses antônimos sujeitos a gradação depende do ponto de vista colocado no texto. Tomando como exemplo o eixo da magnitude das coisas, vê-se que ele está organizado em torno de “pequeno” : “grande”. O tamanho das “coisas”, no entanto, depende do produtor que as avalia em seu discurso, pois é a partir de sua percepção que as palavras antônimas determinadas sobre o eixo “pequeno” : “grande” estabelecem um critério de avaliação. O que é grande, de um ponto de vista, pode ser pequeno, de outro.

Nessa visão, os itens lexicais no texto estabelecem antônimos. Por outro lado, podem desfazê-los, ao criar novos significados para as palavras. No segmento: *Uma voz quente* (sensual, vibrante) *deixa Maria gelada* (paralisada), os sentidos de “quente” e “gelada” fazem com que eles não sejam antônimos nesse contexto.

Com base nas considerações acima apresentadas e na observação dos mecanismos nos textos analisados, são considerados antônimos itens lexicais que, no contexto verbal, exercem a função de substituto com posição de contraste, oposição ou incompatibilidade ao sentido dos antecedentes. Nesse tipo de manifestação, não há identidade referencial, nem oposição absoluta de sentido, mas, através da oposição de significação entre os itens lexicais, a coesão se realiza, segundo Halliday (1985, p. 312).

São casos de substituições antonímicas retirados dos textos analisados:

(46) [...] diversos fatores que dificultam esse sucesso : uma das causas do **insucesso** [...] (TA, N° 02).

(47) [...] As ofertas de emprego [...] : [...] **a procura de trabalho** é intensa (TP, N° 04).

Nesse ponto de vista, ratifica-se o posicionamento de que os itens lexicais são definidos uns em relação aos outros no contexto particular de uso, por isso eles estabelecem diversos tipos de relações entre si no texto, inclusive oposição semântica.

2.4.3 Mecanismo Coesivo por Anáfora Conceitual

A principal característica da anáfora conceitual é a de que ela assume uma função resumitiva no co-texto; é um elemento nominal, às vezes gramatical, não-

específico cujo significado encontra-se no antecedente. Esse tipo de anáfora condensa e resume o conteúdo de uma frase, de um parágrafo ou de um fragmento do texto.

Essa posição, defendida neste trabalho, baseia-se em Déneraud e Jespersen (1992, p. 79-85), quando afirmam que a anáfora conceitual é um processo de nominalização em “esse N”, “o N”, “um certo N” (por exemplo: “essa ilusão...”, “a questão...”, “um certo fato...”), tendo a função de sintetizar o antecedente, um segmento de discurso de comprimento variável (que pode ser um sintagma verbal, frase, enunciado ou texto), por um sintagma nominal. Em todos os casos ela é resumitiva (“résomptive”) e seu alcance está condicionado pelo seu semanticismo que permite identificar o segmento ao qual o item de referência se refere. O alcance de uma anáfora nominal é geralmente bem delimitado; o mesmo não ocorre com a anáfora resumitiva pronominal “isso”, por exemplo, que funciona como um hiperônimo neutro, referindo-se a todo o enunciado.

Por essa linha de consideração, nesta pesquisa, a anáfora conceitual, ou anáfora resumitiva, pode ser representada por nomes superordenados, como “estado”, “fato”, “evento”, “atividade”, “questão”, “problema”, etc. Tais itens lexicais exigem a sua interpretação na retomada no co-texto. Pela análise dos textos deste trabalho, pode-se verificar que esse mecanismo referencial geralmente é introduzido por pronomes demonstrativos.

A anáfora conceitual se distingue em dois tipos, de acordo com Déneraud e Jespersen (1992, p. 81-82): a) anáforas sobre a enunciação (AE) - são anáforas conceituais “englobantes”, ou seja, recobrem geralmente todo o enunciado-fonte; e b) anáforas sobre o enunciado (Ae) - são anáforas segmentais que retomam uma parte do enunciado-fonte. As autoras exemplificam (1992, p.82) com as passagens:

(48) J.V. declarou ao nosso jornalista: “Se eu tivesse que decidir, liberaria as drogas leves, pois não são mais perigosas que o álcool”.

Essa declaração está longe de ser verdadeira. (englobante)

Esse preconceito [...] (segmental)

(49) Retomando os próprios termos de P.G., presidente da Volvo: “o automóvel, apesar de tudo, continua sendo o meio de transporte mais flexível”.

Essa afirmação [...] / **Essa mentira** [...] / **Essa inverdade** [...] / **Essa ingenuidade** [...]

As retomadas “essa declaração” e “essa afirmação” são anáforas conceituais transparentes, porque não permitem inferir a posição do autor/escritor; enquanto “Esse preconceito”, “Essa mentira”, “Essa inverdade” e “Essa ingenuidade” são termos axiológicos¹⁴ que representam uma tomada de posição do enunciador no discurso. Esses termos são exemplos de anáforas depreciativas, constituindo-se em um ato de reprovação. É importante frisar que essas considerações das autoras são percebidas nas ocorrências dos textos analisados.

As principais funções ou características textuais e enunciativas da anáfora conceitual (AC), de acordo com Dénervaud e Jespersen (1992, p. 83-87), são: 1) Tematização: há uma reclassificação lexical. 2) Embalagem e ordem dos constituintes: a síntese facilita a memória e condiciona a ordem dos constituintes do enunciado; o “esse N” deve geralmente ser colocado próximo ao seu referente. 3) Segmentação, delimitação do parágrafo: sendo a AC associada à divisão do parágrafo, ela contribui para marcar a unidade de sentido do parágrafo, além disso, a AC é ao mesmo tempo sinal de continuidade e de ruptura. 4) Predicação: a AC geralmente não se limita ao processo de retomada que identifica um referente, pois ela reclassifica e adquire um poder predicativo, enquanto a tematização permite impor pressupostos.

¹⁴ Termo axiológico é um termo que concerne um valor, ou que constitui um valor (FERREIRA, 2004, CD-ROM).

Segundo essa perspectiva, à qual se filia este estudo, a anáfora conceitual é resumitiva e “empacota” uma extensão do discurso e, embora não seja uma repetição ou um sinônimo de nenhum elemento precedente, apresenta-se equivalente à oração ou orações que substitui; sendo considerada, portanto, correferencial. Além disso, pode funcionar tanto prospectivo (para frente), quanto retrospectivamente (para trás) do item lexical ao qual retoma, mencionado por Francis (2003, p. 192).

São exemplos retirados dos textos analisados:

(50) [...] capazes de desenvolver atividades com rapidez, lógica e exatidão : [...] **a estas exigências** (TA, Nº 03).

(51) Na atual disputa [...] sua formatura : **essa situação** (TA, Nº 01).

No exemplo (50), a anáfora conceitual “a estas exigências” resume apenas uma parte da oração citada, por isso é segmental. No exemplo (51), a anáfora conceitual “essa situação” resume e ajuda a organizar uma extensão discursiva maior, por isso é englobante.

2.4.4 Mecanismo Coesivo por Anáfora Indireta

Pelas análises realizadas no *corpus* desta investigação, percebe-se que nem sempre o referente de um item figura explicitamente no co-texto. Há casos específicos em que um item aparece no texto como se já fosse conhecido ou identificável, embora ele ainda não tenha sido objeto de menção: é o caso das anáforas indiretas¹⁵.

¹⁵ As anáforas indiretas têm recebido na literatura diversas denominações: inferenciais, mediatas, profundas, semânticas, associativas. Muitos lingüistas brasileiros, notadamente Marcuschi (1998, 2001, 2005) Koch (2002, 2004-b) e Cavalcante (2003-a), adotam a denominação de anáforas indiretas, seguindo a argumentação de Schwarz (2000).

Esse mecanismo referencial é tratado como anáfora associativa por Apothéloz (1995, p. 40-43). Segundo esse autor, designam-se, geralmente, como anáforas associativas os sintagmas nominais definidos que apresentam, simultaneamente, as duas características seguintes: por um lado, uma certa dependência interpretativa em relação a um referente previamente - às vezes posteriormente - introduzido; e, por outro lado, a ausência de correferência com a expressão que introduziu ou designou previamente - às vezes posteriormente - esse referente.

Neste trabalho, é adotada a denominação de anáfora indireta, mas leva-se em consideração as duas características citadas acima por Apothéloz, porém não únicas, as quais são fundamentais para o entendimento das anáforas indiretas: a introdução de um referente novo sob o modo conhecido e a ausência de correferencialidade.

Ampliando ainda mais essas considerações, busca-se em Marcuschi¹⁶ (2005, p. 60) que identifica a anáfora indireta (AI) com as seguintes características: a) a inexistência de uma expressão antecedente ou subsequente explícita para retomada, e a presença de uma “âncora”¹⁷, isto é, uma expressão ou contexto semântico para a interpretação da AI; b) a ausência de relação de correferência entre a “âncora” e a AI, estabelecendo apenas uma estreita relação conceitual; c) a interpretação da AI se dá como a construção de um novo referente (ou conteúdo conceitual) e não como uma busca ou reativação de referentes prévios por parte do receptor; d) a realização da AI se dá normalmente por elementos não pronominais, sendo menos comum sua realização pronominal. O autor cita os seguintes exemplos os quais ilustram essas características:

¹⁶ Em 1998, Marcuschi chamou a atenção para o fenômeno dos antecedentes implícitos (ou anáfora esquemática), fazendo reconsiderações mais tarde, em 2000 (na IV Jornada do CelSul – Curitiba); depois, publicou, em 2001, o artigo “Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras” e, em 2005, fez versão atualizada deste trabalho.

¹⁷ Marcuschi (1995, p. 95) afirma adotar a expressão “âncora”, sugerida por M.Schwartz (2000, p.74).

(52) Ontem fomos a um restaurante. **O garçom** foi muito deselegante e arrogante (2005, p. 59, exemplo emprestado de Schwarz, 2000).

(53) A equipe médica continua analisando o câncer do Governador Mário Covas. Segundo **eles**, o paciente não corre risco de vida (2005, p. 60).

A expressão referencial “o garçom” ativa um referente novo e, ao “ancorar” em um universo textual precedente, de certo modo também reativa “um restaurante”. Por sua vez, a anáfora indireta “eles” é pronominal e de fácil compreensão por ativar um esquema cognitivo constituindo indivíduos e denominando-os por pronome.

Com base nas considerações dos autores citados, entende-se, neste estudo, que as anáforas indiretas conferem continuidade referencial sem um item antecedente explícito para retomada, mas fazendo remissão a uma “âncora” no co-texto. Além disso, entre a “âncora” e a anáfora indireta (item novo) não há relação de correferência, há distinção referencial com ligação conceitual.

Salienta-se, neste momento do estudo, a diferença entre as anáforas conceituais e as anáforas indiretas. Enquanto estas se caracterizam por não existir no co-texto um antecedente explícito; aquelas rotulam, ou resumem, uma parte do co-texto que as precede. Além disso, esses tipos de anáforas preenchem lacunas existentes nos modelos de Halliday e Hasan (1976) e Hasan (1984, 1989), pois a análise desses autores está bastante relacionada a informações explícitas no texto.

Portanto, os mecanismos coesivos propostos para a avaliação do grau de textura podem ser assinalados por diferentes formas de expressões referenciais em um texto. A proposta explicitada de categorização por elos coesivos encontra-se na página a seguir.

| CATEGORIAS POR ELOS: CLASSIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO | | | |
|---|---|--|---|
| TIPOS | REFERÊNCIA | SUBTIPOS | CARACTERÍSTICAS |
| I. Pronominalização | Correferencial | 1 – Pronome 2 – Advérbio 3 – Numeral | Os itens substitutos são mecanismos gramaticais, desprovidos de significação própria, isto é, dependentes do antecedente para sua interpretação, representados por pronomes, advérbios e numerais. |
| II. Elipse | Correferencial | - | Os itens substitutos são mecanismos gramaticais, desprovidos de significação própria, ou seja, dependentes do antecedente para sua interpretação. A parte substituída (ou elidida) pode ser um nome, verbo ou oração. |
| III. Repetição | Correferencial | 1 – Total | A repetição da unidade ou da sequência de unidades acontece sem alteração morfossemântica. |
| | Correferencial Distinção Referencial | 2 – Parcial | A repetição da unidade ou da sequência de unidades acontece com variação morfossemântica, podendo reforçar ou veicular informação nova ou modificada. |
| IV. Sinonímia | Correferencial | 1 – Por Unidade de Palavra | A substituição sinonímica se efetiva por unidade de palavra. |
| | | 2 – Por Perífrase | A substituição sinonímica se efetiva por sintagma, expressão nominal ou oração. |
| | Distinção Referencial | 1 – Lexical | Os termos do elo são sinonímicos desde o sistema da língua. |
| | | 2 – Instancial | Os termos do elo são relacionados ao co-texto, ao contexto particular do texto, cujas formas-padrão são: termos figurados e descrições definidas, no termo substituto, bem como um elemento do elo mais geral retoma (ou é retomado) outro elemento mais específico, com o mesmo referente situacional. |
| V. Hiperonímia | Distinção Referencial | - | Um termo do elo é mais abrangente e o outro termo representa uma parte. |
| VI. Antonímia | Distinção Referencial | - | O item substituto mantém relação de oposição, não absoluta, com o item antecedente. |
| VII. Anáfora Conceitual | Correferencial | 1 – Englobante | O item substituto assume uma função de resumir, englobando todo o enunciado-fonte. |
| | | 2 – Segmental | O item substituto assume uma função de resumir, retomando uma parte do enunciado-fonte. |
| VIII. Anáfora Indireta | Distinção Referencial | - | O termo antecedente não é explícito, mas a remissão se realiza com um termo de estreita relação conceitual. |

Quadro 5 – Caracterização Classificatória das Categorias por Elos

O próximo capítulo dedica-se a definir e a classificar a categoria por elo sinonímia, buscando referencial teórico com vistas à proposta conceitual e classificatória dessa expressão referencial neste estudo, para fins de tratamento na análise e discussão dos dados, buscando, assim, alcançar o principal objetivo desta investigação: examinar o emprego da sinonímia na construção da textura do texto.

CAPÍTULO 3

SINONÍMIA

O objetivo, neste terceiro capítulo, é definir o que se entende por sinonímia, indicando pressupostos teóricos em que a presente pesquisa se apóia, bem como apresentar a proposta classificatória da sinonímia, criada para avaliar esse mecanismo coesivo lexical nos textos que constituem o *corpus* do presente trabalho.

A atenção à sinonímia deriva do trabalho “A Substituição Lexical como Mecanismo de Coesão na Produção do Texto”, de Krás (2002), já mencionado na introdução, no qual foi observada a substituição lexical, detendo-se no estudo e na análise de tipologias e dos problemas de emprego de mecanismos que podem intervir na organização coesiva do texto. Nesse trabalho anterior, foram constatadas a frequência e a produtividade da sinonímia nos textos analisados, ressaltando-a como componente coesivo de relevância. Portanto, nesta pesquisa, o estudo limita-se aos termos sinônimos, e a proposta é oferecer elementos de fundamentação para uma compreensão mais profunda e consistente de como a sinonímia pode intervir na textura do texto.

Parte-se, nesta investigação, da consideração de que a sinonímia se define como um mecanismo de equivalência de sentido¹⁸ que não se vincula somente à correferencialidade, propiciando relações coesivas para o sentido do texto. Para isso, tomam-se como base, especialmente, os estudos de Lyons (1979, 1980, 1995 e 1997), Bernárdez (1982), Hasan (1984, 1989), Halliday (1985, 1989), Ilari e Geraldí (1995), Antunes (1996), Marcuschi (2001), Ilari (2002), Koch (2004) e Teixeira (2004).

Uma das razões do emprego de sinônimos é a pressão exercida pela língua culta que restringe, na escrita, a repetição, à curta distância, de uma mesma palavra no texto. Assim, empregar a sinonímia como mecanismo de coesão referencial em um texto implica utilizar um outro termo ou expressão que é considerado como substituto por ser recuperado como sinônimo de um termo anteriormente expresso no texto. Essa relação não se limita à correferencialidade, isto é, pode ocorrer sinonímia com referentes situacionais distintos, mas com traços em comum, pois o eixo referencial que o produtor constrói ao longo do texto não abrange apenas referências às mesmas entidades, as quais são construídas no momento específico do texto. No entanto, pondera-se que a maior saliência da coesão sinonímica se efetua pela via da correferência. Esse aspecto será retomado no Capítulo 5, “Análise e Discussão dos Dados”.

¹⁸ Equivalência de sentido se define aqui como similaridade semântica, mas não total identidade semântica. O termo equivalência não assume, neste estudo, unicamente o sentido de “implicação bilateral” ou “implicação simétrica”, conforme Lyons (1979, p. 483-484). Expressa, também, a equivalência que, nas atualizações textuais, em muitos casos, é apenas aproximativa.

3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONCEPÇÃO DE SINONÍMIA

Tradicionalmente, a sinonímia era vista simplesmente como uma relação de igualdade de sentido. No entanto, há estudos contemporâneos¹⁹, especialmente o de Lyons (1980), que mostram que existem graus de sinonímia que vão desde uma sinonímia absoluta (cuja existência é questionada) até uma quase-sinonímia, ou seja, há pares de sinônimos que são mais sinônimos que outros.

A presente investigação dedica-se, especialmente, à categoria por elo sinônímica em um processo de retomada, pela via da substituição lexical e mecanismo de coesão, de um item lexical a outro item lexical que, embora formalmente diferentes, expressam equivalência de sentido ou reciprocidade de propriedades semânticas, não só apresentando o mesmo referente situacional, como também evidenciando distinção referencial, isto é, a não-vinculação da sinonímia com a noção de correferencialidade. Desse modo, volta-se a ponderar que o referente localiza-se no próprio texto, ou seja, o conteúdo referencial advém da situação do texto; assim, no processo sinonímico, a referência realiza-se com um item lexical substituto sinonímico que retoma outro item lexical antecedente, fazendo deste elemento do texto o seu referente (conteúdo referencial).

3.1.1 Relações de Sinonímia

Considerando que entre os termos sinônimos existem relações semânticas, dois fatores são preponderantes na concepção da sinonímia, os quais por natureza

¹⁹ Ver Lyons (1979, 1980, 1987, 1995, 1997), Bernárdes (1982), Antunes (1996), Ilari e Geraldi (1995), Koch (2004-b), Pietroforte e Lopes (2004), entre outros.

são inter-relacionados: a equivalência de sentido²⁰ e a retomada referencial. Por equivalência de sentido entende-se que não há dois termos sinônimos com total identidade semântica. Retomada referencial, no caso da sinonímia, consiste em indicar, apontar, por meio de uma expressão referencial, para um referente lingüístico já mencionado no texto, mantendo um núcleo referencial e recuperando o mesmo referente situacional introduzido no texto (processo de correferencialidade, ou identidade referencial), ou recuperando apenas parte dele (processo de distinção referencial).

3.1.1.1 Sinonímia por Equivalência de Sentido

Para introduzir a discussão, parte-se do pressuposto de que os itens lexicais são considerados sinônimos quando entre eles há relação semântica de equivalência de sentido, como designa Lyons (1979, p. 474), levando em consideração que não existem sinônimos perfeitos, isto é, desconsidera-se a existência de palavras com total identidade semântica, isso porque há aspectos relativos ao texto que devem ser levados em conta na identificação dos itens lexicais sinônimos.

Essa visão é percebida em Lyons (1995, p.56), quando argumenta que duas ou mais expressões são sinônimas se compartilham o mesmo sentido. No entanto, a sinonímia absoluta (nos termos do autor) teria de satisfazer as seguintes condições: a) todos os significados das expressões envolvidas teriam de ser idênticos; b) as expressões teriam de ser sinônimas em todos os contextos no texto; e c) os termos teriam de

²⁰ Equivalência de sentido, aqui, engloba os casos particulares que serão detalhados ao longo deste capítulo.

ser semanticamente equivalentes em todas as dimensões do significado (descritivo e não-descritivo²¹).

Essas condições excluem qualquer possibilidade de sinonímia absoluta, pois a maioria dos exemplos dessa manifestação apresentados em dicionários, especializados ou não, tratam de casos do que se chama de “quase-sinônimos”, ou “sinônimos parciais”, isto é, expressões que têm significados similares. Além disso, variantes regionais, estilísticas, emocionais, ou até mesmo gramaticais praticamente impossibilitam a total identidade entre os termos sinônimos.

Nessa perspectiva, Ilari (2002, p. 169) aponta alguns fatores determinantes da seleção vocabular (elementos léxicos): a) a preocupação de ressaltar diferenças de sentido, que podem assumir grande importância num texto mais técnico (por exemplo: para as pessoas comuns, “furto” e “roubo” são exatamente a mesma coisa; para a lei, há uma diferença: no “roubo” a vítima sempre sofre algum tipo de violência); b) o grau de formalismo na fala (por exemplo: uma atividade desagradável pode ser qualificada de “chata”, “aborrecida” ou “mofina”, mas é pouco provável que a primeira dessas expressões apareça num discurso de um ministro – situação de fala altamente formal -, e é pouco provável que a última expressão apareça num diálogo de adolescente – situação de fala informal; c) a preocupação em destacar, no objeto descrito, certos aspectos de forma ou função (por exemplo: um mesmo prédio pode ser descrito, em momentos diferentes, como uma casa, a sede de um clube, o local de um crime, etc.).

²¹ Para Lyons (1987, p.136-139), significado descritivo refere-se à relação paradigmática entre termos com a mesma “denotação” no sistema de signos, e significado não-descritivo (ou expressivo) parte-se de uma relação sintagmática entre termos, podendo o escritor revelar seus sentimentos, atitudes, crenças e personalidade.

Com o mesmo posicionamento, Bernárdez (1982, p. 103-105) menciona os seguintes exemplos: “estátua” por “escultura”, “automóvel” por “carro”, “cachorro” por “cão”, “caminhar” por “andar”, “velho” por “ancião”. No entanto, do ponto de vista da linguagem real, não existe igualdade de sentido entre esses termos, já que todos os elementos léxicos estão diferenciados de algum modo. Assim, não existe identidade semântica entre “cachorro” e “cão”, “casa” e “mansão”, por exemplo, pois variam tanto em suas conotações como em seu nível lingüístico, registro, etc.

Desse modo, os sinônimos são itens lexicais de sentido próximo, que se prestam à descrição dos mesmos objetos ou das mesmas situações no texto. Essa orientação de conceber os termos sinônimos no domínio interno do texto se baseia, neste estudo, na afirmação de Hasan (1989, p. 84-85): “‘a mesma coisa’ deve ser entendida como ‘a mesma coisa no contexto específico do texto’”, especialmente no caso dos sinônimos; além da definição de que a sinonímia “é a propriedade de dois ou mais termos poderem ser empregados um pelo outro sem prejuízo do que se pretende comunicar”, conforme Câmara Jr. (1991, p. 222). Por essas considerações, os itens lexicais se realizam como sinônimos no co-texto, confirmando, especialmente nesta pesquisa, os textos que constituem o *corpus* deste estudo.

Em decorrência dessas considerações, enfatiza-se o argumento de que não há sinonímia absoluta, como também se concorda com a idéia de que são consideradas sinônimas palavras ou expressões que implicam similaridades semânticas, observando as particularidades significativas à unidade textual.

Além disso, embora o fato de os termos serem intercambiáveis seja apontado como critério para reconhecimento entre duas unidades ou expressões sinônimas, como Ilari e Geraldi (1995, p. 44), que afirmam: “duas palavras são sinônimas sempre

que podem ser substituídas no contexto de qualquer frase, sem que a frase passe de falsa a verdadeira, ou vice-versa”; no domínio do texto, nem sempre este critério pode funcionar com inteira validade. A posição, neste estudo, é a de que duas unidades ou expressões são reconhecidas como sinônimas ainda que não se prestem a uma permuta no texto, isso devido às restrições impostas por seus respectivos contextos de ocorrência no texto. Tal posição é reconhecida em Lyons (1979, p. 453) que rejeita “a hipótese de que as palavras não podem ser sinônimas num contexto, a menos que sejam sinônimas em todos os contextos”.

Dessa forma, mesmo admitindo a equivalência semântica entre dois segmentos textuais, não se pode manter, como uma constante, a possibilidade de, indistintamente, substituir-se um item lexical pelo outro item lexical sinonímico na seqüência textual. Em outras palavras, os itens lexicais que pertencem a pares de sinônimos nem sempre são intercambiáveis: podem ser caracterizados por um grau de formalismo diferente, como no caso de “criminoso” e “delinqüente”, ou podem diferir quanto às conotações ou associações, como por exemplo: “pão duro” e “avaro”.

A sinonímia lexical é a relação estabelecida entre palavras e aparece como um dos fatores possíveis pelos quais duas frases se revelam como paráfrases²². No entanto, nem sempre as mesmas palavras podem ser usadas em todos os contextos situacionais, tornando-se paráfrases. Ilari e Geraldini (1995, p. 42) citam os exemplos de “seco” e “enxuto”:

(54) a. Pegue o pano e **seque** a louça (p. 42).

b. Pegue o pano e **enxugue** a louça (p. 42).

²² Em situações que “dizem a mesma coisa”, não só o caso da sinonímia, mas também em situações de uso que traduzem a mesma intenção do locutor e visam a obter os mesmos resultados, a relação tem sido denominada de paráfrase (Ilari e Geraldini, 1995, p. 42).

(55) a. Mandou-nos a resposta numa carta ao estilo dele: **enxuta** e amável (p. 46).

b. Mandou-nos a resposta numa carta ao estilo dele: **seca** e amável (p. 46).

Nas frases apresentadas em (54), há um caso claro de sinonímia, as palavras “seque” e “enxugue” são equivalentes quanto ao sentido. O exemplo (55), entretanto, mostra que há aspectos relativos ao contexto do texto que devem ser considerados. Percebe-se que os itens lexicais “enxuta” e “seca” são sinônimas no sentido literal, mas não no texto.

A ligação entre sinônimos – ainda que não são sempre intercambiáveis - ressalta pela equivalência de sentido e pela coesão textual, pressuposta como condição subjacente da ligação referencial das expressões. Essa posição é assumida pela observação nos textos da investigação, pela diversidade de vinculações referenciais que se podem cumprir na realização textual, diferentemente do que se depreende em estudos reduzidos à amostra dos casos típicos. Como se observa, tais vinculações condicionam-se também à determinação do co-texto.

A relação de sinonímia, aqui assumida, é aquela que mantém o sentido apesar da variação lexemática e depende do co-texto em que as palavras são empregadas para a sua realização. Os fatores que determinam a equivalência de sentido entre dois itens lexicais, neste estudo, são: a compatibilidade de traços semânticos característicos de dois termos e a utilização desses termos no texto. Nessa perspectiva, a sinonímia é considerada no nível textual, porque o que interessa é fundamentalmente a equivalência semântica nas relações entre os segmentos, levando em consideração a linguagem do ponto de vista de seu uso no texto.

3.1.1.2 *Sinonímia por Retomada Referencial*

A identificação da sinonímia, além do critério de equivalência de sentido, impõe, naturalmente, o reconhecimento desse mecanismo coesivo pela via da referência, uma vez que dois termos são considerados sinônimos na condição de identidade referencial ou distinção referencial na retomada por um item lexical substituto a outro item antecedente no texto.

Vale ressaltar que a noção de referência, para este estudo, constitui uma atividade discursiva de retomadas na seqüência textual, cujos referentes situacionais encontram-se no domínio interno do texto. Existe relação de correferência entre dois itens lexicais quando, pela retomada, ambas as expressões designam o mesmo referente situacional, e há distinção referencial quando os referentes são distintos, mas existem traços em comum entre os referentes no contexto lingüístico do texto, já mencionado no Capítulo 1 desta pesquisa.

Na relação de correferência, a sinonímia é concebida, além da equivalência de sentido, quando dois segmentos textuais expressam a mesma unidade de referência, isto é, o eixo referencial que o locutor constrói constitui referências às mesmas entidades, posição defendida por Bernárdez (1982, p.103-104) e Guimarães (1992, p.31). Para esses autores, a substituição lexical sinonímica se efetua fundamentalmente pela identidade referencial, isso quer dizer que o termo sinônimo que substitui tem o mesmo referente situacional da expressão nominal que retoma (o referente lingüístico).

Essa posição foi assumida no momento da análise nos textos do *corpus* desta investigação, quando se percebeu que dois termos apresentavam identidade referencial, não havendo uma total sobreposição de sentido, mas significando a mesma coisa

no texto. Sendo assim, existe relação de correferencialidade entre dois itens lexicais sinonímicos, quando, pelo processo de retomada, as expressões designam o mesmo referente situacional.

Além desses autores, essa noção é confirmada no que Charolles (1997, p.49-58) entende por metarregra de repetição, já citada no Capítulo 2, quando trata da questão da coerência do texto: “para que um texto seja (micro e macroestruturalmente) coerente é preciso que contenha, no seu desenvolvimento linear, elementos de recorrência estrita”. Essa metarregra evidencia que um enunciado coerente precisa ter caráter seqüencial, um desenvolvimento homogêneo e contínuo, com ausência de ruptura. Para assegurar essa recorrência, a língua dispõe de recursos variados que, na retomada, permitem ligar uma seqüência (ou frase) a uma outra que se encontra no seu contexto imediato, lembrando precisamente tal constituinte num constituinte vizinho.

Nessa perspectiva, a referência, constituindo-se numa retomada no texto, decorre do estudo das expressões referenciais e do enunciado em que se inserem. A sinonímia, como uma das formas de expressão referencial, no domínio interno do texto, está ligada à retomada na seqüência textual e à função textual de identificação dos referentes.

Como é aceitável que duas unidades ou expressões são sinônimas pela identidade de referentes, são considerados sinônimos, neste estudo, também a retomada de expressões nominais pela reciprocidade de propriedades semânticas entre o antecedente e o substituto. São os casos das descrições definidas, dos termos figurados e dos termos mais gerais (que serão explicitados na seção 3.2 “Sinonímia: Proposta Classificatória”), em que a expressão nominal substitutiva atribui qualidades ou pro-

priedades ao item antecedente ou um dos itens é mais geral na remissão; esse processo é identificado pela retomada correferencial. Por exemplo:

(56) Machado de Assis é um dos grandes nomes da Literatura Brasileira. **O criador de Capitu** é conhecido no mundo todo (TEIXEIRA, 2004, p. 11).

A expressão “o criador de Capitu”, ao mesmo tempo em que recupera seu referente, “Machado de Assis”, atribui novas informações por meio da expressão nominal substitutiva ao item antecedente, caracterizando, então, esse tipo de substituição sinonímica, seguindo Teixeira (2004, p. 11).

São também casos de sinonímia retirados dos textos analisados:

- a) o que não espanta significativamente os jovens [...] : [...] **esses moços** (TP, Nº 01) – descrição definida.
- b) tem mudado tão rapidamente : avança **a passos largos** (TP, Nº 01) – sentido figurado.
- c) A conclusão do ensino superior : [...] **da escola** (TP, Nº 03) – termo mais geral.

Os exemplos acima são sinônimos com identidade referencial. Os aspectos reiterativos e coesivos conseguidos evidenciam-se pela correferencialidade; além disso, os traços semânticos centrais dessas unidades são coincidentes, pois as especificações de sentido que tais unidades ou expressões assumem estão subjacentes ao enunciado, contribuindo para a coesão textual.

Ainda, nem sempre uma unidade lexical é substituída por outra unidade, ou um grupo nominal, por outro, numa completa simetria morfossintática. Isso significa que o que é retomado é o sentido e o mesmo referente situacional, havendo ou não

identidade na classe gramatical ou até mesmo na função sintática dos termos antecedentes e substitutos.

Por outro lado, no decurso do texto, dois itens lexicais sinonímicos podem funcionar sem que se processe entre eles uma relação de correferência, mas havendo relação de interseção referencial ou similaridade referencial, como já mencionado no Capítulo 1 e 2. Fora da correferencialidade, posição adotada também por Antunes (1996, p. 245), a sinonímia revela-se atuante, tanto pelo aspecto reiterativo como pela reformulação, expansão e aprofundamento de sentido, dando continuidade e progressão ao texto. É por concordar com essa posição que se incluem retomadas por sinonímia com distinção referencial neste estudo, pois a condição de sinonímia fora da correferencialidade é justamente a possibilidade de retomadas, no âmbito textual, que permite, também, um acréscimo de informação pelo item lexical substituto. O aspecto reiterativo e de expansão observado em:

(57) O mercado de trabalho é cada vez mais competitivo, requer esper-teza : **ligeireza**, amparado no saber mais ampliado : e **profundo** (TP, N° 02),

evidencia-se de forma inequívoca. Os traços semânticos centrais dessas unidades são coincidentes, contribuindo para a continuidade e progressão textual.

Dessa forma, a posição é a de que há substituição sinonímica pelo processo de retomada correferencial (identidade de referentes) e por via da distinção referencial (similaridade referencial). Essa concepção se faz necessário destacar, na medida em que a sinonímia será analisada sob essa orientação no Capítulo 5.

3.1.2 Sinonímia: caso de anáfora direta

O termo anáfora é usado, atualmente, para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não) contribuindo, assim, para a continuidade tópica e referencial. Na sua essência, a anáfora é um fenômeno de semântica textual, pois constitui um sistema de relações semânticas e discursivas no universo textual.

Com base nessa idéia, há dois tipos de anáforas: direta e indireta. As anáforas diretas são formas nominais com função de retomada a elementos presentes no co-texto. As anáforas indiretas são termos sem referente direto, mas detectáveis a partir de outros elementos presentes no texto, de acordo com Koch (2004-b, p. 244-245).

As anáforas diretas, interesse central desta seção, retomam referentes previamente introduzidos, ou seja, elas podem estabelecer uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente. No caso particular da sinonímia, há equivalência semântica e, sobretudo, identidade referencial entre a anáfora e seu antecedente. Na realidade, a anáfora direta é uma espécie de substituto do elemento por ela retomado. A noção de correferencialidade é, nesses casos, importante, embora não ocorra sempre de modo estrito. Em suma, pode-se dizer que a anáfora se efetua com base na noção de que ela é um processo de reativação de referentes prévios, em conformidade com Marcuschi (2001, p. 219-220).

Essas considerações se mostram particularmente importantes na descrição da sinonímia, pois se constata, a partir do exposto, que todos os casos de sinonímia são uma forma de anáfora direta, uma vez que o termo substituto refere-se ao antecedente explícito no co-texto, porém a posição é a de que esse termo substituto tem equivalên-

cia de sentido com identidade ou distinção referencial com o termo antecedente. Nessa concepção, a sinonímia assume sempre um caráter anafórico de remissão a outro item lexical presente no texto.

Posto isso, todos os exemplos de sinonímia, nos textos analisados, são de anáfora direta, podendo ser evidenciado esse aspecto em:

(58) As autoridades municipal e estadual afirmam, categoricamente, que seus governos têm investido pesado em seus programas sociais [...] : [...] que não está recebendo a devida atenção **dos governantes** (TJ, N° 04).

No exemplo acima, o item lexical “os governantes” retoma o termo “As autoridades municipal e estadual” explícito anteriormente no co-texto. Assim, a anáfora, no caso da sinonímia, ocorre por intermédio dos grupos nominais sinonímicos, instituindo progressão e continuidade textual. Isso equivale a dizer que, neste estudo, a sinonímia não se efetua pela catáfora, tampouco se constitui em anáfora indireta. Cumpre ressaltar que a anáfora indireta foi evidenciada na seção 2.4 “Proposta de Categorização por Elos Coesivos”, no Capítulo 2.

É exemplo de anáfora indireta retirada de texto analisado:

(59) Todos admiramos os vitoriosos. Atletas como Guga e Daiane, [...] : **Esporte** é [...] (TJ, N° 02).

Nesse exemplo, inexistente um referente explícito no co-texto, mas há uma “âncora”, ou seja, outro elemento, a expressão referencial “Esporte”, que ativa um referente novo sob o modo conhecido, o item “Atletas”, constituindo-se em itens lexicais com distinção referencial.

3.1.3 Sinonímia como Substituição Lexical

De forma geral, até o presente momento, é concebido que a sinonímia evidencia essencialmente três aspectos: primeiro, a vinculação dos sinônimos com a equivalência de sentido ou reciprocidade semântica; segundo, a vinculação dos sinônimos com o processo de correferencialidade ou distinção referencial; e, terceiro, a vinculação dos sinônimos com a noção de retomada a um item antecedente explícito na seqüência textual (anafórica direta). Isso posto, a esses aspectos é acrescentada à sinonímia a noção de substituição lexical.

Halliday e Hasan (1976), na classificação das categorias coesivas, distinguem a substituição e a coesão lexical. Contrariando essa noção, a coesão lexical, nos termos considerados nesta investigação, é uma categoria da coesão textual, a reiteração é um recurso daquela categoria e a substituição é um mecanismo coesivo da reiteração, seguindo Antunes (1996). Os termos substitutos, no caso dos grupos nominais, neste estudo, podem ser preenchidos por itens lexicais, representados por uma unidade lexical, expressão nominal ou oração; desse modo, a sinonímia constitui um dos mecanismos coesivos reiterativos que faz parte da coesão lexical.

Dentro da linha que se propõe seguir, a substituição lexical é a substituição de um elemento léxico por um elemento léxico diferente, conforme o entendimento de Bernárdez (1982, p.103). O autor afirma que a sinonímia é um tipo fundamental de substituição lexical (além da pró-forma²³), porque há identidade entre o *substituendum* (aquele que substitui) e o *substituens* (aquele que é substituído). Isso quer dizer que

²³ Para Dubois et al. (c1973, p. 487), a pró-forma é a representante de uma categoria, pois significa o conjunto das propriedades comuns a todos os membros da categoria, fazendo abstração aos traços semânticos que distinguem cada membro da categoria em questão. As pró-formas são, assim, palavras muito gerais que podem ser usadas em vez de outras mais precisas, como “gente”, “pessoa”, “coisa”, “negócio”, “lugar”, “idéia”.

são predominantes, no procedimento da substituição, a equivalência semântica e a identidade referencial.

Bernárdez (1982, p. 104) argumenta, ainda, que a substituição por repetição de um lexema (por exemplo, um substantivo), não é freqüentemente utilizada, exceto em casos de “defeito lingüístico” ou, ao contrário, quando se quer obter determinados efeitos estilísticos especiais. Mais comum é a adição de um determinante ou a utilização de elementos léxicos formalmente diferentes, mas semanticamente equivalentes. Essa afirmação pode ser constatada nos textos escritos argumentativos analisados neste estudo, visto que os produtores primam pela linguagem culta e vocabulário diferenciado, privilegiando a sinonímia no processo de substituição, porém, em outros tipos de textos, é oportuno aprofundar a questão.

Considerando essa visão e retomando a noção de que a substituição lexical, nos termos considerados na presente pesquisa, é a remissão de itens lexicais à procura da não-repetição lexical que estabelece relações coesivas e dá continuidade ao texto, pode-se dizer que a sinonímia é essencialmente uma expressão referencial substitutiva. Tal perspectiva prende-se ao fato de que, quando o produtor do texto opta pela substituição lexical sinonímica e não por outros tipos de substituição lexical: a repetição, a antonímia e a hiponímia, é mais do que a escolha por não repetir uma palavra; na verdade, ele, além de evitar voltar à identidade lexical do termo usado, escolhendo outro termo com equivalência de sentido, busca, muitas vezes, dar novas informações ao termo anteriormente dito.

Na perspectiva da substituição, é de inteira relevância a consideração de que um termo antecedente pode efetuar-se também pela escolha do léxico. Isso ocorre porque a seleção lexical de um sinônimo adequado para operar a remissão é, freqüen-

temente, determinada pelo gênero textual e/ou pela variedade de língua utilizada, podendo ainda constituir uma opção estilística do produtor, de acordo com Koch (2004-b, p. 246-247).

Esta investigação tem, portanto, como princípio que a sinonímia é um tipo fundamental de substituição lexical, e que, pelas relações sinonímicas na linguagem, os termos sinônimos podem trazer novas informações ao antecedente, na medida em que se considera a língua mais do que um mero sistema de regularidades. A sinonímia, nos termos em que aqui se considera, salienta-se, pois, como um mecanismo substitutivo de relevância para o necessário encadeamento da seqüência textual.

3.1.4 Formação das Relações Sinonímicas

Como já afirmado, o processo sinonímico se realiza no âmbito textual, isto é, em princípio toda substituição sinonímica é, simultaneamente, lexical e discursiva.

No entanto, por um lado, algumas palavras intervêm no texto com suas características semânticas; por outro, é no contexto sintagmático de uso que tais características assumem suas determinações definitivas. Desse modo, há situações em que os procedimentos de substituição fundamentam-se, originariamente, ora nos paradigmas lexicais da língua, ora na construção sintagmática do texto.

Neste momento da investigação, faz-se necessário explicar o fato de existirem, na instância do texto, relações coesivas referenciais que se distinguem por dois

domínios distintos, embora inter-relacionados: a) um de ordem propriamente lexical; b) outro de ordem especificamente instancial²⁴.

Essa distinção leva a considerar os itens sinonímicos, por um lado, mecanismos coesivos particulares inseridos no sistema da língua e, por outro, enquanto mecanismos coesivos compreendidos à unidade textual, inseridos, assim, no co-texto.

A duplicidade de condições, aqui considerada, leva em conta o significado lexical da unidade (ou os seus sentidos potenciais), enquanto elemento do sistema, e o significado textual que essa unidade assume, com base no “repertório de usos dominados e conhecidos” (SCHMIDT, 1978, p. 62) e com base, ainda, nas expansões figurativas criadas pela instância particular de cada texto.

Por essa linha de consideração, entende-se, portanto, que há situações em que os procedimentos de substituição sinonímica fundamentam-se ora nos paradigmas lexicais da língua, ora na construção sintagmática do texto. Isso significa que há condições distintas da substituição coesiva lexical nas ocorrências da sinonímia, ou seja, podem ser conferidas pelo sistema ou são ligadas ao texto, em conformidade com Antunes (1996, p. 264).

Nesse sentido, a sinonímia identificada pela relação existente no sistema, pode ser determinada pela função da linguagem que predomina em uma determinada situação discursiva. Usando a terminologia de Halliday (1989, p. 18-19), pode-se dizer que, quando a função representacional (ou experiencial) está em foco, a sinonímia adquire um caráter mais denotativo, que pressupõe a natureza convencional do signo. Nesse caso, a sinonímia é descritiva para Lyons (1995, p. 59), mesmo estabelecendo

²⁴ A palavra “instancial” aparece no texto de Hasan (1984, p. 201 e 1989, p. 81), em inglês “instantial”, jargão linguístico criado pela autora, que significa, por ela explicado, inteiramente específico a um único texto, ou seja, significativo à unidade textual.

maior ou menor identidade entre os termos sinônimos, pois diz respeito a uma determinada gama de contexto.

Nessa mesma visão, Hasan (1984, p. 201-202) afirma que há palavras relacionadas ao sistema e há palavras relacionadas ao contexto do texto, ao contexto lingüístico do enunciado. A autora cita os termos “escrever” e “rabiscar” que são coerentes entre si. O elo semântico entre eles é o da similaridade de seu significado experiencial (de uso). Entretanto, a similaridade de significado experiencial entre esses dois itens é um fato relativo ao sistema da língua. Por isso, torna-se possível criar uma citação em que eles são dissociados de um contexto de enunciação real. Já as relações lexicais instancias são ligadas ao texto. Sua inteligibilidade é um artefato do próprio texto, e não se estendem ao sistema, já que sua significação é adquirida pelo contexto lingüístico específico de um único texto.

Observando o enunciado:

(60) O carro desapareceu na avenida. **A lata enferrujada** nunca mais foi vista.

Nesse caso, o sintagma nominal “a lata enferrujada” é considerado, do ponto de vista funcional, sinônimo de “carro”, pela identidade de referência. A identidade de referência, no exemplo (60), manifesta-se no texto e assume fatores desse texto.

Dessa forma, quando a função expressiva predomina no discurso, a sinonímia ultrapassa o seu valor puramente lexical, para poder desempenhar outros “atos ilocutórios”, como criticar, elogiar, ironizar, ou até mesmo informar. Assim, a sinonímia instancial, muitas vezes, pode trazer novas informações, o que vai além de seu papel coesivo; é o que Lyons (1997, p. 91) chama de significado expressivo (não-descritivo).

Em ocorrências que incluem unidades ou expressões sinônimas, por um lado, encontram-se palavras que, desde o sistema, não são sinônimas, ou o são muito parcialmente, mas, em razão das formações discursivas em que se inserem, ganham um valor de equivalência e desempenham uma função claramente reiterativa e relevante para a continuidade do texto. Ao contrário disso, encontram-se palavras que, no nível do léxico, são consideradas em relação de sinonímia, mas que, no âmbito do texto, parecem não preencher uma função coesiva, dada a desvinculação tópica ou predicativa que manifestam, ou seja, embora sinônimas, não estabelecem uma interligação em duas ou mais passagens do texto, posição defendida por Antunes (1996, p. 236).

Há que se ponderar ainda a visão de Lyons (1979, p. 480) quando afirma que “mais do que qualquer outra relação de sentido é a sinonímia dependente do contexto, e de maneira interessante do ponto de vista teórico”. O autor acrescenta que, em princípio, todas as relações de sentido são dependentes do contexto, mas a sinonímia determinada pelo contexto é de particular importância. Ela pode inserir-se no quadro do princípio geral de que na língua a mesma informação pode ser comunicada sintagmática ou paradigmaticamente. Se uma unidade lexical qualquer é freqüentemente modificada sintagmaticamente de um modo particular, isso pode ter, diacronicamente, o efeito de transferir a distinção do sintagmático para o paradigmático e tornar redundante a modificação sintagmática explícita. Por exemplo, isso é o que ocorre com o sentido do verbo “morrer de fome”. Antes significava apenas “morrer”; modificado sintagmaticamente por “de fome”, assumiu, então, o sentido que agora se usa. É o mesmo caso de “Estou morrendo de frio”.

Isso posto, neste estudo, as relações sinonímicas são construídas no contexto do texto ou a partir das relações lexicais inseridas no sistema da língua. Assim, no tex-

to, o produtor pode tornar sinônimas palavras ou expressões que em outro contexto não o são.

3.2 SINONÍMIA: PROPOSTA CLASSIFICATÓRIA

Nesta seção do trabalho, busca-se a categorização do processo sinonímico, organizada a partir da fundamentação teórica e da observação nos textos analisados e que tem nos argumentos diferentes manifestações, as quais são caracterizadas e descritas pela articulação das diferentes formas de uso dos termos substitutos e antecedentes. As unidades ou expressões nominais sinônimas que substituem, em todas as categorizações, podem ser precedidas de determinantes (artigo definido ou indefinido, pronome possessivo, pronome demonstrativo, numeral ou pronome indefinido).

Tendo em vista que a proposta fundamental é o aprofundamento da categoria sinonímica, considerando a afirmação de Lyons (1979, p. 479): “é possível estender a aplicação do termo sinonímia a grupos de unidades lexicais que se reúnem numa dada construção, assim como a unidades lexicais individuais”, distinguem-se, neste estudo, as manifestações da substituição sinonímica quanto à estrutura:

- por unidades sinônimas;
- por perífrases sinonímicas.

Além disso, considerando a existência dos dois domínios distintos, embora inter-relacionados, na formação das relações sinonímicas, posicionamento já mencionado na seção anterior, distinguem-se as manifestações da substituição sinonímica, quanto à formação:

- sinonímia lexical;
- sinonímia instancial.

Assim, a seguir, são aprofundadas as categorias acima mencionadas, observando que as manifestações sinonímicas quanto à estrutura e quanto à formação não são excludentes. Isso quer dizer que podem ocorrer sinonímias por unidades ou por perífrases tanto na sinonímia lexical quanto na sinonímia instancial.

3.2.1 Sinonímia Quanto à Estrutura

Os mecanismos coesivos sinonímicos constituem itens em diferentes segmentos (por unidades, expressões ou orações). Em razão dessa noção, neste estudo, distinguem-se, quanto à estrutura: por unidade sinônima e por perífrase sinonímica.

3.2.1.1 Substituição Lexical Sinonímica por Unidade

A substituição lexical sinonímica por unidade ocorre quando dois itens lexicais têm equivalência de sentido e o item substituído é uma unidade, envolvendo o mecanismo da substituição, propiciando coesão e continuidade ao texto. Essa possibilidade corresponde, por exemplo, às seguintes formas remissivas lexicais: “velho” : “idoso”; “professor” : “mestre”; “páginas” : “folhas”, como sinônimas no contexto do texto.

A substituição lexical sinonímica por unidades pode enquadrar-se no tipo de repetição “paráfrase simples”, ou seja, quando um item lexical pode ser substituído por outro sem perda ou ganho de especificidade e sem mudança observável de significado, conforme Hoey (1991, p. 62-64).

Além disso, uma referência genérica pode ser retomada por outra, também genérica, ou seja, se os termos gerais têm equivalência de sentido, é considerada a

substituição dentro dessa ocorrência. São casos: “seres humanos” : “a humanidade”; “as pessoas” : “os indivíduos”, “a população” : “muitos indivíduos”.

São exemplos de sinonímia por unidades lexicais retirados dos textos analisados:

- a) o emprego : **o trabalho** (TA, N° 04)
- b) os alunos : **os educandos** (TA, N° 03)

Nos exemplos acima, os itens lexicais substitutos constituem uma unidade sinônima, levando em consideração que a sinonímia depende essencialmente do contexto em que se encontram os itens lexicais. Esse tipo de ocorrência é constatado em todos os textos analisados.

3.2.1.2 Substituição Lexical Sinonímica por Perífrase

Na substituição lexical por perífrase sinonímica, o termo substituto envolve expressões ou orações que substituem, com o mesmo sentido ou sentido aproximado, um termo anteriormente mencionado. Toma-se como base para a conceituação de perífrase, neste trabalho, a definição proposta por Dubois et al. (c1973, p.464): “perífrase é uma figura da retórica que substitui um termo próprio e único por uma seqüência de palavras, uma locução que o define ou o parafraseia”. Portanto, é assumida, na presente investigação, a ocorrência da substituição lexical por perífrase sinonímica quando o termo substituto envolve expressões nominais ou orações que explicam a equivalência de sentido, isto é, não se limitando a uma unidade.

Nessa perspectiva, à noção de sinonímia por perífrase também se enquadra a locução verbal, uma vez que essa locução (que recebe, ainda, a denominação de perífrase verbal ou conjugação perifrástica) é o conjunto verbo auxiliar mais verbo principal

(no infinitivo, gerúndio ou particípio). A esse tipo de perífrase, Câmara Jr. (1991, p. 191) denomina perífrase morfológica. São exemplos: “venho propor”, “estava falando”, “tinha pensado”.

Com o intuito de ampliar ainda mais este conceito, as preposições “a”, “de” e “para” podem entrar na construção de perífrases verbais (com infinitivo). São exemplos: com a preposição “a” - “punha-me a oferecer”, “chegou a hesitar”, “comecei a oscilar”, “continuava a mastigar”; com a preposição “de” - “acabei de falar”, “basta de proteger”, “tratei de ficar”, “cansei de falar”; com a preposição “para” - “está para roubar”, “tenho *um freguês* para visitar”, “tenho *uma coisa* para fazer”, de acordo com Neves (2000, p. 623, 667, 700).

Na perífrase lexical, denominação também atribuída por Câmara Jr. (1991, p. 191), a substituição consiste em duas ou mais palavras lexicais. Usa-se a perífrase lexical por três motivos principais: 1) por eufemismo (ex.: “um amigo do alheio”); 2) por intuito de definição (ex.: “linhas que nunca se encontram”); 3) pelo desejo de aludir a uma circunstância que a palavra própria pode não evocar (ex.: “a Cidade Eterna”).

As perífrases sinonímicas cumprem um papel fundamental, pois mantêm o núcleo da informação semântica pretendida na enunciação do antecedente, e salientam-se pela heterogeneidade peculiar ao dinamismo das realizações textuais. A pretensão de voltar às referências anteriormente construídas é regulada por padrões sintático-semânticos e exorbita a identidade das unidades envolvidas e, mais ainda, a linearidade simplista que a própria denominação de substituição pode sugerir.

São exemplos retirados dos textos analisados:

- a) não conseguem : **não são capazes** (TA, Nº 03)
- b) não espanta significativamente : **continuam a apostar** (TP, Nº 01)
- c) os professores : **o profissional da educação** (TP, Nº 03)

Em todos os exemplos acima, o item lexical da segunda ocorrência do segmento textual explica, com equivalência de sentido, o termo anteriormente mencionado, por meio de seqüências de palavras ou uma locução que o define ou parafraseia.

Vale ressaltar que o emprego da sinonímia em ambas as formas, por unidade ou por perífrase, está presente em todos os textos analisados e que a ocorrência da substituição sinonímica por perífrase é bem mais expressiva, confirmando a relevância desta substituição lexical sinonímica para a verificação de seu papel na criação da organização coesiva do texto.

3.2.2 Sinonímia Quanto à Formação

Na seqüência, firma-se o propósito de distinguir a sinonímia quanto à sua formação, uma vez que a adequação de seu emprego deriva de dois domínios de mecanismos referenciais sinonímicos, como já mencionado neste trabalho: lexical e instancial. Nesses domínios, podem ocorrer sinonímias por unidades ou por perífrases, indistintamente.

3.2.2.1 Sinonímia Lexical

A sinonímia lexical representa a equivalência de sentido descritivo, em conformidade com Lyons (1995, p.59). Isso equivale a dizer que os termos sinônimos compartilham um significado enquanto elementos particulares inseridos no sistema da língua, pois pressupõem a natureza convencional do signo, mas se realizam como termos sinônimos na situação textual.

Nessa perspectiva, o sentido da expressão referencial sinonímica prende-se ao significado lexical dos itens sinônimos, definindo-se por meio de uma relação paradigmática entre termos com a mesma denotação, relacionando-se ao sistema da língua.

Proceder a uma substituição como:

- a) milhares : **uma quantidade muito grande** (TA, N° 01)
- b) para executar : **para desempenhar** (TA, N° 02)
- c) os cursos de graduação : **o terceiro grau** (TA, N° 03)

ganha sentido desde as definições lexicais das unidades, ou seja, a equivalência de sentido se realiza desde o potencial da instrução léxica dos termos citados.

3.2.2.2 Sinonímia Instancial

No caso da sinonímia instancial, os itens lexicais sinonímicos dependem do próprio texto, pois não pertencem a campos semânticos comuns no sistema lingüístico abstrato-conceitual. A sinonímia instancial parte de uma relação sintagmática entre os termos sinônimos, implicando a inclusão de aspectos do co-texto. Em outras palavras, aquilo que se refere está explicitado no texto anaforicamente em uma situação específica: o mecanismo referencial sinonímico se exaure no texto.

Desse modo, a sinonímia instancial pode se adequar à definição proposta por Hasan (1984, p. 201-202): “as relações lexicais instanciais são ligadas ao texto. Sua validade é um artefato do próprio texto, e não se estendem ao sistema da língua”. Em outras palavras, há expressões referenciais sinônimas pelas contingências das instâncias textuais, porque sua significação se realiza pelo contexto lingüístico do texto.

As formas-padrão dessa caracterização são os itens lexicais substitutivos representados por termos figurados²⁵, pelas descrições definidas e por expressões mais gerais que substituem ou retomam expressões mais específicas, com a particularidade de designarem o mesmo referente situacional no texto.

A substituição sinonímica instancial por termos figurados ocorre quando o item lexical substituto desvia-se da sua significação própria, efetivando-se equivalência de sentido entre esse item lexical e seu antecedente. Nessa forma de retomada entre itens lexicais, há sinonímia entre o termo antecedente e o substituto em sentido figurado. Nessa perspectiva, a sinonímia instancial por termos figurados não é somente uma figura literária, mas um mecanismo cognitivo que se utiliza para processar informações abstratas a partir de conceitos mais concretos, simples e familiares. Essa manifestação sinonímica ocorre nos textos analisados principalmente como expressão metafórica. São exemplos retirados dos textos analisados:

- a) formação superior : **o canudo** (TA, N° 05)
- b) a globalização : **o ritmo global** (TA, N° 05)
- c) um emprego : **um lugar ao sol** (TP, N° 05)

Pela análise dos textos, pode-se perceber que se encontram, também, situações cujos substitutos são descrições definidas, exercendo a função de fortes operadores da continuidade referencial do texto. Esse mecanismo referencial pela retomada por descrições definidas, nesta investigação, constitui uma das formas-padrão da substituição sinonímica instancial.

²⁵ Segundo Dubois et al. (c1973, p.277), “diz-se que uma palavra tem sentido figurado, ou que está empregada em sentido figurado, quando definida pelos traços “animado” ou “concreto”, se lhe atribui no contexto de uma expressão ou de uma frase o traço “não-animado” (coisa) ou “não-concreto” (abstrato). Assim, em “o caminho da vida”, “caminho”, que tem o traço “concreto” e recebe o traço “não-concreto”, está empregado no sentido figurado.”

As descrições definidas são reconhecidas como um dos expedientes lingüísticos referenciais de grande relevância, uma vez que permitem não só a identificação da entidade referida, mas ainda atribuem propriedades ou qualidades capazes de caracterizar o referente: são os usos referencial e atributivo das descrições, posição defendida por Donnellan (1998, p. 176)²⁶.

As seguintes configurações podem assumir as expressões referenciais definidas em português, como observa Koch (1998; 2002, p. 87; 2004-a, p.68):

Determinante + Nome

Determinante + Modificador(es) + Nome + Modificador(es)

Determinante = Artigo Definido ou Demonstrativo

Modificador = Adjetivo, SP, ou Oração Relativa.

A autora menciona que o uso de uma descrição definida implica sempre uma escolha dentre as propriedades ou qualidades capazes de caracterizar o referente, escolha essa que é feita, em cada contexto, em função dos propósitos a serem atingidos pelo produtor do texto. São exemplos citados por Koch (1998, p. 3):

(61) Michael Jackson acaba de lançar no mercado um novo CD. Acredita-se, contudo, que **o famoso cantor** não terá desta vez o mesmo sucesso de épocas anteriores.

(62) Michael Jackson acaba de lançar no mercado um novo CD. Acredita-se, contudo, que **o desencaminhador de menininhos** não terá desta vez o mesmo sucesso de épocas anteriores.

No exemplo 61, pela escolha da descrição definida “o famoso cantor”, o produtor informa ao leitor uma qualidade relativa ao referente situacional. No exemplo 62, por meio do uso da descrição definida “o desencaminhador de menininhos”, o produtor enfatiza a sua opinião sobre o referente.

²⁶ O interesse na teoria das descrições surgiu, atualmente, do artigo “Reference and Definite Descriptions”, publicado em 1966, de Keith Donnellan, reimpresso em 1998.

Dado o exposto, a posição adotada é a de que a ocorrência da substituição lexical sinonímica instancial pode envolver as expressões nominais definidas, pois identificam a entidade referida correferencialmente, indicando-lhes propriedades ou qualidades (atributos), por meio dos elementos indicadores de sua caracterização. São imanes ao texto e não se estendem ao sistema da língua.

São exemplos retirados dos textos analisados:

- a) os jovens : **esses moços** (TP, N° 01)
- b) Daiane : **essa menina** (TJ, N° 02)

Importante é ressaltar que há ocorrências de algumas descrições definidas com termos figurados. Assim, as explicações fornecidas até o momento servem para explicitar a sinonímia instancial, porém, na contagem dos itens para a análise, são somados os termos pela classificação sinonímica lexical ou instancial, sem que sejam observadas as formas-padrão mencionadas.

A sinonímia instancial pode ser representada, também, pela relação entre um item lexical mais geral, antecedente ou substituto, com outro item lexical mais específico, com a particularidade de implicar o mesmo referente situacional. Essa ocorrência sinonímica tem base na afirmação de Lyons (1979, p. 483-484), quando sugere a possibilidade de definir a relação de sinonímia como “hiponímia simétrica”. Isto é, a hiponímia propriamente dita tem relação unilateral, assimétrica, como entre “tulipa” e “flor”, mas a sinonímia, como um caso especial de hiponímia, tem propriedade adicional de ser uma relação simétrica, como entre “acadêmico” e “aluno”, desde que no contexto particular do texto um possa ser substituído pelo outro, com reciprocidade de sentido e identidade referencial.

Esse tipo de sinonímia instancial também se fundamenta em Halliday (1985, p.310-311), que prevê a possibilidade de sinonímia entre um item mais específico e outro item com um nível mais alto de generalidade. O autor cita como exemplos: “melros” : “passarinhos”; “um porco : a criaturinha”. Esses exemplos são mencionados na seção 1.2.2 “Mecanismos de Coesão Lexical sob Diferentes Perspectivas”, no Capítulo 1 deste trabalho, apresentados no seguimento textual.

São exemplos retirados dos textos analisados:

- a) o jovem : **o aluno** (TP, N° 01)
- b) formação acadêmica : **o curso** (TA, N° 01)

Nos exemplos citados, os termos substitutos são considerados sinônimos instanciais pela identidade referencial e reciprocidade de sentido no texto. Nesse caso, o item mais específico pode se encontrar no item lexical substituto ou no antecedente, assim como o termo mais geral.

No que diz respeito à sinonímia instancial com distinção referencial, essa ocorre quando os elementos antecedente e substituto se encontram no mesmo campo geral de significado, possuindo traços comuns, sem que haja sobreposição de significação, e manifestando-se com distinção referencial. Na maioria das vezes, esses itens lexicais se seguem numa cadeia consecutiva seqüencial, dando continuidade ao texto. Tais séries funcionam, assim, como mecanismo de reforço, de reformulação, de expansão ou de aprofundamento, uma vez que os termos que se seguem ao primeiro tendem a confirmar o aspecto central do seu sentido. Esse tipo de seqüência sinonímica é reiterativa e interveniente na continuidade e progressão textual. São exemplos:

- a) a vida humana : **a vida cotidiana** (TP, N° 02)
- b) o ensino técnico que habilita para muitas tarefas : e **garante** o emprego (TP, N° 02)

Essa manifestação de sinonímia instancial mostra-se presente em quase todos os textos analisados, porém esse uso da sinonímia com distinção referencial é pouco significativo em relação à sinonímia correferencial nos textos desta pesquisa.

Segundo o ponto de vista desta investigação, portanto, as diferentes formas de expressão dos itens lexicais sinônimos apresentadas são consideradas mecanismos coesivos sinonímicos, as quais servem de parâmetro para a análise dos textos que compõem o *corpus* deste trabalho.

Para o reconhecimento dos termos envolvidos que são registrados na análise dos dados como sinônimos, são apresentadas, a seguir, a proposta conceitual e a caracterização classificatória:

| SUBSTITUIÇÃO LEXICAL SINONÍMICA | | |
|---|----------------------------|---|
| PROPOSTA CONCEITUAL: A substituição sinonímica define-se como a retomada de um item lexical por outro item lexical com equivalência de sentido ou reciprocidade de propriedades semânticas, dependente de elementos explícitos no co-texto, efetivando-se pelas vias da correferencialidade ou da distinção referencial, manifestando-se como uma expressão referencial essencialmente substitutiva, nem sempre intercambiável, e podendo o substituto introduzir novas informações, cumprindo a função de reforço, reformulação, ampliação ou aprofundamento. | | |
| CLASSIFICAÇÕES | | CARACTERÍSTICAS |
| . Quanto à Estrutura | 1 – Por Unidade de Palavra | A substituição sinonímica se efetiva por unidade de palavra. |
| | 2 – Por Perífrase | A substituição sinonímica se efetiva por sintagma, expressão nominal ou oração. |
| . Quanto à Formação | 1 – Lexical | Os termos do elo são sinonímicos desde o sistema da língua. |
| | 2 – Instancial | Os termos do elo são sinonímicos no co-texto, no contexto particular do texto, cujas formas-padrão são: termos figurados e descrições definidas, no termo substituto, bem como um item do elo mais geral retomando outro item mais específico, com o mesmo referente situacional. |

Quadro 6 – Conceituação, Classificação e Caracterização da Sinonímia

As classificações no Quadro 6 constituem o que se denomina, aqui, de substituição lexical sinonímica. Abarcam alguns aspectos diferenciadores, explicitados neste capítulo, no entanto o teor coesivo da retomada pela substituição sinonímica destaca-se pelo uso do item lexical que retoma segmentos prévios do texto. Tal uso revela, além do cuidado por fazer variar a realização lexical no texto, as providências do produtor no sentido de especificar ou esclarecer passagens já introduzidas. Sublinha-se, ainda, que a sinonímia não se restringe à identidade referencial, e que, bem como no domínio da distinção referencial, a ocorrência da sinonímia tem evidente valor coesivo.

No próximo capítulo, a metodologia de análise é apresentada, com aplicação do cálculo do grau de textura e da sinonímia, baseada no Modelo de Hasan e no Modelo Proposto.

CAPÍTULO 4

SINONÍMIA E TEXTURA: METODOLOGIA PARA ANÁLISE

Com base na fundamentação teórica apresentada nos Capítulos 1, 2 e 3, o objetivo deste capítulo é construir a metodologia para que se possa demonstrar os procedimentos de análise das categorias por elos coesivos que criam a textura e o funcionamento da sinonímia, avaliando a sua contribuição para a textura na condição de mecanismo de coesão lexical.

Antes de passar aos esclarecimentos sobre a proposta de análise, os procedimentos para o levantamento dos dados e os modelos de análise, o presente trabalho se detém no tipo de pesquisa e na descrição do *corpus*.

4.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa consiste no estudo de um *corpus* constituído de textos de três grupos de produtores: acadêmicos de Letras, profissionais de Letras e escritores-colaboradores de jornal (articulistas) com formação em Letras. Apresenta um estudo de correlação entre as variáveis centrais: sinonímia e textura e a variável interveniente: grupo textual, considerando os tipos de produtores.

Para avaliar a contribuição da sinonímia para a textura no *corpus* deste trabalho, procedeu-se, inicialmente, a uma análise quantitativa, identificando os elos, as cadeias, as categorizações por elos coesivos, as interações entre as cadeias coesivas, o grau de textura, a sinonímia nas diferentes manifestações, o grau de sinonímia e a contribuição da sinonímia na textura com os respectivos índices evidenciados. O levantamento quantitativo propiciou que se fizesse também uma análise qualitativa, realizada na discussão dos dados, apresentados no Capítulo 5.

4.2 DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* desta pesquisa é constituído de 15 textos argumentativos em língua portuguesa escrita, produzidos por 5 acadêmicos do Curso de Letras, 5 profissionais conceituados da área de Letras, que produziram os textos acerca do mesmo tema dos acadêmicos, e 5 escritores-colaboradores de jornal com formação em Letras, que publicaram seus textos na seção “Opinião”, no Jornal Zero Hora, de Porto Alegre, entre 1996 a 2005. Em vista disso, os textos argumentativos elaborados pelos acadêmicos e pelos profissionais versam sobre o mesmo tema, enquanto os textos de opinião escritos pelos articulistas abordam diferentes assuntos, elaborados com o objetivo de serem publicados em jornal.

4.2.1 Texto Escrito Argumentativo

O presente estudo está delimitado à expressão escrita e à estrutura textual argumentativa, como já mencionado. A opção por esse tipo de texto deve-se à frequência do seu uso nas aulas dos acadêmicos²⁷. Por diversas razões, é, atualmente,

²⁷ A autora deste trabalho é professora de ensino superior na ULBRA de Torres (RS).

na forma escrita que se encontram as maiores dificuldades dos alunos universitários, por isso merece a atenção dos professores no ensino superior. Além disso, entre as especificidades da língua escrita, a argumentação é a que exige maior emprego da língua culta²⁸, fazendo com que haja também maior preocupação em relação à coesão.

Um dos mais importantes recursos do texto argumentativo é a unidade, ou seja, o texto argumentativo deve tratar de “uma única idéia”, não podendo nele haver informações desencontradas, pois a não-contradição e a consistência argumentativa são essenciais para a defesa de um ponto de vista. Essa unidade também é garantida pela coesão, a qual se refere à relação entre as partes do texto que, tomadas como um todo, devem constituir um ato de argumentação.

A argumentação, no meio acadêmico, é uma atividade de referência indireta, e os estudantes têm de parafrasear discursos constantemente. A paráfrase é uma atividade metalingüística que denota um grande domínio da língua. Retomar enunciados nominalizando-os é uma tarefa particularmente difícil, pois a retomada nominal deve conceituar, ao mesmo tempo, os conteúdos do co-texto e a visão argumentativa, posição defendida por Déneraud e Jespersen (1992, p. 81).

Além dos textos argumentativos escritos por acadêmicos, com o intuito de compará-los com outros textos, são escolhidos textos opinativos de profissionais da área de Letras com produção escrita reconhecida, e textos que se encontram na coluna denominada “Opinião”, publicados no jornal Zero Hora, de Porto Alegre, no qual cidadãos, geralmente pessoas de nome ou de influência no Estado do Rio Grande do Sul, expõem o que pensam sobre acontecimentos cotidianos.

²⁸ Língua culta, segundo Emediato (2004, p.118), é o registro de linguagem adotado em situações formais de comunicação: textos oficiais, acadêmicos, profissionais, literários.

Entre a divisão clássica em relação às colunas de jornais, está a que Bond (1962, p. 240-244) denominou de “coluna editorial assinada”, que caracteriza a coluna de opinião. Para o autor, essa coluna é semelhante ao editorial na sua forma, mas um editorial com o elemento pessoal, pois divulga as opiniões e as idéias que o colunista mantém na ocasião. Afirma o autor que esse tipo de texto tem, freqüentemente, um propósito oracular²⁹, boa redação e sólida argumentação. Muitos leitores voltam-se para a coluna de editorial assinado, buscando estímulo e orientação sobre o posicionamento da publicação.

Sendo assim, os três tipos de textos se parecem na sua essência: a opinião, uma vez que são produções que exprimem um ponto de vista, procuram defender uma tese e tentam persuadir o leitor.

4.2.2 Seleção dos Textos para o *Corpus*

4.2.2.1 Textos dos Acadêmicos

Os 5 textos dos alunos foram produzidos por acadêmicos da Universidade Luterana do Brasil, Campus de Torres (ULBRA/Torres), do Curso de Letras, no “Concurso de Texto Jornalístico”, realizado em setembro e outubro de 2001.

Nesse concurso, os universitários, de diferentes cursos e semestres, elaboraram textos em que expressaram sua opinião sobre o seguinte tema: “Formação Acadêmica e Mercado de Trabalho”, o qual lhes foi apresentado no momento da produção textual.

²⁹ Oracular, segundo Ferreira (2004, CD-ROM), é próprio de oráculo; doutrinar. “Oráculo” significa palavra, sentença ou decisão inspirada, infalível, ou que tem grande autoridade.

As instruções para a elaboração dos textos incluíram orientações sobre o tema, a tipologia textual, a duração máxima (110 minutos), a extensão (no mínimo, 35 linhas e, no máximo, 45 linhas) e o título coerente com a produção. Foram dispensados 10 minutos para as instruções, dadas oralmente, e para a execução da redação e preenchimento de questionário (com questões fechadas) foram concedidas duas aulas, que totalizaram 120 minutos. Cada aluno fez a sua produção em rascunho e passou a limpo em folha previamente determinada. Assim, os textos foram produzidos em sala de aula, com a presença da pesquisadora, em espaço cedido por professores de diferentes disciplinas.

É oportuno salientar que foi sugerido o emprego da língua culta, tendo em vista tratar-se de texto argumentativo. Os alunos foram informados sobre o público-leitor, os critérios que seriam levados em conta para a seleção das produções, a forma da publicação dos melhores textos (Regulamento do Concurso – Anexo A) e que, posteriormente, serviriam de instrumento de pesquisa.

Os textos foram selecionados para o Concurso pela atribuição de médias dadas por professores participantes da Comissão Julgadora do Concurso (de 0 a 10). Portanto, a cada texto de acadêmico foi atribuída uma média, que é também um índice a ser comparado neste estudo.

Na seleção dos textos, pela Comissão Julgadora, foram eliminados os trabalhos que não apresentavam, no mínimo, 35 linhas, ou ultrapassavam 45 linhas na folha destinada à produção textual, seguindo-se também as normas do regulamento e as instruções para a elaboração dos trabalhos. Ainda foram eliminados textos pela fuga ao tema proposto ou por não serem de caráter argumentativo, conforme critérios de seleção previamente estabelecidos pelo regulamento do Concurso.

Para fazerem parte do *corpus* desta pesquisa, depois do término do Concurso, foram selecionados 5 textos de acadêmicos do Curso de Letras, com base nas médias atribuídas pela comissão do Concurso: 3,4; 4,2; 6,2; 8,5 e 9,0, para cada texto. Desse modo, dois textos são fracos, um é mediano e dois são considerados de boa-formação pela comissão avaliadora. Essa escolha justifica-se, tendo em vista não só o cotejamento entre esses textos, como também entre os graus atribuídos pelo Concurso e o grau de textura neles evidenciado.

Além disso, para a análise e comparação com textos considerados, em princípio, proficientes, foi solicitada a elaboração de 5 textos de profissionais, também da área de Letras, e selecionados outros 5 de escritores-colaboradores de jornal, com formação em Letras, a seguir descritos.

4.2.2.2 Textos dos Profissionais

Os 5 textos dos profissionais da área de Letras foram produzidos entre junho e julho de 2005, a partir da solicitação da pesquisadora a colegas-profissionais, os quais são professores universitários com destaque no mercado de trabalho e que têm publicações em revistas ou jornais nacionais.

Os profissionais produtores dos textos, todos com doutorado em Letras, elaboraram um texto opinativo em que expressaram sua visão sobre o mesmo tema dado aos estudantes: “Formação Acadêmica e Mercado de Trabalho”.

Os critérios para a inclusão desses professores neste grupo foram: 1. serem profissionais da área de Letras; 2. exercerem a profissão de professor; 3. serem doutores; e 4. terem publicações na imprensa escrita. Também, cada profissional preencheu

um questionário sucinto sobre seus dados pessoais e profissionais, não havendo a necessidade de revelar seu nome. Ainda foi explicado o objetivo da pesquisa e foram solicitadas a criação do texto (formato: 3cm de margem superior, inferior e esquerda e 2cm de margem direita; espaço entre linhas de 1,5; fonte *Times New Roman* no corpo 12; aproximadamente uma página) e a devolução da produção à pesquisadora dentro do prazo de 20 dias (Modelo de questionário e Instruções no anexo B).

4.2.2.3 *Textos Jornalísticos*

Foram selecionados 5 textos do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, da seção “Opinião”, publicados entre os anos de 1996 e 2005, já mencionado. A escolha dos artigos atendeu aos seguintes requisitos básicos: 1. serem elaborados por profissionais da área de Letras; 2. caracterizarem-se como texto de opinião. O assunto tratado não foi relevante para a seleção, como também foram respeitadas as particularidades de cada produção escrita.

Importante é ressaltar que todos os articulistas foram consultados por esta pesquisadora, os quais consentiram na análise de suas produções para os fins desta pesquisa.

4.3 PROPOSTA DE ANÁLISE

Na seqüência deste trabalho, busca-se elaborar uma proposta de análise. Alguns procedimentos já foram explicitados no Capítulo 2, nas seções 2.4 “Modificações Introduzidas ao Modelo de Hasan”, que identifica como a formação de cadeias e a interação entre as cadeias coesivas são conduzidas para a análise dos textos deste estudo, e 2.5 “Proposta de Categorização por Elos Coesivos”, que apresenta a proposta

de categorização por elos coesivos para a avaliação da textura no *corpus* desta investigação, pertinentes naquele momento do trabalho.

Assim, são apresentados os procedimentos na identificação das categorias dos elos coesivos para avaliar a textura e a classificação da sinonímia para caracterizar sua manifestação no funcionamento da textura.

4.3.1 Condições para o Processo de Categorização

Identificar as manifestações dos mecanismos coesivos impõe, naturalmente, etapa preliminar. A identificação desses mecanismos é o elo coesivo que estabelece relação semântica entre dois termos. As relações semânticas desses elos geram a coesão entre os segmentos no texto, e a função coesiva desses mecanismos cria a textura do texto.

Por sua vez, reconhecer as ocorrências dos mecanismos coesivos supõe as definições de cada categoria das manifestações, apresentadas nos Capítulos 2 e 3 deste trabalho. Tais mecanismos podem manifestar-se, como já visto, por segmentos textuais mais amplos que a unidade textual, ratificando a decisão de tratar a palavra não separadamente, mas em conjunto, formando um único sentido.

Dessa forma, a identificação da retomada dos itens coesivos é estabelecida pelas seguintes condições:

- I. equivalência de sentido e identidade referencial;
- II. reciprocidade de propriedades semânticas e identidade referencial;
- III sem sentido próprio e identidade referencial;
- IV. nível alto de generalidade semântica e identidade referencial;
- V. repetição morfossemântica com identidade referencial ou distinção referencial;
- VI. distinção referencial (ou seja, similaridade referencial) .

Nos casos (I) e (II), encontra-se a sinonímia com equivalência de sentido ou reciprocidade de propriedades semânticas, na condição de correferencialidade. Assim, os itens lexicais sinônimos pertencem às cadeias de identidade, podendo não pertencer à mesma classe de palavras. O critério adotado para a consideração da substituição sinonímica pode ser exemplificado pelas ocorrências:

- a) o recém-formado : **o egresso** (TP, N° 03)
- b) formação superior : **o terceiro grau** (TA, N° 05)
- c) novos cursos : **novas portas** (TP N° 02)
- d) boas perspectivas profissionais : **um bom lugarzinho ao sol** (TP, N° 01)
- e) Daiane : **essa garotinha negra** (TJ, N° 02)
- f) o jovem : **o acadêmico** (TA, N° 04)
- g) acadêmicos : **alunos** (TA, N° 03)

Nos exemplos (a) e (b), a sinonímia se manifesta pela substituição lexical, que se constitui, em (a), por unidade de palavra, em (b), por perífrase sinonímica. Nos outros exemplos, a sinonímia se configura instancial, por unidades de palavras ou perífrases sinonímicas: em (c), (d) e (e), os segmentos substitutivos são palavras ou expressões em sentido figurado ou descrições definidas; em (f) e (g), um dos elementos é um termo mais geral e o outro mais específico, com identidade referencial no texto. Consideram-se, portanto, esses tipos de reiteração sinonímica no âmbito da coesão textual, tendo em vista a correferencialidade entre os itens lexicais antecedentes e substitutos.

Contudo, vale lembrar, e projetando, especialmente, os casos particulares da substituição por equivalência de sentido, a inexistência de sinonímia com identidade de sentido ou, em outros termos, a existência de uma escala ou graus de sinonimidade, seguindo Lyons (1979, p. 475).

No terceiro caso (III), encontram-se as retomadas por pronominalização e por elipse. Os termos substitutos possuem o caráter comum de serem dependentes do termo antecedente para a sua interpretação. Dessa forma, são sempre correferenciais, integrando as cadeias de identidade. São exemplos:

- a) os vocábulos da moda : **os** que (TJ, N° 01)
- b) os editores e livreiros [...] : [...] \emptyset **não conseguem vender** (TJ, N° 03)

No caso (IV), efetua-se a anáfora conceitual, pois, no ato de englobar ou resumir, o termo substituto expressa a mesma identidade referencial e generaliza a entidade referida, situando-se nas cadeias de identidade. São ocorrências em:

- a) para o prazer de ler : **esse propósito** (TJ, N° 03)
- b) por mais objetivos que sejam os critérios adotados, sempre haverá o problema da subjetividade : **Isso** significa [...] (TJ, N° 05)

No (V), ocorrem a repetição total, com identidade de referência, e a repetição parcial, com alguma alteração na forma repetida; esta última se distingue pela correferencialidade ou distinção referencial. Os tipos referidos são explicitados pelas ocorrências:

- a) a biblioteca : **a biblioteca** (TJ, N° 03)
- b) as bibliotecas escolares brasileiras : **as bibliotecas** (TJ, N° 03)
- c) ao buscar : **a busca** (TP, N° 04)
- d) profissionalização : **o profissional** (TP, N° 01)
- e) os candidatos : **os candidatos qualificados** (TP, N° 04)

O exemplo (a) é de repetição total; em (b) e (c), há repetição parcial entre os itens lexicais. Ambos os casos são correferenciais e pertencem às cadeias de identidade. Nos exemplos (d) e (e) há repetição parcial, porém veicula informação nova ou modificada com distinção referencial, pertencendo às cadeias de similaridade.

No sexto caso (VI), com distinção referencial, mas traços em comum, a retomada ocorre por hiponímia, antonímia, anáfora indireta e, em alguns casos, por sinonímia. Na hiponímia, o termo antecedente inclui o termo substituto; na antonímia, há oposição semântica entre os itens lexicais coesivos; e, na anáfora indireta, a caracterização se evidencia por não haver um antecedente explícito no co-texto, mas pela presença de uma “âncora” que o identifica. Nesses casos, ressaltam a interseção referencial, pertencendo às cadeias de similaridade. São exemplos de retomadas por hiponímia, antonímia e anáfora indireta, respectivamente:

- a) a conclusões nada animadoras : **inércia, inutilidade, acervos defasados, etc.** (TJ, N° 03).
- b) exige : **não oferece** (TA, N° 03).
- c) os professores : **o magistério** (TP, N° 03).

Quanto à sinonímia com distinção referencial, cumpre reafirmar que essa manifestação ocorre quando os elementos antecedente e substituto se encontram no mesmo campo geral de significado, com distinção referencial. Esse tipo de seqüência sinonímica reforça, reformula, expande ou aprofunda o item lexical antecedente. Considera-se, portanto, a reiteração sinonímica com distinção referencial no âmbito da coesão lexical, pertencendo às cadeias de similaridade, pela similaridade semântica e referencial. São exemplos:

- a) o acervo defasado : **a pobreza de acervo** (TJ, N° 03)
- b) estimulando-o a relacionar teoria e prática : e **a experienciar** os problemas e as soluções diárias (TP, N° 03)

Desse modo, na perspectiva da substituição, considera-se de inteira relevância o aspecto parcial da sinonímia. Se por um lado, há unidades cujos sentidos estão relacionados ao sistema, há, por outro lado, casos em que os contextos de ocorrência

de unidades determinam a atualização de sentido que provêem suficientemente a realização da sinonímia, conforme Beaugrande (1980, p. 58).

4.3.2 Dificuldades de Categorização

Durante a análise dos textos, houve ocorrências de difícil classificação, tendo em vista pertencerem a duas ou mais categorizações. Assim, esses casos foram observados, seguindo critérios adotados para a contagem de tais aspectos:

- 1) os títulos dos textos não são analisados, tendo em vista a abrangência dos termos e, muitas vezes, a incoerência com os corpos dos textos;
- 2) a ocorrência de itens lexicais substitutos sinônimos ou antônimos e, ao mesmo tempo, elípticos, são classificados como sinonímica e antonímica, respectivamente, privilegiando o elo lexical. Exs.: “ \emptyset não conseguem” : “ \emptyset **não são capazes**” (TA, Nº 03) – sinonímia ; “...acontecem os vocábulos da moda que \emptyset vivem por um semestre e logo \emptyset **são substituídos**” (TJ, Nº 01) – antonímia;
- 3) os pronomes, ou qualquer determinante, no termo substituto, auxiliam o nome na construção da manifestação do elo coesivo lexical, fazendo parte dos itens lexicais. Ex: “algo deve ser feito” : “**essa tarefa**” (TJ, Nº 01) - anáfora conceitual. No entanto, a ocorrência de um pronome, advérbio ou numeral substantivado, pode formar um item, constituindo-se em pronominalização. Ex: “as bibliotecas escolares” : “**muitas** ficam sempre no aguardo...” (TJ, Nº 03);
- 4) a ocorrência de pronomes repetidos, na mesma cadeia na Ficha 1, é classificada como substituição por pronominalização;
- 5) uma expressão nominal substitutiva que se constitui numa palavra sinônima e outra palavra repetida, com relação à expressão nominal antecedente, é

classificada como substituição sinonímica. Ex.: “cada vez mais exigente” : “**nível maior de exigência**” (TP, N° 04);

6) em uma cadeia coesiva, os itens lexicais substitutos, especialmente por repetição ou por sinonímia, podem formar elo com um antecedente que está bastante anterior a eles na mesma cadeia. Sendo assim, a formação de elos coesivos em uma cadeia não é sempre a forma seqüencial do texto;

7) o determinante definido, ocorrendo somente no antecedente ou no substituto, com a mesma morfossemântica, não altera a substituição repetição total. Ex.: “os candidatos” : “**candidatos**” (TP, N° 04);

8) o item lexical “as pessoas” pode constituir-se em: a) anáfora conceitual, quando resume elementos mencionados anteriormente ou posteriormente; b) sinonímia, quando é antecedente ou substituto de outra palavra genérica, com equivalência de sentido; c) repetição total, quando repete o mesmo termo mencionado anteriormente; e d) repetição parcial, quando repete o item lexical mencionado anteriormente com acréscimo de outra palavra e, por isso, fornecendo nova informação. São exemplos: de a) “os advogados, professores, médicos” : “**essas pessoas**” (TA, N° 5); b) “as pessoas” : “**os indivíduos**” (TP, N° 05); c) “as pessoas” : “**as pessoas**” (TP N° 05); d) “as pessoas” : “**muitas pessoas**” (TP, N° 05);

9) a modalidade de variação lexical, claramente reiterativa, no sentido de que seus elementos se dispõem numa seqüência imediata é considerada um item lexical e contada como estratégia de substituição, uma vez que esse gênero de seqüência, em especial sinonímico, é interveniente na continuidade textual.

Ex.: “O mercado de trabalho é cada vez mais competitivo, requer ligeireza, **esperteza**, amparado no saber, mais ampliado e **profundo**” (TP, N° 02).

4.3.3 Simbologia Adotada nas Fichas de Levantamento de Dados

Para a notificação dos elos, cadeias e itens periféricos nas Fichas de Levantamento de Dados, Fichas 1 e 2, foram estabelecidos os seguintes sinais na análise dos segmentos dos textos:

- a) letra minúscula entre parênteses = a ordem por cadeias coesivas;
- b) letra minúscula com ponto final antes dos itens gramaticais e lexicais = a ordem dos itens lexicais e gramaticais na cadeia;
- c) letra minúscula entre colchetes = as letras indicam a retomada do item substituto ao item antecedente, correspondendo às letras dos itens lexicais e gramaticais nas cadeias coesivas, demonstrando o elo que identifica a categoria;
- d) número entre parênteses = a(s) linha(s) do texto a que corresponde o item lexical ou gramatical.

4.4 PROCEDIMENTOS PARA LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta e a apresentação dos dados para a análise, nesta investigação, foram realizadas por meio dos seguintes instrumentos, listados a seguir e apresentados na seção 4.5 “Modelos de Análise” e nos anexos A, B e C:

- Produções escritas dos acadêmicos, dos profissionais e dos escritores-colaboradores de jornal, catalogadas para a organização da análise e observação. Para o levantamento dos dados, os textos selecionados para o *corpus* foram identificados por grupos: (TA) = Texto de Acadêmico; (TP) = Texto de Profissional; e (TJ) = Texto Jornalístico. Esses textos foram numerados em ordem crescente (de 1 a 5), com a identificação do grupo a que pertenciam.

- Fichas (1 e 2) de Levantamento de Dados.
- Figuras, em forma de diagramas, para visualizar a Interação entre as Cadeias.

Utilizando esses instrumentos, o procedimento para levantamento e análise dos dados foi realizado como segue: as categorias por elos foram identificadas nos textos e as ocorrências foram registradas nas Fichas de Levantamento de Dados. A categorização por elos coesivos, constante na Ficha 1, foi efetuada levando em consideração as propostas das categorias por elos e da formação de cadeias. Na Ficha 2, foram registrados os itens periféricos. A seguir, foram identificadas as cadeias que interagem nos diagramas da Interação entre as Cadeias, conforme a orientação da sintaxe: agente-ação, ação-objeto, objeto ou agente-localização, atributo-atribuído, objeto-objeto, etc., dependendo da formação das cadeias coesivas. Esse procedimento foi realizado para cada texto.

Seguindo-se a isso, os números foram transportados para Tabelas e os índices foram quantificados em valores absolutos e relativos (percentuais), visualizados, também, em gráficos; a princípio por grupos de textos e, depois, esses dados foram comparados entre os três grupos, observando-se as relações entre eles.

É importante frisar que o grau de textura (GT) de cada texto por grupo de textos, e dos três grupos em conjunto foi definido como o quociente entre os itens centrais (IC) e o total de itens lexicais (TIL), isto é, $GT = IC/TIL$. O grau de sinonímia na textura (GST), por sua vez, foi proposto como o total de itens sinonímicos que interagem em cadeias (ISIC) dividido pelos itens centrais (IC), ou seja, $GST = ISIC/IC$. Os itens centrais (IC) foram obtidos pela soma dos itens sinonímicos que interagem em cadeias (ISIC), com os itens que interagem em cadeias e não são sinonímicos

(IICNS), isto é, $IC = ISIC + IICNS$, resultando em: $GT \times CST = (IC \times IC_ISIC) / (TIL \times IC) = (IC_ISIC / TIL) = (IC / TIL) - (IC_IICNS / TIL)$. O produto final forneceu o índice de participação da sinonímia na textura de um texto, em outras palavras, a sua contribuição na textura.

Conforme o modelo de Hasan (1984), qualquer texto é considerado coerente, se os seus itens centrais (IC) formarem, no mínimo, 50% do total de itens lexicais (TIL). Esse critério é igualmente adotado neste estudo para o grau de textura (GT). Calculando a média do grau de textura dos 15 textos analisados, obtém-se o percentual médio de 64,2%, com desvio-padrão de 10,4. Assim, o critério de Hasan, de 50%, está 1,36 desvios abaixo da média dos textos do *corpus* desta pesquisa. Com base nesse cálculo, são obtidos o grau de sinonímia na textura (GST) e a contribuição da sinonímia para a textura (CST). Desse modo, calculando a média do grau de sinonímia dos 15 textos, origina-se o índice de 49,7%, com desvio-padrão de 5,7, que, subtraindo 1,36 desvios, evidencia um limite mínimo de 42%. Seguindo o mesmo cálculo, a contribuição da sinonímia na textura (CST), cuja média é de 32,3%, com desvio de 7,5, e subtraindo 1,36 desvios, aponta um limite de 22%. Esse raciocínio descrito resulta, assim, nos critérios que se constituem nos parâmetros de análise a serem observados como índices mínimos para um texto com boa textura:

- $GT \geq 50\%$
- $GST \geq 42\%$
- $CST \geq 22\%$

Esse tipo de critério foi utilizado no Provão³⁰ do MEC de 2000, para classificar os Cursos de Graduação no Brasil. É, portanto, um critério confiável do ponto de vista teórico e prático.

³⁰ Prova efetuada pelo Ministério da Educação e Cultura e aplicada nos alunos concluintes de alguns cursos de graduação no Brasil.

Além disso, por meio dos diversos valores obtidos, procedeu-se à análise estatística de correlação. Uma análise gráfica e correlacional foi efetuada e um resumo descritivo foi providenciado com a determinação de algumas medidas usuais, como: média, mediana, desvio-padrão e coeficiente de variação.

A avaliação do grau de relacionamento entre as variáveis “textura” e “sinonímia” foi realizada pelo cálculo do coeficiente de correlação de Pearson, de acordo com Morettin (2005). O coeficiente de correlação de Pearson é um valor que varia no intervalo de -1 até $+1$. Ele mede o grau de associação linear entre duas variáveis quantitativas, isto é, o quanto duas variáveis estão alinhadas. Valores próximos de $+1$ indicam forte associação linear direta (uma variável cresce e a outra também), enquanto valores próximos de -1 indicam forte correlação inversa (uma variável cresce e a outra decresce). Valores próximos de zero indicam ausência de relacionamento linear entre duas variáveis. É importante observar que ausência de relacionamento linear não significa que as variáveis sejam independentes, ou seja, que não tenham ou não possam ter outro tipo de relação que não o linear, por exemplo, o tipo quadrático.

A análise de correlação e outros tipos de cálculos estatísticos foram realizados com o auxílio do pacote SPSSTM, por profissional especialista da área, com título de doutor.

Com o levantamento e a descrição estatística dos dados, foi realizada a discussão dos resultados, visando à análise qualitativa do emprego da sinonímia, da textura e da contribuição da sinonímia para a textura dos textos.

Um paralelo entre o Modelo de Hasan e o Modelo Proposto é apresentado no anexo D, que objetiva evidenciar a construção do Modelo Proposto.

4.5 MODELOS DE ANÁLISE

Esta seção tem como objetivos mostrar a aplicação do Modelo de Hasan (MH), que propõe a avaliação da textura, validar o Modelo Proposto (MP) por esta investigação, que pretende avaliar a textura, e examinar o emprego da sinonímia na textura. Os pressupostos teóricos e metodológicos, de ambas as pesquisas, foram detalhados anteriormente. Assim, no desenvolvimento desta seção, é apresentada a seguinte seqüência:

- a) inicialmente, o detalhamento da aplicação do modelo de Hasan, realizado por Hasan, no qual compara dois textos produzidos por crianças³¹, constituindo: a descrição dos procedimentos, a tabulação dos dados, a análise dos dados e as conclusões realizadas pela autora, descritos no livro “Language, Context and Text”, no Capítulo 5, “A Textura do Texto”, de 1989;
- b) num segundo momento, o detalhamento da aplicação da proposta de análise, criada para este estudo, aos mesmos dois textos da pesquisa de Hasan (1989), observando-se a textura e a sinonímia manifestadas, constituindo: os instrumentos propostos para a coleta dos dados, a aplicação da metodologia de análise, a tabulação e análise dos dados e os comentários acerca dos resultados evidenciados, conforme o Modelo Proposto pela autora desta tese;
- c) a seguir, os dados obtidos nas duas etapas anteriores são cotejados para assinalar semelhanças e diferenças entre os modelos (MH e MP). Essa

³¹ Textos traduzidos do original, em inglês, para o português brasileiro por profissional com formação e pós-graduação em Letras e conhecedor das teorias e metodologias aqui utilizadas. A tradução manteve-se fiel ao original para fins de tratamento, embora o resultado não apresente adaptações estilísticas.

comparação se faz necessária para clarificar o funcionamento do modelo proposto nos textos que compõem o *corpus* da investigação de Hasan;

- d) depois, a realização de outra aplicação do modelo de Hasan, agora em Texto de Acadêmico (Nº 01), que se constitui em uma produção textual do *corpus* deste estudo, utilizando os mesmos procedimentos descritos no item “a”;
- e) após, o detalhamento da aplicação da proposta de análise deste estudo nesse mesmo Texto de Acadêmico (Nº 01), apresentando os procedimentos que resultam no grau de textura, e examinando o funcionamento da sinonímia, conforme procedimento descrito no item “b”; e,
- f) por fim, os dados obtidos em “d” e “e” são cotejados para assinalar semelhanças e diferenças entre os dois modelos no Texto de Acadêmico (Nº 01), sendo seguidos de considerações tecidas sobre o grau de textura e a sinonímia evidenciados.

4.5.1 Aplicação do Modelo por Hasan

O detalhamento da aplicação do modelo de Hasan é apresentado na análise realizada pela autora nos dois textos (1989, p. 72) a seguir, que fazem parte do seu *corpus*.

TEXTO 1

1. uma vez havia uma pequena menina
2. e ela saiu para passear
3. e ela viu um adorável pequeno ursinho de brinquedo³²
4. e então ela o levou para casa
5. e quando ela chegou em casa, ela o lavou
6. e quando ela o levou para a cama com ela, ela o abraçou
7. e ela logo foi dormir
8. e quando ela se levantou e penteou-o com uma pequena escova, o ursinho abriu seus olhos
9. e começou a falar com ela
10. e ela ficou com o ursinho por muitas muitas semanas e anos
11. e, então, quando o ursinho ficava sujo, ela costumava lavá-lo
12. e toda vez que ela o escovava, ele costumava dizer algumas novas palavras de um país diferente
13. e é assim que ela aprendeu a falar inglês, escocês, e todo o resto.

TEXTO 2

1. o marinheiro vai a bordo do navio
2. e ele está vindo para casa com um cachorro
3. e o cachorro quer o menino e a menina
4. e eles não sabem que o urso está na cadeira
5. e o urso está indo dormir nela
6. e eles acham o urso na cadeira
7. eles o acordam
8. e expulsam-no da sala
9. e levam-no ao zoológico
10. o marinheiro tira seu chapéu
11. e o cachorro afugentou o urso da sala
12. e o menino sentará na cadeira deles em que o urso estava dormindo.

Hasan (1989, p. 73), inicialmente, levanta as seguintes questões com relação a esses dois textos: 1) Como os textos 1 e 2 diferem em sua textura? 2) Se os dois textos variam em grau de coerência, que aspectos lingüísticos se relacionam com essa variação?

Para responder a essas questões, Hasan analisa os dois textos citados, com base no modelo e metodologia que criou, fazendo as considerações que seguem.

³² Nota do tradutor: o substantivo inglês *teddybear* traduz-se por “ursinho de brinquedo”, sendo a terminação *-y* responsável pela idéia de diminutivo, sem que se trate de um sufixo. Ainda, quando a criança enunciou o Texto 1, expressou os adjetivos *lovely little* (adorável e pequeno, respectivamente) parecendo redundar no significado, o que é típico de crianças e/ou para fins de ênfase do conteúdo afetivo da mensagem.

O número de mecanismos coesivos gramaticais (por exemplo: “ela”, “o”, “ele”, “deles”), presentes nos dois textos é igual (30 casos), também não diferem grandemente os padrões de seleção lexical. Por tais razões, o número de elementos coesivos gramaticais presentes no texto não pode ser fator de coerência. Isso equivale a dizer que esta hipótese é inválida: quanto mais elementos gramaticais coesivos, mais coerência.

Além disso, embora a exófora³³ reduza a possibilidade de interpretação, ela não necessariamente impede a formação de elos coesivos e, assim, não atua contra a textura, particularmente quando encontramos relações de correferência e/ou co-classificação as quais não estão sendo adversamente afetadas pela presença da exófora. Hasan conclui, então, que se o Texto 2 é percebido como menos coerente do que o Texto 1, a razão não está na variação dos mecanismos gramaticais interpretados exoforicamente.

A pesquisadora acrescenta que a ambigüidade é um fator relevante. Um mecanismo gramatical ambíguo pode ser interpretado de mais de uma maneira. No Texto 2, há seis desses mecanismos. Eles ocorrem nas linhas 4, 6, 7, 8, 9 e 12. A fonte dessa ambigüidade é a mesma, os referentes não são claros. Nas linhas 1 a 3 do Texto 2, foram apresentados “o marinheiro”, “um cachorro”, “o menino” e “a menina”. Uma possível leitura é a de que “eles” é correferencial apenas com “o menino” e “a menina”; uma outra interpretação é a de que “eles” é correferencial com todos os quatro sujeitos anteriormente mencionados.

Considerando o princípio da probabilidade de os pronomes serem correferenciais com o grupo nominal mais próximo, é razoável interpretar “eles” como “o menino”

³³ Exófora é a referência que se relaciona a algum elemento dado pela situação comunicativa, isto é, quando o referente está fora do texto.

e “a menina”. Mesmo assim, pelo estudo de histórias orais enunciadas por crianças, Hasan concluiu que “a falta de coerência pode existir independentemente da ambigüidade, e que, se o texto for coerente, um certo grau de ambigüidade pode ser tolerado” (p. 89). Desse modo, não há relação direta entre a ambigüidade presente nos mecanismos de coesão e o baixo grau de coerência de um texto.

A existência de um alto percentual de itens lexicais relevantes (itens que fazem parte de cadeias) não implica maior grau de coerência no texto. Para chegar a essa conclusão, a autora apresenta as cadeias coesivas dos dois textos a seguir:

| Cadeias Coesivas no Texto 1 | |
|------------------------------------|---|
| Cadeias de Identidade: | (a) menina (17); (b) ursinho de brinquedo (14); (c) casa (2) |
| Cadeias de Similaridade: | (d) saiu, passear, chegou; (e) viu, levou (f) adorável, sujo; (g) lavar (2), pentear, escovar; (h) levou, ficou; (i) semanas, anos; (j) muitas (2) algumas; (k) novas, diferentes; (l) falar (2) dizer; (m) levou para a cama, foi dormir, levantou, abriu os olhos; (n) palavras, inglês, escocês, todo o resto; (o) pequena (3). |

Quadro 7 – Cadeias Coesivas no Texto 1 (Hasan, 1989, p. 90)

No quadro 7, os números entre parênteses mostram mais de uma marca da unidade lexical que ocorre no texto. O número total de itens lexicais, explícitos e interpretados, é 67, demonstrando que 90,5% (67 de 74) estão em cadeias coesivas.

É importante ressaltar que a autora não demonstra quais são os itens periféricos considerados por ela, eles somente são identificados pelo cálculo que se aplica: itens relevantes (67) somados a itens periféricos (7) que totalizam os itens lexicais do texto (74).

No Texto 2, há um problema. É difícil decidir o que faz parte das cadeias de identidade sem resolver a ambigüidade. A autora soluciona o impasse ignorando as cadeias de identidade relacionadas a “marinheiro”, “menino”, “menina” e “cachorro”. Assim, os itens que entram em cadeias, no Texto 2, são:

| Cadeias Coesivas no Texto 2 | |
|------------------------------------|--|
| Cadeias de Identidade: | (a) urso (8); (b) cadeira (4). |
| Cadeias de Similaridade: | (c) vir (2), ir, levar; (d) ir dormir, acordar, dormir; (e) achar, afugentar, expulsar; (f) casa, sala (2). |

Quadro 8 - Cadeias Coesivas no Texto 2 (Hasan, 1989, p. 90)

O quadro 8 demonstra que o número total de itens relevantes, explícitos e interpretados pela coesão, é 25. Isso equivale a dizer que há um número bem maior de itens que estão fora de cadeias, isto é, itens periféricos, que são 42. Somando os itens relevantes, 25, aos itens periféricos, 42, resulta o total de itens lexicais do texto, 67.

Devido aos dados obtidos até este momento, comparando os resultados dos dois textos, Hasan faz a primeira afirmação: quanto mais baixa a proporção de itens periféricos em relação aos relevantes, tanto mais coerente o texto. No entanto, para tornar mais consistente a sua análise, a autora procede à interação entre as cadeias.

A pesquisadora exemplifica da seguinte forma: no Texto 1, na cadeia (a) “menina” e na cadeia (d) “saiu”, “passear”, “chegou”, visualizados no quadro 7, nota-se que “menina” está em relação gramatical idêntica com “saiu” e “chegou”; “menina é o agente da ação “saiu” e “chegou”. Pode-se dizer, então, que, no Texto 1, as cadeias (a) e (d) interagem.

É importante lembrar que, no modelo de Hasan (1989, p.91-92), um requisito mínimo para a interação entre as cadeias coesivas é que pelo menos dois membros de uma cadeia tenham uma mesma relação com dois membros de outra cadeia. Essa exigência é importante por duas razões:

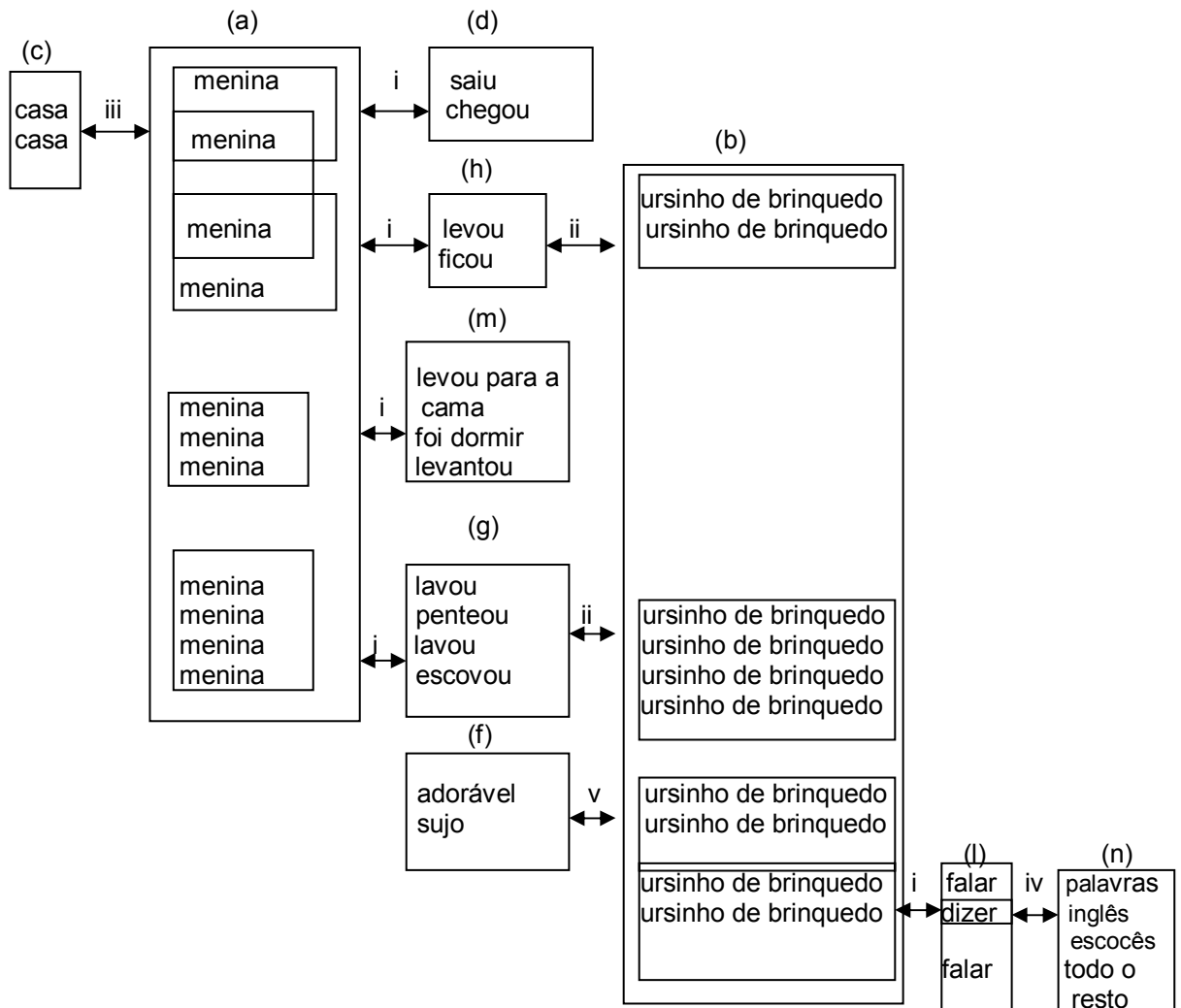
- As relações que conduzem à interação entre cadeias são justamente aquelas que existem entre os constituintes de uma oração ou de um grupo de orações. Por exemplo: agente-ação, ação-objeto, ação-tempo, ação-localização, etc.

- Esta razão é mais profunda: a repetição de uma relação entre duas cadeias é indicativa de dois vetores de unidade. O primeiro vetor é indicado pela similaridade semântica que permite aos membros serem parte da mesma cadeia; o segundo vetor indica a similaridade semântica que une ao menos um par de membros de duas cadeias. Justifica-se que em um texto coerente, dizemos coisas semelhantes sobre fenômenos semelhantes. Por exemplo: no Texto 1, “a menina” não só saiu para passear, como também chegou em casa; ela não só foi dormir, mas também se levantou, e assim por diante.

Com base nessas considerações, Hasan (1989, p. 92-93) faz a apresentação visual, elucidando as continuidades e descontinuidades na interação entre as cadeias dos Textos 1 e 2. Para entendimento dos diagramas a seguir, a autora observa que: a) cada retângulo representa uma (ou parte de uma) cadeia; b) as setas duplas indicam as mesmas relações que nos quadros 7 e 8; c) cada seta dupla apresenta um algarismo romano que indica:

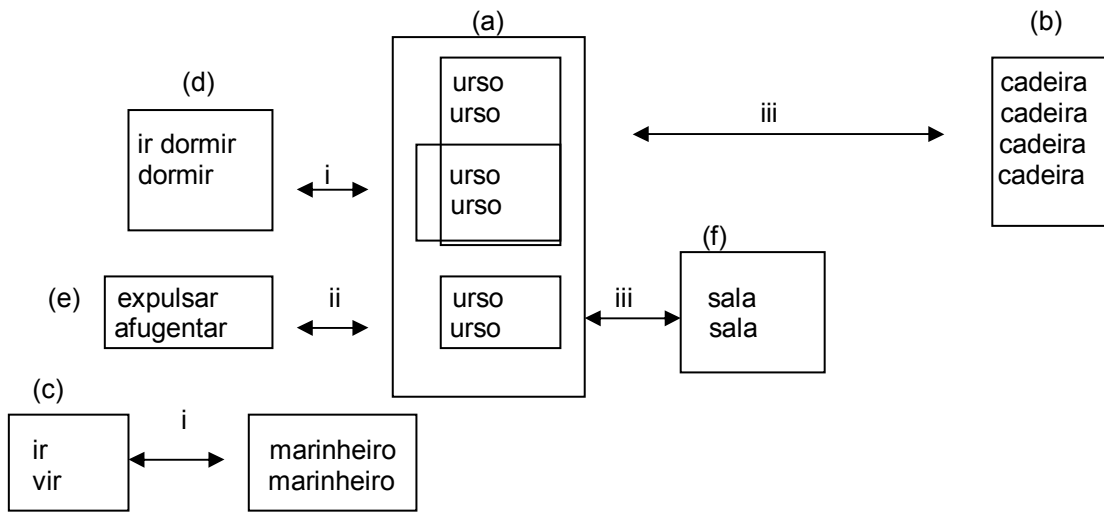
- (i) relação agente-ação (ex.: menina saiu);
- (ii) relação ação-objeto (ex.: levou ursinho de brinquedo);
- (iii) relação ação e/ou agente-localização (ex.: menina levou para casa);
- (iv) relação enunciação-texto (ex.: dizer palavras);
- (v) relação atributo-atribuído (adorável ursinho de brinquedo).

Figura 1 – Interação entre as Cadeias - Texto 1 (HASAN, 1989, p. 92)



Comparando a Figura 1 com o Quadro 7, pode-se verificar que são 17 ocorrências de “menina”, mas somente 11 estão habilitadas a interagir com outras cadeias; a primeira e a segunda entradas de “menina” (a) interagem com (d) “saiu” e “chegou”; a segunda e a terceira entradas de “menina” interagem com (c) “casa” e “casa”; a terceira e a quarta interagem com (h) “levou” e “ficou”; a quinta, sexta e sétima, com (m) e as quatro últimas com (g) e assim por diante.

Figura 2 – Interação entre as Cadeias - Texto 2 (HASAN, 1989, p. 93)



Pela Figura 2, em comparação com o Quadro 8, pode-se verificar que há menor número de itens que interagem, além do que há uma interrupção em (c). Os itens que interagem entre as cadeias são denominados pela autora de itens centrais.

Com base na interação entre as cadeias, Hasan faz as seguintes afirmações: quanto mais alta a proporção de itens centrais em relação aos não-centrais, tanto mais coerente o texto; e quanto menos quebras houver na representação da interação, tanto mais coerente o texto.

A partir dessas noções, Hasan propõe uma forma de medir a coerência de um texto, denominando-a de harmonia coesiva. Cumpre lembrar que o grau de harmonia coesiva é a porcentagem de itens centrais (IC), isto é, itens que interagem em cadeias, em relação ao total de itens lexicais (TIL); e, este último, é a soma dos itens relevantes (IR) e os itens periféricos (IP), já mencionado na seção 2.2 “Modelo de Hasan para Avaliação da Textura”.

Portanto, os resultados de Hasan, na pesquisa de 1989, são os seguintes:

Tabela 1 - Harmonia Coesiva – Texto 1

| TIL | IR | IP | IC | HARMONIA COESIVA (IC/TIL) |
|-----|----|----|----|------------------------------|
| 74 | 67 | 07 | 43 | 58,10% |

Tabela 2 - Harmonia Coesiva – Texto 2

| TIL | IR | IP | IC | HARMONIA COESIVA (IC/TIL) |
|-----|----|----|----|------------------------------|
| 67 | 25 | 42 | 20 | 29,85% |

Voltando, então, às conclusões apresentadas por Hasan (1989, p. 93-94), a partir dos índices resultantes da análise dos textos em estudo, verifica-se:

1. a existência de uma grande porcentagem de itens periféricos implica menor coerência ao texto;
2. em contrapartida, um maior número de itens lexicais na interação entre cadeias determina um grau mais alto de coerência de um texto.

Como se observa, o Texto 1 tem maior grau de coerência do que o Texto 2, afirmação essa determinada a partir dos índices evidenciados pelo cálculo da harmonia coesiva: 58,10% (Texto 1) e 29,85% (Texto 2).

Assim, para a autora, a textura é essencial à unidade do texto, e a coesão é o fundamento sobre o qual se edifica a coerência.

4.5.2 Aplicação do Modelo Proposto nos Textos da Pesquisa de Hasan

Seguindo o propósito desta seção, são analisados os mesmos dois textos apresentados por Hasan (1989), desta vez conforme a proposta de análise criada para esta investigação, examinando o grau de textura, a sinonímia e tecendo considerações neles evidenciados, conforme o Modelo Proposto (MP).

É importante lembrar que ao que Hasan chama de coerência, neste estudo, denomina-se textura, lembrando que pelos mecanismos da coesão pode-se encontrar a textura.

Como a proposta deste trabalho é analisar textos argumentativos, levando em consideração os diferentes tipos de expressões referenciais, são criadas duas fichas para levantamento dos dados, como já mencionado. A Ficha 1 identifica os elos coesivos, as cadeias coesivas, as categorias dos mecanismos coesivos, os itens relevantes em cadeias de identidade ou em cadeias de similaridade e os índices parciais e totais. Na coluna das categorizações, a sinonímia é classificada: a) quanto à estrutura, pela substituição por unidades lexicais ou por perífrases; e, b) quanto à formação, por sinonímia lexical ou instancial. A Ficha 2 demonstra os itens periféricos, itens que só aparecem uma vez e não são retomados, isto é, não fazem parte de elos coesivos, por conseguinte não entram em cadeias e, conseqüentemente, não interagem em cadeias.

Cumprе salientar que os números indicados entre parênteses, em todas as fichas apresentadas, referem-se às linhas em que se encontram os itens lexicais nos textos analisados; as letras minúsculas entre parênteses, ao número de ordem por cadeia; as letras minúsculas antes dos itens gramaticais e lexicais, à ordem dos itens na cadeia; e as letras minúsculas entre colchetes, aos elos coesivos na cadeia, indicando a categoria. Além disso, a proposta é levar em consideração a unidade de sen-

tido e a exposição de todo o processo articulatório, dentro das respectivas categorizações, para posterior análise e discussão dos dados, seguindo-se a ordem Texto 1 e Texto 2.

Ficha 1 - Levantamento dos Dados dos Itens Relevantes – Texto 1

| TIR | EC | CC | ELOS E CADEIAS | CATEGORIAS POR ELOS | ELOS | IRCI | IRCS |
|-----|----|-----|--|--|---|---|------|
| 16 | 15 | (a) | a. uma pequena menina (1) b. ela (2) c. ela (3) d. ela (4) e. ela (5) f. ela (5) g. ela (6) h. ela (6) i. ela (6) j. ela (7) k. ela (8) l. ela (9) m. ela (10) n. ela (11) o. ela (12) p. ela (13) | . pronominalização . pronominalização . pronominalização . pronominalização . pronominalização . pronominalização . pronominalização . pronominalização . pronominalização . pronominalização . pronominalização . pronominalização . pronominalização . pronominalização . pronominalização | [b-a] [c-a] [d-a] [e-a] [f-a] [g-a] [h-a] [i-a] [j-a] [k-a] [l-a] [m-a] [n-a] [o-a] [o-a] | x x x x x x x x x x x x x x x | |
| 2 | 1 | (b) | a. saiu (2) b. chegou (5) | . antonímia | [b-a] | | x |
| 14 | 13 | (c) | a. um adorável pequeno ursinho de brinquedo (3) b. o (4) c. o (5) d. o (6) e. o (6) f. o (8) g. o ursinho (8) h. seus (8) i. começou (9) j. o ursinho (10) k. o ursinho (11) l. lo (11) m. o (12) n. ele (12) | . pronominalização . pronominalização . pronominalização . pronominalização . pronominalização . repetição parcial . pronominalização . elipse . repetição total . repetição total . pronominalização . pronominalização . pronominalização | [b-a] [c-a] [d-a] [e-a] [f-a] [g-a] [h-g] [i-g] [j-g] [k-j] [l-k] [m-k] [n-k] | x x x x x x x x x x x x x | |
| 2 | 1 | (d) | a. levou (4) b. levou (6) | . repetição total | [b-a] | x | |
| 2 | 1 | (e) | a. para casa (4) b. em casa (5) | . repetição total | [b-a] | x | |
| 2 | 1 | (f) | a. lavou (5) b. lava- (11) | . repetição parcial | [b-a] | x | |
| 2 | 1 | (g) | a. foi dormir (7) b. se levantou (8) | . antonímia | [b-a] | | x |
| 2 | 1 | (h) | a. penteou (8) b. escovava (12) | . sinonímia (I - B) | [b-a] | x | |

| | | | | | | | |
|-----------|-----------|-----------|--|--|----------------|-----------|----------|
| 3 | 2 | (i) | a. falar (9) b. dizer (12) c. falar (13) | . sinonímia (I - A) . repetição total | [b-a] [c-a] | x x | |
| 2 | 1 | (j) | a. ficou (10) b. ficava (11) | . repetição parcial | [b-a] | | x |
| 2 | 1 | (k) | a. costumava (11) b. costumava (12) | . repetição total | [b-a] | x | |
| 2 | 1 | (l) | a. novas palavras (12) b. inglês, escocês e todo o resto (13) | . hiponímia | [b-a] | | x |
| 51 | 39 | 12 | 51 | 39 | 39 | 35 | 4 |

LEGENDA:

TIR = Total de Itens Relevantes

EC = Elos Coesivos

CC = Cadeias Coesivas

IRCI = Itens Relevantes em Cadeias de Identidade

IRCS = Itens Relevantes em Cadeias de Similaridade

SINONÍMIA:

I = Por Unidade

II = Por Perífrase Sinonímica

A = Sinonímia Lexical

B = Sinonímia Instancial

Ficha 2 - Levantamento dos Dados dos Itens Periféricos – Texto 1

| Nº | ITENS PERIFÉRICOS | Nº | ITENS PERIFÉRICOS |
|----|--------------------------|-----------|----------------------------------|
| 1 | . uma vez havia (1) | 7 | . abriu (8) |
| 2 | . para passear (2) | 8 | . olhos (8) |
| 3 | . viu (3) | 9 | . por muitas semanas e anos (10) |
| 4 | . a cama (6) | 10 | . sujo (11) |
| 5 | . abraçou (6) | 11 | . um país diferente (12) |
| 6 | . uma pequena escova (8) | 12 | . aprendeu (13) |
| | | TOTAL: 12 | |

Os dados fornecidos pela Ficha 1 apresentam os elos de coesão e os da Ficha 2 ilustram os itens periféricos presentes no texto em exame, o que não ocorre no modelo de Hasan. Pode-se perceber a presença de determinantes nas palavras, expressões ou partes de enunciados, como ainda a consideração das palavras em blocos de sentido, como nos exemplos: “uma pequena menina”, “um adorável pequeno ursinho de brinquedo”³⁴ e “novas palavras”.

³⁴ Ver a sugestão do tradutor na nota de rodapé nº 32.

Pode-se observar, também, que as preposições, conjunções, locuções conjuntivas e verbos de ligação sozinhos não são considerados como itens para a análise nas fichas de levantamento dos dados. Além disso, na oração em que aparece o verbo “penteou”, linha 8, não só há elipse de “ela”, como também o item lexical “escovava” pode ser considerado termo sinônimo de “penteou”. Havendo duas categorizações que legitimam, nesses casos, de acordo com o critério adotado para a análise, o item lexical “escovava” constitui-se em termo substituto sinonímico de “penteou”.

Quanto aos índices das Fichas 1 e 2, no que tange ao Texto 1, observa-se que os itens relevantes somam 51 casos (80,95%), e os itens periféricos, 12 (19,05%). Dessa forma, pela soma dos dois índices, o número total de itens lexicais no texto (TIL) é de 63 ocorrências.

A seguir, é apresentado o diagrama do Texto 1, Figura 3, o qual visualiza a interação entre as cadeias. Nesse diagrama, os itens gramaticais são interpretados por coesão, isto é, substituídos pelos itens lexicais antecedentes, e os itens lexicais são transportados como aparecem na Ficha 1. Ainda, na Figura 3, segue-se a noção de transitividade, conforme Hasan, com as alterações já mencionadas na seção 2.3 “Modificações Introduzidas ao Modelo de Hasan”, no Capítulo 2.

Figura 3 – Interação entre as Cadeias do Texto 1, conforme Modelo Proposto

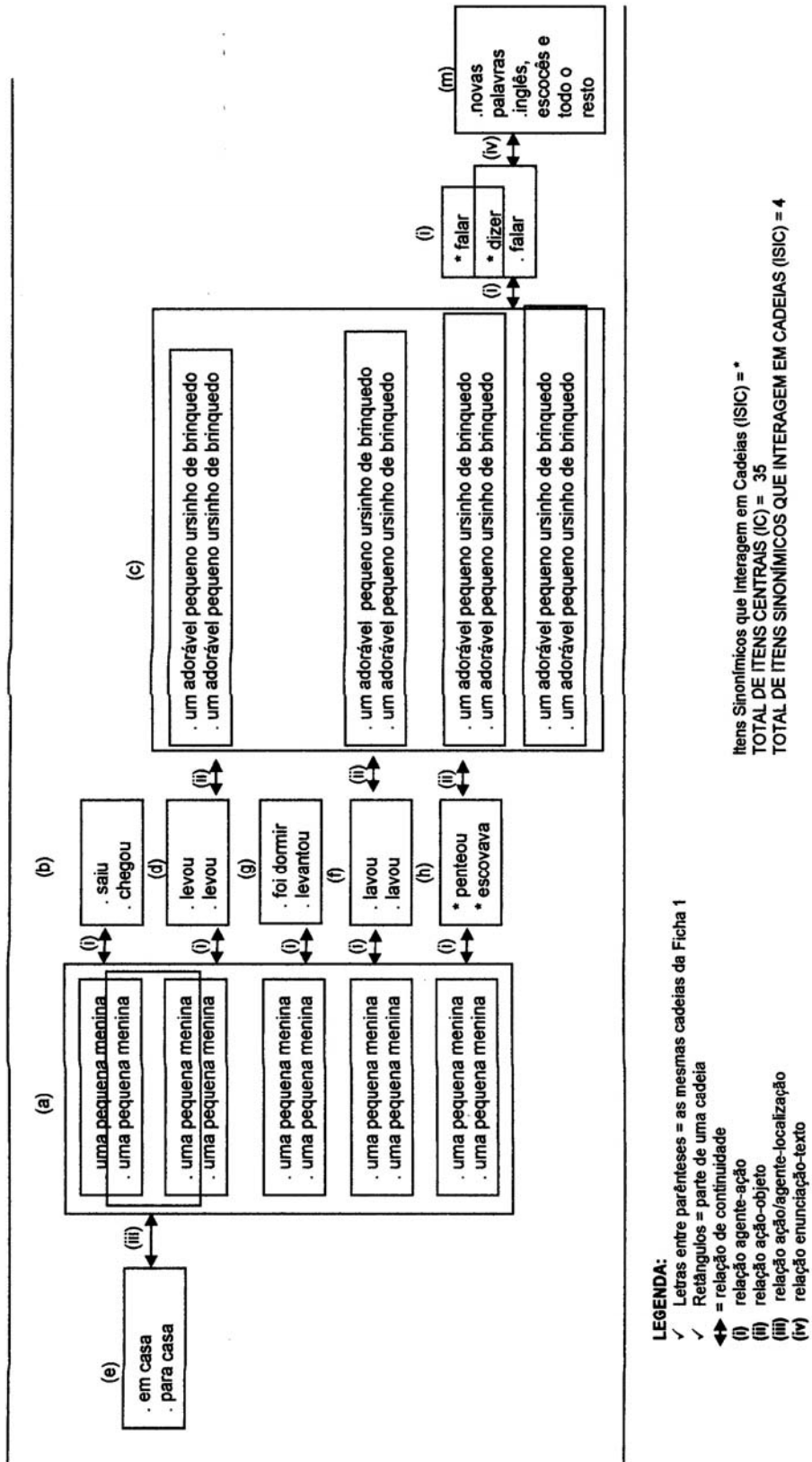


Figura 3 – Interação entre Cadeias do Texto 1, conforme modelo proposto

Pela Figura 3, que retrata a interação entre as cadeias no Texto 1, constata-se que as cadeias vinculadas pela seta (i) encontram-se numa relação de agente-ação (ex.: “uma pequena menina levou”); as vinculadas pela seta (ii) encontram-se numa relação de ação-objeto (ex.: “levou um adorável pequeno ursinho de brinquedo”); as vinculadas pela seta (iii) mostram a relação objeto-localização (ex.: “um adorável pequeno ursinho de brinquedo para casa”); e o vínculo indicado pela seta (iv) é de relação enunciação-texto (ex.: “falar novas palavras”). Em sintaxe, essas relações são: sujeito-verbo, verbo-objeto direto e objeto direto-adjunto adverbial.

Dos 51 itens lexicais relevantes, percebidos pela Ficha 1, 35 são itens centrais, ou seja, 68,63%. Essas 35 ocorrências, apresentadas pela diagramação na Figura 3, formam pares dentro de suas cadeias coesivas e interagem com pares de outras cadeias coesivas. Nas 10 cadeias coesivas que entram em interação, constam 4 itens sinonímicos: ambos os elos (de dois itens cada) são sinônimos por unidade lexical, sendo que “escovava” é substituto de “penteou” por sinonímia instancial, pela retomada no âmbito textual, e “dizer” é substituto sinonímico lexical de “falar”, pelo sistema da língua.

A seguir, são apresentadas as mesmas fichas (Ficha 1 e Ficha 2), com os dados referentes ao Texto 2.

Ficha 1 - Levantamento dos Dados dos Itens Relevantes – Texto 2

| TIR | EC | CC | ELOS E CADEIAS | CATEGORIAS POR ELOS | ELOS | IRCI | IRCS |
|-----------|-----------|-----------|--|--|---|---------------------------------|-----------|
| 4 | 3 | (a) | a. o marinheiro (1) b. ele (2) c. o marinheiro (10) d. seu (10) | . pronominalização . repetição total . pronominalização | [b-a] [c-a] [d-c] | x x x | |
| 2 | 1 | (b) | a. vai (1) b. está vindo (2) | . antonímia | [b-a] | | x |
| 3 | 2 | (c) | a. um cachorro (2) b. o cachorro(3) c. o cachorro (11) | . repetição parcial . repetição total | [b-a] [c-b] | x x | |
| 7 | 6 | (d) | a. o menino e a menina (3) b. eles (4) c. eles (6) d. eles (7) e. levam (9) f. deles (12) g. o menino (12) | . pronominalização . pronominalização . pronominalização . elipse . pronominalização . repetição parcial | [b-a] [c-a] [d-a] [e-a] [f-a] [g-a] | x x x x x | x |
| 8 | 7 | (e) | a. o urso (4) b. o urso (5) c. o urso (6) d. o (7) e. –no (8) f. – no (9) g. o urso (11) h. o urso (12) | . repetição total . repetição total . pronominalização . pronominalização . pronominalização . repetição total . repetição total | [b-a] [c-b] [d-c] [e-c] [f-c] [g-c] [h-g] | x x x x x x x | |
| 4 | 3 | (f) | a. na cadeira (4) b. nela (5) c. na cadeira (6) d. na cadeira (12) | . pronominalização . repetição total . repetição total | [b-a] [c-a] [d-c] | x x x | |
| 3 | 2 | (g) | a. está indo dormir (5) b. acordam (7) c. estava dormindo (12) | . antonímia . repetição parcial | [b-a] [c-a] | | x x |
| 2 | 1 | (h) | a. expulsam (8) b. afugentou (11) | . sinonímia (I - A) | [b-a] | x | |
| 2 | 1 | (i) | a. da sala (8) b. da sala (11) | . repetição total | [b-a] | x | |
| 35 | 26 | 09 | 35 | 26 | 26 | 22 | 04 |

LEGENDA:

TIR = Total de Itens Relevantes

EC = Elos Coesivos

CC = Cadeias Coesivas

IRCI = Itens Relevantes em Cadeias de Identidade

IRCS = Itens Relevantes em Cadeias de Similaridade

SINONÍMIA:

I = Por Unidade

II = Por Perífrase Sinonímica

A = Sinonímia Lexical

B = Sinonímia Instancial

Ficha 2 - Levantamento dos Dados dos Itens Periféricos – Texto 2

| Nº | ITENS PERIFÉRICOS | Nº | ITENS PERIFÉRICOS |
|----|------------------------|-----------|--------------------|
| 1 | . a bordo do navio (1) | 6 | . levam (9) |
| 2 | . para casa (2) | 7 | . ao zoológico (9) |
| 3 | . quer (3) | 8 | . tira (10) |
| 4 | . não sabem (4) | 9 | . chapéu (10) |
| 5 | . acham (6) | 10 | . sentará (12) |
| | | TOTAL: 10 | |

Antes da análise sobre os dados presentes nas Fichas 1 e 2, referentes ao Texto 2, cumpre lembrar que a resolução da ambigüidade, no tratamento deste texto, é a de que os pronomes “eles” e “deles” e a elipse “levam” têm como referente situacional “o menino e a menina”. Tal posicionamento é assumido, considerando que as palavras são correferenciais com o grupo nominal mais próximo. Essa justificativa é a mais razoável, por isso, neste estudo, o referente é identificado e os itens referidos são somados.

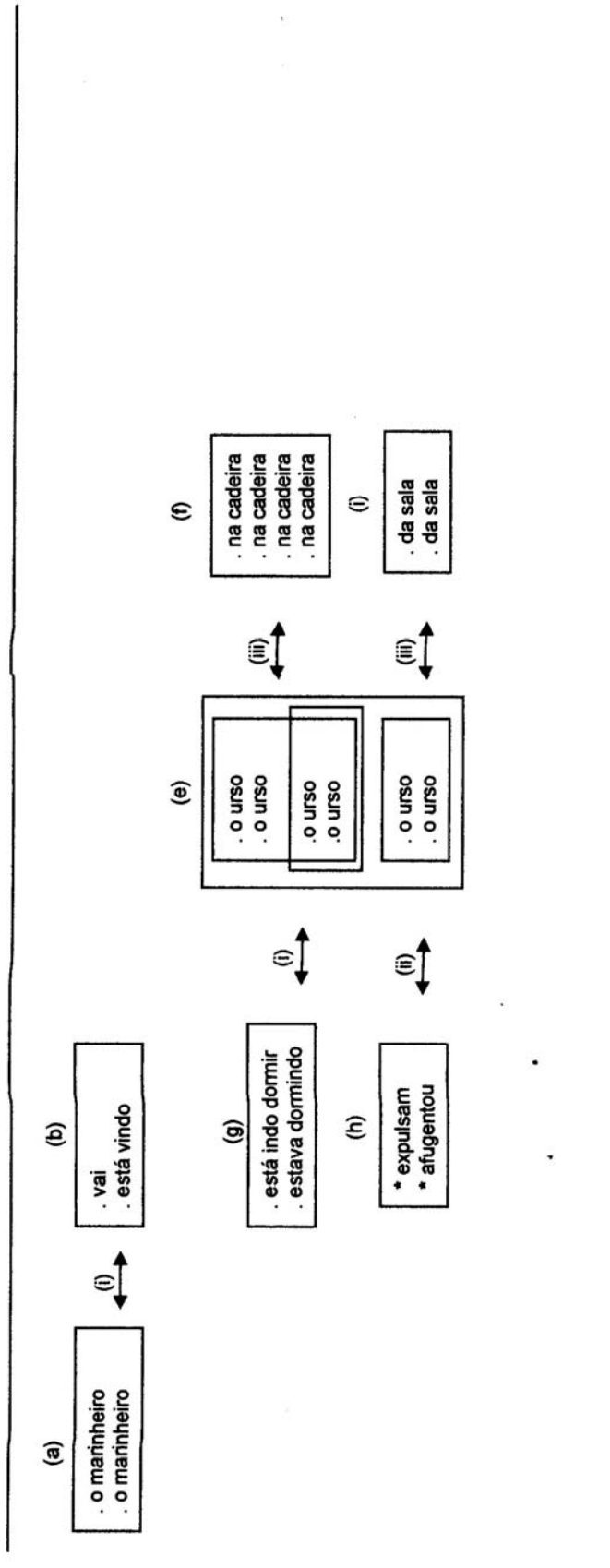
Outra alternativa de escolha refere-se à palavra “expulsam”, que poderia ser classificada como elipse de sujeito ou sinonímia de “afugentou”. Opta-se pela segunda possibilidade, pois o critério adotado para todos os casos que apresentam alternativas entre as classificações elipse e elos coesivos lexicais é considerá-los como elo lexical.

Além disso, os itens lexicais “marinheiro”, “menino e menina”, “cachorro” e seus termos substitutivos não são ignorados, conforme a análise de Hasan, porque, na maioria das vezes, os substitutos que ocorrem no Texto 2 são repetições coesivas, textualmente funcionais, que dão continuidade ao texto.

Pela Ficha 1, constata-se apenas uma ocorrência sinonímica: “expulsam : afugentou”. O item substituto “afugentou” é sinonímia lexical por uma unidade de sentido. Além disso, a negação faz parte do sentido do verbo, considerado, neste estudo, como um item lexical, isto é, uma única unidade de sentido, como é o caso de “não sabem”, item 4, da Ficha 2.

Quanto aos índices, percebe-se, pelas Fichas 1 e 2 referentes ao Texto 2, que o número total dos itens relevantes é de 35 ocorrências (77,78%), e o número total de itens periféricos é de 10 (22,22%), totalizando 45 itens lexicais.

Figura 4 – Interação entre as Cadeias, conforme Modelo Proposto – Texto 2



LEGENDA:

- ✓ Letras entre parênteses = as mesmas cadeias da Ficha 1
- ✓ Retângulos = parte de uma cadeia
- ↔ = relação de continuidade
- (i) relação agente-ação
- (ii) relação ação-objeto
- (iii) relação ação/agente-localização
- (iv) relação enunciação-texto

Itens Sinonímicos que Interagem em Cadeias (ISIC) = *
 TOTAL DE ITENS CENTRAIS (IC) = 20
 TOTAL DE ITENS SINONÍMICOS QUE INTERAGEM EM CADEIAS (ISIC) = 2

Figura 4 – Interação entre Cadeias, conforme modelo proposto – Texto 2

Os resultados das fichas 1 e 2 e da Figura 4, referentes ao Texto 2, apresentam 35 ocorrências de itens centrais, 20 entram em interação entre cadeias. Isso equivale a dizer que 57,14% dos itens relevantes entram em cadeias. Essa porcentagem demonstra que o número alto de ocorrências de itens centrais, comparado ao número de itens relevantes, não implica maior grau de textura.

Com o levantamento dos dados acima, os índices são demonstrados pelas seguintes tabelas:

Tabela 3 - Resultados Gerais das Categorias Coesivas nos Textos 1 e 2 (MP)

| Nº DE ORDEM | CATEGORIAS POR ELOS | TEXTO Nº1 | % | TEXTO Nº 2 | % |
|--------------------|----------------------------|------------------|---------------|-------------------|---------------|
| 1 | . Pronominalização | 24 | 61,54 | 10 | 38,46 |
| 2 | . Elipse | 1 | 2,56 | 1 | 3,85 |
| 3 | . Repetição | 9 | 23,08 | 12 | 46,15 |
| 4 | . Sinonímia | 2 | 5,13 | 1 | 3,85 |
| 5 | . Hiponímia | 1 | 2,56 | 0 | 0,0 |
| 6 | . Antonímia | 2 | 5,13 | 2 | 7,69 |
| 7 | . Anáfora Conceitual | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| 8 | . Anáfora Indireta | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| TOTAL | | 39 | 100,00 | 26 | 100,00 |

Pela Tabela 3, constata-se que os produtores dos textos utilizaram excessivamente as categorias por pronominalização, com 61,54% (24 casos) no Texto 1, e com 38,46% (10 casos) no Texto 2; e por repetição do item lexical, com 23,08% (9 casos) no Texto 1 e com 46,15% (12 casos) no Texto 2, em relação às outras categorizações. A retomada do antecedente por pronominalização e por repetição são fenômenos primários na superfície do texto, uma vez que são as duas formas mais simples dos mecanismos de coesão textual, o que pode tornar os textos mais pobres, com vocabulário pouco variado. A complexidade que ressalta nas outras categorizações, incluindo a sinonímia, somente sobressai em realizações de produtores com maior domínio na língua. Nesse aspecto, pode-se afirmar que as crianças pro-

dutoras dos textos ainda não dominam os mecanismos lingüísticos de que a linguagem verbal dispõe, levando-se em conta que foram textos narrativos orais.

Outra particularidade é a de que a língua inglesa tem uma característica própria, cuja forma pronominal é explicitada antes do verbo, como “he”, “she” e “it”, o que não ocorre na língua portuguesa produzida por brasileiros, cuja freqüência é a elipse do pronome antes do verbo.

Tabela 4 - Resultados Gerais da Avaliação da Textura nos Textos 1 e 2 (MP)

| TEXTURA (T) | Texto 1 | % | Texto 2 | % |
|--|----------------|---------------|----------------|---------------|
| 1. Itens Relevantes em Cadeias de Identidades (IRCI) | 35 | 68,63 | 22 | 62,87 |
| 2. Itens Relevantes em Cadeias de Similaridade (IRCS) | 04 | 7,84 | 04 | 11,43 |
| 3. Itens Referentes (IRe) | 12 | 23,53 | 09 | 25,70 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = IRCI + IRCS + IRe) | 51 | 100,00 | 35 | 100,00 |
| 1. Elos Coesivos (EC) | 39 | 76,47 | 26 | 74,29 |
| 2. Cadeias Coesivas (CC) | 12 | 23,53 | 09 | 25,71 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = EC + CC) | 51 | 100,00 | 35 | 100,00 |
| 1. Itens Relevantes (IR = IRCI + IRCS + IRe) | 51 | 80,95 | 35 | 77,78 |
| 2. Itens Periféricos (IP) | 12 | 19,05 | 10 | 22,22 |
| (II) Total de Itens Lexicais (TIL = IR + IP) | 63 | 100,00 | 45 | 100,00 |
| 1. Itens Centrais (IC) | 35 | 68,63 | 20 | 57,14 |
| 2. Itens Não-Centrais (INC) | 16 | 31,37 | 15 | 42,86 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = IC + INC) | 51 | 100,00 | 35 | 100,00 |
| • GRAU DE TEXTURA (GT = IC/TIL) (%) | - | 55,56 | - | 44,44 |

Observando a Tabela 4, percebe-se que as cadeias de identidade, com 68,63% (35 casos) no Texto 1, e com 62,87% (22 casos) no Texto 2, são mais expressivas, em relação às cadeias de similaridade, com 7,84% (4 casos) no Texto 1, e 11,43% (4 casos) no Texto 2, devido à ocorrência excessiva das relações coesivas de natureza pronominal e à reiteração do mesmo item lexical, cujos referentes situacionais são os mesmos.

Observando os resultados dos elos coesivos e das cadeias coesivas, que fazem parte dos itens relevantes, verifica-se que, no Texto 1, de um total de 51 ocorrências, 76,47% (39 casos) são elos coesivos apresentados em 23,53% (12 casos) de cadeias coesivas; no Texto 2, de um total de 35 ocorrências, 74,29% (26 casos), são elos coesivos que se constituem em 25,71% (9 casos) de cadeias coesivas.

No que concerne aos itens relevantes, verifica-se que somam 80,95% (51 casos) no Texto 1, e 77,78% (35 casos) no Texto 2. Esses índices são bem mais elevados do que os itens periféricos que apresentam 19,05% (12 casos) no Texto 1 e, 22,22% (10 casos) no Texto 2. Esses dados permitem concluir, como já mencionado, que a maior porcentagem de itens relevantes não implica maior grau de textura.

Quanto aos itens centrais, verificados na Tabela 4, percebe-se que, no Texto 1, a ocorrência é bem maior, 68,63% (35 casos), em relação aos itens não-centrais, que somam 31,37% (16 casos), enquanto, no Texto 2, os itens centrais, com 57,14%(20 casos), em relação a 42,86% (15 casos) de itens não-centrais. Isso demonstra que quanto mais alta a proporção de itens centrais em relação aos não-centrais, tanto maior o grau de textura esperado no texto.

Pela Tabela 4, pode-se observar, ainda, o grau de textura dos dois textos, índices verificados pela harmonia coesiva, que é a medida para o grau de textura também adotada neste estudo. O grau de textura, no Texto 1, é de 55,56% e, no Texto 2, é de 44,44%, que equivale à porcentagem de itens centrais (IC) em relação ao total de itens lexicais (TIL). Assim, pelo Modelo Proposto, também o Texto 1 tem maior grau de textura que o Texto 2, o que é comprovado pelo detalhamento e apli-

cação da proposta de análise para este estudo, como também pelo limite mínimo de 50%, medida válida de expressão do grau de textura.

Além do grau de textura, é objeto deste estudo observar o emprego da sinonímia, ainda sem verificar a sua contribuição para a textura do texto, pois essa tarefa é realizada nos textos que fazem parte do *corpus* da presente investigação. Além disso, os dados sobre a sinonímia abaixo são referentes à classificação proposta, tendo em vista que no modelo de Hasan não há classificação desse item lexical. Assim, os dados sobre a sinonímia, presentes nos dois textos de Hasan, são verificados na tabela que segue:

Tabela 5 - Resultados Gerais da Categoria Sinonímica e sua Relação com a Textura nos Textos 1 e 2 (MP)

| SINONÍMIA (S) | Texto 1 | % | Texto 2 | % |
|---|----------------|---------------|----------------|---------------|
| 1. Sinonímia por Unidade Lexical (I) | 2 | 100,00 | 1 | 100,00 |
| 2. Sinonímia por Perífrase (II) | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 2 | 100,00 | 1 | 100,00 |
| 1. Sinonímia Lexical (A) | 1 | 50,00 | 1 | 100,00 |
| 2. Sinonímia Instancial (B) | 1 | 50,00 | 0 | 0,0 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 2 | 100,00 | 1 | 100,00 |
| 1. Sinonímia em Cadeias de Identidade (SCI) | 2 | 100,00 | 1 | 100,00 |
| 2. Sinonímia em Cadeias de Similaridade (SCS) | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 2 | 100,00 | 1 | 100,00 |
| 1. Itens Sinonímicos que Interagem em Cadeias (ISIC) | 4 | 100,00 | 2 | 100,00 |
| 2. Itens Sinonímicos que Não-Interagem em Cadeias (ISNIC) | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| (II) Total de Itens Sinonímicos (TIS) | 4 | 100,00 | 2 | 100,00 |
| 1. Itens Sinonímicos que Interagem em Cadeias (ISIC) | 4 | 11,43 | 2 | 10,00 |
| 2. Itens que Interagem em Cadeias e Não São Sinonímicos (IICNS) | 31 | 88,57 | 18 | 90,00 |
| (III) Total de Itens Centrais (TIC) | 35 | 100,00 | 20 | 100,00 |
| • GRAU DE SINONÍMIA NA TEXTURA (GST = ISIC/TIC) (%) | - | 11,43 | - | 10,00 |

Retomando a análise dos dados, na Tabela 5, verifica-se que o número de sinônimos presentes nos dois textos analisados é insignificante, como mencionado. Contudo, nota-se que as ocorrências de sinonímias se encontram nas cadeias de identidade, como também os itens sinônimos existentes interagem em cadeias. Em virtude da ínfima ocorrência e pelos cálculos realizados (ISIC/IC), o percentual de sinonímia em relação à textura é baixo: 11,43%, no Texto 1, e 10,00%, no Texto 2, médias abaixo de 42%, medida aceitável do grau de sinonímia na textura (GST). Mesmo assim, pode-se confirmar que o texto com o grau mais baixo de textura tem o menor número de substituições lexicais sinônimas.

De fato, as circunstâncias, na oralidade, de uma maneira geral, não favorecem um planejamento mais cuidadoso, não apresentando o uso da variação lexical. Parece normal admitir-se uma mais alta frequência da sinonímia em textos mais especializados.

4.5.3 Comparação entre os Dois Modelos (MH e MP)

A comparação entre o Modelo de Hasan (MH) e o Modelo Proposto (MP) se faz necessária, a fim de observar as semelhanças e diferenças nos resultados obtidos, como ainda validar a proposta apresentada neste estudo.

É interessante assinalar que, na análise de Hasan, a autora não utilizou um critério único para a apresentação dos verbos na demonstração das cadeias coesivas (Quadros 7 e 8). Na demonstração do primeiro texto (Quadro 7), a autora manteve as conjugações verbais flexionadas, assim como no diagrama de interação (Figura 1), enquanto, na demonstração das cadeias coesivas do segundo texto (Qua-

dro 8) e no diagrama da interação entre as cadeias (Figura 2), apresentou os verbos na forma infinitiva.

Na aplicação do MP, o critério estabelecido é o de que os verbos são flexionados conforme o texto, tanto na demonstração das cadeias coesivas, presentes na Ficha 1, quanto na apresentação dos itens periféricos, na Ficha 2. Quanto às Figuras 3 e 4, em forma de diagrama, os verbos também são flexionados conforme a apresentação das cadeias coesivas.

Tabela 6 - Resultados Gerais da Avaliação da Textura no Texto 1 (MH e MP)

| TEXTURA (T) | MH | % | MP | % |
|---|-----------|---------------|-----------|---------------|
| 1. Itens Relevantes em Cadeias de Identidades (IRCI) | 33 | 49,25 | 35 | 68,63 |
| 2. Itens Relevantes em Cadeias de Similaridade (IRCS) | 34 | 50,75 | 4 | 7,84 |
| 3. Itens Referentes (IRe) | 0 | 0,0 | 12 | 23,53 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR) | 67 | 100,00 | 51 | 100,00 |
| 1. Itens Relevantes (IR) | 67 | 90,54 | 51 | 80,95 |
| 2. Itens Periféricos (IP) | 7 | 9,46 | 12 | 19,05 |
| (II) Total de Itens Lexicais (TIL = IR + IP) | 74 | 100,00 | 63 | 100,00 |
| 1. Itens Centrais (IC) | 43 | 64,18 | 35 | 68,63 |
| 2. Itens Não-Centrais (INC) | 24 | 35,82 | 16 | 31,37 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = IC + INC) | 67 | 100,00 | 51 | 100,00 |
| • GRAU DE TEXTURA (GT = IC/TIL) (%) | - | 58,11 | - | 55,56 |

Observando a Tabela 6, no MH, de um total de 67 ocorrências, os números dos itens relevantes em cadeias de identidade somam 49,25% (33 casos) e, em cadeias de similaridade, 50,75% (34 casos); ocorrendo inversamente no MP, com 68,63% (35 casos) as cadeias de similaridade e somente 7,84%% (4 casos) as cadeias de identidade. Isso se deve a posições diferentes no que se refere à identificação das categorias coesivas nas cadeias de identidade e similaridade entre os dois modelos. Por exemplo, a sinonímia é tratada, no MP, também como correferencial, isto é, nesse mecanismo de coesão pode haver a mesma identidade de referentes

situacionais, enquanto essa expressão referencial pertence às cadeias de similaridade no MH. Outro aspecto a ser considerado é que, no MP, o primeiro elo da cadeia não é uma categorização, isto é, inicia o fio de continuidade, sendo designado por total de itens referentes, que somam 23,53% (12 casos), enquanto o MH não identifica esses referentes. Quanto à diferença dos itens totais relevantes, 67 (MH) e 51 (MP), deve-se à posição de tratar os itens lexicais como blocos de sentido no MP.

No que concerne aos itens periféricos, o MH apresenta somente 9,46% (7 casos); enquanto, no MP, constam 19,05% (12 casos). A relação das palavras ou expressões lexicais periféricas, no MH, não é apresentada; eles somente são exemplificados com o item lexical “abraçou”, como item periférico, e o número resultante desse item. Notam-se, portanto, diferenças significativas quanto ao número total de itens lexicais presentes nos dois modelos.

Quanto ao tratamento dos itens centrais e não-centrais, observados pela Tabela 4 e também pela Figura 3, que retrata a interação entre as cadeias, percebem-se dados semelhantes, uma vez que ambos os modelos seguiram a mesma orientação sintática: relação agente-ação, relação ação-objeto, relação ação e ou agente-localização, entre outros. A diferença está na concepção de, no MP, orientar-se pela noção das categorias propostas, e a posição de tratar os itens lexicais como blocos de sentido. Assim, os itens centrais, os quais constituem índices significativos para o cálculo da harmonia coesiva, são de 64,18%, (43 casos) no MH, enquanto somam 68,63% (35 casos) no MP.

Finalmente, a Tabela 4 mostra alguns dados já apresentados e analisados, a fim de possibilitar a apresentação do cálculo da harmonia coesiva em ambos os modelos. Apesar de evidenciarem algumas diferenças, as porcentagens do grau de tex-

tura, com 58,11%, no MH, e 55,56%, no MP, demonstram pouca variação, comprovando que esse texto é coerente, visto que apresenta mais de 50%, mínimo estabelecido nos dois modelos. Essa porcentagem também traduz o grau de textura do texto e ratifica a hipótese de que quanto mais alta a proporção de itens centrais, em relação aos itens não-centrais, mais coerente o texto. No entanto, vale ressaltar que o Texto 1 não apresenta elos de coesão possíveis de ocorrer em textos mais complexos e sofisticados, como é o caso de textos do *corpus* desta investigação, os quais apresentam outras categorias coesivas previstas no Modelo Proposto.

Os resultados das Fichas 1, 2 e da Figura 4, referentes ao Texto 2, são fornecidos pela tabela a seguir.

Tabela 7 - Resultados Gerais da Avaliação da Textura no Texto 2 (MH e MP)

| TEXTURA (T) | MH | % | MP | % |
|---|-----------|---------------|-----------|---------------|
| 1. Itens Relevantes em Cadeias de Identidades (IRCI) | 12 | 48,00 | 22 | 62,86 |
| 2. Itens Relevantes em Cadeias de Similaridade (IRCS) | 13 | 52,00 | 4 | 11,43 |
| 3. Itens Referentes (IRe) | 0 | 0,0 | 9 | 25,71 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR) | 25 | 100,00 | 35 | 100,00 |
| 1. Itens Relevantes (IR) | 25 | 37,31 | 35 | 77,78 |
| 2. Itens Periféricos (IP) | 42 | 62,69 | 10 | 22,22 |
| (II) Total de Itens Lexicais (TIL = IR + IP) | 67 | 100,00 | 45 | 100,00 |
| 1. Itens Centrais (IC) | 20 | 80,00 | 20 | 57,14 |
| 2. Itens Não-Centrais (INC) | 5 | 20,00 | 15 | 42,86 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = IC + INC) | 25 | 100,00 | 35 | 100,00 |
| • GRAU DE TEXTURA (GT = IC/TIL) (%) | - | 29,85 | - | 44,44 |

Pela Tabela 7, no MH, constata-se que o número de itens em cadeias de identidade é menor, somando 48,00% (12 casos), enquanto, no MP, representam 62,86% (22 casos). Essa diferença, já explicada na análise do Texto 1, ocorre pela concepção diferente de correferencialidade das categorias dos elos coesivos.

Quanto ao número total de itens periféricos, pode-se verificar que há uma diferença significativa nos resultados dos dois modelos, pois, no MH, o percentual é de 62,69% (42 casos) e, no MP, somente 22,22% (10 casos).

Quanto à interação entre as cadeias, segue-se o MH, que se guia pela orientação sintática, porém a alteração é feita pela concepção dos itens lexicais em blocos de sentido no MP; mesmo assim, os resultados tornam-se análogos, 20 ocorrências nos dois modelos, pois o texto analisado, na maioria das vezes, guia-se por palavras isoladas, formando poucas expressões em unidade de sentido. Esses índices demonstram diferenças quanto ao resultado dos itens não-centrais, que são de 20,00% (5 casos) no MH e 42,86% (15 casos) no MP. No entanto, esses dados demonstram que muitos itens lexicais do texto analisado não interagem em cadeias coesivas, conforme comprovado pelos dois modelos.

No que concerne ao resultado do grau de textura, apresentado na Tabela 7, os índices diferem, pois no MH é de 29,85% e no MP é de 44,44%. Contudo, isso indica que a textura, verificada pelos dois modelos, tem índice pouco expressivo, comprovando que o texto examinado apresenta baixo grau de textura, uma vez que as porcentagens estão abaixo de 50%, medida válida de expressão da textura nos dois modelos.

A realização da análise desses textos e a comparação entre os dois modelos possibilitam confirmar que, no MP, os itens lexicais são considerados por unidade de sentido, enquanto, no MH, a análise é evidenciada por unidades de palavras em orações. O tratamento dos dados, neste trabalho, busca a relação dos elos e das cadeias próprias de cada texto, visto que, segundo Halliday e Hasan (1976, p. 218), “é

da ocorrência de um item no contexto de itens lexicais relacionados que provém a coesão”, atribuindo, assim, ao conjunto, a qualidade de texto.

Nesse grupo de textos examinados, as principais afirmações de Hasan são comprovadas também no MP, no que diz respeito à textura. No entanto, nem todos os princípios de sustentação do MP podem ser confirmados, especialmente no que se refere à sinonímia, uma vez que os textos da autora quase não apresentam termos sinônimos. Essa é uma demonstração de que os jovens falantes, ao enunciar, de improviso, um texto em língua inglesa, ainda não adquiriram um amplo vocabulário e tampouco empregam todos os mecanismos substituíveis de que a língua dispõe.

Desse modo, na análise de textos mais extensos e argumentativos, pretende-se comprovar a incidência da expressão referencial sinonímica na produção escrita e, ainda, observar a relação de proporcionalidade entre o número de ocorrências por sinônimos e a sua relação com a textura. Quer-se destacar a relevância assumida na confirmação e determinação dos princípios aqui levantados. Com efeito, a superação da análise de frases isoladas, em discurso oral, parece ser um imperativo para que se surpreenda a inteira legitimidade e significação das questões lingüísticas mais complexas que contemplam textos mais longos e argumentativos.

4.5.4 Aplicação do Modelo de Hasan em Texto de Acadêmico

Como modelo de análise, é apresentado, a seguir, um texto de acadêmico (TA, Nº 01) o qual faz parte do *corpus* desta investigação, analisado segundo o Modelo de Hasan. A média atribuída ao texto do aluno de Letras no “Concurso de Texto Jornalístico”, pelos professores da banca examinadora, é 3,4, já explicitada na subseção 4.2.2.1 “Textos dos Acadêmicos”.

Texto de Acadêmico (TA) – Nº 01

Título: A busca por um espaço no mercado de trabalho e suas conseqüências

- 01 Na atual disputa por uma conquista no mercado de trabalho, milhares de seres humanos buscam uma formação acadêmica
- 02 Ø tendo nesta a certeza
- 03 de Ø conquistar um lugar, um espaço entre tantos.
- 04 Infelizmente é [orações 7, 8]
- 05 por essa busca desesperada é [orações 7, 8]
- 06 de Ø adquirir um emprego
- 07 que Ø temos atualmente uma quantidade muito grande de profissionais insatisfeitos
- 08 e Ø desenvolvendo um trabalho de péssima qualidade,
- 09 pois na hora da escolha de seu curso não foi o lado vocacional
- 10 o que pesou
- 11 e sim o curso [oração oculta]
- 12 que lhe desse maiores oportunidades mediante a necessidade do mercado de trabalho.
- 13 Como conseqüência dessa escolha, a humanidade sofre
- 14 quando Ø necessita dos trabalhos desse profissional,
- 15 pois o mesmo não exerce com dedicação e amor a sua profissão
- 16 Ø cometendo muitas vezes inúmeros erros,
- 17 erros esses que muitas vezes não têm conserto, com conseqüências drásticas
18. que, muitas vezes, não têm volta,
- 19 Profissional...
- 20 que não Ø veste a camiseta
- 21 Ø esquecendo-se completamente do juramento
- 22 que Ø fez Ø no dia de sua formatura.
- 23 Com essa situação, Ø podemos nos questionar
- 24 se basta apenas o diploma na contratação de um profissional.

O texto constitui-se em 24 orações, mensagens individuais, e apresenta os elos coesivos gramaticais e lexicais, evidenciados nos quadros a seguir.

| Mecanismos Coesivos Gramaticais | | |
|-------------------------------------|-------------------------------------|--|
| 01. (N)a, (n)o | 09. n(a), (d)a, seu, o | 17. esses |
| 02. elipse do sujeito, nesta, a | 10. o (= aquilo) | 18. elipse do sujeito |
| 03. elipse do sujeito, substituição | 11. o, elipse oração | 19. - |
| 04. - | 12. elipse do sujeito, lhe, a, (d)o | 20. elipse do sujeito, a |
| 05. essa | 13. dessa, a | 21. elipse do sujeito, (d)o |
| 06. elipse do sujeito | 14. elipse do sujeito, (d)os, desse | 22. elipse do sujeito, elipse do objeto, (n)o, sua |
| 07. (tem) os | 15. o, substituição, a, sua | 23. essa, elipse do sujeito, nos |
| 08. elipse do sujeito | 16. elipse do sujeito | 24. o, (n)a |

Quadro – 9 Mecanismos Coesivos Gramaticais (TA, Nº 01), conforme MH

O número total de mecanismos coesivos gramaticais (pronomes, artigos definidos, formas que denotam comparação, substituição e elipse) é de 47 itens coesivos.

| Leitura Lexical |
|--|
| 01. atual – disputa – conquista – mercado de trabalho – milhares – seres humanos – buscam – formação acadêmica |
| 02. seres humanos – têm – formação acadêmica – certeza |
| 03. seres humanos – conquistar – lugar – espaço – espaços |
| 04. infelizmente - ser [orações 7, 8] |
| 05. [orações 1, 2] busca – desesperada – ser [orações 7,8] |
| 06. seres humanos – adquirir – emprego |
| 07. tem(os)** – atualmente – quantidade – muito – grande – profissionais – insatisfeitos |
| 08. profissionais – desenvolvem – trabalho – péssima qualidade |
| 09. curso – profissional – hora – escolha – foi - lado vocacional |
| 10. aquilo – pesou |
| 11. curso – pesou |
| 12. curso – desse – profissionais - maiores – oportunidades – necessidade - mercado de trabalho |
| 13. conseqüência – [orações 9, 10, 11 e 12] escolha – humanidade – sofre |
| 14. humanidade – necessita – trabalhos – profissional – insatisfeitos |
| 15. profissional – exerce – dedicação – amor – profissional - profissão |
| 16. profissional – comete – muitas – vezes – inúmeros – erros |
| 17. erros – inúmeros – têm – conserto – conseqüências – drásticas |
| 18. muitas – vezes – erros – têm – volta |
| 19. profissional |
| 20. profissional – esquece – completamente – juramento |
| 21. profissional – esquece – completamente – juramento |
| 22. profissional – fez – juramento – dia – profissional – formatura |
| 23. [orações 01 a 22] – situação – podem(os) * – questionar – nós* |
| 24. basta – apenas – diploma – contratação – profissional |

Quadro 10 – Leitura Lexical (TA, Nº 01), conforme MH

Os termos em negrito são os itens lexicais interpretados pela coesão (pronomes, elipses e substituições) e os dois termos com asteriscos são itens exofóricos. Das 108 ocorrências, número total de itens lexicais, 85 são itens lexicais explícitos e 23 são itens lexicais interpretados por coesão.

| Cadeias Coesivas | | |
|---|--|-------------------|
| Cadeias de Identidade (CI) | | |
| (a) seres humanos (4) | (f) curso (3) | (K) muitas (2) |
| (b) formação acadêmica (2) | (g) conseqüências (2) | (l) vezes (2) |
| (c) mercado de trabalho (2) | (h) pesou (2) | (m) erros (3) |
| (d) humanidade (2) | (i) escolha (2) | (n) têm (3) |
| (e) profissional (14) | (j) insatisfeitos (2) | (o) juramento (2) |
| Cadeias de Similaridade (CS) | | |
| (a) espaço, lugar, espaços | (g) necessidade, necessita | |
| (b) buscam, buscar | (h) péssima qualidade, amor, dedicação | |
| (c) conquista, conquistar, adquirir | (i) desenvolver, exercer, | |
| (d) atual, atualmente | (j) volta, conserto | |
| (e) emprego, trabalho, profissão, trabalhos, oportunidades | (k) esquece, fez | |
| (f) milhares, quantidade, grande, maiores, inúmeros, inúmeros | | |

Quadro 11 – Cadeias Coesivas (TA, Nº 01), conforme MH

Os itens lexicais nas cadeias de identidade, correferências, somam 47 casos (43,51%), enquanto os itens lexicais nas cadeias de similaridade, de mesmo campo semântico, formam 32 casos (29,62%), do total de 108 ocorrências de itens lexicais no texto.

Do número total de itens lexicais (explícitos e interpretados pela coesão), 73,15% (79 de 108 itens) incluem-se em cadeias coesivas e são, portanto, itens relevantes. Os outros 26,85% são itens periféricos (29 de 108 itens) que não entram em cadeias e aparecem somente uma vez.

A seguir são apresentadas as cadeias em interação no diagrama proposto por Hasan.

Figura 5 - Interação entre as Cadeias (TA, Nº 01), conforme Modelo de Hasan

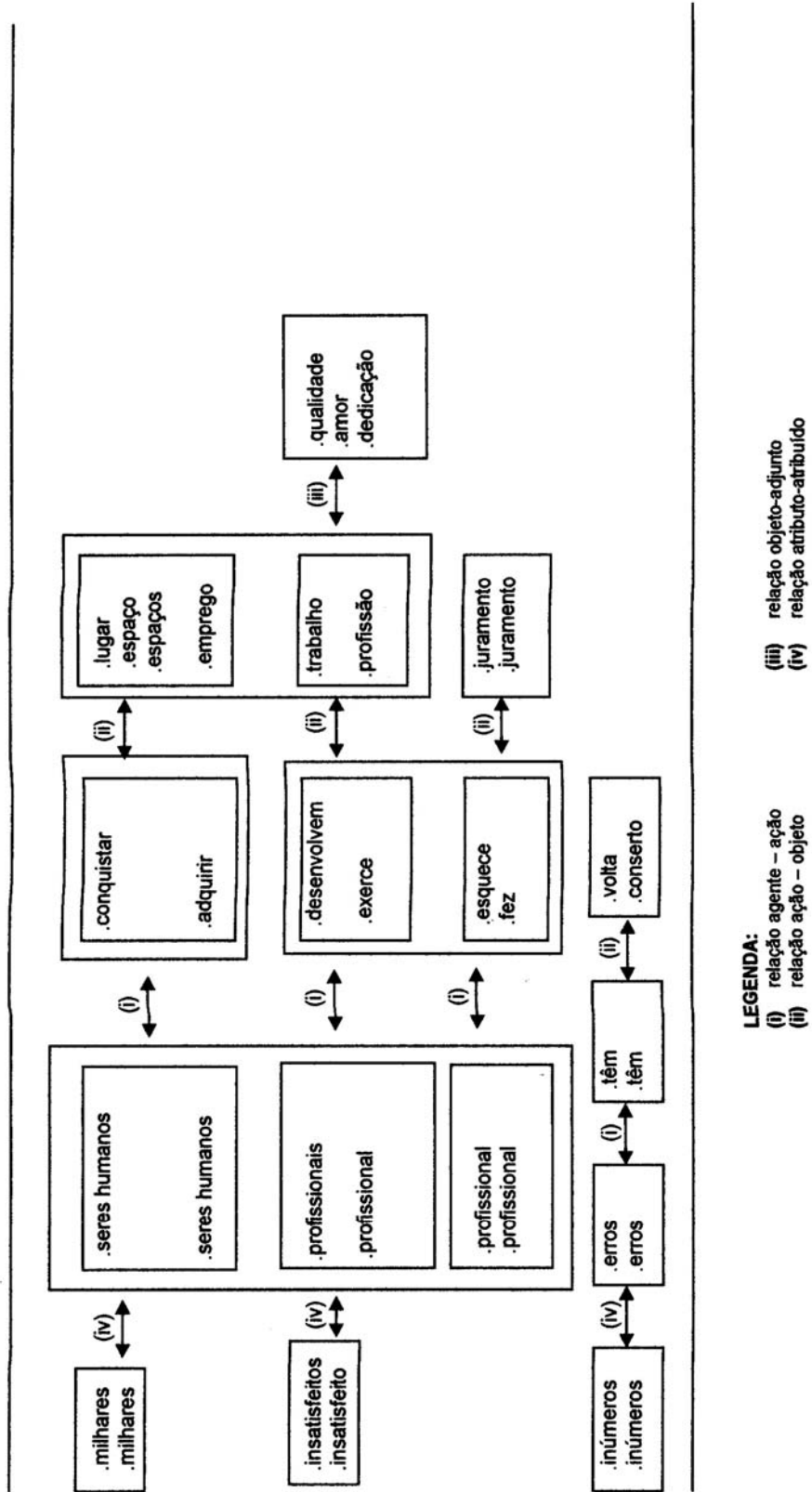


Figura 5 – Interação entre Cadeias – (TA, Nº 01), conforme modelo de Hasan

Dos 79 itens relevantes, 35 itens são centrais, ou seja, 44,30%. Essas 35 ocorrências, apresentadas na Figura 5, em forma de diagrama, formam pares dentro de suas cadeias coesivas (de acordo com a categorização semântica) e interagem com pares de outras cadeias coesivas (de acordo com a orientação sintática).

Tabela 8 - Resultado da Harmonia Coesiva (TA, Nº 01), segundo MH

| TIL | IR | IP | IC | HARMONIA COESIVA (IC/TIL) |
|-----|----|----|----|------------------------------|
| 108 | 79 | 29 | 35 | 32,40% |

Assim, o grau de harmonia coesiva, de acordo com o MH, a partir dos cálculos representados na Tabela 8, é 32,40%, indicando que o grau de coerência do texto do acadêmico de Letras é baixo, menos de 50%.

4.5.5 Aplicação do Modelo Proposto em Texto de Acadêmico

São apresentadas, a seguir, como aplicação do modelo proposto para a análise nesta investigação, as Fichas 1 e 2 referentes ao Texto de Acadêmico Nº 01. A Ficha 1 identifica os elos em cadeias, as cadeias, os itens relevantes em cadeias de identidade ou em cadeias de similaridade e as categorizações propostas. No quadro das categorias, a sinonímia é classificada pela substituição por unidades lexicais ou por perífrases sinonímicas, podendo também ser a sinonímia lexical ou instancial. A Ficha 2 demonstra os itens periféricos, conforme já mencionado. Assim, pode-se visualizar, por meio desses instrumentos, os vários itens com os respectivos resultados numéricos para posterior tabulação dos dados.

FICHA 1 - LEVANTAMENTO DE DADOS – TEXTO DE ACADÊMICO – Nº 01
TÍTULO: A busca por um espaço no mercado de trabalho e suas conseqüências

| TIR | EC | CC | ELOS E CADEIAS | CATEGORIAS POR ELOS | ELOS | IRCI | IRCS |
|-----|----|-----|---|---|--|--------------------------------------|--------|
| 2 | 1 | (a) | a. na atual (1) b. atualmente (7-8) | . repetição parcial | [b-a] | x | |
| 3 | 2 | (b) | a. uma conquista (1) b. conquistar (4) c. adquirir (7) | . repetição parcial . sinonímia (I - B) | [b-a] [c-b] | x x | |
| 2 | 1 | (c) | a. o mercado de trabalho (2) b. o mercado de trabalho (14) | . repetição total | [b-a] | x | |
| 8 | 7 | (d) | a. um lugar (4) b. um espaço (4-5) c. entre tantos (5) d. um emprego (7) e. um trabalho (9-10) f. maiores oportunidades (13) g. os trabalhos (17) h. profissão (19) | . sinonímia (I - B) . elipse . sinonímia (I - B) . sinonímia (I - B) . sinonímia (II - B) . repetição parcial . sinonímia (I - B) | [b-a] [c-b] [d-a] [e-d] [f -e] [g-e] [h-e] | x x x x x x x | |
| 2 | 1 | (e) | a. milhares (2) b. uma quantidade muito grande (8) | . sinonímia (II - A) | [b-a] | x | |
| 2 | 1 | (f) | a. (milhares de) seres humanos (2-3) b. a humanidade (15-16) | . sinonímia (I - A) | [b-a] | x | |
| 2 | 1 | (g) | a. milhares de seres humanos buscam uma formação acadêmica (2-3) b. essa busca (6) | . anáfora conceitual | [b-a] | x | |
| 6 | 5 | (h) | a. uma formação acadêmica (3) b. nesta (4) c. curso (11) d. ou o lado vocacional (12) e. o curso (12) f. o diploma (28-29) | . pronominalização . sinonímia (I - B) . antonímia . repetição total . sinonímia (I - B) | [b-a] [c-a] [d-c] [e-c] [f -a] | x x x x x | x |
| 4 | 3 | (i) | a. tendo (3) b. temos (7) c. não têm (21) d. não têm (22) | . repetição parcial . antonímia . repetição total | [b-a] [c-b] [d-c] | x x x | x |
| 9 | 8 | (j) | a. profissionais insatisfeitos (9) b. seu (11) c. lhe (13) d. desse profissional (17) e. o mesmo (18) f. sua (19) g. profissional (que não veste a camiseta) (23-24) h. sua (26) i. um profissional (29-30) | . pronominalização . pronominalização . repetição parcial . elipse . pronominalização . repetição parcial . pronominalização . repetição parcial | [b-a] [c-a] [d-a] [e-d] [f -e] [g-a] [h-g] [i -g] | x x x x x x x x | x x |
| 2 | 1 | (k) | a. desenvolvendo (9) b. não exerce (18) | . antonímia | [b-a] | | x |
| 3 | 2 | (l) | a. de péssima qualidade (10) b. com dedicação e amor (18-19) c. não veste a camiseta (23-24) | . antonímia . sinonímia (II - B) | [b-a] [c-a] | | x |
| 2 | 1 | (m) | a. a necessidade (14) b. necessita (16) | . repetição parcial | [b-a] | x | |
| 2 | 1 | (n) | a. o que pesou não foi o lado vocacional (11-12) b. e sim o curso [o que pesou] (12) | . elipse da oração | [b-a] | x | |
| 2 | 1 | (o) | a. na hora da escolha...mercado de trabalho (10-14) b. dessa escolha (15) | . anáfora conceitual | [b-a] | x | |
| 2 | 1 | (p) | a. conseqüência (15) b. conseqüências (22) | . repetição parcial | [b-a] | x | |
| 2 | 1 | (q) | a. muitas vezes (20) b. muitas vezes (21) | . repetição total | [b-a] | x | |
| 2 | 1 | (r) | a. inúmeros erros (20) b. erros esses (20-21) | . repetição parcial | [b-a] | x | |

| | | | | | | | |
|-----------|-----------|-----------|---|----------------------|-----------|-----------|----------|
| 2 | 1 | (s) | a. não têm volta (21) b. não têm conserto (22) | . sinônímia (II – B) | [b-a] | x | |
| 2 | 1 | (t) | a. esquecendo-se (24) b. fez (25) | . antonímia | [b-a] | | x |
| 2 | 1 | (u) | a. o juramento (25) b. fez [juramento] (25) | . elipse do objeto | [b-a] | x | |
| 2 | 1 | (v) | a. Na atual disputa...sua formatura (1-26) b. essa situação (27) | . anáfora conceitual | [b-a] | x | |
| 2 | 1 | (w) | a. podemos (27) b. nos (28) | . pronominalização | [b-a] | x | |
| 67 | 44 | 23 | 67 | 44 | 44 | 37 | 7 |

LEGENDA:

TIR = Total de Itens Relevantes

EC = Elos coesivos

CC = Cadeias coesivas

IRCI = Itens Relevantes em Cadeias de Identidade

IRCS = Itens Relevantes em Cadeias de Similaridade

SINONÍMIA:

I = Por Unidade

II = Por Perífrase Sinonímica

A = Sinônímia Lexical

B = Sinônímia Instancial

Pelos dados da Ficha 1, pode-se verificar que o acadêmico do Curso de Letras utiliza, em seu texto, quase todas as categorias por elos. Os itens relevantes somam 67 casos, 44 representam os elos coesivos e 23 as cadeias coesivas. Dentre os itens relevantes, 37 pertencem às cadeias de identidade e somente 7 itens lexicais constam nas cadeias de similaridade, somando 23 itens antecedentes.

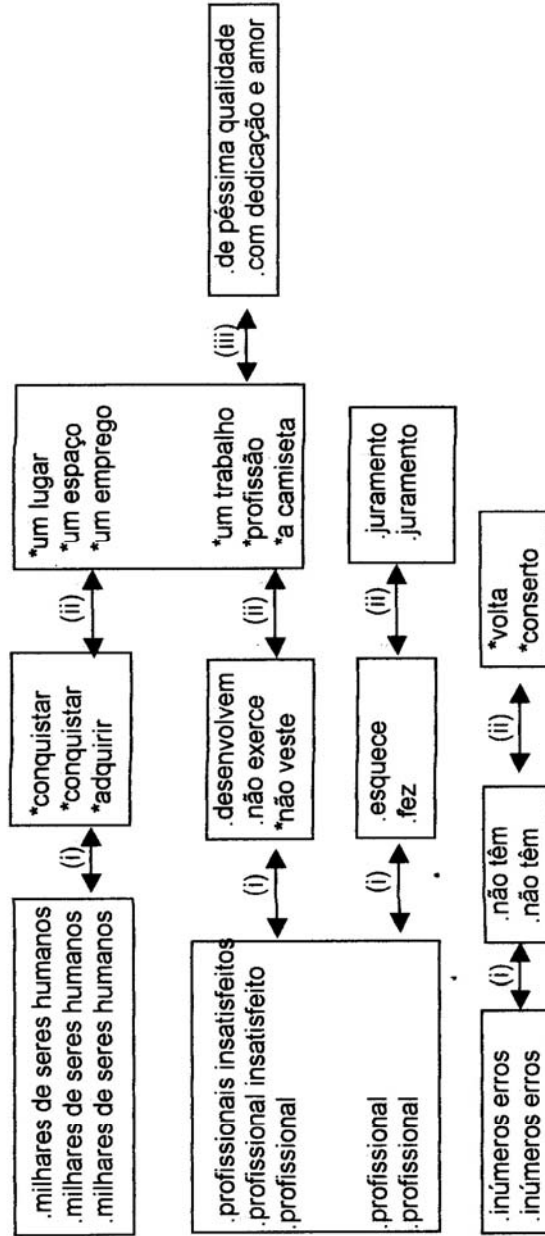
Ficha 2 - LEVANTAMENTO DE DADOS – TEXTO DE ACADÊMICO – Nº 01
TÍTULO: A Busca por um espaço no mercado de trabalho e suas conseqüências

| Nº | ITENS PERIFÉRICOS | Nº | ITENS PERIFÉRICOS |
|----|--------------------|-----------|-------------------------|
| 1 | . disputa (1) | 10 | . cometendo (19) |
| 2 | . a certeza (4) | 11 | . drásticas (23) |
| 3 | . infelizmente (6) | 12 | . completamente (24-25) |
| 4 | . desesperada (6) | 13 | . no dia (25) |
| 5 | . na hora (10-11) | 14 | . formatura (26) |
| 6 | . não foi (11-12) | 15 | . questionar (28) |
| 7 | . desse (12) | 16 | . basta (28) |
| 8 | . mediante (13-14) | 17 | . apenas (28) |
| 9 | . sofre (16) | 18 | . na contratação (29) |
| | | TOTAL: 18 | |

Pela Ficha 2, que se refere aos itens periféricos, verifica-se a ocorrência de 18 itens lexicais, os quais se apresentam somente uma vez no texto. Esse índice também confirma o baixo grau de textura do texto analisado, tendo em vista formar-se de um número elevado, comparado ao número dos itens relevantes.

Dando seguimento à análise, é apresentada a Figura 6, em forma de diagrama, da interação entre as cadeias, que visualizam os itens centrais e os itens sinônimos que interagem nas cadeias, conforme o MP.

Figura 6 - Interação entre as Cadeias – Texto de Acadêmico N° 01



LEGENDA:

(i) relação agente – ação

(ii) relação ação – objeto

(iii) relação atribuído - atributo

* = Itens Sinonímicos que Interagem em Cadeias (ISIC)

TOTAL de Itens Centrais (TIC): 32

TOTAL de Itens Sinonímicos que Interagem em Cadeias (TISIC): 12

Figura 6 – Interação entre Cadeias – Texto Acadêmico N° 01

Pela Figura 6, que retrata a interação entre as cadeias, constata-se que as cadeias vinculadas pela seta (i) encontram-se numa relação de agente-ação (ex.: profissionais insatisfeitos desenvolvem), as vinculadas pela seta (ii) encontram-se numa relação de ação-objeto (ex.: desenvolvem um trabalho) e o vínculo indicado pela seta (iii) é de relação atribuído-atributo (ex.: um trabalho de péssima qualidade). Em sintaxe, essas relações são: (i) sujeito – verbo; (ii) verbo-objeto direto; (v) objeto direto-adjunto adverbial.

Dos 67 itens relevantes, 32 são itens centrais, ou seja, 47,76%. Essas 32 ocorrências, apresentadas em forma de diagrama (Figura 6), formam pares dentro de suas cadeias coesivas e interagem com pares dentro de outras cadeias coesivas. Constata-se, também, que os itens lexicais podem ser termos em blocos de sentido: substantivo mais adjetivo (ex.: profissionais insatisfeitos), precedidos pela negação (ex.: não têm), por artigo indefinido (ex.: um lugar), por preposição (ex.: com dedicação e amor). A opção por esse posicionamento é defendida ao longo deste trabalho.

O resultado das Fichas 1 e 2 e da Figura 6 são verificados nas Tabelas que seguem.

**Tabela 9 - Resultados Gerais das Categorias Coesivas (TA, Nº 01)
(MP)**

| Nº DE ORDEM | CATEGORIAS POR ELOS | Nº | % |
|--------------------|----------------------------|-----------|---------------|
| 1 | . Pronominalização | 6 | 13,64 |
| 2 | . Elipse | 4 | 9,09 |
| 3 | . Repetição | 14 | 31,82 |
| 4 | . Sinonímia | 12 | 27,27 |
| 5 | . Hiponímia | 0 | 0,0 |
| 6 | . Antonímia | 5 | 11,36 |
| 7 | . Anáfora Conceitual | 3 | 6,82 |
| 8 | . Anáfora Indireta | 0 | 0,0 |
| TOTAL | | 44 | 100,00 |

Pelos dados da Tabela 9, pode-se observar que, nesse texto, ocorrem 14 (31,82%) elos coesivos lexicais por repetição, 12 (27,27%) elos por sinonímia, 6 (13,64%) por pronominalização, 5 (11,36%) por antonímia, 4 (9,09%) por elipse e 3 (6,82%) por anáfora conceitual. Assim, a repetição e a sinonímia são utilizadas em maior número, privilegiando, portanto, a repetição da mesma forma lexical e os termos que retomam outro item lexical com diferença lexemática e equivalência de sentido. As categorias hiponímia e anáfora indireta não são usadas pelo produtor desse texto.

**Tabela 10 - Resultados Gerais da Avaliação da Textura (TA, Nº 01)
(MP)**

| TEXTURA (T) | Nº | % |
|--|-----------|---------------|
| 1. Itens Relevantes em Cadeias de Identidades (IRCI) | 37 | 55,22 |
| 2. Itens Relevantes em Cadeias de Similaridade (IRCS) | 7 | 10,45 |
| 3. Itens Referentes (IRe) | 23 | 34,33 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = IRCI + IRCS + IRe) | 67 | 100,00 |
| 1. Itens Relevantes (IR = IRCI + IRCS + IRe) | 67 | 78,82 |
| 2. Itens Periféricos (IP) | 18 | 21,18 |
| (II) Total de Itens Lexicais (TIL = IR + IP) | 85 | 100,00 |
| 1. Itens Centrais (IC) | 32 | 47,76 |
| 2. Itens Não-Centrais (INC) | 35 | 52,24 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = IC + INC) | 67 | 100,00 |
| • GRAU DE TEXTURA (GT = IC/TIL) (%) | - | 37,65% |

Observando a Tabela 10, percebe-se que a maior incidência de itens relevantes evidencia-se nas cadeias de identidade, com 55,22% (37 casos), em relação às cadeias de similaridade, com somente 10,45% (7 casos). Os itens relevantes, com 78,82% (67 casos), constituem índice maior do que os itens periféricos, com 21,18% (18 casos). Quanto ao resultado da interação entre as cadeias, os itens centrais formam um índice menor, somando 47,76% (32 ocorrências), enquanto os itens não-centrais somam 52,24% (35 ocorrências).

Por último, nessa tabela, consta o índice do grau de textura do texto, que é de 37,65%. Por esse resultado, é possível inferir que o grau de textura do texto é baixo, pois não atinge 50%, a medida válida de expressão da textura.

A tabela, a seguir, apresenta os resultados do processo sinonímico do Texto de Acadêmico N° 01, de acordo com o MP, visto que Hasan não analisa especificamente a sinonímia.

Tabela 11 - Resultados Gerais da Categoria Sinonímica e sua Relação com a Textura (TA, N° 01) - MP

| SINONÍMIA (S) | N° | % |
|---|-----------|---------------|
| 1. Sinonímia por Unidade Lexical (I) | 8 | 66,67 |
| 2. Sinonímia por Perífrase (II) | 4 | 33,33 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 12 | 100,00 |
| 1. Sinonímia Lexical (A) | 2 | 16,67 |
| 2. Sinonímia Instancial (B) | 10 | 83,33 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 12 | 100,00 |
| 1. Sinonímia em Cadeias de Identidade (SCI) | 12 | 100,00 |
| 2. Sinonímia em Cadeias de Similaridade (SCS) | 0 | 0,0 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 12 | 100,00 |
| 1. Itens Sinonímicos que Interagem em Cadeias (ISIC) | 12 | 50,00 |
| 2. Itens Sinonímicos que Não-Interagem em Cadeias (ISNIC) | 12 | 50,00 |
| (II) Total de Itens Sinonímicos (TIS) | 24 | 100,00 |
| 1. Itens Sinonímicos que Interagem em Cadeias (ISIC) | 12 | 37,50 |
| 2. Itens que Interagem em Cadeias e Não São Sinonímicos (IICNS) | 20 | 62,50 |
| (III) Total de Itens Centrais (TIC) | 32 | 100,00 |
| • GRAU DE SINONÍMIA NA TEXTURA (GST = ISIC/TIC) (%) | - | 37,50 |

Dentre os fatores de expressão da sinonímia, evidenciados na Tabela 11, salienta-se a sinonímia por unidade lexical, com 66,67% (8 casos), enquanto a sinonímia por perífrase soma 33,33% (4 casos). A sinonímia instancial também tem maior índice, com 83,33% (10 casos), enquanto a sinonímia lexical soma somente 16,67% (2 casos). Essa tabela indica que a sinonímia em cadeias de identidade tem

índice de 100% (12 casos), assim não ocorrem termos sinônimos em cadeias de similaridade, isto é, com distinção referencial.

Além disso, verifica-se que os itens sinonímicos que interagem em cadeias somam 50,00% (12 ocorrências), comparados a 50,00% (12 casos) dos itens sinonímicos que não-interagem em cadeias. Quanto aos itens que interagem em cadeias, que não são sinonímicos, prevalecem com 62,50% (20 casos), em relação aos itens sinonímicos que interagem em cadeias, com 37,50% (12 casos). Isso posto, conclui-se que dentre as categorias de relações semânticas (8 categorias por elos), a sinonímia evidencia seu papel como componente coesivo, uma vez que está presente na interação entre as cadeias com 12 casos.

A Tabela 11 indica, ainda, o grau de sinonímia na textura (GST), permitindo verificar que é baixo, com 37,50%, evidenciado pelo seguinte cálculo: $ISIC/IC$. Esse resultado é inferior a 42%, medida válida de expressão do grau de sinonímia na textura estipulada neste estudo.

4.5.6 Comparação entre os Dois Modelos no Texto de Acadêmico

Seguindo o propósito estabelecido no início desta seção, a tabela a seguir apresenta os dados levantados no Texto de Acadêmico N° 01, conforme a análise pelo Modelo de Hasan (MH) e pelo Modelo Proposto (MP). Esses dados permitem fazer o cotejo entre os dois modelos.

**Tabela 12 - Resultados Gerais da Avaliação da Textura (TA, Nº 01)
(MH e MP)**

| TEXTURA (T) | MH | % | MP | % |
|---|------------|---------------|-----------|---------------|
| 1. Itens Relevantes em Cadeias de Identidades (IRCI) | 47 | 59,49 | 37 | 55,22 |
| 2. Itens Relevantes em Cadeias de Similaridade (IRCS) | 32 | 40,51 | 7 | 10,45 |
| 3. Itens Referentes (IRe) | 0 | 0,0 | 23 | 34,33 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR) | 79 | 100,00 | 67 | 100,00 |
| 1. Itens Relevantes (IR) | 79 | 73,15 | 67 | 78,82 |
| 2. Itens Periféricos (IP) | 29 | 26,85 | 18 | 21,18 |
| (II) Total de Itens Lexicais (TIL = IR + IP) | 108 | 100,00 | 85 | 100,00 |
| 1. Itens Centrais (IC) | 35 | 44,30 | 32 | 47,76 |
| 2. Itens Não-Centrais (INC) | 44 | 55,70 | 35 | 52,24 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = IC + INC) | 79 | 100,00 | 67 | 100,00 |
| • GRAU DE TEXTURA (GT = IC/TIL) (%) | - | 32,41 | - | 37,65 |

Note-se, mais uma vez, que Hasan analisa os textos orais produzidos por crianças, na sua pesquisa, em mensagens individuais, enquanto, no MP, os textos são examinados por unidades de sentido, considerados itens lexicais. A autora não considera a negação, a voz passiva e a locução verbal e descarta o artigo indefinido, sendo que o artigo definido, o pronome e o advérbio são, para ela, mecanismos interpretados pela coesão. No MP, a negação, a voz passiva e a locução verbal são apresentadas na análise e fazem parte do bloco de sentido; além disso, o artigo definido e o artigo indefinido fazem parte das expressões lexicais, podendo introduzi-las.

Pela Tabela 12, constata-se que, nos dois modelos, os itens relevantes em cadeias de identidade são mais expressivos, com 59,49% (47 casos) no MH e 55,22% (37 casos) no MP, do que o índice dos itens relevantes em cadeias de similaridade, com 40,51% (32 casos) no MH e 10,45% (7 casos) no MP. É importante lembrar que a diferença entre os dois índices das cadeias de identidade, entre os dois modelos, é manifestada porque no MP aparecem três classificações: cadeias de

identidade, cadeias de similaridade e itens referentes. Essa categorização é realizada diferentemente do modelo de Hasan que prevê somente as duas primeiras, pela justificativa de que as cadeias formam elos e em todo elo há um referente lingüístico. Em conclusão, as duas pontas formam um elo que é constituído por dois itens lexicais: um antecedente, ou referente lingüístico, e um substituto.

Quanto ao total de itens relevantes e itens periféricos, presentes nessa tabela, pode-se verificar que os primeiros são em maior número em ambos os modelos, com 73,15% (79 casos) no MH e 78,82% (67 casos) no MP; os itens periféricos também apresentam-se análogos à proporção de diferença, com 26,85% (29 casos) no MH e 21,18% (18 casos) no MP.

No que se refere à interação entre as cadeias, segue-se o MH, que se guia pela orientação sintática, porém a alteração é feita pela concepção dos itens lexicais em blocos de sentido no MP, mesmo assim os resultados tornam-se semelhantes. E, quanto ao resultado dessa interação, constante na Tabela 12, observa-se que os itens centrais somam 44,30% (35 casos) no MH, enquanto apresentam 47,76% (32 casos) no MP. Esses índices evidenciam diferenças quanto ao resultado dos itens não-centrais, que são de 55,70% (44 casos) no MH e 52,24% (35 casos) no MP. No entanto, esses dados demonstram que muitos itens lexicais do texto analisado não interagem em cadeias coesivas, o que é comprovado pelos dois modelos.

No que concerne ao resultado da harmonia coesiva, os índices foram próximos, com o percentual de 32,41% no MH e 37,65% no MP. Isso indica que a harmonia coesiva, verificada pelos dois modelos, tem índice pouco expressivo, evidenciando que o texto examinado apresenta baixo grau de textura. Sendo assim, pelos dados apresentados, verifica-se que o texto não apresenta grau de textura acima de

50%, limite mínimo estabelecido. Além disso, a média estipulada pelos professores, no julgamento dos textos, foi também próxima aos resultados obtidos neste trabalho, com 3,4.

Esses dados confirmam a hipótese de Hasan (1989, p. 93): quanto mais baixa a proporção dos itens periféricos em relação aos itens relevantes, tanto mais coerente o texto. Da mesma forma, indicam que o texto com o maior número de ocorrências centrais em interações entre as cadeias, em relação às ocorrências não-centrais, tem o mais alto grau de textura, firmando mais uma vez o que disse Hasan.

Portanto, nesse grupo de textos, as principais afirmações de Hasan são comprovadas, tecendo-se algumas considerações: o modelo para avaliação do grau de textura de um texto apresentado por Hasan é adequado à comparação entre diferentes produções orais e escritas, de pequena extensão; o modelo aqui apresentado, modificado neste trabalho com o título Modelo Proposto, além de ser adequado à comparação entre textos, mostra, com clareza, como os mecanismos da produção escrita são avaliados e se acrescentam ao grau de sinonímia na textura e à contribuição da sinonímia na textura, contemplando textos mais longos, complexos e argumentativos.

Desse modo, o Modelo Proposto permite avaliar não só o grau de textura do texto, como também a contribuição da sinonímia para o estabelecimento dos elos coesivos na efetivação da textura. Porém, não se pode observar o desempenho da sinonímia, levando em consideração a textura do texto, com os três textos examinados, pois é um número reduzido que não fornece material suficiente para essa comprovação.

Pela análise efetuada até o momento, percebe-se a diferença entre os dois modelos. Assim, depois dessa aplicação, análise, comparação, discussão e validação do MP, parte-se, então, para o capítulo 5 deste trabalho, em que se realiza a análise e discussão dos dados nos textos que fazem parte do *corpus* deste estudo, com base no Modelo Proposto criado para esta investigação.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Com base nos pressupostos teóricos e no modelo teórico-metodológico proposto, apresentados nos capítulos anteriores desta tese, o objetivo deste capítulo é apresentar a análise dos dados e a discussão dos resultados.

Partindo dos critérios estabelecidos, da anotação em fichas e da montagem dos diagramas, considerando todas as ocorrências por elos e cadeias coesivas observadas nos 15 textos que constituem o *corpus* da pesquisa, os dados foram submetidos a tratamento estatístico, a fim de se obter os resultados individuais e totais relativos aos textos. Inicialmente, foram retirados os índices em relação à categorização por elos coesivos, os valores numéricos referentes à avaliação da textura e os índices relativos à categoria sinonímica e sua relação com a textura por grupo de textos. Seguindo-se a isso, os resultados dos textos dos diferentes produtores foram cruzados, observando-se semelhanças e diferenças entre os três grupos de textos. Após essa análise quantitativa, tarefa importante e imperativa, é apresentada a discussão dos resultados, com o propósito de proceder a uma análise qualitativa, igualmente relevante.

Os coeficientes levantados, por meio das correlações entre as variáveis: sinonímia e textura e a variável interveniente: grupo textual, considerando os textos dos produtores acadêmicos, profissionais e escritores-colaboradores de jornal, permitiram não só a obtenção dos dados, como também a análise dos resultados que podem explicar o emprego e a contribuição dos elos coesivos sinonímicos na textura do texto, além de fornecer respostas aos questionamentos citados na Introdução deste estudo.

Dado o exposto, a seqüência deste capítulo está organizada em tópicos assim distribuídos. A princípio, são demonstrados os índices, em tabelas e figuras, em forma gráfica, e a análise desses resultados, a saber: 1. a freqüência das categorias por elos coesivos; 2. a contagem das ocorrências dos procedimentos para o cálculo do grau de textura, constituindo: os itens relevantes (em cadeias de identidade, cadeias de similaridade e os itens referentes), os elos e cadeias coesivas, os itens periféricos, o total de itens lexicais, os itens centrais e não-centrais e o grau de textura; 3. a classificação sinonímica, a contagem das ocorrências dos procedimentos para a obtenção do grau de sinonímia na textura e da contribuição da sinonímia para a textura, constituindo: a sinonímia por unidade lexical, a sinonímia por perífrase, a sinonímia lexical, a sinonímia instancial, a sinonímia em cadeias (identidade e similaridade), os itens sinonímicos que interagem em cadeias, os itens sinonímicos que não interagem em cadeias, os itens que interagem em cadeias e não são sinonímicos, o grau de sinonímia na textura dos textos e o percentual da contribuição da sinonímia na textura.

Todos esses índices são analisados, apresentando-se os resultados, em valores absolutos (valores que diretamente são observados) e relativos (em percentuais), de cada texto, bem como a situação geral de cada grupo, por grupo de textos, além da comparação entre os dados dos três grupos.

A apresentação dos dados e a análise dos resultados seguem a seguinte ordem: a análise do grupo de textos dos acadêmicos, a análise do grupo de textos dos profissionais e a análise do grupo de textos jornalísticos. Em seqüência a isso, para a análise das semelhanças e diferenças entre os textos dos três grupos de produtores, é efetuado o cruzamento entre os dados gerais de cada grupo. As correlações das variáveis estipuladas são efetuadas junto à análise. E, por último, é apresentada a discussão dos resultados cujo objeto de reflexão é o emprego da sinonímia e sua contribuição para a textura do texto.

5.1 ANÁLISE DOS DADOS

A amostra é constituída por 15 textos, que são divididos em três grupos: acadêmicos, profissionais e jornalísticos, cujos dados são analisados nessa ordem. Os textos e as respectivas Fichas 1 e 2 e Figuras diagramáticas encontram-se nos Anexos A, B e C, seguindo a mesma ordem por grupo de textos.

Tratando-se de abordagem quantitativa da linguagem verbal, expressa em produções escritas, torna-se necessário trabalhar com números e percentuais, sobretudo quando, na amostra escolhida, evidenciam-se vários elos e cadeias coesivas de diferentes classificações. Não menos importante, contudo, é o posicionamento crítico e analista da natureza do fenômeno da criação lingüística que, algumas

vezes, é flutuante e incaptável. Em razão disso, analisar quantitativamente elos e cadeias é necessário, mas fazer uma leitura reflexiva sobre os dados e os aspectos que a eles escapam é consistente com a posição de que a linguagem tem um aspecto funcional, como descrito na subseção 1.1.2 “Função Textual”, no Capítulo 1.

5.1.1 Análise dos Dados dos Textos de Acadêmicos

Nesta subseção, os principais índices são demonstrados quanto aos dados referentes aos textos dos acadêmicos, com o objetivo de verificar esses resultados para a caracterização dos textos desse grupo. As tabelas, a seguir, apresentam os resultados individuais e gerais em valores absolutos e relativos.

Tabela 13 – Categorias Coesivas nos Textos de Acadêmicos

| CATEGORIAS POR ELOS | T1 3,4* | % | T2 4,2* | % | T3 6,2* | % | T4 8,5* | % | T5 9,0* | % | TG | % |
|-----------------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|
| 1. Pronominalização | 6 | 13,6 | 7 | 14,0 | 7 | 14,0 | 12 | 15,6 | 4 | 6,9 | 36 | 12,9 |
| 2. Elipse | 4 | 9,1 | 3 | 6,0 | 4 | 8,0 | 4 | 5,2 | 8 | 13,8 | 23 | 8,2 |
| 3. Repetição | 14 | 31,8 | 11 | 22,0 | 8 | 16,0 | 23 | 29,9 | 7 | 12,1 | 63 | 22,6 |
| 4. Sinonímia | 12 | 27,3 | 15 | 30,0 | 16 | 32,0 | 27 | 35,1 | 28 | 48,3 | 98 | 35,1 |
| 5. Hiperonímia | 0 | 0,0 | 5 | 10,0 | 5 | 10,0 | 4 | 5,2 | 7 | 12,1 | 21 | 7,5 |
| 6. Antonímia | 5 | 11,4 | 3 | 6,0 | 6 | 12,0 | 4 | 5,2 | 2 | 3,4 | 20 | 7,2 |
| 7. Anáfora Conceitual | 3 | 6,8 | 6 | 12,0 | 4 | 8,0 | 3 | 3,8 | 2 | 3,4 | 18 | 6,5 |
| 8. Anáfora Indireta | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 |
| TOTAL | 44 | 100,0 | 50 | 100,0 | 50 | 100,0 | 77 | 100,0 | 58 | 100,0 | 279 | 100,0 |

* Média atribuída ao texto pela Comissão Julgadora do “Concurso de Texto Jornalístico”.

Analisando a Tabela 13, que se refere aos textos dos alunos do Curso de Letras da ULBRA de Torres participantes do “Concurso de Texto Jornalístico”, verifica-se que, de um total geral de 279 ocorrências de categorias por elos coesivos, 35,1% (98 casos) são relações de natureza sinonímica; seguindo-se as relações por repetição lexical, com 22,6% (63 casos), por pronominalização, com 12,9% (36 casos), por elipse, com 8,2% (23 casos), por hiperonímia, com 7,5% (21 casos); por an-

tonímia, com 7,2% (20 casos), por anáfora conceitual, com 6,5% (18 casos), sendo que nenhuma ocorrência de anáfora indireta é constatada nesse grupo de textos.

Pela análise da Tabela 13, percebe-se que a substituição lexical sinonímica apresenta um número maior em relação às outras categorizações, com 98 casos (35,1%), variando, entre um mínimo de 12 ocorrências (27,3%), Texto 1, e um máximo de 28 (48,3%), Texto 5, do total dos números por textos. Isso demonstra que os alunos do Curso de Letras empregam, com mais freqüência, a retomada de um item lexical por outro item lexical utilizando a equivalência de sentido, por meio de palavras, expressões ou orações sinonímicas, as quais propiciam continuidade e progressão ao texto.

A retomada por repetição, observando a coluna total geral, com 22,6% (63 casos), é também representativa, em relação às outras categorizações. Evidencia-se, por isso, que os produtores desses textos também empregam freqüentemente essa categoria coesiva, isto é, que, dentre as categorias analisadas, salientam-se, ainda, os elos que contêm o termo substituto, por meio de uma unidade ou expressão (e até mesmo um nome próprio), que se refere a outro termo antecedente, com correspondência morfossemântica, total ou parcial, conforme a recorrência com identidade ou com variação formal. É importante salientar que o elo coesivo lexical por repetição tem maior incidência no Texto 1, com 31,8% (14 casos), do que a sinonímia, com 27,3% (12 casos); no entanto, no Texto 5, a elipse, com 13,8% (8 casos) tem maior freqüência que a repetição lexical, com 12,1% (7 casos).

Dessas considerações, verifica-se que a sinonímia é a categorização com maior freqüência nesse grupo, exceto pelo Texto 1, uma vez que ela é menos freqüente que a repetição nesse texto. Da mesma forma, a repetição sobressai, depois da sinonímia, exceto pelo Texto 5.

Além disso, pela Tabela 13, percebe-se que há uma tendência crescente com relação ao uso da substituição lexical sinonímica nesse grupo de textos: com 12 ocorrências (27,3%) no Texto 1; com 15 (30,0%), no Texto 2; com 16 (32,0%), no Texto 3; com 27 (35,1%), no Texto 4; e com 28 (48,3%), no Texto 5. Por essa constatação, comparando-a com as médias atribuídas pela Comissão Julgadora do “Concurso de Texto Jornalístico”, mencionado no Capítulo 4, na descrição do *corpus*, e presentes na Tabela 13, verifica-se que as médias dos textos dos acadêmicos são também ascendentes: com 3,4 no Texto 1, com 4,2 no Texto 2, com 6,2 no Texto 3, com 8,5 no Texto 4 e com 9,0 no Texto 5. Isso posto, evidencia-se que há semelhanças entre a frequência dos sinônimos e as médias atribuídas pela avaliação no Concurso aos mesmos textos, indicando que, neste universo de textos, “quanto maior o número de sinonímias utilizado, mais altas são as médias das produções textuais”.

Quanto aos índices relativos à textura, evidenciados nos textos de acadêmicos, são apresentados na Tabela 14, a seguir.

Tabela 14 – Textura nos Textos de Acadêmicos

| TEXTURA (T) | T1 3,4* | T2 4,2* | T3 6,2* | T4 8,5* | T5 9,0* | TG | % |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|
| 1. Itens Relevantes em Cadeias de Identidades (IRCI) | 37 | 36 | 36 | 59 | 40 | 207 | 54,2 |
| 2. Itens Relevantes em Cadeias de Similaridade (IRCS) | 7 | 14 | 14 | 18 | 18 | 72 | 18,9 |
| 3. Itens Referentes (IRe) | 23 | 16 | 20 | 24 | 20 | 103 | 26,9 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = IRCI + IRCS + IRe) | 67 | 66 | 70 | 101 | 78 | 382 | 100,0 |
| 1. Elos Coesivos (EC) | 44 | 50 | 50 | 77 | 58 | 279 | 73,0 |
| 2. Cadeias Coesivas (CC) | 23 | 16 | 20 | 24 | 20 | 103 | 27,0 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = EC + CC) | 67 | 66 | 70 | 101 | 78 | 382 | 100,0 |
| 1. Itens Relevantes (IR = IRCI + IRCS + IRe) | 67 | 66 | 70 | 101 | 78 | 382 | 85,5 |
| 2. Itens Periféricos (IP) | 18 | 21 | 11 | 08 | 07 | 65 | 14,5 |
| (II) Total de Itens Lexicais (TIL = IR + IP) | 85 | 87 | 81 | 109 | 85 | 447 | 100,0 |
| 1. Itens Centrais (IC) | 32 | 38 | 44 | 70 | 61 | 245 | 64,1 |
| 2. Itens Não-Centrais (INC) | 35 | 28 | 26 | 31 | 17 | 137 | 35,9 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = IC + INC) | 67 | 66 | 70 | 101 | 78 | 382 | 100,0 |
| • GRAU DE TEXTURA (GT = IC/TIL) (%) | 37,6 | 43,7 | 54,3 | 64,2 | 71,8 | 54,8 | - |

* Média atribuída ao texto pela Comissão Julgadora do “Concurso de Texto Jornalístico”.

Conforme indica a Tabela 14, na coluna total geral, de 382 itens relevantes (IR), 54,2% (207 casos) representam os elos coesivos demonstrados pelos itens relevantes em cadeias de identidade (IRIC), 18,9% (72 casos) somam os itens relevantes em cadeias de similaridade (IRCS) e 26,9% (103 casos) são itens referentes (IRe). Isso indica que os acadêmicos produtores dos textos utilizam um número muito maior de elos correferenciais, isto é, itens com identidade de referentes situacionais no texto, do que itens com distinção referencial, ou seja, com similaridade referencial, no processo de retomadas das expressões referenciais. Essa constatação demonstra a tendência dos acadêmicos à utilização de anáforas ou catáforas que, ao reportarem-se a outras palavras, expressões, orações ou parágrafos, mantêm a identidade referencial no co-texto.

Quanto à formação dos elos (EC) e cadeias coesivas (CC), que se constituem em 382 itens relevantes (IR), verifica-se que 279 ocorrências (73,0%) formam elos coesivos em 103 (27,0%) cadeias coesivas.

Observando os resultados totais dos itens lexicais (TIL), de um total de 447 ocorrências, os itens relevantes (IR) somam 85,5% (382 casos), e os itens periféricos (IP) apresentam apenas 14,5% (65 casos), verifica-se que os primeiros são muito mais expressivos nas produções textuais; no entanto, essa evidência ainda não demonstra maior grau de textura nos textos, pois se percebe que os textos menos proficientes (com grau de textura mais baixo), os Textos 1 e 2, também apresentam situação análoga.

Pela Tabela 14, pode-se confirmar, também, que, de um índice total de 382 itens relevantes (TIR), 64,1% (245 casos) representam os itens centrais (IC) e 35,9% (137 casos) somam os itens não-centrais (INC). Observando a relação desses as-

pectos em cada texto, pode-se perceber que há um crescimento numérico dos itens centrais, entre o Texto 2 e o Texto 5, comparados aos itens não-centrais de cada texto. No Texto 1, a relação é inversa, predominado os itens não-centrais, com 35 ocorrências, em relação aos itens centrais, com 32 ocorrências. Esse fato é muito importante para caracterizar o grau de textura. Cabe repetir que os índices dos itens centrais de cada texto foram extraídos das figuras, em forma de diagrama, por grupo de textos apresentados nos anexos A, B e C.

Ao mesmo tempo, essa mesma diferença proporcional é percebida nos graus de textura: com 37,6% no Texto 1, com 43,7% no Texto 2, com 54,3% no Texto 3, com 64,2% no Texto 4 e com 71,8% no Texto 5. Cumpre lembrar que a textura é definida como o quociente entre os itens centrais (IC) e o total de itens lexicais (TIL), isto é, $T = IC/TIL$. Portanto, o grau de textura (GT) de um texto está relacionado com a densidade de ocorrências de elos coesivos e da sua inter-relação, ou seja, da interação entre as cadeias coesivas.

Em conformidade com o estudo de Hasan (1984 e 1989) e comprovado neste grupo de textos, também se pode afirmar que “quanto maior a presença de itens centrais em relação ao total de itens lexicais, maior é o grau de textura no texto”.

Ainda na Tabela 14, percebe-se que há relação crescente entre o Texto 1 e o Texto 5, não só no grau de textura (GT) evidenciado nesse grupo de textos, mas também nas médias (M) atribuídas aos mesmos textos pela Comissão Julgadora do “Concurso de Texto Jornalístico”, a saber: no Texto 1, GT = 37,6% e M = 3,4; no Texto 2, GT = 43,7% e M = 4,2; no Texto 3, GT = 54,3% e M = 6,2; no Texto 4, GT = 64,2% e M = 8,5; e, no Texto 5, GT = 71,8% e M = 9,0. Essa constatação demonstra

mensuração numérica em ascendência nos dois fatores (GT e M), mas os índices são um tanto diferentes nos três últimos textos.

Portanto, o grau de textura (GT) varia de 37,6% (Texto 1) a 71,8% (Texto 5), e a média geral do grau de textura é de 54,8%, índice alcançado pelas porcentagens encontradas nos Textos 3, 4 e 5, evidenciando valor acima de 50%, grau mínimo de GT, medida válida de expressão da textura.

Com esses dados obtidos, passa-se à análise do uso da sinonímia e do grau de sinonímia na textura evidenciado nesse grupo de textos.

Tabela 15 – Sinonímia e sua Relação com a Textura nos Textos de Acadêmicos

| SINONÍMIA (S) | T1 | T2 | T3 | T4 | T5 | TG | % |
|---|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|
| 1. Sinonímia por Unidade Lexical (SUL) | 8 | 5 | 7 | 12 | 11 | 43 | 43,9 |
| 2. Sinonímia por Perífrase (SP) | 4 | 10 | 9 | 15 | 17 | 55 | 56,1 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 12 | 15 | 16 | 27 | 28 | 98 | 100,0 |
| 1. Sinonímia Lexical (SL) | 2 | 8 | 4 | 2 | 8 | 24 | 24,5 |
| 2. Sinonímia Instancial (SI) | 10 | 7 | 12 | 25 | 20 | 74 | 75,5 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 12 | 15 | 16 | 27 | 28 | 98 | 100,0 |
| 1. Sinonímia em Cadeias de Identidade (SCI) | 12 | 14 | 13 | 23 | 22 | 84 | 85,7 |
| 2. Sinonímia em Cadeias de Similaridade (SCS) | 0 | 1 | 3 | 4 | 6 | 14 | 14,3 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 12 | 15 | 16 | 27 | 28 | 98 | 100,0 |
| 1. Itens Sinonímicos que Interagem em Cadeias (ISIC) | 12 | 16 | 21 | 34 | 34 | 117 | 59,7 |
| 2. Itens Sinonímicos que Não Interagem em Cadeias (ISNIC) | 12 | 14 | 11 | 20 | 22 | 79 | 40,3 |
| (II) Total de Itens Sinonímicos (TIS) | 24 | 30 | 32 | 54 | 56 | 196 | 100,0 |
| 1. Itens Sinonímicos que Interagem em Cadeias (ISIC) | 12 | 16 | 21 | 34 | 34 | 117 | 47,8 |
| 2. Itens que Interagem em Cadeias e Não São Sinonímicos (IICNS) | 20 | 22 | 23 | 36 | 27 | 128 | 52,2 |
| (III) Total de Itens Centrais (TIC) | 32 | 38 | 44 | 70 | 61 | 245 | 100,0 |
| •GRAU DE SINONÍMIA NA TEXTURA (GST = ISIC/TIC) (%) | 37,5 | 42,1 | 47,7 | 48,6 | 55,7 | 47,8 | - |

Quanto à Tabela 15, que se refere à sinonímia nos textos de acadêmicos, de um total geral de 98 elos sinonímicos (TES), 56,1% (55 casos) são sinonímias por perífrase (SP), enquanto 43,9% (43 casos) somam sinonímias por unidade lexical

(SUL). No entanto, observando os dados dessas classificações em cada texto, essa relação é inversa no Texto 1, pois a sinonímia por unidade lexical soma 8 casos, enquanto a sinonímia por perífrase é de 4 casos. Além disso, tendo em vista que as classificações anteriores não são excludentes com as que seguem, desses 98 elos sinonímicos (TES), 75,5% (74 casos) são de sinonímia instancial (SI), enquanto somente 24,5% (24 casos) são de sinonímia lexical (SL). Pode-se constatar, contudo, que essa relação é inversa no Texto 2, que apresenta o número de sinonímias lexicais mais alto, com 8 casos, do que de sinonímias instanciais, com 7 casos.

Sendo assim, a partir desses resultados numéricos gerais, pode-se asseverar que os produtores acadêmicos empregam, com mais freqüência, a retomada de um item por outro item com equivalência de sentido, empregando os termos substituídos sinônimos em expressão, sintagma ou oração e os termos que se realizam como sinônimos no momento específico do texto.

Com relação à sinonímia em cadeias coesivas (CC), verifica-se, como predominante, e sem exceção, a sinonímia em cadeias de identidade (SCI), com 85,7% (84 casos), cujo índice é, sem dúvida, bastante superior ao alcançado pela sinonímia em cadeias de similaridade (SCS), com 14,3% (14 casos). O exame de tais dados permite, pelo menos para essa situação, comprovar a suposição que parecia verdadeira, ou seja, a de que a maior freqüência da sinonímia se evidencia pela via da correferencialidade. Esse efeito se mostra também evidente nas outras categorias dessas produções textuais, que pode ser observado na Ficha 1, de todos os textos, no anexo A neste trabalho.

Dentre o total de itens sinonímicos (TIS), com 196 ocorrências, 59,7% (117 casos) são itens que interagem em cadeias (ISIC) e 40,3% (79 casos) somam os

itens sinonímicos que não interagem em cadeias (ISNIC). Cumpre salientar que, no Texto 1, ambas as situações apresentam números equivalentes, isto é, 12 casos.

Da mesma forma, de um total de 245 itens centrais (IC), isto é, itens formadores de ligação entre cadeias, 52,2% (128 casos) são itens que interagem em cadeias e não são sinonímicos (IICNS), ou seja, são as outras categorias presentes no diagrama de interação entre as cadeias, comparando-se a 47,8% (117 casos) termos sinonímicos que interagem em cadeias (ISIC). Contudo, no Texto 5, os itens sinonímicos que interagem em cadeias são em número maior, com 34 casos, do que os itens que interagem em cadeias e não são sinonímicos.

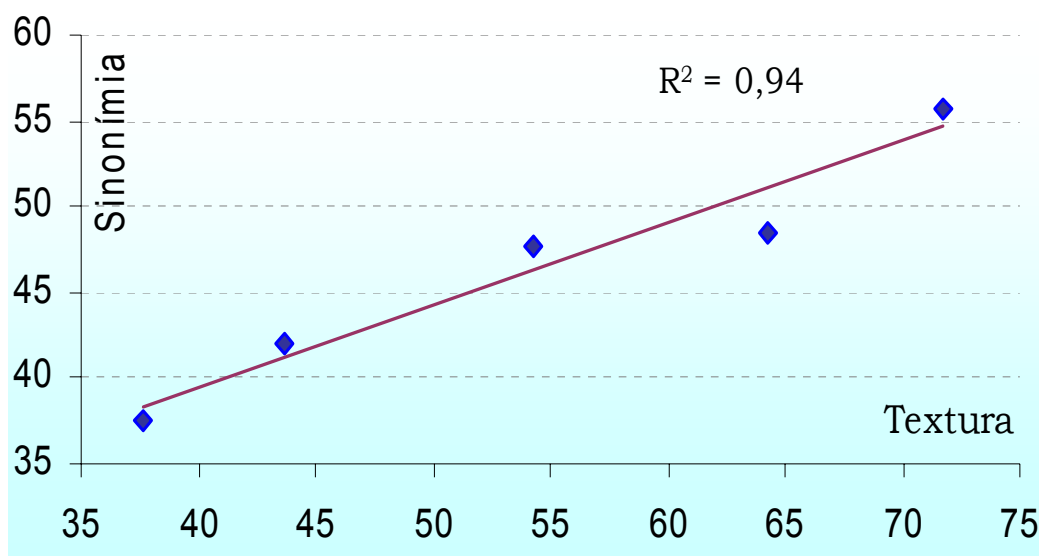
Esses índices demonstram que as expressões referenciais por equivalência de sentido sobressaem como elos coesivos que inter-relacionam cadeias, pois a sinonímia é uma dentre as 8 categorias por elos coesivos estudadas neste trabalho.

Um exame da diferenciação percentual do grau de sinonímia na textura dos textos dos acadêmicos, que se efetiva a partir dos resultados finais expressos na Tabela 15, mostra os índices em escala progressiva entre o Texto 1 e o Texto 5: com 37,5% no Texto 1, com 42,1% no Texto 2, com 47,7% no Texto 3, com 48,6% no Texto 4 e com 55,7% no Texto 5. Essa progressividade se apresenta também na freqüência dos termos sinônimos e nos percentuais do grau de textura, presentes nas Tabelas 13 e 14, já analisadas.

Em razão disso, o grau de sinonímia na textura (GST) varia de um mínimo de 37,5% (Texto 1) a um máximo de 55,7% (Texto 5). A média geral do grau de sinonímia na textura (GST) é de 47,8%, a ser comparada com os outros grupos de textos, que indica percentual acima do grau estipulado de sinonímias na textura, de 42%.

Além disso, pode-se verificar a linearidade, também já mencionada, nos percentuais indicados na Figura 7, em forma de gráfico, a seguir.

Figura 7 – Grau de Sinonímia versus Grau de Textura nos Textos dos Acadêmicos (em valores relativos)



A relação entre as variáveis sinonímia e textura nos textos dos acadêmicos é praticamente linear, pois ambos os seus percentuais, em cada texto, crescem juntos. Além disso, o coeficiente de correlação de Pearson, que mostra o grau de relacionamento linear entre duas variáveis, neste caso as variáveis sinonímia e textura, apresenta um valor de 0,97, índice muito forte para um valor máximo de um. Nesse caso, é possível dizer que “quanto maior o grau de sinonímia, maior é o grau de textura do texto”, sendo que a variação na sinonímia explica 94% ($0,97^2 = 0,94$)³⁵ da variação na textura dos textos dos acadêmicos.

³⁵ O coeficiente de correlação elevado ao quadrado resulta no coeficiente de determinação ou explicação (R^2). Nesse caso, o coeficiente de correlação de Pearson (0,97), nas variáveis sinonímia e textura nos textos dos acadêmicos, elevado ao quadrado (R^2), resulta no coeficiente de determinação ou explicação (94%).

Retomando a fórmula matemática para a textura (T) e a sinonímia (S), um resultado é obtido como segue: $T \times S = (IC \times IC_ISIC)/(TIL \times IC) = (IC_ISIC/TIL) = (IC/TIL) - (IC_IICNS/TIL)$. O produto desse cálculo demonstra o quanto a sinonímia participa na textura de um texto, ou seja, a sua contribuição na textura.

Considerando os dados dos textos analisados, os seguintes resultados são verificados para a textura (T), a sinonímia (S) e a contribuição da sinonímia para a textura (CST), em valores relativos:

Tabela 16 – Contribuição da Sinonímia para a Textura nos Textos de Acadêmicos

| Texto | T1 | T2 | T3 | T4 | T5 | TG |
|---------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Textura | 37,6 | 43,7 | 54,3 | 64,2 | 71,8 | 54,8 |
| Sinonímia | 37,5 | 42,1 | 47,7 | 48,6 | 55,7 | 47,8 |
| Contribuição | 14,1 | 18,4 | 25,9 | 31,2 | 40,0 | 26,2 |

A Tabela 16 indica que, nos textos dos acadêmicos, a contribuição da sinonímia para a textura (CST) varia de um mínimo de 14,1%, no Texto 1, a um máximo de 40,0%, no Texto 5. Por essa constatação, percebe-se que há percentuais bastante divergentes entre o do Texto 1 e o do Texto 5. Esses resultados comprovam, mais uma vez, os dados desiguais encontrados nesse grupo de texto. Nessa tabela, pode-se verificar a média geral da contribuição da sinonímia para a textura, que soma 26,2%, percentual acima do grau estipulado para a CST, de 22%.

Em suma, com variações ou omissões de categorias coesivas, com semelhanças e diferenças nos resultados dos textos analisados, verifica-se a contribuição da sinonímia nos textos dos acadêmicos com maior grau de textura. Sob o ponto de vista da função que os termos sinônimos desempenham, reafirmam-se como estratégias de reiteração e de elos de coesão lexical na produção textual.

5.1.2 Análise dos Dados dos Textos dos Profissionais

Seguindo a mesma ordem da subseção anterior, as tabelas a seguir referem-se aos dados do grupo de textos dos profissionais, apresentando os resultados individuais e totais em valores absolutos e relativos (percentuais).

Tabela 17 – Categorias Coesivas nos Textos de Profissionais

| CATEGORIAS POR ELOS | T 1 | % | T 2 | % | T 3 | % | T 4 | % | T 5 | % | TG | % |
|----------------------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|
| 1. Pronominalização | 11 | 8,9 | 2 | 2,6 | 15 | 12,3 | 2 | 2,5 | 3 | 4,9 | 33 | 7,1 |
| 2. Elipse | 18 | 14,5 | 0 | 0,0 | 8 | 6,6 | 2 | 2,5 | 2 | 3,3 | 30 | 6,4 |
| 3. Repetição | 31 | 25,0 | 27 | 35,1 | 25 | 20,5 | 17 | 21,0 | 15 | 24,6 | 115 | 24,7 |
| 4. Sinonímia | 43 | 34,7 | 33 | 42,9 | 46 | 37,7 | 37 | 45,7 | 27 | 44,3 | 186 | 40,0 |
| 5. Hiponímia | 3 | 2,4 | 2 | 2,6 | 16 | 13,1 | 7 | 8,6 | 3 | 4,9 | 31 | 6,7 |
| 6. Antonímia | 8 | 6,4 | 12 | 15,6 | 7 | 5,7 | 10 | 12,3 | 7 | 11,5 | 44 | 9,5 |
| 7. Anáfora Conceitual | 10 | 8,1 | 1 | 1,2 | 4 | 3,3 | 6 | 7,4 | 4 | 6,5 | 25 | 5,4 |
| 8. Anáfora Indireta | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 | 1 | 0,8 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 | 1 | 0,2 |
| TOTAL | 124 | 100,0 | 77 | 100,0 | 122 | 100,0 | 81 | 100,0 | 61 | 100,0 | 465 | 100,0 |

Na Tabela 17, constam os índices referentes às categorias coesivas evidenciadas nos textos dos profissionais. Pelo total geral, verifica-se que, de 465 ocorrências de elos coesivos, salienta-se a substituição sinonímica, com um percentual de 40,0% (186 casos). Seguem-se a repetição, com 24,7% (115 casos); a antonímia, com 9,5% (44 casos); a pronominalização, com 7,1% (33 casos); a hiponímia, com 6,7% (31 casos); a elipse, com 6,4% (30 casos); a anáfora conceitual, com 5,4% (25 casos); e, por último, com insignificante evidência, a anáfora indireta que soma 0,2% (1 caso).

No exame de diferenciação numérica, a Tabela 17 mostra que a substituição lexical sinonímica, observando individualmente os cinco textos, apresenta um emprego quantitativamente mais alto em todos os textos. Dentre as ocorrências sinonímicas, o Texto 3 destaca-se com maior emprego, com 46 casos, em relação aos outros textos; no entanto, no Texto 4, a categoria sinonímica evidencia um índice

bastante elevado, com 45,7% (37 casos), comparado-o ao total das outras categorias por elos de coesão constantes nesse mesmo texto (54,3%). Além disso, a sinonímia, nos textos dos profissionais, varia de uma contagem mínima de 27 (Texto 5) a uma máxima de 46 (Texto 3). Em suma, em todos os textos dos profissionais, sem exceção, a sinonímia é o elemento de maior frequência.

Analisando-se, ainda, a Tabela 17, no que se refere ao número total de categorias coesivas, observa-se que o emprego da coesão lexical por repetição manifesta-se com 24,7% (115 casos), sobressaindo em relação às expressões numéricas das outras categorizações. Verifica-se, então, que esse tipo de elo referencial é também bastante expressivo. A relevância da repetição coesiva decorre da função que ela exerce como um dos mecanismos lexicais importantes de organização e manutenção da continuidade e progressão do texto.

Essas constatações demonstram que os índices totais das outras categorias por elos são bem menores do que os elos por sinonímia e por repetição do item lexical. Contudo, é importante salientar que algumas categorias revelam-se proeminentes, isto é, somam acima de 10 ocorrências, diferenciando-se das demais no mesmo texto: no Texto 1, ressaltam a elipse (18 casos), a pronominalização (11 casos) e a anáfora conceitual (10 casos); no Texto 2, a antonímia (12 casos); no Texto 3, a hiponímia (16 casos) e a pronominalização (15 casos); e, no Texto 4, a antonímia (10 casos). Vale destacar, também, que o número de ocorrências da anáfora indireta é muito pouco significativo, com apenas 0,2% (1 caso), evidenciado no Texto 3. Por outro lado, a elipse, no Texto 2, não apresenta nenhuma ocorrência, assim como a anáfora indireta, nos textos 1, 2, 4 e 5.

Os resultados dessa mensuração numérica indicam que os produtores dos textos, consciente ou inconscientemente, selecionam certos tipos de categorias para a construção da coesão de seus textos, refletindo possivelmente uma característica de estilo do autor.

A seguir, é apresentado o levantamento dos dados para a avaliação da textura dos textos dos profissionais, considerando os mesmos aspectos evidenciados no grupo de textos dos acadêmicos.

Tabela 18 – Textura nos Textos de Profissionais

| TEXTURA (T) | T1 | T2 | T3 | T4 | T5 | TG | % |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|
| 1. Itens Relevantes em Cadeias de Identidades (IRCI) | 91 | 48 | 83 | 43 | 44 | 309 | 51,7 |
| 2. Itens Relevantes em Cadeias de Similaridade (IRCS) | 33 | 29 | 39 | 38 | 17 | 156 | 26,1 |
| 3. Itens Referentes (IRe) | 29 | 26 | 35 | 25 | 18 | 133 | 22,2 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = IRCI + IRCS + IRe) | 153 | 103 | 157 | 106 | 79 | 598 | 100,0 |
| 1. Elos Coesivos (EC) | 124 | 77 | 122 | 81 | 61 | 465 | 77,8 |
| 2. Cadeias Coesivas (CC) | 29 | 26 | 35 | 25 | 18 | 133 | 22,2 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = EC + CC) | 153 | 103 | 157 | 106 | 79 | 598 | 100,0 |
| 1. Itens Relevantes (IR = IRCI + IRCS + IRe) | 153 | 103 | 157 | 106 | 79 | 598 | 91,7 |
| 2. Itens Periféricos (IP) | 15 | 09 | 18 | 07 | 05 | 54 | 8,3 |
| (II) Total de Itens Lexicais (TIL = IR + IP) | 168 | 112 | 175 | 113 | 84 | 652 | 100,0 |
| 1. Itens Centrais (IC) | 120 | 83 | 116 | 76 | 56 | 451 | 75,4 |
| 2. Itens Não-Centrais (INC) | 33 | 20 | 41 | 30 | 23 | 147 | 24,6 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = IC + INC) | 153 | 103 | 157 | 106 | 79 | 598 | 100,0 |
| • GRAU DE TEXTURA (GT = IC/TIL) (%) | 71,4 | 74,1 | 66,3 | 67,3 | 66,7 | 69,2 | - |

A Tabela 18, na coluna total geral, permite verificar que, de um total de 598 casos, há maior ocorrência de itens relevantes em cadeias de identidade (IRCI), com 51,7% (309 casos), comparando-as com as cadeias de similaridade (IRCS), com 26,1% (156 casos), somados a 22,2% (133 casos) de itens referentes (IRe). Isso também é evidenciado na contagem individual em todos os textos. O fator dessa saliência é o emprego das categorias coesivas com o mesmo referente situacional

(correferência), as quais se constituem em: pronomes, advérbios, numerais, elipses, anáfora conceitual, repetição e sinonímia (as duas últimas são correferenciais nas circunstâncias já mencionadas neste estudo).

Considerando as relações por elos, de um total de 598 ocorrências de itens relevantes (TIR), 465 (77,8%) são elos coesivos (EC) em 133 (22,2%) cadeias coesivas (CC). Esse índice demonstra a quantidade de elos coesivos por cadeias, evidenciando uma variação de 28,6%.

Essa tabela mostra, também, que, de um total de 652 itens lexicais (TIL), o resultado do total geral de itens relevantes (TIR) é muito superior ao total de itens periféricos (TIP). O primeiro, com 91,7% (598 casos), e o segundo, com somente 8,3% (54 casos). Esse fato é evidenciado, sem exceção, em todos os resultados numéricos individuais. Da mesma forma, o total de itens centrais (IC), os quais interagem entre as cadeias, com 75,4% (451 casos), é bem maior do que o total de itens não-centrais (INC), que não interagem nas cadeias, com 24,6% (147 casos). Por esses índices numéricos, pode-se pressupor a preocupação dos produtores desse grupo com a coesão e, conseqüentemente, com a textura do texto. Isso se justifica, pois esses profissionais do Curso de Letras, pela formação teórica em estudos linguísticos e pela prática na docência, observam os elementos de ligação entre os contextos de inserção das unidades, estabelecendo, assim, pontos de contato entre os vários segmentos dos seus textos.

Os graus de textura (GT) demonstrados nesses textos são: o Texto 1, com 71,4%; o Texto 2, com 74,1%; o Texto 3, com 66,3%; o Texto 4, com 67,3%; e o Texto 5, com 66,7%, indicando que são produções textuais com boa coesão textual, isto é, são textos com sucessão linear das unidades linguísticas, como já menciona-

do. Isso se confirma nos seguintes resultados: o grau de textura varia de um mínimo de 66,3% a um máximo de 74,1%, a média geral do grau de textura é de 69,2% e os percentuais de todos os textos, como também da média geral, estão acima do limite estabelecido para a avaliação da textura (50%).

Com esses dados obtidos, passa-se à análise da sinonímia e do grau de textura nesse grupo de textos.

Tabela 19 – Sinonímia e sua Relação com a Textura nos Textos de Profissionais

| SINONÍMIA (S) | T1 | T2 | T3 | T4 | T5 | TG | % |
|---|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|
| 1. Sinonímia por Unidade Lexical (SUL) | 13 | 19 | 22 | 6 | 14 | 74 | 39,8 |
| 2. Sinonímia por Perífrase (SP) | 30 | 14 | 24 | 31 | 13 | 112 | 60,2 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 43 | 33 | 46 | 37 | 27 | 186 | 100,0 |
| 1. Sinonímia Lexical (SL) | 9 | 9 | 10 | 10 | 10 | 48 | 25,8 |
| 2. Sinonímia Instancial (SI) | 34 | 24 | 36 | 27 | 17 | 138 | 74,2 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 43 | 33 | 46 | 37 | 27 | 186 | 100,0 |
| 1. Sinonímia em Cadeias de Identidade (SCI) | 33 | 23 | 38 | 23 | 23 | 140 | 75,3 |
| 2. Sinonímia em Cadeias de Similaridade (SCS) | 10 | 10 | 8 | 14 | 4 | 46 | 24,7 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 43 | 33 | 46 | 37 | 27 | 186 | 100,0 |
| 1. Itens Sinonímicos que Interagem em Cadeias (ISIC) | 66 | 45 | 58 | 41 | 33 | 243 | 65,3 |
| 2. Itens Sinonímicos que Não Interagem em Cadeias (ISNIC) | 20 | 21 | 34 | 33 | 21 | 129 | 34,7 |
| (II) Total de Itens Sinonímicos (TIS) | 86 | 66 | 92 | 74 | 54 | 372 | 100,0 |
| 1. Itens Sinonímicos que Interagem em Cadeias (ISIC) | 66 | 45 | 58 | 41 | 33 | 243 | 53,9 |
| 2. Itens que Interagem em Cadeias e Não São Sinonímicos (IICNS) | 54 | 38 | 58 | 35 | 23 | 208 | 46,1 |
| (III) Total de Itens Centrais (TIC) | 120 | 83 | 116 | 76 | 56 | 451 | 100,0 |
| • GRAU DE SINONÍMIA NA TEXTURA (GST = ISIC/TIC) (%) | 55,0 | 54,2 | 50,0 | 53,9 | 58,9 | 53,9 | - |

Ao examinar a Tabela 19, referente à categoria sinonímica, constata-se relação muito estreita entre os seus resultados com os da Tabela 18, anteriormente analisada, o que é explicitado no que segue.

Conforme mostra a Tabela 19, de um total geral de 186 elos coesivos sinonímicos (TES), quanto à sua estrutura, a substituição sinonímica por perífrase (SP) prevalece, com 60,2% (112 casos), enquanto a substituição sinonímica por unidade lexical (SUL) soma apenas 39,8% (74 casos). No que se refere à sinonímia quanto à sua formação, desses 186 elos, a sinonímia instancial (SI) tem maior incidência, com 74,2% (138 casos), do que a sinonímia lexical (SL), que resulta em somente 25,8% (48 casos). Esses dados, analisados conforme a classificação proposta neste estudo, fornecem o indicativo de que os sinônimos compõem-se, na maioria das vezes, de termos que ultrapassam a unidade lexical, por conseguinte aqui denominados de sinonímias por perífrases, e de palavras ou expressões que, desde o sistema, não são sinônimas, ou o são muito parcialmente, mas, em razão das formações discursivas em que se inserem, adquirem um valor de equivalência e desempenham uma função claramente reiterativa e relevante para a continuidade e progressão do texto, por isso denominadas sinonímias instanciais.

No que tange às cadeias coesivas (CC), nos índices gerais desse grupo, a sinonímia em cadeias de identidade (SCI), com 75,3% (140 casos), ocorre em maior número, comparada à sinonímia em cadeias de similaridade (SCS), com somente 24,7% (46 casos), de um total de 186 elos coesivos sinonímicos (TES). Isso indica que, também nesse grupo de textos, a correferencialidade entre os termos sinônimos prepondera à distinção do referente situacional no texto, sem exceção.

Pela Tabela 19, pode-se verificar, também, que os dados fornecidos pela interação entre as cadeias evidenciam que, de um total de 372 itens sinônimos (TIS), os itens sinonímicos que interagem em cadeias (ISIC) representam 65,3% (243 casos), em relação aos itens sinonímicos que não interagem em cadeias (ISNIC), isto é, aos termos sinônimos que não entram em cadeias, com apenas 34,7% (129 ca-

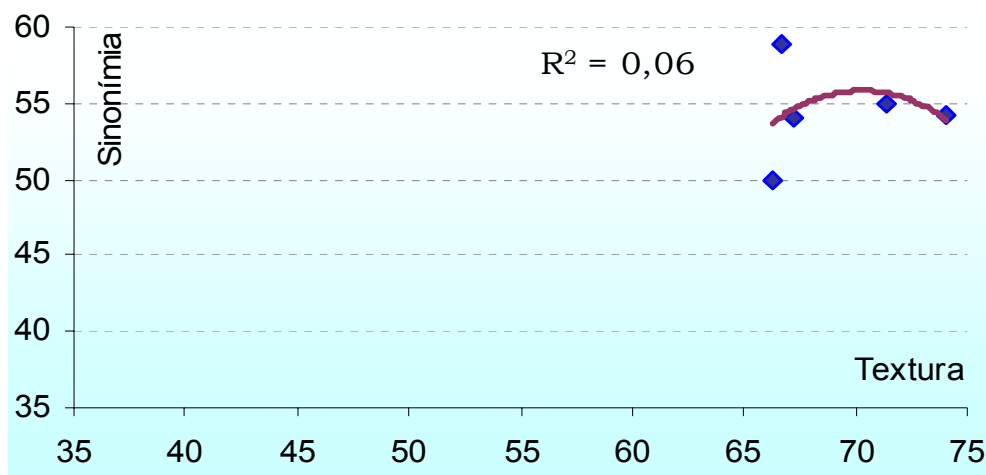
tos). Além disso, de um total de 451 itens centrais (TIC), 53,9% (243 casos) são itens sinonímicos que interagem em cadeias (ISIC), comparados com os itens que interagem em cadeias e não são sinonímicos (IICNS), que somente representam 46,1% (208 casos) e retratam as outras categorias analisadas.

Esses valores absolutos e relativos comprovam que os itens sinônimos são muito representativos nas cadeias centrais, pois se ratifica que a sinonímia concorre com as outras 7 categorizações por elos coesivos, também presentes nessas cadeias.

Outrossim, nesse grupo de textos, pela Tabela 19, constata-se o grau de sinonímia na textura em cada texto, cujos percentuais são: 55,0% no Texto 1, 54,2% no Texto 2, 50,0% no Texto 3, 53,9% no Texto 4 e 58,9% no Texto 5. Esses resultados demonstram índices análogos, pois o menor é 50,0%, no Texto 3, e o maior é 58,9%, no Texto 5. A média geral do grau de sinonímia na textura (GST) é de 53,9%, índice bem acima do limite estipulado neste estudo (de 42%).

Cotejando os percentuais do grau de textura e do grau de sinonímia de cada texto, os seguintes resultados podem ser verificados, em valores percentuais, na Figura 8, em gráfico, a seguir:

Figura 8 – Grau de Sinonímia versus Grau de Textura nos Textos dos Profissionais (em valores relativos)

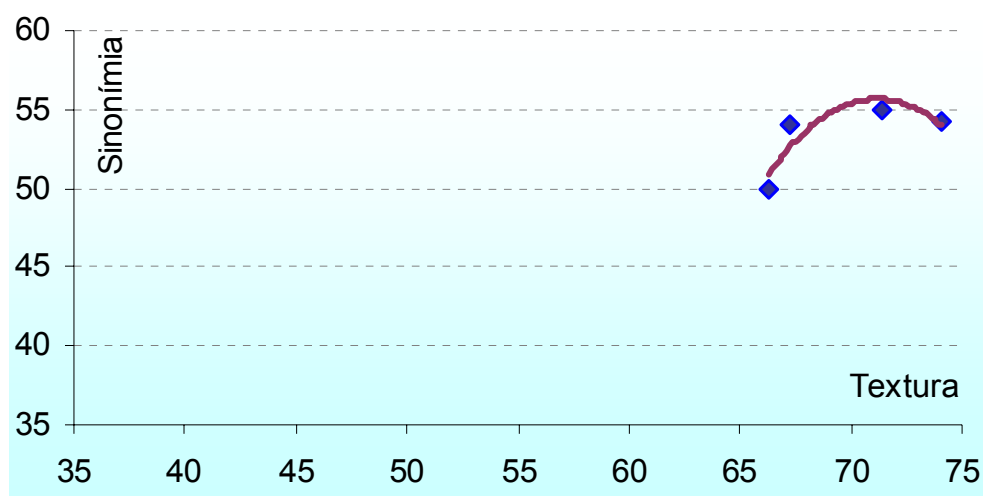


Nos textos dos profissionais, pela Figura 8, pode-se constatar que existe um relacionamento, mas não o linear, pois enquanto a textura (eixo horizontal) varia de aproximadamente 66% a 74%, a sinonímia (eixo vertical) varia de aproximadamente 50% a 59%; ou seja, nesse caso, a textura, com 8% ($74\% - 66\% = 8\%$) apresenta uma amplitude de variação menor que a sinonímia, com 9% ($59\% - 50\% = 9\%$). O relacionamento, nesse caso, é mais complexo, porque o Texto 5 pode ser considerado um valor atípico, com 66,7% de textura e 58,9% de sinonímia na textura, afastando-se muito em relação aos percentuais dos outros textos.

Se o Texto 5 (valor atípico) for retirado, então a relação entre a textura e a sinonímia pode ser considerada quadrática³⁶, com a variação da sinonímia explicando 79% da variação da textura, como demonstra a Figura 9 a seguir.

³⁶ Quadrático [De *quadrat(i)*- + *-ico*².], em matemática, significa: referente a, ou próprio de uma expressão do segundo grau. ~ V. *afastamento* — *médio*, *afastamento* — *médio da média*, *curva* — *a*, *média* — *a* e *sistema* —, segundo Ferreira (2004, CD-ROM), no “Novo Dicionário Aurélio”.

Figura 9 – Grau de Sinonímia versus Grau de Textura nos Textos dos Profissionais (em valores relativos)



A Figura 9 demonstra apenas quatro textos, eliminando o texto de valor atípico (Texto 5). Calculado novamente o coeficiente de explicação (automaticamente pelo *software*), o índice, nesse caso, de um valor que era apenas 6%, sobe para 79%.

Considerando os índices dos textos analisados, pode-se apresentar, então, os seguintes resultados, em valores relativos, para a textura (T), a sinonímia (S) e a contribuição da sinonímia para a textura (CST):

Tabela 20 – Contribuição da Sinonímia para a Textura nos Textos de Profissionais

| Texto | T1 | T2 | T3 | T4 | T5 | TG |
|---------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Textura | 71,4 | 74,1 | 66,3 | 67,3 | 66,7 | 69,2 |
| Sinonímia | 55,0 | 54,2 | 50,0 | 53,9 | 58,9 | 53,9 |
| Contribuição | 39,3 | 40,2 | 33,1 | 36,3 | 39,3 | 37,3 |

Nos textos dos profissionais, a contribuição da sinonímia para a textura (CST) varia de um mínimo de 33,1%, no Texto 3, a um máximo de 40,2%, no Texto 2, percentuais observados na Tabela 20. Nesse grupo de textos, percebe-se que a contribuição da sinonímia para a textura (CST), cuja média é de 37,3%, é mais alta do que a do grupo de textos dos acadêmicos, com 26,2%, além de estar acima da média estipulada neste estudo, de 22%.

Portanto, pode-se inferir que o grau de textura (GT) e o grau de sinonímia na textura (GST), evidenciados no grupo de textos dos profissionais, apresentam menor desvio-padrão, ou seja, esses textos mostram maior grau de textura e, ao mesmo tempo, também indicam maior grau de sinonímia na textura.

5.1.3 Análise dos Dados dos Textos Jornalísticos

Continuando com a análise por grupo de textos, são apresentadas as tabelas com valores absolutos e relativos, individuais e totais, e a análise descritiva desses dados referentes aos textos jornalísticos.

Tabela 21 – Categorias Coesivas nos Textos Jornalísticos

| CATEGORIAS POR ELOS | T 1 | % | T 2 | % | T 3 | % | T 4 | % | T 5 | % | TG | % |
|----------------------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|--------------|
| 1. Pronominalização | 11 | 11,7 | 13 | 14,3 | 9 | 9,7 | 7 | 9,5 | 5 | 6,1 | 45 | 10,4 |
| 2. Elipse | 19 | 20,2 | 6 | 6,5 | 9 | 9,7 | 8 | 10,8 | 4 | 4,9 | 46 | 10,6 |
| 3. Repetição | 10 | 10,6 | 24 | 26,4 | 32 | 34,4 | 14 | 18,9 | 22 | 26,8 | 102 | 23,5 |
| 4. Sinonímia | 25 | 26,6 | 33 | 36,3 | 31 | 33,3 | 26 | 35,1 | 28 | 34,2 | 143 | 32,9 |
| 5. Hiponímia | 13 | 13,8 | 7 | 7,7 | 4 | 4,3 | 8 | 10,8 | 9 | 11,0 | 41 | 9,5 |
| 6. Antonímia | 5 | 5,3 | 2 | 2,2 | 1 | 1,1 | 4 | 5,4 | 7 | 8,5 | 19 | 4,4 |
| 7. Anáfora Conceitual | 8 | 8,5 | 5 | 5,5 | 7 | 7,5 | 7 | 9,5 | 7 | 8,5 | 34 | 7,8 |
| 8. Anáfora Indireta | 3 | 3,3 | 1 | 1,1 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 | 0 | 0,0 | 4 | 0,9 |
| TOTAL | 94 | 100,0 | 91 | 100,0 | 93 | 100,0 | 74 | 100,0 | 82 | 100,0 | 434 | 100,0 |

Na Tabela 21, observando o total geral das categorias coesivas, pode-se verificar que, de 434 ocorrências de categorias por elos, 32,9% (143 casos) são de natureza sinonímica, 23,5% (102 casos) somam a repetição, 10,6% (46 casos) representam a elipse, 10,4% (45 casos) são de pronominalização, 9,5% (41 casos) resultam na hiponímia, 7,8% (34 casos) são de anáfora conceitual, 4,4% (19 casos) somam a antonímia, e com somente 0,9% (4 casos) manifesta-se a anáfora indireta.

Por esses dados gerais, as retomadas por termos sinônimos e por repetição são bem mais expressivas do que as outras categorizações, evidenciando que a sinonímia prevalece com 41 casos sobre a repetição. Pode-se notar, então, que os produtores empregam com bastante intensidade o processo de reiteração por equivalência de sentido, variando de um valor mínimo de 25 ocorrências (Texto 1) a um máximo de 33 (Texto 2), equivalendo percentualmente a uma variação entre um mínimo de 26,6%, e um máximo de 36,3% do total de elos sinonímicos (143 casos).

É importante ressaltar, no entanto, que, no Texto 3, o elo coesivo por repetição apresenta o índice mais elevado, com 34,4% (32 casos), cotejando-se esse tipo de elo lexical com as outras categorizações, inclusive com a sinonímia, a qual se manifesta com 33,3% (31 casos), índice inferior ao da repetição. Isso indica que o Texto 3 diferencia-se dos demais em seu grupo ao empregar a repetição dos itens lexicais, total ou parcialmente, em vários lugares do texto, pela escolha do produtor, o qual opta por essa categoria para reiterar o que deseja reforçar.

Por outro lado, nesse grupo de textos, analisando os índices individuais das outras categorizações, em cada texto, pode-se perceber que os Textos 1 e 2 apresentam dados diferenciadores. No Texto 1, salientam-se a elipse, com 20,2% (19 casos), a hiponímia, com 13,8% (13 casos) e a pronominalização, com 11,7% (11

casos); enquanto, no Texto 2, ressalta a pronominalização, com 14,3% (13 casos), comparando-se esses dados numéricos com os dos demais textos nos quais essas categorias evidenciam resultados abaixo de 10 casos.

Esses índices permitem afirmar que o uso dessas categorizações se diferencia pelo estilo de linguagem escrita dos articulistas. De fato, no Texto 1, chama a atenção do leitor pela incidência marcante da elipse do verbo; no Texto 2, pela retomada por repetição do item lexical antecedente, marcada pelo grande número de reiteraões do nome próprio que o autor quer ressaltar “Daiane”, como também pelo uso do pronome possessivo (por exemplo: “nosso”, denotando “os brasileiros”); e, no Texto 3, a categoria repetição, total ou parcial, do item lexical “as bibliotecas escolares brasileiras”. Esses aspectos não desmerecem os três textos, pelo contrário, podem revelar recursos ou particularidades do estilo do autor, ou, ainda, o produtor se mune dessas categorias com o objetivo de convencer o leitor a partilhar de sua opinião sobre a tese que ele defende, o que é típico do gênero argumentativo.

Além disso, somente nos Textos 1 e 2 desse grupo de textos jornalísticos, constata-se a presença da anáfora indireta, com 09% (4 casos), uma vez que nos outros textos (3, 4 e 5) não houve nenhuma ocorrência; mesmo assim, é um índice muito insignificante, em comparação com as outras categorizações. Esses dados indicam que no texto opinativo o produtor quase não utiliza a anáfora indireta.

A Tabela 22, que segue, mostra os vários aspectos e seus índices numéricos para se chegar à textura nos textos jornalísticos.

Tabela 22 – Textura nos Textos Jornalísticos

| TEXTURA (T) | T1 | T2 | T3 | T4 | T5 | TG | % |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|
| 1. Itens Relevantes em Cadeias de Identidades (IRCI) | 59 | 56 | 66 | 53 | 48 | 282 | 49,1 |
| 2. Itens Relevantes em Cadeias de Similaridade (IRCS) | 35 | 35 | 27 | 21 | 34 | 152 | 26,5 |
| 3. Itens Referentes (IRe) | 26 | 30 | 27 | 27 | 30 | 140 | 24,4 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = IRCI + IRCS + IRe) | 120 | 121 | 120 | 101 | 112 | 574 | 100,0 |
| 1. Elos Coesivos (EC) | 94 | 91 | 93 | 74 | 82 | 434 | 75,6 |
| 2. Cadeias Coesivas (CC) | 26 | 30 | 27 | 27 | 30 | 140 | 24,4 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = EC + CC) | 120 | 121 | 120 | 101 | 112 | 574 | 100,0 |
| 1. Itens Relevantes (IR = IRCI + IRCS + IRe) | 120 | 121 | 120 | 101 | 112 | 574 | 91,4 |
| 2. Itens Periféricos (IP) | 10 | 10 | 7 | 13 | 14 | 54 | 8,6 |
| (II) Total de Itens Lexicais (TIL = IR + IP) | 130 | 131 | 127 | 114 | 126 | 628 | 100,0 |
| 1. Itens Centrais (IC) | 97 | 85 | 85 | 82 | 84 | 433 | 75,4 |
| 2. Itens Não-Centrais (INC) | 23 | 36 | 35 | 19 | 28 | 141 | 24,6 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = IC + INC) | 120 | 121 | 120 | 101 | 112 | 574 | 100,0 |
| • GRAU DE TEXTURA (GT = IC/TIL) (%) | 74,6 | 64,9 | 66,9 | 71,9 | 66,7 | 68,9 | - |

Observando a Tabela 22, na ordem seqüencial dos dados, os quais se constituem no processo para a avaliação da textura nos textos jornalísticos, percebe-se que, de um total geral de 574 ocorrências de itens relevantes (TIR), os itens relevantes em cadeias de identidade (IRCI) somam 49,1% (282 casos), os quais, cotejados com os itens relevantes em cadeias de similaridade (IRCS), com 26,5% (152 casos), e aos itens referentes (IRe), com 24,4% (140 casos), representam um índice elevado. Isso comprova que os produtores textuais recorrem, com mais freqüência, às expressões referenciais cuja característica é a reiteração pela identidade do referente situacional no texto.

Quanto ao total de itens relevantes (TIR), com 574 casos, pode-se notar que 434 ocorrências (75,6%) representam os elos coesivos (EC) presentes em 140 (24,4%) cadeias coesivas (CC) dos textos desse grupo.

Por essa tabela, verifica-se que o total de itens lexicais (TIL) dos textos jornalísticos soma 628 ocorrências. Dessa contagem, os itens relevantes (IR) represen-

tam 91,4% (574 casos), índice muito superior ao resultado dos itens periféricos (IP), com somente 8,6% (54 casos). Por esses índices e observando o resultado individual de cada texto, pode-se perceber que os itens periféricos são bem menos expressivos que os itens relevantes.

Quanto aos itens em interação, observa-se que os itens centrais (IC) resultam em 75,4% (433 casos), enquanto os itens não-centrais (INC) somam 24,6% (141 casos), os quais, adicionados, equivalem ao total de 574 itens relevantes (TIR). A interação entre as cadeias é demonstrada pelas figuras em diagramas no anexo B.

Em razão disso, nesse grupo de textos, as afirmações de Hasan (1984, 1989) se comprovam: “quanto mais baixa a proporção de itens periféricos em relação aos relevantes, maior é a coerência no texto” e “quanto mais alta a proporção de itens centrais em relação aos não-centrais, mais coerente é o texto”.

E, por último, nessa tabela, evidencia-se, percentualmente, o grau de textura (GT): com 74,6% no Texto 1, com 64,9% no Texto 2, com 66,9% no Texto 3, com 71,9% no Texto 4, e com 66,7% no Texto 5. Esses valores mostram que o GT apresenta um mínimo de 66,7% (Texto 5) e um máximo de 74,6% (Texto 1), cuja variabilidade é de 7,9%. A média geral do GT, nesse grupo de textos, é de 68,9%, indicando grau acima do estipulado (50%).

Pelos resultados encontrados, torna-se evidente que os textos jornalísticos possuem suficiente grau de textura, pois todos evidenciam grau de textura superior a 50%, critério adotado neste trabalho, seguindo Hasan (1984, p.218): “qualquer texto será considerado coerente, se os seus itens centrais (IC) apresentarem, no mínimo, 50% do total de itens lexicais (TIL). Essa porcentagem pode ser tratada como uma medida de sua harmonia coesiva”, transcrição já mencionada.

Tabela 23 – Sinonímia e sua Relação com a Textura nos Textos Jornalísticos

| SINONÍMIA (S) | T1 | T2 | T3 | T4 | T5 | TG | % |
|---|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|
| 1. Sinonímia por Unidade Lexical (SUL) | 7 | 11 | 5 | 8 | 7 | 38 | 26,6 |
| 2. Sinonímia por Perífrase (SP) | 18 | 22 | 26 | 18 | 21 | 105 | 73,4 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 25 | 33 | 31 | 26 | 28 | 143 | 100,0 |
| 1. Sinonímia Lexical (SL) | 1 | 0 | 3 | 0 | 2 | 6 | 4,2 |
| 2. Sinonímia Instancial (SI) | 24 | 33 | 28 | 26 | 26 | 137 | 95,8 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 25 | 33 | 31 | 26 | 28 | 143 | 100,0 |
| 1. Sinonímia em Cadeias de Identidade (SCI) | 15 | 19 | 17 | 16 | 18 | 85 | 59,4 |
| 2. Sinonímia em Cadeias de Similaridade (SCS) | 10 | 14 | 14 | 10 | 10 | 58 | 40,6 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 25 | 33 | 31 | 26 | 28 | 143 | 100,0 |
| 1. Itens Sinonímicos que Interagem em Cadeias (ISIC) | 46 | 39 | 41 | 43 | 44 | 213 | 74,5 |
| 2. Itens Sinonímicos que Não Interagem em Cadeias (ISNIC) | 4 | 27 | 21 | 9 | 12 | 73 | 25,5 |
| (II) Total de Itens Sinonímicos (TIS) | 50 | 66 | 62 | 52 | 56 | 286 | 100,0 |
| 1. Itens Sinonímicos que Interagem em Cadeias (ISIC) | 46 | 39 | 41 | 43 | 44 | 213 | 49,2 |
| 2. Itens que Interagem em Cadeias e Não São Sinonímicos (IICNS) | 51 | 46 | 44 | 39 | 40 | 220 | 50,8 |
| (III) Total de Itens Centrais (TIC) | 97 | 85 | 85 | 82 | 84 | 433 | 100,0 |
| • GRAU DE SINONÍMIA NA TEXTURA (GST = ISIC/TIC) (%) | 47,4 | 45,9 | 48,2 | 52,4 | 52,4 | 49,2 | - |

Na Tabela 23, na qual constam os dados referentes à sinonímia e sua relação com a textura, percebe-se que, de um total geral de 143 elos sinônimos, salienta-se a sinonímia por perífrase (SP), com um percentual de 73,4% (105 casos), comparada à sinonímia por unidade lexical (SUL), com 26,6% (38 casos). Ainda, desses 143 elos, a sinonímia instancial (SI), com 95,8% (137 casos), apresenta emprego muito superior em relação à sinonímia lexical (SL), com somente 4,2% (6 casos). Nos textos 2 e 4, não é evidenciada a sinonímia lexical. Cumpre lembrar que essas classificações, quanto à estrutura e quanto à forma, não são excludentes.

No exame de diferenciação numérica, a Tabela 23 mostra, também, que, de um total de 143 elos sinônimos (EC), a sinonímia em cadeias de identidade (SCI) soma 59,4% (85 casos), e a sinonímia em cadeias de similaridade (SCS), 40,6% (58

casos). A diferença entre esses índices é um tanto análoga, se comparada aos resultados numéricos dos tipos de sinonímia, mencionados no parágrafo anterior.

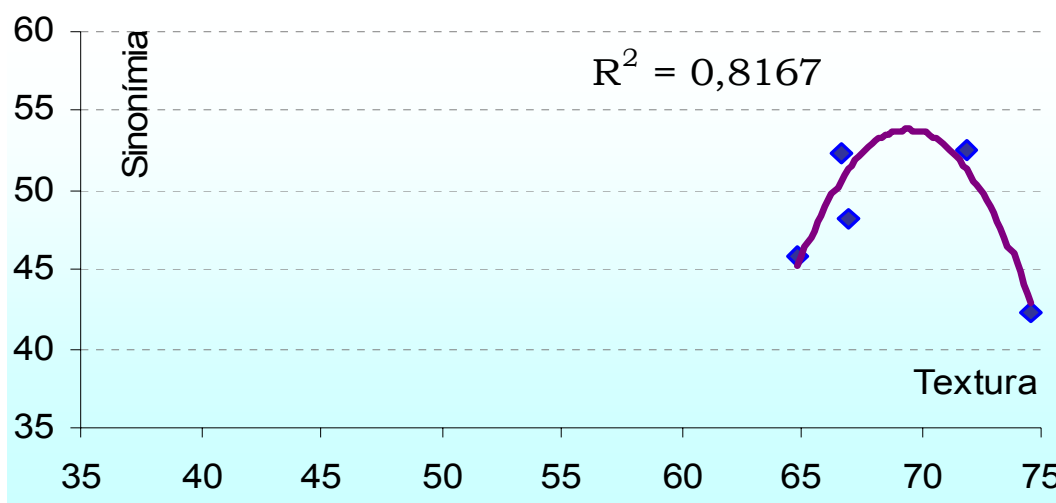
No que concerne aos itens sinonímicos na interação entre cadeias, de um total geral de 286 unidades ou expressões com equivalência de sentido, destacam-se os itens sinônimos que interagem em cadeias (ISIC), com 74,5% (213 casos), cotejados com os itens sinonímicos que não interagem (ISNC), com 25,5% (73 casos). Ainda, nesta tabela, de um total de 433 itens centrais (TIC), 50,8% (220 casos) são itens que interagem em cadeias e não são sinonímicos (IICNS), enquanto 49,2% (213 casos) são itens sinonímicos que interagem em cadeias (ISIC). No entanto, no Texto 5, o ISIC é maior do que o IICNS, tornando-se atípico nesse grupo de textos.

Também, observando-se o grau de sinonímia na textura (GST): de 47,4% no Texto 1, de 45,9% no Texto 2, de 48,2% no Texto 3, de 52,4% no Texto 4 e de 52,4% no Texto 5, verifica-se que os três primeiros percentuais são mais baixos do que os dois últimos. Por esses dados, comparados aos números de elos sinonímicos em cada texto, pode-se comprovar que não é a frequência de sinônimos no texto que eleva o grau de textura, mas a ocorrência dos itens sinônimos na interação entre as cadeias. Isso se comprova observando, por exemplo, os resultados do Texto 2: com 33 elos sinonímicos, resultado maior em relação aos índices evidenciados nos outros textos, mas não apresenta o percentual mais alto do grau de sinonímia na textura, uma vez que o número de itens que interagem em cadeias e não são sinonímicos (IICNS) é mais elevado. Em decorrência disso, a afirmação de que “quanto maior o número de sinônimos no texto, maior é o grau de sinonímia na textura” não se confirma neste grupo de textos.

Nos textos jornalísticos, o grau de sinonímia na textura (GST) varia de um mínimo de 45,9%, no Texto 2, a um máximo de 52,4%, nos Textos 4 e 5. No que se refere à média geral do grau de sinonímia na textura, com 49,2%, indica um índice acima do grau estabelecido neste estudo, de 42%.

Outrossim, o emprego da sinonímia para a textura pode ser também comprovado na Figura 10, a seguir.

Figura 10 – Grau de Sinonímia versus Grau de Textura nos Textos Jornalísticos
(em valores relativos)



Nos textos jornalísticos, existe um relacionamento entre a sinonímia e a textura do tipo quadrático, com a variação da sinonímia explicando aproximadamente 82% (R^2) da variação da textura. Aqui, enquanto a textura (eixo horizontal) varia de aproximadamente 65% a 75%, a sinonímia (eixo vertical) varia em torno de 46% a 52%; ou seja, nesse caso, a textura ($75\% - 65\% = 10\%$) apresenta uma amplitude de variação maior ao da sinonímia ($52\% - 46\% = 6\%$). Isso confirma que há menos variação no grau de sinonímia na textura (GST), do que no grau de textura (GT) nesse grupo de textos.

Considerando os dados dos textos analisados, estimam-se os seguintes resultados para a textura, a sinonímia e a contribuição da sinonímia para a textura (CST):

Tabela 24 – Contribuição da Sinonímia para a Textura nos Textos Jornalísticos

| Texto | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | TG |
|---------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Textura | 74,6 | 64,9 | 66,9 | 71,9 | 66,7 | 68,9 |
| Sinonímia | 47,4 | 45,9 | 48,2 | 52,4 | 52,4 | 49,2 |
| Contribuição | 35,4 | 29,8 | 32,2 | 37,7 | 34,9 | 33,9 |

Nos textos jornalísticos, a contribuição da sinonímia para a textura (CST) varia de um mínimo de 29,8%, Texto 2, a um máximo de 37,7%, Texto 4. A contribuição média dos cinco textos, considerados em conjunto, é de 33,9%. Esse percentual, nesse grupo de textos, é mais baixo, se comparado com o do grupo de textos dos profissionais (com 37,3%), e é mais alto, se cotejado com o do grupo de textos dos acadêmicos (com 26,2%).

As mensurações numéricas comprovam, portanto, que, no grupo de textos jornalísticos, a sinonímia contribui para a textura, uma vez que ela é uma dentre as várias possibilidades de expressões referenciais, gramaticais ou lexicais, na retomada de um item lexical, evidenciando um índice acima ao estipulado neste estudo, de 22%.

Com esses dados levantados, passa-se, então, à comparação entre os resultados dos três grupos de textos, com o objetivo de estabelecer possíveis relações entre eles, buscando alcançar os objetivos deste estudo: descrever a ocorrência da sinonímia e identificar a contribuição da sinonímia na construção da textura do texto.

5.1.4 Comparação entre os Dados dos Três Grupos de Textos

Considerando o objetivo de comparar os dados levantados dos textos escritos agrupados por tipo de produtores: acadêmicos de Letras, profissionais com formação em Letras e escritores-colaboradores de jornal com formação nessa área, no que se refere às categorias coesivas, à categoria sinonímica, à textura e à contribuição da sinonímia para a textura dos textos, os principais índices são demonstrados a seguir, caracterizando semelhanças e diferenças constatadas entre esses grupos de textos. Assim, são apresentadas tabelas e figuras (em gráficos), em valores absolutos e relativos, por grupos de textos, seus totais gerais, e as correlações efetuadas a partir da análise descritiva desses dados.

Dessa forma, a tabela, a seguir, mostra o total das categorias por elos dos cinco textos de cada grupo considerados em conjunto e o total geral obtido de cada categoria.

**Tabela 25 – Resultados Gerais das Categorias Coesivas
(valores absolutos e relativos)**

| Categorias por Elos | Textos | | | | | | TG | % |
|-----------------------|------------|--------------|---------------|--------------|---------------|--------------|--------------|--------------|
| | Acadêmicos | | Profissionais | | Jornalísticos | | | |
| 1. Pronominalização | 36 | 12,9 | 33 | 7,1 | 45 | 10,4 | 114 | 9,7 |
| 2. Elipse | 23 | 8,2 | 30 | 6,4 | 46 | 10,6 | 99 | 8,4 |
| 3. Repetição | 63 | 22,6 | 115 | 24,7 | 102 | 23,5 | 280 | 23,8 |
| 4. Sinonímia | 98 | 35,1 | 186 | 40,0 | 143 | 32,9 | 427 | 36,2 |
| 5. Hiponímia | 21 | 7,5 | 31 | 6,7 | 41 | 9,5 | 93 | 7,9 |
| 6. Antonímia | 20 | 7,2 | 44 | 9,5 | 19 | 4,4 | 83 | 7,0 |
| 7. Anáfora Conceitual | 18 | 6,5 | 25 | 5,4 | 34 | 7,8 | 77 | 6,6 |
| 8. Anáfora Indireta | 0 | 0,0 | 1 | 0,2 | 4 | 0,9 | 5 | 0,4 |
| TOTAL | 279 | 100,0 | 465 | 100,0 | 434 | 100,0 | 1.178 | 100,0 |

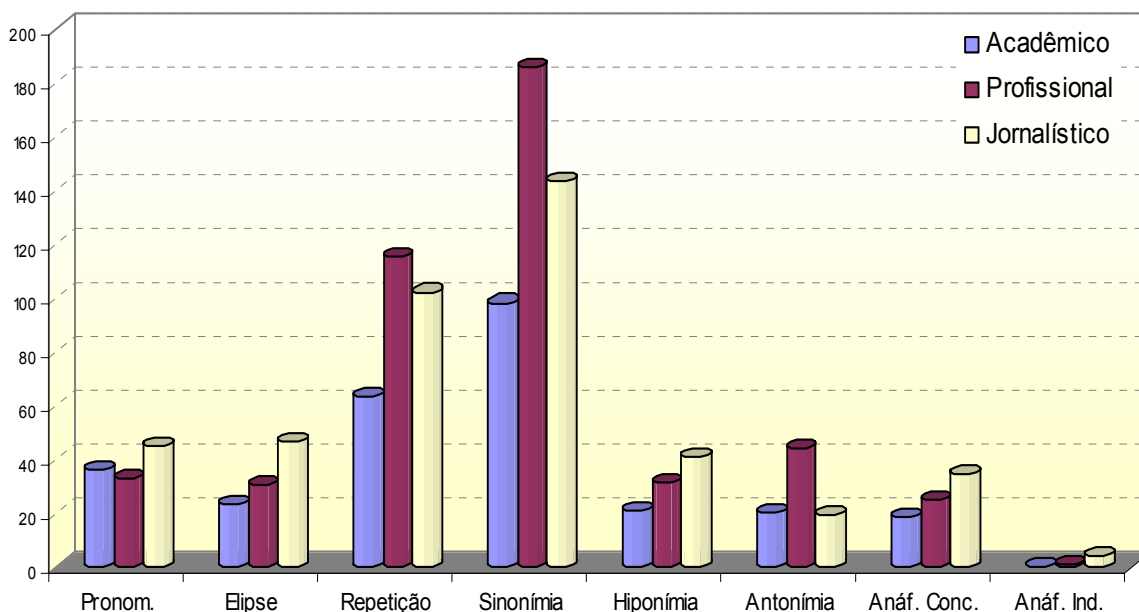
Na Tabela 25, na coluna total geral, percebe-se que, de um total de 1.178 ocorrências de categorias por elos, a sinonímia obteve o índice mais elevado, com 36,2% (427 casos); seguida da repetição, com 23,8% (280 casos), a pronominalização, com 9,7% (114 casos), a elipse, com 8,4% (99 casos), a hiponímia, com 7,9%

(com 93 casos), a antonímia, com 7,0% (83 casos), a anáfora conceitual, com 6,6% (77 casos) e a anáfora indireta, com somente 0,4% (5 casos). Desse modo, nos 15 textos que compõem o *corpus* da investigação, a sinonímia e a repetição, que se constituem em elos da coesão lexical, são categorias com maior expressão numérica, distinguindo-se em relação às outras categorizações.

No que tange ao total geral das categorias por elos coesivos, o grupo de textos dos profissionais apresenta a maior frequência, com 465 ocorrências, seguido do grupo de textos jornalísticos, com 434 casos, e do grupo de textos dos acadêmicos, com 279 casos, este bem menos expressivo. Essas expressões numéricas indicam, mais uma vez, a possível preocupação dos produtores profissionais com a coesão textual na situação do gênero argumentativo, sendo associada ao uso de elementos coesivos, isto é, ao uso das categorias por elos, representadas por itens lexicais e gramaticais que retomam outros itens lexicais.

Para um exame mais acurado, a Figura 11, em gráfico, a seguir, apresenta os valores absolutos da Tabela 25, considerando os resultados de cada categoria.

Figura 11 – Resultados Gerais das Categorias Coesivas por Grupo de Textos (em valores absolutos)



Analisando a Figura 11, considerando as categorias coesivas por elos, pode-se perceber de imediato que a sinonímia é a categoria mais representativa, e, dessa categoria, o grupo de textos dos profissionais é o que alcança o maior índice, com 186 ocorrências; seguindo-se o grupo de textos jornalísticos, com 143 casos, e, tendo menor frequência de atuação, o grupo de textos dos acadêmicos, com 98 ocorrências. Esse fato aponta para a sinonímia como a categoria de maior representação em textos que, em princípio, são mais bem formados no que se refere à coesão textual.

A categoria repetição também mostra relevância textual, pois se evidencia, depois da sinonímia, a segunda categoria mais representativa nos três grupos de textos. No grupo de textos dos profissionais, com 115 ocorrências, seguindo-se o grupo de textos jornalísticos, com 102 casos e o grupo de textos dos acadêmicos, com 63 casos. Por essa constatação, demonstrando que é representativa nos textos mais profícuos, admite-se que é impossível dispensar o recurso da repetição, não só de unidades de palavras, mas também de seqüência de palavras; não só a repetição total, mas também a repetição parcial, principalmente quando os textos são mais extensos.

A elipse tem maior representatividade nos textos jornalísticos, com 46 ocorrências, seguindo-se o grupo de profissionais, com 30 casos, e o grupo de acadêmicos, com 23 casos. Essa categoria, como já mencionado, é característica de textos escritos em português brasileiro. Partindo dessa pressuposição, os textos jornalísticos são os que representam a tendência de uso habitual de uma comunidade lingüística.

A pronominalização apresenta maior ocorrência nos textos jornalísticos, com 45 ocorrências, seguindo os textos dos acadêmicos, com 36 casos e, por último, os textos dos profissionais, com 33 casos. Isso demonstra que a pronominalização, apesar de se constituir em uma retomada mais simples, diretamente interpretada a partir de um item lexical e isenta de informação no tocante aos segmentos designados, contribui para a organização dos textos.

A antonímia ressalta no grupo dos profissionais, com 44 ocorrências, sendo menos evidente tanto no grupo de textos acadêmicos, com 20 casos, como no grupo de textos jornalísticos, com 19 casos. Na antonímia, realiza-se o contrário da sinonímia, pois, naquela, por meio do léxico são realizados significados contrários. Além disso, do mesmo modo que não existe semelhança total de sentido entre sinônimos, não há oposição absoluta entre antônimos.

A hiponímia salienta-se no grupo de textos jornalísticos, com 41 ocorrências, seguindo-se o grupo de profissionais, com 31 casos, e o grupo de textos acadêmicos, com 21 casos. Vale lembrar que a função textual do emprego da hiponímia, considerada neste estudo, é a substituição lexical acrescida de novas propriedades que permite a (re-)construção do referente, não havendo, portanto, correferencialidade.

A anáfora conceitual é representativa no grupo de textos jornalísticos, com 34 ocorrências, seguindo-se o grupo de textos dos profissionais, com 25 casos, e o grupo dos acadêmicos, com 18 casos. Isso comprova a afirmação de Francis (2003, p. 226-227)³⁷ de que esse tipo de coesão é extremamente comum na imprensa e em todos os discursos de natureza argumentativa, pois são prontamente utilizáveis para

³⁷ Para Francis (2003, p.191-227), a anáfora conceitual é o fenômeno de “rotulação”. A rotulação, segundo Francis, tanto pode ser prospectiva (catafórica) como retrospectiva (anáfora).

serem tomados como ocorrência comum de comunicação escrita. Essa categoria condensa e resume o conteúdo de uma frase (ou parte de uma frase), de um parágrafo ou de todo um fragmento anterior a ele no texto.

A anáfora indireta, por sua vez, é inexpressiva em todos os grupos textuais, apresentando somente 4 ocorrências no grupo de textos jornalísticos, 1 caso no grupo de textos dos profissionais e nenhum caso no grupo de textos dos acadêmicos. A conclusão sobre esse fato é a de que o texto opinativo prima pela linguagem culta, referencial, clara e objetiva, na medida em que utiliza os termos antecedentes explícitos no co-texto.

A Tabela 26, que segue, mostra os índices totais da categoria sinonímica e os compara ao total das categorias analisadas.

**Tabela 26 – Sinonímia em Relação ao Total das Categorias
(em valores absolutos e relativos)**

| GRUPO DE TEXTOS | Acadêmicos | Profissionais | Jornalísticos | Total Geral |
|------------------------|-------------------|----------------------|----------------------|--------------------|
| Sinonímia | 98 | 186 | 143 | 427 |
| Categorias por Elos | 279 | 465 | 434 | 1.178 |
| % de Sinonímia | 35,1 | 40,0 | 32,9 | 36,2 |

No exame da diferenciação numérica, a Tabela 26 apresenta o número de ocorrências sinonímicas (TA, com 98 casos; TP, com 186 casos; e TJ, com 143 casos) e o número total de categorias (TA, com 279 casos; TP, com 465 casos; e TJ, com 434 casos) por grupos de textos. Esses números cotejados resultam na porcentagem da sinonímia presentes em cada grupo de textos (TA, com 35,1%; TP, com 40,0%; e TJ, com 32,9%). Além disso, essa tabela apresenta o total geral da sinonímia (427 casos), o total geral das categorias coesivas (1.178 casos) e o percentual geral da sinonímia em relação ao total geral das categorias (36,2%). Desse modo, verifica-se que a sinonímia é a categoria de maior representação no grupo de textos

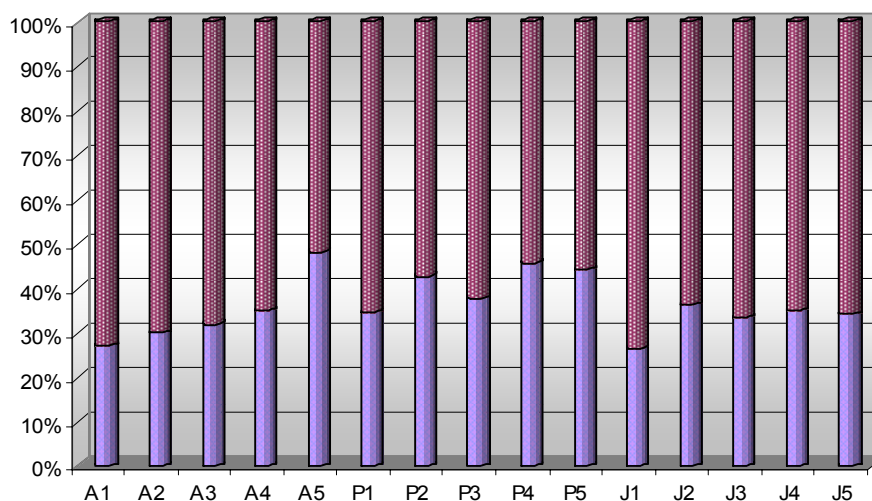
dos profissionais, seguindo-se o grupo de textos dos acadêmicos e, por último, o grupo de textos jornalísticos.

Por esses dados, pode-se comprovar que há maior representação da sinonímia em relação ao total das categorias no grupo de textos dos profissionais (40,0%) e no grupo de textos dos acadêmicos (35,1%), o que caracteriza, possivelmente, a preocupação dos produtores na reiteração por meio de sinônimos, tendo em vista que, no exercício da prática escolar, há a recomendação de que se deve evitar a repetição do item lexical.

No que se refere ao índice geral da sinonímia, com 36,2% (427 casos), de um total geral de 1.178 ocorrências de elos coesivos presentes nas oito categorias, nos três grupos de textos, percebe-se que a sinonímia é bastante representativa, pois, como já mencionado, os termos sinônimos concorrem com as outras sete categorias. A relevância da sinonímia, sobretudo, decorre da função que ela preenche na organização da continuidade e progressão textual, favorecendo, sem dúvida, a marcação do tópico neste universo textual.

Para um exame mais acurado, a Figura 12, em gráfico, a seguir, mostra a sinonímia calculada para cada texto em relação ao total das categorias.

Figura 12 – Categoria Sinonímica (azul) versus Total de Categorias (em valores relativos)



Pela Figura 12, verifica-se que a sinonímia, no grupo de textos dos acadêmicos, apresenta o índice mais elevado no Texto A5, com 48,3%, além do que, esse índice é o mais elevado também, se comparado individualmente com todos os outros índices dos textos; no grupo de textos dos profissionais, a sinonímia é mais representativa no Texto P4, com 45,7%; e, no grupo de textos jornalísticos, no Texto J2, com 36,3%. Pode-se perceber, ainda, que o Texto J1, dos textos jornalísticos, é o que apresenta o índice mais baixo da categoria sinonímica, com 26,6%, seguindo-se o Texto A1, dos acadêmicos, com 27,3%, se comparados individualmente. Por essa constatação, o Texto J1, do grupo jornalístico, é considerado o mais atípico, uma vez que pertence ao grupo de textos considerado proficiente, afastando-se do índice geral que traduz a preponderância da sinonímia em relação às outras categorias.

Em síntese, quanto aos índices em conjunto, por grupo de textos, pode-se observar que a categoria sinonímica demonstra maior frequência, em relação às outras categorias: nos textos dos profissionais, seguindo-se os textos jornalísticos e os textos acadêmicos (isto é, > frequência: TP, TJ e TA, respectivamente); ao passo que a categoria sinonímica evidencia maior representação, em relação ao total das categorias: nos textos dos profissionais, seguindo-se os textos dos acadêmicos e os textos jornalísticos (ou seja, > representação: TP, TA e TJ, respectivamente).

Retomando os índices globais obtidos, para que se possa ter uma idéia mais acurada da contribuição da sinonímia, as Tabelas 27 (valores absolutos) e 28 (valores percentuais), a seguir, apresentam os resultados somente dessa categoria.

**Tabela 27 – Sinonímia por Grupo de Textos
(em valores absolutos)**

| Grupos de Textos | TEXTOS | | | | | |
|------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------|
| | T1 | T2 | T3 | T4 | T5 | TG |
| Acadêmicos | 12 | 15 | 16 | 27 | 28 | 98 |
| Profissionais | 43 | 33 | 46 | 37 | 27 | 186 |
| Jornalísticos | 25 | 33 | 31 | 26 | 28 | 143 |
| Total | 80 | 81 | 93 | 90 | 83 | 427 |

Por essa tabela, verifica-se que a principal contribuição é evidenciada pelos textos dos profissionais (186 casos), seguindo-se os textos jornalísticos (143 casos) e os textos dos acadêmicos (98 casos). Ainda, pode-se observar que o Texto 1, do grupo de acadêmicos, apresenta o menor número de sinonímias, ao passo que o Texto 3, do grupo de profissionais, demonstra o maior número de termos sinônimos.

**Tabela 28 – Sinonímia por Grupo de Textos
(em valores relativos)**

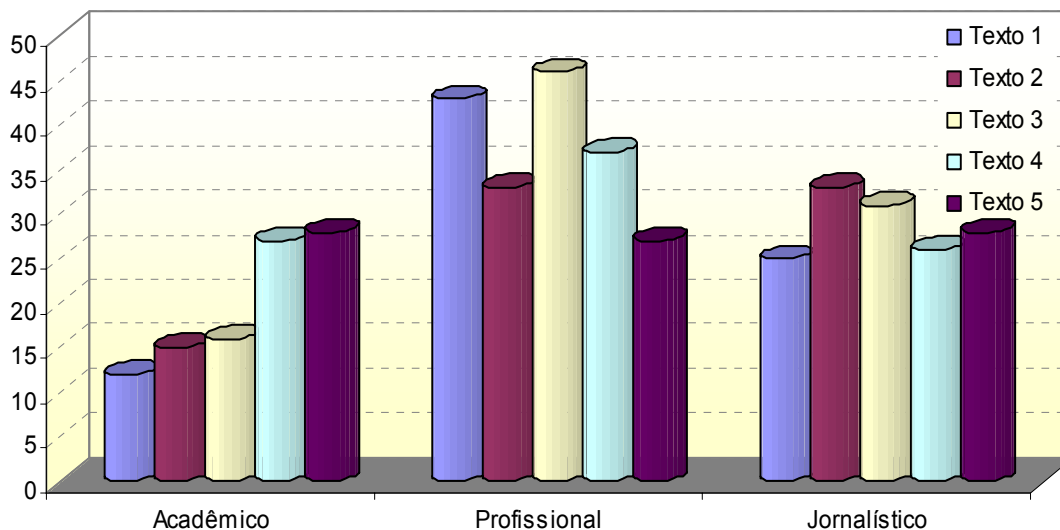
| Grupos de Textos | TEXTOS | | | | | TG |
|------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|
| | T1 | T2 | T3 | T4 | T5 | |
| Acadêmicos | 2,8 | 3,5 | 3,7 | 6,3 | 6,6 | 22,9 |
| Profissionais | 10,1 | 7,7 | 10,8 | 8,7 | 6,3 | 43,6 |
| Jornalísticos | 5,9 | 7,7 | 7,3 | 6,1 | 6,6 | 33,5 |
| Total | 18,8 | 18,9 | 21,8 | 21,1 | 19,4 | 100,0 |

A Tabela 28³⁸ mostra que, do total geral de sinonímias por grupo de textos, os textos dos profissionais contribuem com 43,6%, seguindo-se os textos jornalísticos, com 33,5%, e os textos dos acadêmicos, com o índice de 22,9%. Por outro lado, analisando a contribuição de cada texto, independente do seu grupo, pode-se observar que a maior contribuição é realizada pelo Texto 3 do grupo de profissionais, com 10,8%, e a menor pelo Texto 1, com 2,8%, do grupo de acadêmicos.

³⁸ O cálculo da Tabela 28 é obtido pelo valor de cada texto da Tabela 27 dividido pelo total geral, no caso 427 ocorrências sinonímicas.

A Figura 13, em forma de gráfico, a seguir, visualiza os valores da Tabela 27.

**Figura 13 – Sinonímia por Grupo de Textos
(em valores absolutos)**



Pelo gráfico acima, analisando a frequência da sinonímia, pelo número evidenciado em cada texto, é possível observar que o grupo de textos dos acadêmicos mostra uma sinonímia crescente, entre 12 (Texto 1) e 28 (Texto 5) ocorrências. Esse fato, já mencionado, decorre de a escolha dos textos dos acadêmicos ter seguido as médias atribuídas pelo “Concurso de Texto Jornalístico”, evidenciando-se, também, médias progressivas. Nos textos dos profissionais e jornalísticos, nota-se maior variabilidade entre os índices de cada grupo: o valor médio³⁹ da sinonímia nos textos dos profissionais é de 37, comparado a 28 nos textos jornalísticos. O desvio-padrão, nos textos dos profissionais, é de 7,6, comparado a 7,4 nos textos dos acadêmicos, e 3,4 nos textos jornalísticos, fornecendo um coeficiente de variação⁴⁰ de 38% para os textos dos acadêmicos, 21% para os textos dos profissionais e 12% para os textos jornalísticos.

³⁹ O valor médio (média) é calculado pela soma dos valores absolutos dividido pelo total de valores.

⁴⁰ O coeficiente de variação mede o grau de dispersão relativa, em relação ao valor médio, enquanto o coeficiente de correlação de Pearson mede o grau de alinhamento entre duas variáveis.

Esses dados podem ser confirmados, observando os índices de variação entre o valor mínimo e o valor máximo, referentes à sinonímia, em valores absolutos: $TJ = 33 - 25 = 8$; $TA = 28 - 12 = 16$ e $TP = 47 - 26 = 19$. Assim, os valores evidenciam que os textos jornalísticos são mais homogêneos do que os outros grupos de textos, e os textos dos profissionais apresentam maior variação (isto é, > homogeneidade = TJ, TA e TP, respectivamente), embora, no grupo de textos dos profissionais, vale lembrar, demonstre maior frequência no conjunto total dos textos, maior representação em relação ao total das categorias e maior contribuição por grupo de textos.

Com relação à textura nos três grupos de textos, é apresentada a tabela a seguir.

Tabela 29 – Textura nos Três Grupos de Textos

| TEXTURA (T) | T A | T P | T J | TG | % |
|--|-------------|-------------|-------------|--------------|--------------|
| 1. Itens Relevantes em Cadeias de Identidades (IRCI) | 207 | 309 | 282 | 798 | 51,4 |
| 2. Itens Relevantes em Cadeias de Similaridade (IRCS) | 72 | 156 | 152 | 380 | 24,4 |
| 3. Itens Referentes (IRe) | 103 | 133 | 140 | 376 | 24,2 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = IRCI + IRCS + IRe) | 382 | 598 | 574 | 1.554 | 100,0 |
| 1. Elos Coesivos (EC) | 279 | 465 | 434 | 1.178 | 75,8 |
| 2. Cadeias Coesivas (CC) | 103 | 133 | 140 | 376 | 24,2 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = EC + CC) | 382 | 598 | 574 | 1.554 | 100,0 |
| 1. Itens Relevantes (IR = IRCI + IRCS + IRe) | 382 | 598 | 574 | 1.554 | 90,0 |
| 2. Itens Periféricos (IP) | 65 | 54 | 54 | 173 | 10,0 |
| (II) Total de Itens Lexicais (TIL = IR + IP) | 447 | 652 | 628 | 1.727 | 100,0 |
| 1. Itens Centrais (IC) | 245 | 451 | 433 | 1.129 | 72,7 |
| 2. Itens Não-Centrais (INC) | 137 | 147 | 141 | 425 | 27,3 |
| (I) Total de Itens Relevantes (TIR = IC + INC) | 382 | 598 | 574 | 1.554 | 100,0 |
| • GRAU DE TEXTURA (GT = IC/TIL) (%) | 54,8 | 69,2 | 68,9 | 64,2 | - |

Analisando a Tabela 29, verifica-se que, de um total geral de 1.554 itens relevantes (TIR), 51,4% (798 casos) somam os itens relevantes em cadeias de identidade (IRCI); enquanto 24,4% (380 casos) representam os itens relevantes em ca-

deias de similaridade (IRCS); e 24,2% (376 casos) são itens referentes (IRe). Esses dados comprovam que a maioria dos elos coesivos apresenta-se correferencial, se comparada com os elos coesivos com distinção referencial; fato esse evidenciado também em todos os grupos de textos, como demonstra a Tabela 27. Ainda, pelo cálculo do coeficiente de correlação linear de Pearson, entre as variáveis TIL e IRCl, obtém-se o coeficiente 0,93, indicando uma correlação positiva muito forte.

Quanto aos elos e cadeias coesivas, de um total de 1.554 itens relevantes (TIR), 75,8% (1.178 casos) são elos coesivos (EC), evidenciados em 24,2% (376 casos) de cadeias coesivas (CC). Esse fato demonstra que há uma proporção muito grande de elos em cadeias coesivas, também comprovado pela correlação entre as variáveis CC e EC, que apresenta o coeficiente 0,83, indicando correlação positiva muito forte.

Na Tabela 29, pode-se verificar que, de um total de itens lexicais (TIL) de 1.727 ocorrências, 90,0% (1.554 casos) são itens relevantes (IR), salientando-se em relação a 10,0% (173 casos) de itens periféricos (IP). A correlação entre as variáveis TIL e TIR apresenta o coeficiente 0,99, demonstrando correlação positiva muito forte, enquanto entre as variáveis TIL e TIP indica o coeficiente 0,22, apresentando correlação positiva fraca.

Constata-se, ainda, que de um total de itens relevantes (TIR) de 1.554 ocorrências, 72,7% (1.129 casos) são itens centrais (IC) e somente 27,3% (425 casos) são itens não-centrais (INC). A correlação entre as variáveis TIR e IC apresenta o coeficiente 0,97, evidenciando correlação positiva muito forte; e a correlação entre as variáveis TIR e INC, com o coeficiente 0,48, indica correlação positiva média.

Quanto ao grau de textura (GT), demonstrado por grupo de textos na Tabela 29, verifica-se que os textos dos profissionais ressaltam-se com 69,2%, os textos jornalísticos demonstram 68,9%, e os textos dos acadêmicos apresentam o percentual de 54,8%. Além disso, o percentual geral dos 15 textos analisados é de 64,2% (calculado pela média dos 15 textos), indicando que, nos três grupos de textos e no cômputo geral, o grau de textura evidencia índice acima do grau mínimo estipulado para o GT, de 50%. No entanto, os índices individuais por textos e por grupos de textos, analisados anteriormente, demonstram resultados numéricos mais precisos, tendo em vista a variabilidade dos índices encontrados, que indica peculiaridades em cada texto.

Esses dados coletados e tabulados, referentes à textura de todos os textos analisados, permitem afirmar que os produtores dos textos utilizam com mais frequência:

- as relações de correferência entre duas palavras ou expressões, designando o mesmo referente situacional no texto;
- os elos coesivos em cadeias coesivas;
- os itens relevantes, isto é, itens lexicais e gramaticais que entram em cadeias, do que os itens periféricos, itens que não entram em nenhum tipo de cadeia coesiva;
- os elos coesivos que formam as cadeias centrais, ou seja, os itens que entram em interação entre cadeias são muito mais expressivos do que os itens não-centrais, que não entram em cadeias, apresentando, então, maior grau de textura em quase todos os textos analisados, tendo como base o critério estipulado de um mínimo de 50%.

Com esses dados obtidos, passa-se à análise do emprego da sinonímia e do grau de sinonímia na textura evidenciado.

Tabela 30 – Sinonímia e sua Relação com a Textura nos Três Grupos de Textos

| SINONÍMIA (S) | T A | T P | T J | TG | % |
|---|-------------|-------------|-------------|--------------|--------------|
| 1. Sinonímia por Unidade Lexical (SUL) | 43 | 74 | 38 | 155 | 36,3 |
| 2. Sinonímia por Perífrase (SP) | 55 | 112 | 105 | 272 | 63,7 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 98 | 186 | 143 | 427 | 100,0 |
| 1. Sinonímia Lexical (SL) | 24 | 48 | 6 | 78 | 18,3 |
| 2. Sinonímia Instancial (SI) | 74 | 138 | 137 | 349 | 81,7 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 98 | 186 | 143 | 427 | 100,0 |
| 1. Sinonímia em Cadeias de Identidade (SCI) | 84 | 140 | 85 | 309 | 72,4 |
| 2. Sinonímia em Cadeias de Similaridade (SCS) | 14 | 46 | 58 | 118 | 27,6 |
| (I) Total de Elos Sinonímicos (TES) | 98 | 186 | 143 | 427 | 100,0 |
| 1. Itens Sinonímicos que Interagem em Cadeias (ISIC) | 117 | 243 | 213 | 573 | 67,1 |
| 2. Itens Sinonímicos que Não Interagem em Cadeias (ISNIC) | 79 | 129 | 73 | 281 | 32,9 |
| (II) Total de Itens Sinonímicos (TIS) | 196 | 372 | 286 | 854 | 100,0 |
| 1. Itens Sinonímicos que Interagem em Cadeias (ISIC) | 117 | 243 | 213 | 573 | 50,8 |
| 2. Itens que Interagem em Cadeias e Não São Sinonímicos (IICNS) | 128 | 208 | 220 | 556 | 49,2 |
| (III) Total de Itens Centrais (TIC) | 245 | 451 | 433 | 1.129 | 100,0 |
| • GRAU DE SINONÍMIA NA TEXTURA (GST = ISIC/TIC) (%) | 47,8 | 53,9 | 49,2 | 49,7 | - |

Analisando a coluna total geral da Tabela 30, no que concerne à classificação da sinonímia quanto à estrutura, de um total geral de 427 elos sinonímicos (TES), a sinonímia por perífrase (SP) ocorre em maior número, com 63,7% (272 casos), comparada com a sinonímia por unidade lexical (SUL), que soma apenas 36,3% (155 casos). Ainda, a correlação entre as variáveis TES e SP apresenta o coeficiente 0,81, demonstrando correlação (grau de linearidade) positiva forte, enquanto a correlação entre as variáveis TES e SUL indica o coeficiente 0,58, evidenciando correlação positiva média.

No que se refere à sinonímia quanto à formação, de um total de 427 elos sinonímicos (TES), a sinonímia instancial (SI) salienta-se com 81,7% (349 casos), em relação à sinonímia lexical (SL), com 18,3% (78 casos). Na correlação entre as variáveis TES e SI, o coeficiente é de 0,90, indicando correlação positiva muito forte; e, na correlação entre as variáveis TES e SL, cujo coeficiente soma 0,47, evidencia correlação positiva média.

Por essa tabela, verifica-se que, de um total de elos sinonímicos (TES), com 427 ocorrências, 72,4% (309 casos) são de sinonímia em cadeias de identidade (SCI) e apenas 27,6% (118 casos) são de sinonímia em cadeias de similaridade (SCS). Pelo índice de correlação entre as variáveis TES e SCI, o coeficiente soma 0,91, demonstrando correlação positiva muito forte.

Constata-se, também, que, de um total de 854 itens sinonímicos (TIS), o maior índice representado é dos itens sinonímicos que interagem em cadeias (ISIC), com 67,1% (573 casos), se cotejados com os itens sinonímicos que não interagem em cadeias (ISNIC), com 32,9% (281 casos). Pela correlação entre as variáveis TIS e ISIC, cujo coeficiente demonstra 0,91, evidencia correlação positiva muito forte.

Além disso, observando a Tabela 30, pode-se constatar que, de um total de 1.129 ocorrências de itens centrais (TIC), 50,8% (573 casos) são itens sinonímicos que interagem em cadeias (ISIC), comparados a 49,2% (556 casos) itens que interagem em cadeias e não são sinonímicos (IICNS). A correlação entre as variáveis TIC e ISIC apresenta correlação positiva forte (0,79) e a correlação entre as variáveis TIC e IICNS demonstra correlação positiva média (0,48). Esses dados demonstram que a sinonímia em cadeias é muito expressiva, justificando, como já mencio-

nado, que ela representa uma categoria à parte dentre um conjunto de oito categorias por elos coesivos.

Quanto ao grau de sinonímia na textura (GST), evidenciado na Tabela 30, pode-se verificar que, por grupo de textos, o percentual mais baixo é 47,8%, referente aos textos dos acadêmicos; seguindo, em ordem crescente, o percentual de 49,2%, para os textos jornalísticos, e 53,9%, para os textos dos profissionais. O total geral do grau de sinonímia na textura, evidenciado nos 15 textos em conjunto, é de 49,7%, indicando grau acima de 42%.

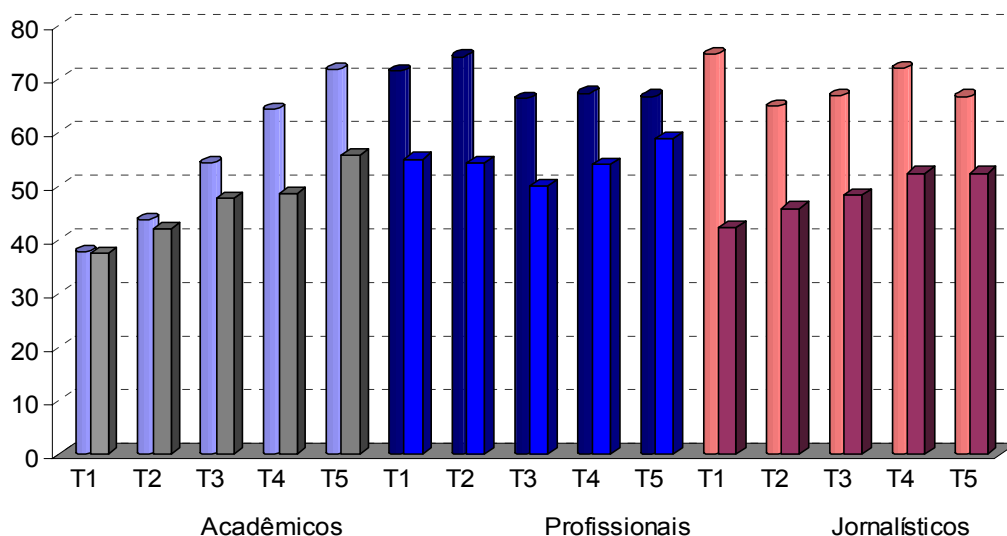
Pelos dados gerais e pelo correlato da variação entre as variáveis GST e GT, cujo coeficiente soma 0,68, indicando correlação positiva forte, pode-se agora afirmar que: “quanto maior o grau de sinonímia, maior é o grau de textura atribuído aos textos analisados”.

Em síntese, os dados obtidos até o momento permitem asseverar que os produtores dos textos, por grupos e analisados em conjunto, no que se refere à sinonímia, utilizam com mais frequência:

- a sinonímia, em relação às outras categorias;
- a sinonímia por perífrase, no que se refere à estrutura sinonímica;
- a sinonímia instancial, no que se refere à formação sinonímica;
- a sinonímia em cadeias de identidade ou correferenciais ; e
- os itens sinônimos que interagem em cadeias.

Para um exame mais profundo, empreendendo uma estatística mais descritiva entre o grau de textura e o grau de sinonímia presentes na textura em todos os textos, é apresentada a Figura 14, a seguir.

Figura 14 – Grau de Textura (cilindro) versus Grau de Sinonímia (retângulo)



Na Figura 14, pode-se perceber que, nos textos acadêmicos, o grau de sinonímia na textura (GST) varia na mesma proporção que o grau de textura (GT), em ordem crescente. Calculando-se o coeficiente de correlação linear de Pearson, obtém-se um valor de 0,97, índice muito forte, comprovando que o grau de textura está relacionado linearmente com o de sinonímia na textura, enquanto, nos textos dos profissionais, não é possível observar uma correlação linear entre essas duas variáveis, evidenciando 0,06, que é praticamente zero e está muito longe de 1. Nos textos jornalísticos também não se observa um relacionamento linear entre o grau de sinonímia na textura e o grau de textura, uma vez que o coeficiente de correlação de Pearson obtido é de -0,30, mostrando uma leve tendência de variação inversa, isto é, enquanto um valor cresce o outro decresce.

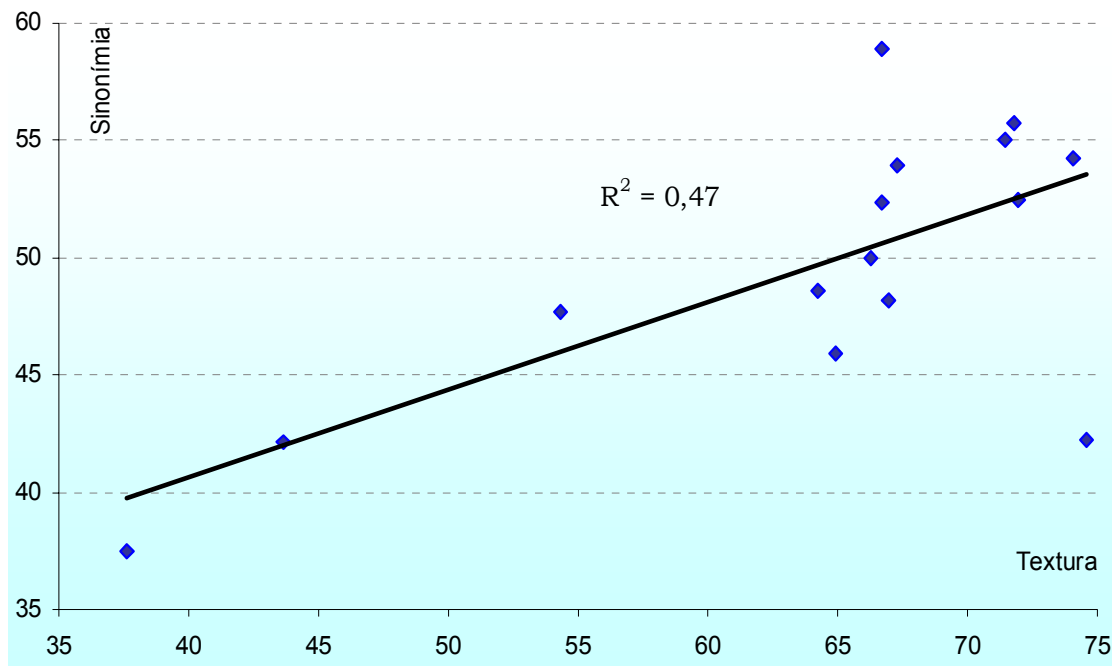
Esses resultados, no entanto, precisam ser vistos com cautela, pois o tamanho da amostra é pequeno para uma conclusão definitiva. Assim, apesar da indicação de um relacionamento entre o grau de textura e o de sinonímia na textura, não é possível afirmar que em qualquer caso ele seja linear, isto é, que quanto mais textu-

ra mais sinonímia, pelo menos de uma forma linear. Para alguns textos isso pode ser verdadeiro, mas não para todos. Além disso, nada garante que a relação exista, mas seja de outro tipo que não o linear, como pela relação quadrática (curva do segundo grau).

Em suma, a observação do relacionamento individual de cada categoria, por meio da representação do grau de textura *versus* o grau de sinonímia na textura, mostra que existe uma relação estreita entre os dois índices, sendo praticamente linear para os textos acadêmicos e não linear entre os textos de profissionais e jornalísticos.

Confirmando esse relacionamento, também é possível analisar o grau de sinonímia com o grau de textura visualizado pela Figura 15, a seguir.

Figura 15 – Grau de Sinonímia *versus* Grau de Textura em Todos os Textos (em valores relativos)



Por esse gráfico, pode-se perceber que o grau de sinonímia é um índice mais consistente do que o grau de textura, se considerado o conjunto dos 15 textos. Embora os dois índices apresentem praticamente os mesmos valores mínimos, 37,6% (TA1) para a textura e 37,5% (TA1) para a sinonímia, o mesmo não ocorre com os valores máximos. A textura apresenta um máximo de 74,6% (TJ1) e a sinonímia de 58,9% (TP5). Desse modo, a amplitude de variação da textura é de 37,0% ($74,6\% - 37,6\% = 37,0\%$), enquanto a da sinonímia é de 21,4% ($58,9\% - 37,5\% = 21,4\%$). Dessa forma, a textura apresenta uma variação maior do que a sinonímia, de aproximadamente 70%.

Analisando o conjunto dos 15 índices, pode-se observar a média de 64,2%, para a textura, e de 49,7%, para a sinonímia. Os desvios-padrão são de 10,8% e 5,9%, respectivamente. Assim o coeficiente de variação para a textura é de 16,8% e para a sinonímia é de 11,9%. Dessa forma, pode-se afirmar que a sinonímia é um índice mais homogêneo que a textura, considerando o conjunto de todos os textos, e que ela apresenta uma média mais representativa da amostra dos textos analisados do que a textura.

A Tabela 31, a seguir, evidencia o grau de textura e o grau de sinonímia na textura em cada texto e a contribuição do grau de sinonímia para a textura.

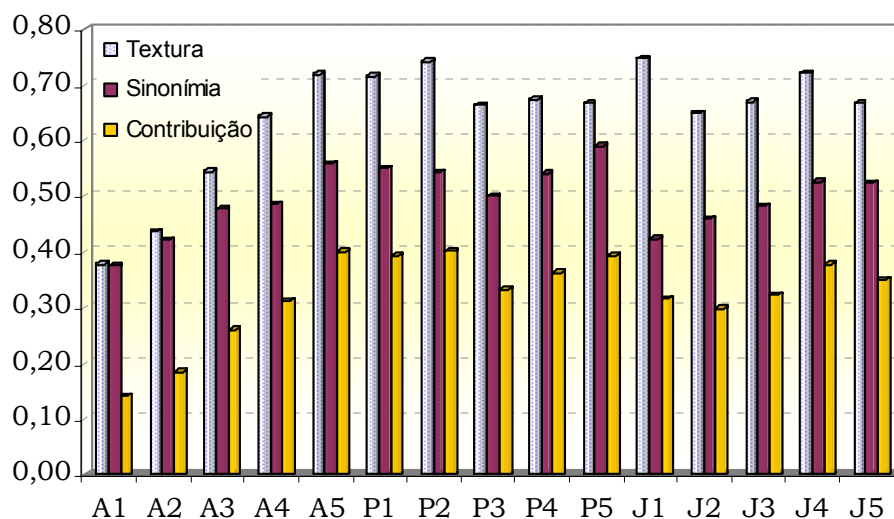
**Tabela 31 – Contribuição da Sinonímia na Textura dos Textos
(em valores relativos)**

| Textos | Acadêmicos | | | | | Profissionais | | | | | Jornalísticos | | | | |
|--------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|---------------|-------------|-------------|-------------|-------------|---------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| | T1 | T2 | T3 | T4 | T5 | T1 | T2 | T3 | T4 | T5 | T1 | T2 | T3 | T4 | T5 |
| Textura | 37,6 | 43,7 | 54,3 | 64,2 | 71,8 | 71,4 | 74,1 | 66,3 | 67,3 | 66,7 | 74,6 | 64,9 | 66,9 | 71,9 | 66,7 |
| Sinonímia | 37,5 | 42,1 | 47,7 | 48,6 | 55,7 | 55,0 | 54,2 | 50,0 | 53,9 | 58,9 | 47,4 | 45,9 | 48,2 | 52,4 | 52,4 |
| Contribuição | 14,1 | 18,4 | 25,9 | 31,2 | 40,0 | 39,3 | 40,2 | 33,1 | 36,3 | 39,3 | 35,4 | 29,8 | 32,2 | 37,7 | 34,9 |

Analisando a Tabela 31, por grupo de texto, pode-se verificar que a contribuição da sinonímia na textura (CST) apresenta maior representatividade: no Texto 2 do grupo de textos dos profissionais, com 40,2%; no Texto 5 do grupo de textos dos acadêmicos, com 40,0%; e, no Texto 4 do grupo de textos jornalísticos, com 37,7%. Pelos dados obtidos de cada texto, calculando a média de cada grupo, obtêm-se os seguintes percentuais: a média dos textos dos profissionais é de 37,3%, a dos textos jornalísticos é de 33,9% e a dos textos dos acadêmicos é de 26,2%. Por esses dados, a maior contribuição é feita pelo grupo de textos dos profissionais e jornalísticos. Por fim, a contribuição média geral da sinonímia para a textura é de 32,3%, indicando índice acima da medida válida de expressão para a textura (50%).

Os mesmos dados da Tabela 31 são visualizados na Figura 16, em forma de gráfico, a seguir.

Figura 16 – Contribuição da Sinonímia na Textura dos Textos (em valores relativos)



Pelos índices da Tabela 31, visualizados na Figura 15, confirma-se que a sinonímia efetivamente contribui para a textura, uma vez que os percentuais obtidos pertencem a uma única categoria, a da sinonímia, dentre as oito analisadas. Na Fi-

gura 15, pode-se observar, também, as comparações efetuadas, como a variabilidade e os casos atípicos evidenciados.

Em síntese, os valores obtidos pelo cruzamento entre os dados levantados por grupo de textos, pelos totais gerais de cada grupo considerados em conjunto, pela média geral dos 15 textos e pela correlação entre as variáveis GST e GT, possibilitam confirmar que: “quanto maior o grau de sinonímia na textura, tanto maior é o grau de textura”.

Portanto, conforme visto no decorrer de todas as análises, em meio a vários índices e percentuais obtidos, tabelas e gráficos, mostrando semelhanças e variações, estas evidenciadas pelas peculiaridades demonstradas em alguns textos da análise e justificadas por suas características, constata-se que “a sinonímia contribui para a textura no universo textual analisado”. Além disso, a sinonímia reafirma-se como categoria por elo coesivo da coesão lexical e distingue-se como um dos princípios de construção do sentido, pela particularidade de envolver relações entre dois ou mais itens lexicais no momento particular do texto. Por participar do componente textual, com o propósito de relacionar elementos lexicais que mantêm equivalência de sentido, estabelece relações semânticas, conferindo continuidade e progressão ao texto e assegurando-lhe, assim, o caráter de unidade de significação.

5.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Considerando os dados obtidos pela descrição numérica e as considerações evidenciadas a partir da análise dos textos, sem perder de vista o objetivo principal desta pesquisa, que é o de investigar o emprego da sinonímia como categoria por

elos de coesão lexical e a sua contribuição para a textura do texto, se faz necessário apresentar a discussão dos resultados, a qual constitui uma análise qualitativa.

Quanto às propostas de abordagem da coesão e da noção de referência, retomando os princípios de Halliday e Hasan (1976 e 1989) e seguindo a sistematização que lhes foi conferida neste estudo, destacam-se os seguintes conceitos evidenciados pela aplicação da teoria ao *corpus*: a relação implicada na coesão do texto é de caráter essencialmente semântico no que se refere às relações de sentido existentes dentro do texto, resultando da interdependência entre as unidades, segmentos e frases que formam o texto e fazendo com que um item lingüístico seja sempre interpretado em relação a outro (s) item (ns) no co-texto. Essas relações se manifestam por meio do sistema léxico-gramatical da língua no momento específico do texto, mencionado também em Hasan (1989), que propiciam continuidade, progressão e unidade textual. Por tudo isso, o estabelecimento da coesão é fator decisivo para a textura do texto.

Os resultados da pesquisa destacam a coesão lexical, podendo-se verificar que ressalta como mecanismo da coesão textual, evidenciado pelos elevados índices das categorias lexicais por elos coesivos (sinonímia, repetição, hiponímia, antonímia e anáfora conceitual), comparados aos resultados das categorias gramaticais (pronominalização e elipse), observados nos textos analisados. Isso se verifica dada a natureza semântica do texto, como reiteradamente afirmam Halliday e Hasan (1976, p.4, 6, 10 e 303), resultando da interação entre um conjunto de retomadas de itens lexicais que nele ocorrem. A categoria anáfora conceitual se pronuncia como elo coesivo tanto lexical como gramatical (por exemplo: “esse fato” e “isso”).

Ainda no âmbito da coesão lexical, os resultados indicam que a categoria por elos sinonímicos mostra-se saliente em todos os grupos de textos analisados, contrapondo a idéia de que somente se realiza pela via da correferencialidade, o que se respalda em Antunes (1996, 229) quando afirma: “o emprego da sinonímia ultrapassa as relações de identidade referencial”, embora seja por essa via que a sinonímia apresenta a maior freqüência nos textos analisados. A noção de correferencialidade e similaridade referencial é mencionada por Hasan (1984 e 1989); e distinção referencial, confirmada por Milner (2003).

Considerando os resultados obtidos, a substituição por sinonímia evidencia-se com muito maior freqüência, em relação às outras categorias coesivas por elos estudadas. Não surpreende, tampouco, que a sinonímia com identidade referencial ressalta como componente coesivo de alta relevância, mantendo um núcleo referencial e recuperando um mesmo referente situacional no texto. Ainda, fora da correferencialidade, isto é, com distinção referencial, seguindo-se Milner (2003), o quadro da sinonímia revela-se bastante interessante, tanto pelo aspecto reiterativo como pela reformulação, expansão e aprofundamento de sentido conseguido pela retomada referencial, produzindo novas informações. Essas observações permitem dizer que o produtor do texto pode reformular o sentido de expressões referenciais substitutas, para acrescentar novos significados que ajudam a explicitar sua opinião.

Na substituição sinonímica, quanto à estrutura, os dados destacam a sinonímia por perífrase, demonstrando a escolha dos produtores no sentido de fazer variar a realização lexical do texto, utilizando itens lexicais sinonímicos por meio de expressões ou orações com equivalência de sentido. Esse fato comprova a opção, neste estudo, em estabelecer que item lexical é toda a palavra ou conjunto de palavras com unidade de sentido. A classificação por unidade e por perífrase é inspirada

em observações de Lyons (1979), quando menciona a possibilidade de substituição sinonímica por unidades lexicais individuais ou por grupos de unidades lexicais, como também é mencionada por Antunes (1996).

Nas relações sinonímicas, quanto à formação, salienta-se, nos textos analisados, o uso da sinonímia instancial, cuja denominação e definição é proposta por Hasan (1989), confirmando a representatividade dos itens lexicais sinônimos que se constroem no texto. Essas considerações reafirmam que as expressões referenciais sinonímicas são essencialmente formadas, com primazia, no momento específico do texto, lembrando o que argumenta Hasan (1989): “dois termos quaisquer, membros de um elo coesivo, são mecanismos e não entidades independentes do texto”.

Os resultados da pesquisa destacam, na interação entre as cadeias coesivas, a sinonímia como categoria por elo que interage em cadeias, constituindo-se forte indicador de itens centrais, haja vista os índices do grau de sinonímia na textura e do grau de contribuição da sinonímia na textura dos textos, confirmados pelos dados por grupo de textos e pelas médias do conjunto dos 15 textos. Vale lembrar que a sinonímia, em grande parte nos textos considerados bem formados, dos profissionais e jornalísticos, evidencia-se não só pela sua frequência, como também pela maior representação em relação ao total das categorias e pela contribuição na textura.

Levando em conta as outras categorizações, os dados possibilitam comprovar que há categorias por elos que se mostram também decisivas no que diz respeito às relações de coesão textual, o que justifica a categorização proposta no Capítulo 2. Sendo assim, merecem atenção as reflexões a seguir.

Pelos resultados dos dados levantados, a categoria por repetição lexical total ou parcial, denominada de repetição lexical simples e repetição lexical complexa, respectivamente, por Hoey (1991), destaca-se no universo textual analisado, seguindo-se a ordem de freqüência da categoria sinonímica. Observa-se que, nos textos mais extensos ou quando o propósito do produtor é o de conferir ênfase a uma determinada unidade ou tópico, é impossível dispensar o recurso da repetição, não só a repetição total, mas também e, sobretudo, a repetição parcial. Esta última, especialmente, mostra-se relevante pela introdução de novas informações e pela particularidade de incorporar novo referente situacional ao texto, pela distinção referencial.

Essas considerações autorizam sugerir uma reavaliação da forma como a repetição é muitas vezes concebida: de que ela é um recurso que se deve evitar na escrita, porque a sua presença evidencia falta de vocabulário e sentido redundante, obscurecendo as potencialidades que essa categoria lexical pode cumprir na organização do texto argumentativo. Assim sendo, a repetição do item lexical merece ser vista como uma categoria essencial ao estabelecimento da coesão lexical⁴¹, inclusive do texto argumentativo, se bem empregada.

A pronominalização e a elipse surpreendem pela maior incidência no grupo de textos dos jornalistas. A pronominalização, desprovida de referência virtual própria, segundo Milner (2003), é vista como um caso de anáfora simples; enquanto a elipse, como um fenômeno característico do português brasileiro, estudada especialmente na língua oral, merece atenção especial também no texto escrito argumentativo, uma vez que sua representatividade foi observada nas produções do grupo de proficientes produtores.

⁴¹ Antunes (1996) estuda mais profundamente essa categoria lexical.

A hiponímia e a anáfora conceitual também são mais salientes no grupo de textos jornalísticos, como estratégias de criação lingüística e de estruturação textual. Na retomada do antecedente, a primeira categoria especifica esse antecedente, enquanto a segunda o resume⁴². Tais características podem demonstrar a preocupação de esclarecimento e de síntese, respectivamente, necessárias aos textos jornalísticos, tendo em vista que, ao mesmo tempo em que o produtor deve deixar claro o sentido do texto, guia-se pelo espaço que lhe foi atribuído pelo jornal.

A antonímia, embora não tenha apresentado índice de freqüência alto (pelo contrário, em geral relativamente baixo) chama a atenção pelo seu uso nos textos dos profissionais. Pela aplicação dos antônimos, designados paráfrase complexa por Hoey (1991), percebe-se nitidamente a conotação enfática de oposição de sentido que os itens lexicais antonímicos conferem aos textos dos profissionais. Isso comprova o que afirma Lyons (1980, p. 224): “a antonímia reflete ou determina o que parece ser uma tendência geral humana para categorizar a experiência em termos de contrastes dicotômicos”⁴³.

Da mesma forma, a anáfora indireta provou ser uma categoria por elos coesivos de baixa freqüência, provavelmente porque o texto opinativo prima pela linguagem culta, referencial, clara e objetiva, na medida em que utiliza os termos antecedentes explícitos no co-texto. Em outras palavras, no texto argumentativo, a anáfora indireta pode se configurar como uma relação ilógica, denotando grave indício de desconexão de linguagem, provocada por relações discordantes pelo uso indevido do termo que substitui. Essas considerações resultam dos dados levantados no universo textual analisado, merecendo um estudo mais profundo sobre a questão.

⁴² A função resumitiva é apenas uma das funções identificadas por Dénervaud e Jespersen (1992).

⁴³ Ver Lyons (1979, p. 486-499 e 1980, p. 219-235) sobre a dicotomia nos antônimos.

Considerando a textura como uma propriedade que distingue um texto de um não-texto e que para ser texto tem de haver textura, como propõem Halliday e Hasan (1976) e Hasan (1984, 1989), bem como entre texto e não-texto há um “contínuo” de textura, mencionado em Eggins (1996), podem ser encontrados diferentes níveis de textura. Nesta pesquisa, os resultados confirmam essas considerações sobre a constituição do texto e os diferentes níveis de textura vinculadas à organização textual, no âmbito da sua coesão e textura, em especial à categoria sinonímica nos diferentes grupos de produções.

Nesse sentido, pelos índices obtidos, os textos dos produtores acadêmicos revelam maior ascendência numérica, comparando-se entre o valor mínimo ao máximo, da frequência da sinonímia, do grau de textura, do grau de sinonímia na textura e da contribuição da sinonímia na textura, neles observados em relação aos outros textos, dos profissionais e dos articulistas de jornal. Desse modo, nos textos dos acadêmicos, evidencia-se, sem exceção, que quanto menos sinonímia, menos textura. Isso fornece indícios para uma certa limitação no que se refere ao repertório vocabular dos textos com baixa textura nesse grupo de produções.

Os textos dos profissionais demonstram ser os mais bem formados quanto à textura e à contribuição da sinonímia na textura, em relação aos outros grupos, aspecto indicado pela maior frequência, em todos os casos, da substituição de itens lexicais sinonímicos, em relação às outras categorias, pelo expressivo número de graus mais altos: de sinonímia na textura, de textura e de contribuição da sinonímia na textura. Esse dado pode ser atribuído ao fato de seus produtores possuírem preocupação com a prática na docência, terem formação na área da Lingüística e estarem comprometidos com a produção textual coesa.

Nos textos jornalísticos, os dados indicam grau de textura próximo ao dos textos dos profissionais, também bem formados e bem acima do mínimo estipulado, porém o nível de contribuição da sinonímia na textura é mais baixo do que o dos profissionais, evidenciando que os produtores utilizam com mais frequência as outras categorizações. Esse fato pode ser explicado pela preocupação dos produtores com o público-leitor, no sentido de apresentar escolhas vocabulares que facilitam a compreensão de um público mais geral. Dessa forma, evitam os requintes da linguagem culta, utilizando um vocabulário menos rico, mais pronominalizações e elipses, as quais são categorias gramaticais, por assim dizer, mais simples. O argumento desses produtores parece ser o de defender uma opinião, um ponto de vista que seja mais facilmente compreendido.

A opinião está presente em todos textos, e a seleção do *corpus* seguiu critérios diferentes: os textos dos acadêmicos, pelas médias atribuídas aos textos pela Comissão do “Concurso de Texto Jornalístico”; os textos dos profissionais, por os produtores exercerem a função na docência e pela publicação em revistas ou jornais; e os textos dos articulistas, por se constituírem em artigos da seção “Opinião” do jornal Zero Hora. O tema da produção textual escrita foi igual nos grupos de textos dos acadêmicos e profissionais, “Formação Acadêmica e Mercado de Trabalho”, tendo sido livre no grupo de textos dos articulistas de jornal.

Os textos jornalísticos utilizados sugerem um aspecto de maior autenticidade no que se refere ao tema e às intenções dos autores, devido à sua obtenção “in situ”, diretamente de jornais, o que estabelece um contraponto com o aspecto “in vitro” dos outros dois grupos – de acadêmicos e de profissionais –, obtidos mediante a ciência destes produtores dos objetivos da pesquisa.

Esses fatos não impediram que se aplicasse o Modelo Proposto, uma vez que foi alcançado o propósito principal de se confirmar a contribuição da sinonímia na textura de texto, pelos índices obtidos nesta pesquisa, pois em todos os textos analisados ocorrem cadeias coesivas por elos, denotando a construção da coesão e, conseqüentemente, da textura. Essa aplicação somente foi possível a partir da amostra fornecida por Hasan (1984, 1989), com base nas categorias por elos de Halliday e Hasan (1976). O diferencial metodológico desta investigação reside em partir-se da oralidade de textos narrativos produzidos por crianças, para textos escritos argumentativos produzidos por adultos, transitando do Modelo de Hasan para o Modelo Proposto.

É importante mencionar que, por tratar-se de produção verbal escrita, é reconhecido que, por mais rigorosos que sejam quaisquer critérios, eles sempre estão sujeitos a certa margem de variações, de flutuações, pois, eliminados completamente os índices de flutuação, quando da avaliação do discurso verbal, abolida está também a possibilidade de produção consciente, individual e, portanto, única do texto.

Desse modo, levando em consideração as diferentes situações da produção dos três grupos de textos, especialmente no que concerne à linguagem dita natural e o seu aspecto de autenticidade, não se pretende aqui - convém frisar - descrever a linguagem natural, mas, antes, supor uma língua culta para descrever noções de textura, coesão e sinonímia intratextualmente.

É reconhecido que, para proceder a um estudo mais rigoroso, necessário será operar com um número superior de textos argumentativos, com maior variabilidade de produtores, pois, mesmo no universo textual analisado, embora a sinonímia

tenha sido bem mais representativa em quase todas as produções, há textos com proficiência que se evidenciam atípicos, com freqüências de outras categorizações que, somadas, superam a da sinonímia. Isso sugere uma característica de estilo do autor, podendo ser fator de escolha das categorias coesivas.

Cumprido ressaltar que os dados levantados, por meio dos critérios estipulados e dos dados estatísticos obtidos, apesar de um índice significativo de mensurações numéricas e de correlações entre variáveis, não caracterizam definitivamente a contribuição da sinonímia para a textura em qualquer texto. Contudo, tal como visto, os textos de diferentes grupos, apesar de suas especificidades, não são tão diferentes do que se pode observar no *corpus* analisado, uma vez que a coesão faz parte do componente textual como recurso na formação do texto, estabelecendo relações de significado e determinando o seu padrão de textura.

A partir dos resultados desta pesquisa, de acordo com os percentuais relacionados à sinonímia, à textura e à contribuição da sinonímia para a textura, pode-se afirmar:

- a) quanto maior a freqüência de itens sinonímicos, mais alto é o grau de textura do texto, confirmado no grupo de textos dos acadêmicos;
- b) quanto maior a presença de itens centrais, em relação ao total de itens lexicais, maior é o grau de textura do texto, evidenciado em todos os textos;
- c) quanto maior a presença de itens sinonímicos em cadeias de interação, formando elos sinonímicos que interagem em cadeias, maior é o grau de textura, comprovado pelos índices gerais dos grupos de textos;

- d) quanto mais alto o grau de sinonímia, maior é o grau de textura do texto, conseqüentemente maior é a contribuição da sinonímia na textura, demonstrado pelos índices gerais em todos os grupos de textos.

Convém destacar a constatação de que a utilização da sinonímia no texto não cumpre apenas uma função de equivalência de sentido, acumula, também, e de maneira inteiramente significativa, a função de marcar elos coesivos em cadeias coesivas ao longo do texto, a partir das relações semânticas entre os elementos de um elo, auxiliando a continuidade tópica e a unidade textual. Consideração essa que se revelou a partir do entendimento de elos e cadeias coesivas proposto no modelo de Hasan (1984, 1989), e da observação desses aspectos na análise do *corpus* textual.

Por essas constatações, confirmadas pelos resultados evidenciados neste trabalho, e especialmente pelas médias gerais da contribuição da sinonímia para a textura (CST): TP, com 37,3%; TJ, com 33,9%; e TA, com 26,2%; além da média geral da contribuição sinonímica para a textura nos 15 textos, com 32,3%, levando em consideração a medida válida de expressão de um limite de 22%, é importante enfatizar que a substituição lexical sinonímica torna-se essencial como categoria por elos coesivos para a caracterização do sentido do texto, ou seja, a substituição lexical sinonímica forma parte substantiva das redes textuais, como categoria que contribui para a continuidade, progressão e unidade textual e, assim, para o sentido do todo textual, que é evidenciado pela textura.

Portanto, os resultados deste estudo, em especial os que indicam grau acima do mínimo aceitável de sinonimidade na textura, e a existência da correlação entre as variáveis, sinonímia e textura, e a variável interveniente, grupos de textos, tornam coerente a afirmação de que a sinonímia contribui para a textura do texto.

Ainda, realização do levantamento e a análise dos dados possibilitam comprovar, esclarecer e definir outros pontos face ao emprego coesivo das unidades e expressões referenciais, aos elos e cadeias coesivas, à interação entre as cadeias e ao emprego da sinonímia em diferentes grupos de textos.

Além disso e sobretudo, esta investigação, com base nos autores estudados, faz uma construção teórico-metodológica que possibilita não só um tratamento diferenciado da sinonímia, como também da sinonímia na textura, apresentando o percurso, a conceituação e a criação de fórmulas para evidenciar os graus de sinonimidade, os quais resultaram nos dados aqui apresentados.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, procurou-se discutir temas importantes relativos ao texto: a textura, que diferencia um texto de um não-texto; a sinonímia, como categoria coesiva lexical na construção de textos coesos; e, em especial, a contribuição da sinonímia para a textura do texto, que se manifestou relevante nesta investigação.

O interesse por temas ligados à produção do texto escrito argumentativo motivou-se pela constatação de problemas identificados na linguagem escrita em textos de acadêmicos, pois, ainda na academia, o universitário apresenta dificuldades em relação à produção de textos, principalmente no que se refere ao uso de elos coesivos em textos argumentativos. Além disso, a opção pelos textos dos alunos do Curso de Letras decorreu dos resultados obtidos na Dissertação de Mestrado, já mencionada, cujos valores numéricos evidenciados, a partir dos critérios estipulados para os problemas de emprego dos mecanismos de coesão, foram baixos.

Com o intuito de validar a qualidade da análise, tornando-a um estudo comparado, escolheram-se textos opinativos de profissionais e escritores-colaboradores de jornal, com formação também em Letras, para observação dos mesmos aspectos analisados nos três grupos de textos, que se constituem no *corpus* desta pesquisa.

Nesta investigação, a orientação teórica fundamentou-se em estudos que possibilitaram uma abordagem mais adequada para a análise dos textos escritos argumentativos. Assim, a partir, especialmente, de Halliday e Hasan (1976 e 1989), Halliday (1985), Hasan (1984, 1989), Hoey (1991), Antunes (1996) e Krás (2002), definiram-se noções sobre a coesão textual e a coesão lexical. Com base em Halliday e Hasan (1976) e Hasan (1984, 1989), buscou-se descrever a textura. E os trabalhos de Lyons (1979, 1980, 1995 e 1997), Bernárdez (1982), Hasan (1984, 1989), Halliday (1985 e 1989), Ilari e Geraldí (1995), Antunes (1996), Marscushi (2001), Ilari (2002), e Koch (2004) serviram de base para a definição e classificação da sinonímia concebidas nesta investigação.

Estudados os modelos para a fundamentação teórica, criadas as alterações que se constituíram em novas propostas, formando o Modelo Proposto, e selecionado o *corpus* desta pesquisa, foram realizados a identificação e o fichamento de todas as ocorrências das categorias coesivas por elos. A seguir, a interação entre as cadeias foi edificada em forma de diagramas, e os levantamentos dos dados foram colocados em tabelas. Depois, os resultados foram submetidos a índices estatísticos, com a ajuda de profissional especialista, que, por esse tratamento, foram obtidos os resultados parciais e globais, os quais propiciaram a análise qualitativa, visando a alcançar os objetivos deste estudo.

Nesses termos, analisando os três grupos de textos: de acadêmicos, de profissionais e jornalísticos, inicialmente levantando os dados por grupo e, depois, cruzando e correlacionando os resultados obtidos entre esses três grupos de textos, não só foram respondidas as três questões de pesquisa, como também alcançados os objetivos direcionados ao questionamento, os quais se constituíram em norte durante este estudo, e estão apresentados na Introdução deste trabalho.

Desse modo, quanto à primeira questão, referente à caracterização do emprego da sinonímia, na condição de categoria por elo da coesão lexical, em textos escritos, foi respondida pelo fato de que ela se constitui na categoria de maior ocorrência, comparada às outras categorizações analisadas, evidenciando saliência nas seguintes classificações: as sinonímias por perífrases e as sinonímias instanciais, em todos os textos analisados. Esse fato demonstra que, geralmente, a substituição sinonímica se realiza na retomada por sintagmas ou orações que explicam a equivalência de sentido a partir das relações referenciais no momento particular do texto.

A resposta para a segunda questão, que indaga sobre as relações estabelecidas entre o emprego da sinonímia na textura do texto, ficou evidenciada pela alta frequência de termos sinônimos nas cadeias coesivas, preponderando como item lexical com o mesmo referente situacional no texto, isto é, as sinonímias são ativas nas cadeias de identidade, sem exceção, ou seja, com maior número em todos os textos analisados. Além disso, essa questão foi respondida, também, por os itens sinonímicos estarem bem representados nas cadeias centrais, interagindo entre as cadeias e implicando, então, maior grau de textura nos textos. Sendo assim, o grau de sinonímia na textura está relacionado com o grau de textura atribuído aos textos, em especial no grupo de profissionais.

A terceira questão, relativa às semelhanças e diferenças entre os diferentes grupos de textos escritos, no que se refere ao uso da sinonímia e à textura, foi clarificada pelos índices obtidos e comparados entre os três grupos e, em especial, pela maior frequência da sinonímia, pelos graus de textura e os graus de sinonímia na textura mais elevados e pela maior contribuição da sinonímia para a textura nos textos considerados com boa formação, isto é, textos coesos e com maior grau de textura, aqui representados pelos textos dos profissionais e jornalísticos.

A análise dos dados coletados indica a relevância da sinonímia como expressão referencial, categorizada por elos e cadeias coesivas, e a sua produtividade e importante participação na textura de textos escritos argumentativos, ressaltando-se como componente coesivo de alta relevância para o sentido do texto.

É importante frisar que se levaram também em consideração os casos individuais atípicos evidenciados na análise dos textos, na medida em que eles indicaram indícios de variabilidade ao que se propunha verificar, comentados nas seções 5.1 “Análise dos Dados” e 5.2 “Discussão dos Resultados”.

Examinando o referencial teórico levantado para justificar a escolha do tema, pode-se constatar que houve alterações aos modelos estudados, criando-se novas propostas que se constituíram no que se denominou Modelo Proposto, as quais foram indispensáveis para o exame da sinonímia e da textura nos textos selecionados para a análise. Tais alterações foram válidas, pois propiciaram o estabelecimento do modelo teórico-metodológico e o alcance dos objetivos deste trabalho.

O Modelo Proposto parte de modelos dos estudiosos, anteriormente citados, e se molda sobre novas propostas a partir da observação nos textos, constituindo: o tratamento de itens lexicais em blocos de sentido, a categorização por elos coesivos (pronominalização, elipse, repetição, sinonímia, hiponímia, antonímia, anáfora conceitual e anáfora indireta), a formação dos elos e cadeias e a interação entre as cadeias para se chegar à textura, a concepção e classificação da sinonímia, os procedimentos para o cálculo da frequência das categorias coesivas, do grau de textura, do grau de sinonímia na textura e da contribuição da sinonímia para a textura.

O conceito de sinonímia é ampliado, definindo-a como equivalência de sentido ou reciprocidade de propriedades semânticas entre dois itens lexicais, dependentes especialmente do co-texto, sem que haja sempre correferencialidade, mas passível de distinção referencial, o que permite que termos sinônimos não sejam intercambiáveis. Além disso, a vinculação dos sinônimos é estabelecida com a noção de retomada lexical a um termo anteriormente explícito no co-texto, constituindo-se em expressão anafórica e essencialmente substitutiva, podendo o termo substituído trazer novas informações, reformulando, expandindo, ampliando ou aprofundando o termo antecedente no momento individual do texto.

À sinonímia confere-se a noção de equivalência de sentido, significando proximidade e nunca identidade de sentido. À antonímia define-se a impossibilidade de oposição absoluta de sentido. Cabe salientar que foi observado que nem mesmo o item lexical retomado com identidade formal, representado pela repetição total, garante a volta à mesma significação, nos mesmos estados e com as mesmas propriedades com que foi introduzido no universo textual. Dito de outra forma, os mecanismos lexicais substituídos se prestam normalmente para novas informações no texto.

Este trabalho constitui-se em uma aplicação ao texto da categoria sinonímica por elos, em particular em textos argumentativos de acadêmicos, profissionais e articulistas, todos da área de Letras. Sendo assim, experiências relevantes foram vivenciadas, as quais são decorrentes dos seguintes fatos:

- a) nos estudos sobre a sinonímia, como categoria coesiva, houve uma busca intensa de bibliografia, pois os trabalhos a respeito dessa categoria da coesão lexical são poucos;

- b) nos estudos da textura, constatou-se a mesma carência, uma vez que a textura somente é comentada em Halliday e Hasan (1976) e em Hasan (1984, 1989), e constitui-se em uma importante propriedade do texto;
- c) na busca dos textos para a análise, para a obtenção de textos em situação comunicativa verbal escrita, foram necessários dedicação e objetivos bem definidos para o processo de construção dos textos dos acadêmicos e profissionais. Da mesma forma, minuciosas foram a busca e a seleção dos textos jornalísticos, na medida em que quase não há textos de escritores da área de Letras na coluna de “Opinião”, exigindo que se fizesse uma pesquisa em edições desde o ano de 1996 até 2005;
- d) na classificação das categorias por elos coesivos, precisou-se constantemente verificar a teoria nos textos do *corpus*, pois os modelos consultados, em sua maioria, fornecem classificações baseadas em frases ou em fragmentos de textos, além de envolverem outros fatores que não os pertinentes a este estudo;
- e) na montagem de critérios para a classificação de certas categorias que se alinham em duas ou mais categorias por elos; por exemplo, a elipse e a sinonímia ou a elipse e a antonímia, ao mesmo tempo; ou o item lexical “pessoas”, que, dependendo de sua realização no texto, pode constituir-se em anáfora conceitual, sinonímia ou repetição, enfrentou-se a necessidade de tomar decisões;
- f) na distinção entre a sinonímia lexical (remissível ao sistema da língua) e a sinonímia instancial (remissível a particularidades do texto), constatou-se que não funciona, sempre, de forma estanque e inequívoca. De fato, voltar a referir-se “o idioma nacional” por meio da expressão “a língua

portuguesa” é, ao mesmo tempo, um mecanismo de valor lexical e de valor discursivo. Por outro lado, a mesma especificação resulta contextual, uma vez que advém de uma propriedade derivada do próprio discurso. Por essas indeterminações, evidencia-se a natureza complexa das expressões lexicais, constituintes desde o sistema da língua, mas que engendram, por outro lado, relações instanciais relevantes. Em outra direção, pode-se, inclusive, lembrar que o valor semântico de uma expressão lexical nunca é inteiramente eventual. Fatos como esse também foram observados em Halliday e Hasan (1976, p. 288) acerca das possíveis indeterminações das relações semânticas encontráveis em um texto; e,

- g) nos dados percentuais, os índices e as correlações requereram estudo e vários contatos com profissionais da Matemática e da Estatística.

Importante é salientar que a presente pesquisa restringiu-se ao estudo da substituição lexical sinonímica e da sua contribuição na textura do texto. Sendo assim, muitos outros aspectos ficaram por ser considerados ou deixaram abertas questões que demandam futuras investigações. Nesse sentido, podem ser temas de investigação:

- a) o estudo e a análise da categoria sinonímica em outros tipos de textos;
- b) a elaboração de uma proposta de tratamento da categoria sinonímica em função do ensino da língua portuguesa;
- c) o estudo e a análise da repetição lexical, como categoria por elo coesivo reiterativa e constituinte da coesão lexical, visto que se mostrou também relevante nas produções textuais escritas argumentativas;

- d) o estudo comparativo entre a anáfora conceitual e a hiponímia, pois ofereceram dificuldades neste trabalho;
- e) o estudo da anáfora indireta no texto argumentativo, haja vista a baixa frequência dessa categoria nos textos analisados; e,
- f) o papel dos títulos dos textos na compreensão de seus conteúdos, uma vez que os títulos dos textos do *corpus* desta investigação não foram analisados, tendo em vista estarem, em sua maioria, incoerentes com o corpo da produção textual.

Face às constatações registradas, acredita-se haver alcançado os objetivos que nortearam o desenvolvimento da presente investigação. E, embora existam certas limitações, esta tese contribui para um avanço da pesquisa na área da Linguística, uma vez que constitui um estudo específico e uma aplicação textual de mecanismos da coesão textual em língua portuguesa, bem como aponta para a importância do estudo da coesão lexical sinonímica e demonstra, também, que a atenção à textura é um caminho promissor a ser explorado. É oportuno acentuar que esta investigação fornece subsídios para trabalhos sobre as outras categorias, pelos dados levantados, tabulados e analisados, assim como fornece pressupostos teóricos para a aplicação na área do ensino. Além disso, e sobretudo, este estudo pode contribuir para futuras investigações, pelo modelo teórico-metodológico apresentado para o tratamento da sinonímia e a sua contribuição para a textura.

Desse modo, além da contribuição ao estudo da Linguística, este trabalho oferece fundamentos para uma reavaliação do ensino da produção escrita e da interpretação textual, nomeadamente quanto à função que podem desempenhar a escolha e a distribuição dos mecanismos gramaticais e lexicais na organização do texto.

Quanto a esse aspecto, é oportuno assinalar a reconsideração que se pode fazer no ensino da língua portuguesa:

- a) a forma de como utilizar os mecanismos coesivos no texto, a fim de favorecer a sua coesão;
- b) o emprego da sinonímia, como estratégia de prover e indicar a organização seqüencial do texto;
- c) o uso das unidades sinônimas e das perífrases sinonímicas que pode ser orientado em função da sua retomada explicativa ao termo anteriormente mencionado;
- d) conferir à repetição um caráter menos unilateral, no sentido de que se evidenciaram também resultados positivos do seu emprego para a seqüência do texto, inclusive em textos de natureza argumentativa;
- e) o uso da elipse como forma de refinar o texto, exigindo do leitor uma leitura atenta;
- f) a distribuição das unidades lexicais como meio de marcar os pontos-chaves da concentração tópica do texto, ou ainda, como meio de resumir ou de recapitular as referências, os conceitos e as relações que sustentam a unidade do texto;
- g) a importância dos mecanismos lexicais na formação dos elos coesivos e o suporte que os mecanismos gramaticais podem realizar, já que muitas vezes substituem o léxico;
- h) o emprego das várias categorias por elos de que a língua dispõe, mostrando o sentido e a função de cada uma para a continuidade, progressão e unidade textual;

- i) o exercício da produção textual, como uma aprendizagem da atividade comunicativa socialmente adequada e relevante; podendo, assim, chegar-se à reavaliação do que constitui um texto bem formado e da interferência que, nesse sentido, cumprem os mecanismos léxico-gramaticais da língua.

Finalizando, este trabalho é apenas mais um passo na direção de reflexões complexas, mas instigantes em relação à substituição lexical sinonímica. A complexidade que envolve o léxico, em especial a sinonímia, corrobora com a citação de Charolles (1997, p. 54): “...Esse ponto faz ressaltar claramente, em nossa opinião, o quanto são espinhosos os problemas que tocam o léxico”.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé Costa. **Aspectos da coesão do texto**: uma análise em editoriais jornalísticos. Recife: Universitária da UFPE, 1996.

APOTHÉLOZ, Denis. **Rôle et fonctionnement de l'anaphore dans la dynamique textuelle**. Genève: Librairie Droz, 1995.

_____. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (orgs. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. **Introducción a la lingüística del texto**. Barcelona: Ariel, 1997.

BERNÁRDEZ, Enrique. **Introducción a la lingüística del texto**. Madrid: Espasa-Calpe, 1982.

BOND, F. Fraser. **Introdução ao Jornalismo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

BROWN, G.; Yule, G. **Discourse Analysis**. Cambridge: Cambridge University, 1983.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**: referente à língua portuguesa. 15.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, IEL/UNICAMP, n. 44, p. 105-118, jan./jun. 2003-a.

_____. **A construção do referente no discurso**. Universidade Aberta do Nordeste - Fundação Demócrito Rocha: Fortaleza, 2003-b. Disponível em: <<http://www.google.com.br/search?g=%22Cavalcante,+M%C3%B4nica%22&hl=pt-BR&lr=&start=20&as=N>> Acesso em: 29/nov./2005.

CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos: abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas. In: GALVES, Charlotte; ORLANDI, Eni; OTONI, Paulo (org.) **O Texto: leitura e escrita**. 2.ed. Campinas: Pontes, 1997. p. 39-90.

DÉNERVAUD, Monique; JESPERSEN, Janine. L'anaphore conceptuelle dans l'argumentation écrite. **Pratiques**, Metz, n. 73, p. 79-85, mars 1992.

DONNELLAN, Keith. Reference and Definite Descriptions. In: OSTERTAG, Gary (org.). **Definite Descriptions: a Reader**. Cambridge: MIT, 1998. p. 173-193.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, c1973.

EGGINS, Suzanne. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. London: Pinter, 1996.

EMEDIATO, Wander. **A fórmula do texto: redação, argumentação e leitura**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1991.

_____ et al. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio**. Versão 5.0. Curitiba: Positivo Informática, 2004. CD-ROM.

FRANCIS, Gill. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228.

GUIMARÃES, Elisa. **A articulação do texto**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, Ruqaya. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

_____; _____. **Language, Context and Text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University, 1989.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

_____. **Spoken and Written Language**. Oxford: Oxford University, 1989

HASAN, Rugaiya. Coherence in cohesive harmony. In: FLOOD, James. (org.) **Understanding Reading Comprehension: cognition, language and the structure of prose**. Delaware: International Reading Association, 1984. p. 181-219.

_____. The Texture of a Text. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Language, Context and Text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University, 1989. p. 70-96.

HOEY, Michael. **Patterns of Lexis in Text**. Oxford: Oxford University, 1991.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário inglês-português**. 12.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 7.ed. São Paulo: Ática, 1995.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com a gramática**. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 1994.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **Expressões nominais definidas e sua função textual**. Campinas: IEL-UNICAMP, 1998. Mimeografado.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Introdução à Lingüística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004-a.

_____. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão textual. In: NEGRI, Ligia; FOLDRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de (orgs.) **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004-b. p. 244- 626.

_____. Léxico e progressão textual. GIERING, Maria Eduarda; TEIXEIRA, Marlene (orgs.) **Investigando a lingüística em uso**. São Leopoldo: Unisinos, 2004-c. p. 45 – 56.

KOCH, Ingedore Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. **DELTA**, v.14, nº especial, 1998. p.169-190.

KRÁS, Cléa Silvia Biasi. **A substituição lexical como mecanismo de coesão na produção do texto**. 2002. 227 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

LUNA, Xavier. La coherència i la cohesió del text. In: CAMPS, Anna et al. **Text i ensenyament**: una aproximació interdisciplinària. Barcelona: Barcanova Educació, 1990. p. 49-73.

LYONS, John. **Introdução à lingüística teórica**. São Paulo: Nacional, 1979.

_____. **Semântica**. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1980. v.1.

_____. **Linguagem e lingüística**: uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. **Language, significado y contexto**. Barcelona: Paidós, 1995.

_____. **Semântica lingüística**: una introducción. Barcelona: Piados, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Lingüística de texto**: o que é e como se faz. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras**, Curitiba, UFPR, n.56, p. 217-258, jul./dez. 2001.

_____. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: NEGRI, Lígia; FOLDRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de (orgs.). **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. p.263-284.

_____. Anáfora indireta: o barco e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges, Maria; BENTES, Anna Christina (orgs.) **Referenciação e discurso**. Versão atualizada. São Paulo: Contexto, 2005. p. 53-101.

MILNER, Jean-Claude. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 85-130.

MORETTIN, Pedro Alberto. **Estatística básica**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim; LOPES, Ivã Carlos. A semântica lexical. In: FIORIN, José Luiz (org.) **Introdução à lingüística II**: princípios de análise. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 111-135.

SCHMIDT, Siegfried. **Lingüística e teoria de texto**. São Paulo: Pioneira, 1978.

TEIXEIRA, Marlene. **Coesão referencial**. Disponível em: <<http://www.comunica.unisi-nos.br/professores/marlene/arquivos/referenciação-2004-1pdf>>. Acesso em: 29/nov./ 2005.

TRASK, R.L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. São Paulo: Contexto, 2004.

VIÉGAS-FARIA, Beatriz. O modelo de Hasan para a textura de textos original e tradução. IN: BARBISAN, Leci; GIERING, Maria Eduarda; TEIXEIRA, Marlene (orgs.). **Texto situado**: textualidade e função comunicativa. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 127-159.